

LIZA KLAUSSMANN

TIGRES

EM

DIA

VERMELHO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LIZA KLAUSSMANN

TIGRES
EM
DIA
VERMELHO

Tradução de
Adalgisa Campos da Silva





*À minha avó, pela coragem.
E ao restante da família, por tudo mais.*

NICK

1945: setembro

— Não sei bem se é uma bênção ou uma maldição — disse Helena.

— Pelo menos é algo diferente — retrucou Nick. — Acabou essa droga de cartão de racionamento, de ter que ir para todo canto de ônibus. Hughes disse que comprou um Buick. Aleluia!

— Só Deus sabe onde ele arranjou esse carro — comentou Helena. — Com certeza de algum trambiqueiro.

— Quem se importa? — devolveu Nick, alongando os braços preguiçosamente para o céu noturno da Nova Inglaterra.

Estavam sentadas no quintal da casa na Elm Street, só de combinação, tomando gim em copos de geleia. Era o veranico mais quente do qual os moradores de Cambridge conseguiam se lembrar.

Nick observou o toca-discos pousado precariamente na janela. A agulha pulava.

— Está calor demais para qualquer coisa que não seja beber — disse, recostando a nuca na cadeira de jardim enferrujada. Louis Armstrong não cansava de repetir que tinha o direito de cantar blues. — A primeira providência que vou tomar ao chegar à Flórida é pedir a Hughes que compre um monte de agulhas boas para mim.

— Aquele homem... — disse Helena suspirando.

— Eu sei. Ele é mesmo lindo demais. Um Buick e uma vitrola com boas agulhas. O que mais uma garota poderia querer?

Helena deu uma risadinha dentro do copo. Endireitou as costas.

— Acho que estou bêbada.

Nick apoiou o copo com violência no braço da cadeira, fazendo o ferro tremer.

— Vamos dançar.

O carvalho do quintal cortava a lua em pedaços, e o céu já adquirira um tom escuro de noite fechada apesar do calor no ar. O cheiro do verão persistia, como se ninguém tivesse avisado à relva que já estavam em meados de setembro. Nick podia ouvir a vizinha em suas reflexões na casa ao lado, de três andares. Saboreando as notícias da semana.

Ela olhou para Helena ao conduzi-la numa dança pelo gramado. Helena podia ter se transformado naquele tipo de mulher, pensou Nick, com um corpo de violoncelo polido e vários amantes dos tempos da guerra. Mas a prima conseguira conservar certo viço, o cabelo caindo em cachos cor de areia e a pele macia. Não ficara pálida como em geral ficavam as mulheres que haviam dormido com um número excessivo de estranhos, vítimas de explosões de minas ou saraivadas de Schmeissers. Nick já vira essas mulheres murchando nas filas do racionamento, ou saindo de fininho do correio, com aparência de que minguariam até desaparecer.

Mas Helena iria se casar de novo.

— Você vai se casar de novo! — exclamou Nick, de um jeito meio embriagado, como se a ideia tivesse acabado de lhe passar pela cabeça.

— Sim! Dá para acreditar? — Helena suspirou, sua mão quente apoiada nas costas de Nick. — Sra. Avery Lewis. Acha que soa tão bem quanto Sra. Charles Fenner?

— É lindo — mentiu Nick, fazendo Helena rodopiar.

A seus ouvidos, o nome Avery Lewis evocava exatamente o que era aquele homem: um picareta de Hollywood que vendia seguros e fingia ter namorado Lana Turner, ou fosse lá quem fosse que ele vivia alardeando por aí.

— Fen ia gostar dele, sabe?

— Ah, não. Fen ia odiá-lo. Fen era um garoto. Um amor de garoto.

— O querido Fen.

— O querido Fen. — Helena parou de dançar e voltou para o copo de gim que estava a sua espera na cadeira. — Mas agora eu tenho Avery. — Ela tomou um gole. — E vou morar em Hollywood, e talvez ter um filho. Pelo menos assim não vou virar uma solteirona doida de pedra e com verrugas no nariz... Segurando vela para você e Hughes junto à lareira. Deus me livre!

— Sem vela, sem verrugas e com um Avery Lewis de quebra.

— Pois é, agora nós duas temos alguém para chamar de “meu”. Isso é sério — disse Helena, pensativa. — Só fico me perguntando... — Ela deixou a frase no ar.

— O quê?

— Bem, se... se vai ser a mesma coisa com Avery. Sabe, igual ao que era com Fen.

— Você quer dizer na cama? — Nick virou-se rapidamente para encarar a prima. — Minha Nossa! A virginal Helena realmente mencionou o ato?

— Você está sendo má.

— Eu sei.

— Estou bêbada — disse Helena. — Mas, sim, eu me pergunto. Fen foi o único rapaz que eu realmente amei... antes de Avery, quero dizer. Mas Avery é um homem.

— Bem, se você gosta dele, tenho certeza de que não vai ser menos que ótimo.

— Claro, você tem razão. — Helena terminou seu copo de gim. — Ah, Nick. Não consigo acreditar que tudo esteja mudando. Fomos muito felizes aqui, apesar de tudo.

— Não fique assim. Vamos continuar nos vendo, todo verão. A menos que seu novo marido seja alérgico à Costa Leste.

— Vamos para a Ilha. Como faziam nossas mães. Casas vizinhas.

Nick sorriu, lembrando-se da Tiger House, seus cômodos arejados, o gramado extenso que sumia no azul da enseada. E o chalezinho gostoso ao lado, que seu pai construía para presentear a mãe de Helena.

— Casas, maridos e festas à meia-noite regadas a gim — disse Nick. — Não vai mudar nada. Pelo menos nada que realmente importa. Será como sempre foi.

* * *

O trem que trouxera Nick de Boston atrasara, e ela precisou abrir caminho à força pela multidão na Penn Station, todo mundo na correria para se encaixar

em algum lugar em meio à confusão de malas, chapéus, beijos e passagens perdidas. Helena deve estar na metade do caminho a essa altura, pensou ela. Nick tinha fechado pessoalmente o apartamento e dado as instruções finais à proprietária quanto ao que deveria ser despachado para cada lugar: caixas contendo romances e livros de poesia, para a Flórida; malas cheias de espartilhos, para Hollywood.

Quando enfim conseguiu subir no segundo trem, ele cheirava a água sanitária e agitação. Era o Havana Special, que fazia um demorado percurso de Nova York a Miami: a primeira vez em que viajaria sozinha num trem noturno. De tempos em tempos, levava o pulso ao nariz, aspirando o perfume de lírio-do-vale como se fosse saís de cheiro. Em todo aquele atordoamento, quase se esquecera de dar uma gorjeta ao comissário.

No interior da cabine, Nick colocou a mala de couro no bagageiro e a abriu, verificando novamente o conteúdo para se certificar de que não esquecera nada. Uma camisola para usar no trem (branca), e uma para usar com Hughes (verde, com o robe do conjunto). Duas combinações de seda marfim, três conjuntos de calcinha e sutiã da mesma cor (ela podia lavá-los dia sim, dia não até que o restante de suas roupas chegasse em St. Augustine), seu nécessaire de viagem (com um pequeno frasco de perfume, um batom vermelho, o precioso creme para as mãos da Floris que Hughes lhe trouxera de Londres, escova e pasta de dentes, uma toalha de rosto e um sabonete Ivory), dois vestidos de algodão, duas blusas de algodão, uma calça de gabardine (sua calça Katharine Hepburn), duas saias de algodão e um bom tailleur de verão de lã leve (creme). Também contou três pares de luvas de algodão (duas brancas, uma creme) e o lenço de seda verde e rosa da mãe.

Sua mãe adorava aquele lenço. Usava-o sempre que viajava para a Europa. Agora era de Nick. E, embora ela ainda não estivesse indo para tão longe quanto Paris, viajar para encontrar Hughes depois de tanto tempo era como ir para a China.

— Vamos encontrar dragões mais à frente — disse ela à mala.

Ao ouvir o apito, rapidamente arrumou sua bagagem e se sentou. Agora que a guerra tinha terminado, a cena que via pela janela — mulheres acenando com seus lenços e crianças de olhos vermelhos — era menos comovente.

Ninguém partindo em direção à morte, apenas indo visitar uma tia velha ou se dirigindo a algum compromisso profissional maçante. Ela, no entanto, estava empolgada; o mundo era novo. Estava indo ver Hughes. *Hughes*. Nick murmurou o nome como um talismã. Agora que só faltava um dia para reencontrá-lo, tinha a sensação de que iria enlouquecer por causa da espera. Engraçado, isso. Seis meses, porém as últimas poucas horas pareciam intoleráveis.

Da última vez que tinham se visto era primavera, quando o navio escolta atracara em Nova York para reparos, e Hughes fora liberado. Ficaram a bordo do *U.S.S. Jacob Jones*, em um dos quartos para oficiais casados. O lugar estava cheio de pulgas, e bem na hora em que Hughes enfiou a mão sob a saia dela, os tornozelos de Nick começaram a arder. Ela tentou se concentrar na ponta dos dedos dele tentando encontrar o ponto certo. Na boca dele contra o pulsar em seu pescoço. Mas não conseguiu deixar de exclamar:

— Hughes, tem alguma coisa na cama!

— Eu sei. Droga!

Os dois correram para o chuveiro e se viram com as pernas cobertas de picadas vermelhas, a água parecendo vir de um poço de pimenta. Hughes praguejou contra o navio, maldisse a guerra. Nick se perguntou se o marido chegara a notar seu corpo nu. Ele só lhe virou as costas e começou a se ensaboar.

Mas ele a levou ao restaurante 21 Club. E foi um daqueles momentos em que o mundo inteiro parecia conspirar para a felicidade deles. Hughes, que nunca aceitava dinheiro dos pais e não deixava Nick gastar o dela, não ganhava o suficiente, como tenente, para pagar um jantar ali. Mas sabia o quanto ela gostava das histórias dos gângsteres em seus ternos de seda que haviam se esbaldado naquele restaurante durante a Lei Seca com suas glamourosas mulheres.

— Só podemos pedir dois martínis e uma porção de azeitonas com aipo — disse ele.

— Podemos simplesmente não ir lá, se não temos como pagar — disse Nick, observando a expressão no rosto do marido. Era uma expressão triste. Triste e algo mais que ela não conseguia identificar.

— Não — retrucou ele. — Para isso temos dinheiro. Mas depois temos que ir embora.

Ao chegarem ao Salão do Bar, com seus painéis escuros e aquela quantidade de brinquedos e artefatos esportivos pendurados no teto, Nick imediatamente sentiu o impacto da própria juventude e beleza. Os homens e as mulheres sentados às pequenas mesas pousavam o olhar em seu vestido de xantungue vermelho e então subiam discretamente para seu cabelo, preto, curto e farto. Uma das coisas de que ela mais gostava em Hughes era o fato de ele nunca ter querido que ela fosse como as louras de celuloide que todos os garotos do país colavam na parede do quarto. E Nick de fato nada tinha a ver com elas. Era um pouco sisuda demais para ser considerada bonita, seus traços não muito suaves. Às vezes achava que nunca conseguiria provar ao mundo que, em sua diferença, ela era especial, discreta. Mas ali, no civilizado 21 Club, sentia-se adequada. Era um lugar repleto de mulheres de traços aerodinâmicos, com olhos inteligentes que lembravam trens-bala. E lá estava Hughes, muito louro, com suas mãos elegantes, suas pernas compridas e aquele uniforme azul da Marinha.

O garçom instalou-os à mesa vinte e nove. Havia um casal à direita deles. A mulher fumava e indicava algumas linhas em um caderno fino.

— Nessa fala eu realmente vejo o filme inteiro — disse a mulher.

— Sim — concordou o homem, com um leve tom de dúvida.

— E, em certos aspectos, é muito Bogart.

— Parece mesmo que a única escolha lógica era ele.

Nick olhou para Hughes. Queria transmitir-lhe o quanto o adorava por tê-la levado ali, por gastar tanto dinheiro só para tomar um drinque, por deixá-la ser ela mesma. Tentou demonstrar tudo isso em um sorriso. Não queria falar nada ainda.

— E sabe do que mais? — disse a mulher, seu tom de voz tornando-se mais agudo de repente. — Estamos na mesa deles. Você reparou que estamos na mesa deles, falando deles?

— Sério?

O homem tomou outro gole de uísque.

— Ah, isso é tão a cara do 21! — disse a mulher, rindo.

Nick se inclinou para mais perto de Hughes.

— Mesa de quem? — murmurou para ele por detrás da mão enluvada.

— Como? — disse Hughes distraidamente.

— Eles disseram que estão na mesa de alguém. De quem?

Nick se deu conta de que a mulher da mesa ao lado agora os olhava. Ela a tinha ouvido, vira-a dissimular a curiosidade por detrás da mão. Corando, Nick baixou os olhos para a toalha de mesa em xadrez vermelho e branco.

— Ora, é a mesa de Humphrey Bogart e Lauren Bacall, querida — disse a mulher, com um jeito amável. — Esta é a mesa do primeiro encontro deles. Vivem se gabando disso por aqui.

— É mesmo? — Nick tentou um tom que soasse entre o educado e o displicente. Alisou com as mãos o penteado, sentindo a camurça macia de suas luvas sobre o laquê.

— Ah, Dick, vamos dar a mesa a eles. — A mulher estava rindo de novo. — Vocês são namorados?

— Sim — respondeu Nick, sentindo-se ousada, sofisticada. — Mas também somos casados.

— Isso é uma raridade — disse o homem, rindo.

— Ah, se é — concordou a mulher. — E isso merece a mesa de Bogart e Bacall.

— Ah, por favor, não se incomodem por nossa causa — disse Nick.

— Incomodar? Ora, que bobagem — falou o homem, pegando seu uísque e o coquetel de champanhe da mulher.

— Minha nossa, minha esposa deve tê-los enfeitiçado, só pode — disse Hughes. — Nick...

— Ah, e que feitiço! — disse a mulher. — Ela é encantadora.

Nick olhou para o marido, que retribuiu com um sorriso.

— É, sim — concordou ele. — Então vamos lá, querida. Estamos todos mudando de lugar por sua causa.

O martíni servido pelo garçom trouxe a Nick a lembrança do mar e da casa na Ilha: limpo, salgado e absolutamente familiar.

— Hughes. Este deve ter sido o melhor jantar da minha vida. De agora em diante, só quero martínis, azeitonas e aipo.

Hughes tocou-lhe o rosto.

— Lamento por esta situação.

— Como pode lamentar? Olhe onde estamos!

— É melhor pedirmos a conta — disse ele, fazendo sinal para o garçom.

— Tudo certo com os senhores?

— Está tudo ótimo. Pode nos trazer a conta, por favor?

Hughes olhava para a porta. Não para Nick, não para seu vestido vermelho ou para seu cabelo preto luzidio, que ela precisara manter preso com uma rede durante a viagem de trem da Penn Station a Cambridge.

O garçom se afastou.

Nick ficou mexendo na bolsa, porque não queria olhar para Hughes. O casal que trocara de lugar com eles fora embora; ao se levantar para sair, a mulher apertara o ombro de Nick e piscara para ela. Nick tentava parar de se perguntar em que Hughes estaria pensando. Havia muita coisa que não sabia, ao menos não muito bem, a respeito dele, e, embora ela sempre sentisse vontade de confrontá-lo, de abri-lo com um movimento destro e certo e espiar o que havia ali dentro, algo lhe dizia que era melhor não proceder dessa maneira.

— Senhor, senhora. — Nick ergueu os olhos. Um homem que se assemelhava uma morsa aparecera à mesa deles. — Sou o gerente. Algum problema?

— Não — disse Hughes, olhando em volta, presumivelmente à procura do garçom. — Eu só pedi a conta...

— Compreendo — disse o homem-morsa. — Bom, talvez o senhor não esteja ciente, mas o jantar — e então ele fez uma pausa, deixando que seu comprido bigode de pontas retorcidas surtisse pleno efeito —, o jantar hoje é por conta da casa para oficiais da Marinha.

— Como é? — disse Hughes.

— Meu rapaz — disse o homem-morsa —, o que posso lhes trazer?

Nick riu.

— Um filé. Ah, por favor, um filé — disse ela, e tudo mais desapareceu.

— Um filé para a senhora — ordenou o gerente, ainda olhando para Hughes.

Hughes riu e, de repente, Nick viu, revelado no homem distante que voltara para ela, o garoto com quem se casara. Um garoto de colarinho engomado e uniforme azul meticulosamente passado. E a situação difícil deles, que era simplesmente a situação em que todo mundo se encontrava.

— Um filé, se conseguir achar algum na cidade. Ou mesmo no país — disse Hughes. — Nem sei se isso ainda existe.

— Ainda existe no 21 Club, senhor, o melhor possível nas atuais circunstâncias. — O homem-morsa estalou os dedos para o garçom. — Mais dois martínis para o nosso homem do mar.

Mais tarde eles enfrentaram as pulgas de novo. E Hughes estava cansado, disse, por causa do filé. Nick dobrou o vestido vermelho e vestiu a camisola preta, que ele não via no escuro. Ficou deitada na cama prestando atenção ao barulho dos soldados que trabalhavam no navio. O martelar oco do aço.

* * *

Quando Newark ficou para trás, Nick decidiu ir até o vagão-restaurante. Trouxera para a viagem três ovos cozidos e um sanduíche de presunto, de forma a não ter de gastar os três dólares da refeição a bordo. Mas não conseguia resistir à atração do bar, que, segundo se anunciara, estaria servindo todas as “bebidas novas”, e ela reservara cinquenta centavos para gastos extras.

O Havana Special. Sem marido, sem mãe, sem prima: ela podia ser qualquer pessoa. Alisou a saia cinza e passou batom. Observou-se no espelho; uma mecha de cabelo escuro lhe caía sobre o olho esquerdo. Ela estava prestes a sair para o corredor quando se lembrou das luvas. Ao calçá-las, cheirou mais uma vez o pulso e só então deixou a cabine, fechando a porta com força.

Entrando no vagão-restaurante, com o balcão abaulado de madeira e as poltronas baixas bordô, Nick sentiu uma gota de suor escorrer-lhe por entre os seios. Passou a mão enluvada pelo lábio superior e na mesma hora arrependeu-se do gesto. Um garçom se aproximou e a conduziu a uma mesa vazia. Ela pediu um martíni com uma porção extra de azeitona, e ficou se perguntando se cobriam a mais por isso. Abriu a cortina de feltro e contemplou a noite. Seu

reflexo a encarou de volta. Atrás de si, percebeu que um homem de blazer azul-marinho a olhava. Tentou ver se ele era bonito, mas a imagem foi obliterada pela passagem de um trem cruzando com o seu.

Ela se recostou ao assento, afastando-se da janela, e cruzou as pernas, sentindo o movimento do náilon das meias por entre as coxas. O garçom lhe trouxe a bebida, e, enquanto ela lhe apontava o cigarro e ele procurava o isqueiro, o homem no corredor se adiantou, acendendo um Zippo de prata. Todos os rapazes que voltavam da guerra carregavam um Zippo no bolso, como se o acessório fosse distribuído junto com o uniforme.

— Obrigada — disse Nick, mantendo os olhos no cigarro.

— De nada.

O garçom desapareceu atrás de uma divisória de vidro fosco.

— Posso me sentar? — perguntou o homem. Não havia qualquer hesitação em seu pedido.

Nick indicou-lhe o assento, sem erguer os olhos.

— Não vou demorar muito — disse.

— Para onde está indo?

— St. Augustine.

Ele tinha o cabelo escuro, penteado para trás com brilhantina. Era bonito, avaliou ela, ao estilo Palm Springs. Talvez um tantinho de colônia demais.

— Estou indo para Miami — disse ele. — Vou visitar meus pais.

— Isso é ótimo.

— É, sim. — Ele sorriu para ela. — E você? Por que St. Augustine?

— Tenho um irmão lá — mentiu Nick. — O navio dele será desarmado.

Vou visitá-lo.

— Isso é ótimo — disse o homem.

— É, sim.

Dessa vez, Nick retribuiu o sorriso.

— Meu nome é Dennis — disse o homem, estendendo a mão.

— Helena — disse Nick.

— Como o monte.

— Como o monte. Que original!

— Eu sou um cara original. Você só não me conhece muito bem ainda.

— Se eu o conhecesse melhor, eu pensaria diferente?

— Quem sabe? — Dennis esvaziou seu copo. — Vou tomar mais um. E você, Helena, gostaria de mais um drinque?

— Acho que não.

— Entendi. Bebendo sozinha. Que pena...

— Bem, se ficar por aí um tempo, talvez você encontre companhia. — O martíni estava lhe dando coragem.

— Não quero outra companhia — disse ele. Então suspirou. — Trens me fazem sentir solitário.

Nick tinha consciência da noite correndo, do gemido de aço atritando em aço.

— É verdade — disse ela. — Trens são solitários. — Ela puxou outro cigarro. — Acho que vou aceitar o drinque.

Dennis fez sinal para o garçom. Dessa vez, o martíni de Nick só tinha uma azeitona. Por alguma razão, isso a deixou constrangida.

— Como é seu irmão?

— Ele é um amor — disse ela. — E muito louro.

— Então vocês não são parecidos.

— Não, não somos.

— Bem, ele tem sorte de ter uma irmã como você.

— Você acha? Não sei até que ponto ele deveria se sentir um cara sortudo, não mesmo.

— Eu gostaria de ter uma irmã como você.

Ele sorriu para ela.

Nick não gostou do jeito como ele falou, ou do jeito como ele sorriu, como se houvesse uma cumplicidade entre eles. Agora que ele estava muito perto, ela via os pelos castanhos que saíam de suas narinas.

— Tenho que ir — disse ela, tentando não perder o equilíbrio ao se levantar.

— Ora, que é isso?

— Não precisa se levantar.

— Não fique irritada. Eu só estava brincando.

Nick deixou o vagão. Ele que pagasse pelos dois martínis dela.

— Quando quiser um pouco de amor fraterno... — ouviu-o dizer, rindo, ao sair, até que a porta do vagão lhe cortou a voz.

De volta à cabine, quase rasgou a blusa tentando tirá-la. Sua cabeça latejava. Despiu a saia e, só de calcinha e sutiã, curvou-se sobre a pequena pia e jogou água no peito e no pescoço. Apagou a luz e abriu a janela para deixar entrar um pouco de ar puro. O comissário abriu sua cama enquanto ela estava no bar. Nick sentou-se no colchão e acendeu um cigarro. Quando terminou, acendeu um segundo e colou a cabeça no vidro da janela. Lá fora, a escuridão passava. Depois de um tempo ela se deitou, ainda envolta pelo cheiro do fumo.

Eram cinco da manhã quando entraram em Richmond. O barulho da movimentação no trem a acordara. Ela não fechara as cortinas e a janela estava aberta.

— Droga.

Nick tentou se levantar um pouquinho da cama, ciente de ainda estar só de calcinha e sutiã, e de que todos os passageiros que embarcavam podiam vê-la. Como metade da cortina estava fora de alcance, puxou a metade mais próxima e se escondeu por detrás dela. Ali, de pé, coberta apenas pelo feltro verde, espiou o lado de fora. Julgou poder detectar os rastros terrosos do rio James. O ar era mais suave no Sul. Era diferente da Tiger House, onde o mar o impregnava. Havia também cheiro de pinheiros, eliminando os últimos vestígios do martíni. Ela puxou a outra metade da cortina, amarrou a faixa do robe na cintura, abriu a porta e chamou o comissário para que lhe trouxesse café.

Estaria em St. Augustine às onze da noite. E com Hughes. Tinha sonhado com ele? Tentou se lembrar. O comissário chegou com o café fumegante. Tomou-o enquanto observava os passageiros embarcando sonolentos para a Flórida. Helena logo chegaria a Hollywood. Como seria a casa de Avery Lewis? Coitada de Helena. No começo dos combates, chegara-lhe a notícia de que Fen morrera — em apenas dois meses ele conseguira se casar e ser morto. Quem sabe como teria sido a vida dos dois se ele tivesse sobrevivido? Eram ambos crianças, e nenhum dos dois tinha dinheiro algum.

A mãe de Helena, sua tia Frances, tampouco fizera um bom casamento. No entanto, nunca parecera infeliz por ser obrigada a se virar com pouco. Nick

nunca a ouvira se queixar porque a irmã mais velha herdara a Tiger House ou se casara com um homem que fazia fortuna vendendo carretéis e bobinas, enquanto ela não tinha praticamente nada. Nunca ocorrera a Nick que sua tia talvez desejasse que as coisas tivessem sido diferentes. Mas, pensando agora naquela estranha e maluca urgência de Helena em se casar de novo, em sua necessidade de ter alguém só seu, como ela mesma colocara, Nick se perguntava se tia Frances alguma vez havia desejado ter sido ela a ficar na casa grande.

Talvez isso não tivesse muita importância. Afinal, Nick não se lembrava de um verão que tia Frances e sua mãe não houvessem passado o tempo todo grudadas. Mesmo após a morte do pai de Helena, na época do início da Depressão. E mesmo depois que seu próprio pai morrera e sua mãe ficara tão mal. Nick se deteve. Não queria pensar nisso agora.

Alcançando o saco de papel pardo, ela pegou dois dos ovos que trouxera e quebrou-os no parapeito da janela, revelando a pele clara lúzida. Não, tudo era novo agora, só esperando para ser descoberto. E ela iria descobrir. Ela e Hughes descobririam juntos. E ela estava ávida por isso, meteria o mundo inteiro na boca e o morderia com vontade.

1945: dezembro

Nick estava deitada no cais flutuante quando ouviu Hughes chegar no velho Buick. Tentou se concentrar na música que vinha da varanda do outro lado do quintal, para não ouvir o motor engasgando nem a batida da porta de tela quando o marido entrasse no chalé.

O piano de Count Basie. Pequenas farpas se soltavam da madeira gasta do cais e penetravam nas costas de seu maiô amarelo. Com o dedão do pé, ela roçava a superfície do canal. Esperou.

Mas Hughes não saiu da casa, e Nick se sentiu aliviada. Ouviu o barulho do chuveiro lá dentro: a água levando embora a poeira e a tinta do navio de guerra desativado em Green Cove Springs. Imaginou o corpo dele, os pelos loiros de seus braços recobertos por uma fina camada do que já fora o casco do *U.S.S. Jacob Jones*. Podia imaginá-lo puxando o cabelo para trás sob a água, erguendo o rosto na direção do jato, os cílios formando teias de aranha ao captar gotículas. Será que estava pensando nela? Logo afastou da mente a pergunta. Ela sabia que não.

O chalé transmitia sua canção vespertina: água correndo nos canos baratos e jazz arranhado. Nick odiava aquele chalé, odiava a monotonia do lugar. Era uma construção pré-fabricada alugada, idêntica às outras ao redor: um chalé quadrado, com cozinha e quarto na frente e, mais atrás, uma ampla sala de visitas e uma sala de jantar, com janelas dando para uma varanda nos fundos.

Separados por uma área de terreno, uma fila de chalés ocupava cada lado de uma rua de terra. Todas as cozinhas davam para a rua, e a qualquer hora viam-se várias das intrometidas mulheres dos militares espiando pelas janelas. Nick adotara o hábito de sair para a rua de maiô pelo menos uma vez por dia, só para ver as cabeças envoltas em lenços desaparecerem uma a uma à medida que ela as encarava. Tornara-se uma espécie de jogo, ver se conseguia vislumbrar

uma cabeça recoberta de um tecido de bolinhas paralisada com o brilho de seu ousado maiô, decotado nas coxas ao estilo francês. Isso alegrava seu dia.

Cada chalé daquele lado da rua tinha também um quintal de bom tamanho nos fundos, estendendo-se até o canal de água salgada que servia de caminho para pescadores de St. Augustine e, de vez em quando, para garotos que se divertiam em barcos a remo.

Mas o deles tinha algo que nenhum outro tinha: um cais, fincado na lodosa margem, que balançava de leve ao movimento da água. Ao contrário de tudo mais naqueles terrenos e casas, o cais não tinha o aspecto de que “dias melhores estão por vir”, de vidas novas recomeçando sobre caixotes baratos. A madeira era cinza e com uma pátina perfeita, quem sabe reaproveitada de um tapume ou de uma rampa para barcos. Nick adorava aquele cais, mais do que qualquer outra coisa naquela cidade da Flórida. Às vezes, quando estava deitada ali de olhos fechados, tinha quase certeza de que as tábuas haviam se soltado da margem e que ela estava flutuando à deriva pelo canal rumo ao mar, voltando para sua Ilha no Norte. Então ela abria os olhos e, ao ver a casa feiosa do outro lado do gramado, dava-se conta de que fora apenas a marola de um barco de pesca fazendo o cais balançar de um lado para o outro.

Nick passava os dias estendida ali, ao sol da Flórida, ouvindo os discos que haviam chegado de Cambridge num baú forrado com jornais velhos e tentando chocar as vizinhas. Às vezes experimentava receitas novas de um livro que comprara na cidade, *The Prudence Penny Regional Cook Book*. O livro se dividia em capítulos.: culinária da Pensilvânia, culinária holandesa, crioula, do vale do Mississippi, escandinava de Minnesota e cosmopolita, e exigia ingredientes que, só por estarem impressos naquelas páginas, a deixavam espantada.

Antes de irem embora da Elm Street, Nick e Helena tinham feito uma pequena fogueira e queimado seus carnês de racionamento vencidos. Helena sempre tivera dificuldade de saber que selo correspondia a qual alimento, e às vezes voltava com uma lata de creme de espinafre em vez de frango porque confundira os dias. E, embora durante algum tempo Nick tivesse gostado do desafio que era o racionamento, o processo acabara ficando tedioso, como tentar montar um quebra-cabeça em que faltasse uma peça. Agora ela podia cozinhar o que quisesse, sem ter que ficar substituindo os ingredientes. Mas

achava difícil se concentrar nas receitas, e às vezes desistia no meio do presunto assado com mel ou das ostras Rockefeller e ia se deitar ao sol, no cais. Depois, misturava tudo numa espécie de guisado.

Hughes nunca dizia nada, mas ela sabia que ele estava desolado com os resultados irregulares de sua atividade na cozinha. Agora, ouvindo a água do chuveiro, ela tentava não pensar no jantar, que mais uma vez não fizera. Tentava inclusive não pensar no marido, também ele uma espécie de produto em racionamento.

A seção de sopros da orquestra entrou, e ela acompanhou o ritmo batendo com o pé na maré crescente, molhando a canela com pequenos jatos da água do canal. Seus olhos estavam fechados, e seu maiô amarelo ia perdendo o calor que absorvera no banho de sol da tarde. Uma brisa murmurante vinha da água, e ela ouviu um barquinho a remo passar.

Dentro de casa, o barulho de água cessou. Silêncio, exceto pela música e pelo som das crianças algumas casas adiante na rua, reclamando de terem que ir jantar. Nick virou o rosto para o poente, a fim de absorver o restinho do calor do dia.

— Olá.

Sobressaltada, ela ergueu a cabeça. Protegendo os olhos, viu Hughes em pé no gramado, recém-saído do banho e com a camisa branca que ela passara mais cedo.

— Quer que eu prepare uma bebida para você? — ofereceu ela, sem se mexer.

— Não, eu mesmo preparo.

Hughes foi até o bar externo e, pegando uma garrafa de um gim sem marca, serviu dois dedos da bebida em um copo.

— Não tem gelo aqui — disse Nick. — Muito calor.

Ela deitou a cabeça nas tábuas quentes do cais e tornou a fechar os olhos.

— Você não esqueceu que Charlie e Elise vêm jantar aqui hoje, esqueceu?

Havia um tom de resignação na voz dele, como se soubesse que a esposa havia esquecido, como se ela só pudesse ter esquecido. Como se tudo que ela fizesse fosse esquecer, nunca se lembrar de nada.

Nick ficou tensa, mas continuou de olhos fechados.

— Quem? Ah, sim, os seus amigos. Não, não esqueci. — Esquecera sim.
— Comprei camarão do barco.

Ela ouviu Hughes suspirar dentro do copo.

— Olhe, eu sei que você está cansado de camarão, mas, por um dólar o balde, é o que podemos comprar até o próximo pagamento. — Nick se levantou e bateu a poeira do corpo. — Ainda mais se vamos receber convidados.

— Achei que você tivesse dito que sentia falta de oferecer jantares — disse Hughes calmamente.

Ele estava parado em frente a ela, copo na mão. Molhado, seu cabelo louro escurecera com o banho, e o sol poente o iluminava por trás. Nick tinha a impressão de que os ombros de Hughes estavam numa posição de confronto, como um lutador.

— E sinto — falou Nick. — Eu disse isso, sim. Querido, é só que eu não os conheço, e você... — Ela não terminou a frase ao ver Hughes olhando-a como se ela fosse uma espécie de criança com retardo mental.

Ela sentia a estranha justaposição de emoções, agora tão familiar. Queria tirar aquela bebida da mão dele e atirá-la em seu rosto, quebrar o copo na pele dele. Também queria implorar por perdão, e então ser perdoada, como quando era criança e o castigo frio de sua mãe virava clemência.

— Esqueça — disse Nick. — Vou lá para dentro fazer o jantar. Que horas você combinou com eles?

— Oito em ponto.

Mas ela não foi lá para dentro fazer o jantar. Em vez disso, ficou fumando na cozinha, deixando o ar frio escapar da pequena geladeira enquanto analisava os legumes. Salada de pepino, decidiu. Combinava com frutos do mar. Fechou a geladeira, recostando-se na porta. Olhou para as próprias pernas, que estavam ficando escuras graças àquelas doses diárias de sol. Tivera que comprar o maiô na cidade, por uma pequena fortuna. Não imaginara que o calor ainda seria forte no inverno. Em sua Ilha, lá no Norte, o sol já estaria turvo e desbotado, e o maiô, guardado há tempos para hibernar em um baú de cedro.

Ela ouviu Hughes desligar o toca-discos e se dirigir à cozinha. Nick começou a se ocupar com o camarão, descascando e estripando as pequenas

luas rosadas. Antes, ela adorava camarão. Agora era esse o prato dia sim, dia não.

— Por que não liga o rádio? — perguntou Hughes.

Ela ergueu as mãos sujas.

— Ligue você. Não quero estragar o aparelho.

Hughes lhe dera o rádio na semana anterior, e Nick estava com certa má vontade em relação ao presente. Ele saíra sozinho de carro uma tarde de domingo e voltara com uma caixa. Ela não lhe perguntava por que ele saía sem ela nos finais de semana, nem aonde ia. Hughes se limitava a olhar para o céu pela porta de tela e depois pegar as chaves. Da primeira vez ela nem se dera conta de que ele ia sair até ouvir o motor sendo ligado. Foi até a porta e olhou para aquele céu sem nuvens, a rua de terra, a estrada mais adiante, tentando descobrir o que fizera seu marido querer sair de carro. Mas, até onde podia ver, não havia nada. Só o velho Buick verde rodando pela estrada reta da Flórida.

Então um dia o rádio aparecera, como um espião, vindo de fosse lá qual fosse aquele lugar para o qual Hughes sempre fugia.

— Achei que você quisesse ouvir alguma coisa além dos seus discos — dissera ele, à guisa de explicação. — Dá até para ouvir programas de Londres.

— Londres? — repetira Nick, perguntando-se por que o marido achava que isso era importante para ela.

Mas ele já estava indo tomar banho, e a voz dela ecoou pela cozinha vazia.

Nick ergueu os olhos do camarão. Hughes não ligara o rádio, mas estava passando os dedos nos botões prateados. Tinha dedos elegantes, com unhas bonitas, quadradas. Tudo nele era igual a suas mãos, bem-acabado e limpo, cor de madeira clara. Nick observou-o contemplar os pequeninos círculos da sintonização, correr as pontas dos dedos pelo revestimento marrom do alto-falante. Ela queria devorá-lo, de tão lindo que ele era. Queria gritar, derreter ou ranger os dentes. Em vez disso, descascou outro camarão.

— Estão com uma cara boa — disse Hughes, chegando por trás dela e pondo a mão na base de suas costas.

Nick teve que segurar a bancada com uma das mãos para se equilibrar. Sentia o cheiro dele, sabonete Ivory e colônia Bay Rum, tão perto, porém sem

encostar. Suas peles se tocavam através do tecido do maiô. Ela queria a mão dele em seu pescoço, ou em seu braço, ou entre suas pernas.

— Tenho certeza de que vai ficar uma delícia — disse ele.

Ela sabia que ele estava arrependido por ter sido desagradável ao comentar sobre o prato do jantar.

— Ah, bem — disse, sentindo-se de repente mais alegre —, sei que camarão está se tornando repetitivo. Em parte deve ser porque vou dormir muito tarde e não consigo acordar cedo para aquela feira. Está arrependido de ter se casado com uma mulher tão preguiçosa?

— Eu tenho uma esposa ótima.

Ela estava prestes a se virar quando ele tirou a mão de suas costas. Ela teria pegado sua mão, puxando-o para si, talvez até implorando, mas ele já se afastava.

Nick observou-o se encaminhar para a varanda fechada, andando como um sonâmbulo com aquelas pernas compridas. A marca invisível da mão dele queimando sua carne.

Quando terminou de limpar os camarões e os colocou na geladeira, Nick entrou no quarto e tirou cuidadosamente o maiô. Tomou um banho no pequeno banheiro contíguo ao quarto. Quando abriu o armário, uma barata do tamanho de um pardal saiu voando, dez vezes maior do que qualquer uma que ela já vira no Norte. Baratas voadoras, dissera uma das esposas dos militares. Não gritou, já nem se surpreendia mais com isso.

Correndo a mão por seus vestidos, parou em um de algodão leve estampado de cerejas e com decote em formato de coração. Vestindo-o e se olhando no espelho, pegou a tesoura e cortou as alças. Agora seus seios se destacavam, o corpete em forma de coração apenas encostando em seus mamilos. Ela escovou para trás o cabelo escuro, ainda brilhante apesar do sol. Tinha um aspecto forte e saudável, e um pouco menos severo, com aquele bronzeado novo realçando seus olhos cor de mel. O efeito a deixou orgulhosa. Passou perfume nos pulsos e entre os seios e voltou descalça para a cozinha.

Tirou da geladeira uma garrafa de vinho branco e a levou para Hughes, que estava sentado na varanda olhando para o canal.

— Pode abrir essa garrafa para mim, querido?

Hughes olhou para ela e pegou a garrafa e o saca-rolha de sua mão. Começou a tirar o invólucro de metal.

— É bem revelador — disse ele para a garrafa.

— Quando você me levou ao baile do Iate Clube eu usava esse vestido, não lembra?

Ele ergueu o olhar, um semissorriso que não lhe chegava aos olhos.

— Não. Sinto muito, Nicky, não lembro.

— Como não lembra? — disse ela. — Tinha aquele homenzinho feio e engraçado regendo a banda, achando-se Lester Lanin. Ele fez um comentário sobre as cerejas e você quase deu na cara dele.

— Foi?

Nick inspirou o ar com força.

— Bem — disse —, o vestido está um pouco diferente. Cortei as alças. Mas acho que fica mais sofisticado assim.

Hughes abriu a garrafa e começou a soltar a rolha do abridor.

— Não vai sentir frio?

Nick olhou para ele, a cabeça marcando de leve um ritmo animado, como os sopros zangados da orquestra de Count Basie.

— Mas que merda, Hughes — disse ela, devagar. — Estamos na Flórida. Não vou sentir frio, droga.

Hughes não ergueu os olhos, não mexeu sequer um músculo. Entregou-lhe a garrafa. Ela tomou um gole, sem se dar o trabalho de pegar um copo, e saiu para o gramado.

* * *

Nick não sabia ao certo havia quanto tempo estava lá quando ouviu baterem à porta. Só sabia que a garrafa já estava pela metade e que seu vestido estava úmido da grama. Com alguma dificuldade, levantou-se e encaminhou-se, trôpega, para a varanda. Atravessando a casa, viu que Hughes já cumprimentava o casal à porta. Nick só se deu conta de que ainda estava descalça quando chegou até eles.

— Olá — disse, rindo e olhando para os próprios pés. — Bom, uma anfitriã descalça. Espero que não tomem isso como indiferença. Eu estava no jardim. Lá é muito úmido para usar sapato.

— Sempre achei que anfitriões descalços são um sinal da mais alta consideração — disse o homem, estendendo a mão. — Charlie Wells. E esta é minha esposa, Elise.

Ele tinha olhos redondos e escuros, como as contas de jade que sua mãe usava para ir ao teatro, mas sua mão morena era quente, ainda que um tanto áspera ao toque. Nick sabia que isso era por causa do navio, pois as mãos de Hughes também haviam se calejado com o trabalho de raspagem e pintura do *Jacob Jones*, preparando-o para ser alocado no estaleiro. Mas os calos de Charlie também lembraram a Nick que ele fora um soldado raso. Acabara sendo convocado para o campo de batalha, mas não começara desse jeito. Não da mesma forma que seu marido. Mustangues, era assim que eram chamados, dizia Hughes.

— Mas foi um dos homens mais inteligentes com quem servi — dissera-lhe Hughes. — Foram espertos de trazê-lo.

Enquanto o homem era moreno e esguio, a mulher parecia quase albina de tão loura. E seu vestido cor-de-rosa não lhe favorecia em nada, na opinião de Nick. Mesmo assim, ela possuía uma espécie de suave feminilidade que deixou a anfitriã com uma pontinha de inveja.

— O que posso trazer para vocês beberem? — perguntou Hughes.

— Vamos para a varanda — disse Nick. — Nosso modesto bar fica do lado de fora, assim Hughes não precisa ir tão longe para pegar seu uísque. — Ela atravessou a casa conduzindo os convidados. — A gente só vive aqui fora, é sério. Isso é que é gostoso na Flórida. Sua casa tem varanda, Elise?

— Tem — disse ela. — Mas eu quase não a uso. Não sou muito... bem, não morro de amores pela vida ao ar livre.

— Que pena — disse Nick, revirando os olhos, mas só internamente. — Gosta de Count Basie? No momento ando meio viciada.

— Na verdade não conheço muito. Charlie é quem entende de música lá em casa.

— Você tem *Honeysuckle Rose*? — perguntou Charlie.

— Tenho, tenho sim — disse Nick, indo saltitante até o toca-discos. — Você gosta de blues? Hughes sempre diz que é melancólico demais.

— A vida já é melancólica. Por que procurar mais tristeza? — disse Hughes, voltando com as bebidas. — De qualquer forma, isso não é blues, é swing.

No lusco-fusco, Nick percebeu que ele recolhera a garrafa de vinho do gramado.

— Ah, você se acha muito esperto — disse ela, rindo.

— Você também deve me achar esperto. Casou comigo, afinal de contas — disse Hughes, retribuindo o sorriso dela e lhe oferecendo um martíni.

— Já ouviu Robert Johnson? — perguntou Charlie. — É blues de verdade. Blues do Sul. Nada daquelas coisas que tocam nos clubes.

— O que você tem contra os clubes? — provocou Nick, virando-se para encará-lo, feliz de morder a isca. Feliz de que acontecesse alguma coisa por ali.

— Não tenho nada contra os clubes, salvo talvez o gosto musical dos frequentadores — disse ele, com um discreto sorriso.

Nick já ia responder, mas pensou melhor e se conteve. Em vez disso, olhou por um instante para ele, perguntando-se quão bêbada estava. Ela podia ouvir os besouros cantando na noite. O farfalhar da palmeira num canto do gramado. O próprio perfume de lírio-do-vale permeando o ar suave daquela noite no Sul. Ouviu Hughes falar sobre a cidade natal de Elise, alguma parte de Wisconsin. E o som dos sopros.

Ao lado dela, sentado na cadeira forrada de chita, estava aquele homem e seu sorriso recendendo a jazz de bordel e quarto de motel.

— Com licença um minutinho — disse Nick, levantando-se, a mão no braço da cadeira para se equilibrar. — A cozinha me chama.

— Eu ajudo você — disse Charlie.

— Não precisa, sério — retrucou ela, pegando seu martíni e segurando-o junto ao corpo como uma armadura.

— Sou um gênio na cozinha. Pergunte a Elise.

Elise olhou para o marido, impassível. Porém, Nick notou que ela não se ofereceu para ir ajudar em vez dele.

Nick não se atreveu a virar para trás quando entraram. Abriu a geladeira e pegou o pepino já descascado.

— Pode cortar para mim? — perguntou ela, entregando-lhe o pepino.

— Faca?

— Na gaveta embaixo da pia — respondeu ela, pegando o camarão.

— Do barco camaroeiro? — perguntou Charlie, espiando a tigela.

— É — disse Nick, rindo.

— Qual deles?

— Como assim, qual deles?

— O das cinco horas?

— É, tem algum outro?

— O que passa de manhã — respondeu Charlie, cortando o pepino em rodela um pouco grossas demais para o gosto de Nick. — Sete horas em ponto. É o melhor, e vem mais camarão.

— E como é que você sabe disso? — perguntou Nick, dirigindo-lhe um sorriso zombeteiro.

— Sou sempre eu que compro camarão. Elise não gosta do canal.

Nick ocupava-se em fazer um molho de limão, batendo uma gema de ovo com o suco acumulado no fundo da tigela.

— Eu lhe mostro uma manhã dessas, se quiser — disse Charlie. — Acabei aqui.

Ele aproximou-se de Nick com a tábua de corte e ficou parado atrás dela.

Nick parou de bater o molho.

— Você tem algum disco de Robert Johnson? — perguntou ela.

— Tenho — disse Charles. — Quer ouvir?

— Quero. E quero ver o barco do camarão também. Fiquei interessada.

— Ótimo — disse ele.

Nick voltou a bater o molho, que engrossou e adquiriu um tom amarelo-claro.

— O seu pepino — disse Charlie.

— Gostei deles — disse Nick, tirando os pratos.

— Ele é um bom trabalhador — disse Hughes, olhando para dentro do copo de uísque. — Alguns homens do navio parecem nem querer saber se o trabalho vai ficar pronto ou não. Em geral, são os que não têm família.

— Ninguém esperando por eles em casa, imagino. — Nick abriu a torneira. Olhou para Hughes. — Mas esse Charlie, gostei dele. Ele disse que vai me mostrar o barco bom que vende camarão.

— Ah, foi? Bem, parece que Elise não é muito ligada na vida ao ar livre, não é mesmo?

— Meio mosca-morta, ela — disse Nick.

— Mas é bem simpática.

— Você achou? Tive receio de que ela se misturasse à parede e nós fôssemos passar a noite inteira à cata dela. — Nick esfregou um prato. — Mas ele é bem vivo.

— Pois você não está sozinha. Ele tem muitas admiradoras lá no refeitório.

— Não deve ser fácil para ela.

— Talvez não; mas ele parece bastante dedicado a ela.

— É mesmo?

— Parece que você se divertiu mesmo. Que bom! — disse Hughes, girando os resquícios de sua bebida no copo. — Não quero que isso seja chato para você.

— É a nossa vida. Por que seria chata?

— A nossa vida — repetiu Hughes, devagar, um suspiro quase imperceptível escapando-lhe. — É, deve ser.

— O que quer dizer com “deve ser”?

— Não sei o que eu quero dizer, vai ver que bebi demais.

— Pois eu com certeza bebi demais — disse Nick, virando-se para ele —, e agora quero saber o que você quis dizer com essa merda de “deve ser”.

— É, tem razão. — Hughes a encarava de volta abertamente. — Você bebeu demais.

— Então eu bebi demais. E daí? Estou de saco cheio dessa merda.

— Você bem que podia não falar tanto palavrão.

— E você bem que podia ser o homem com quem eu me casei.

Nick tremia. Sabia que tinha passado dos limites, mas era como saltar de um precipício.

Quando menina, ela costumava ir com Helena e alguns garotos à antiga pedreira para testar a própria coragem. O granito se esgotara havia anos, e a pedreira fora abandonada ao lençol freático, suas profundezas insondáveis. Um de cada vez, eles partiam do toco de um velho carvalho que servia de marco e corriam sem parar até se verem no ar, despencando no precipício. Os garotos, muito medrosos, escorregavam como bolas de gude pela beirada. Mas Nick sempre pulava.

Se bem que, ali, ela conhecia o terreno.

Hughes terminou o uísque de um gole só e se serviu de mais uma dose.

— Lamento se você se decepcionou.

— Não me interessam seus lamentos.

— Vá dormir, Nick. Podemos conversar quando você estiver sóbria.

— Você é quem deveria... — Ela parou, insegura. — Você é meu marido.

— Estou perfeitamente ciente disso, Nick. — A voz dele parecia zangada, até despeitada.

— É mesmo? Você não parece ciente de muita coisa ultimamente.

— Talvez fosse melhor para você ficar sozinha, vai ver que não sirvo para ser marido de ninguém.

— Pelo menos eu estou tentando — disse Nick, subitamente temerosa. — Você...

Hughes se levantou, e de repente pareceu muito alto. Uma das mãos espalmada na mesa com força, os nós dos dedos brancos em volta do copo vazio.

— Não acha que estou tentando, Nick? O que acha que faço todo dia, a cada segundo? Este barco, este lugar, esta casa, esta vida: acha que é o que eu quero?

Nick olhou para ele. Então, com um gesto rápido, arrancou o fio do rádio da tomada. Num minuto o rádio estava em sua mão, e de repente voava pelos ares.

Hughes não moveu um músculo, ficou ali parado, suas palavras pairando em volta dele, um vazio em seus olhos.

O rádio não o acertou e foi se espatifar na quina da parede.

— E daí? Acha que... — ela apontou para o amontoado de molas e plástico — acha que é isso que eu quero?

— Vou me deitar — disse Hughes.

— E precisa mesmo? — Ela correu os dedos pelos cabelos. — Você já está dormindo.

* * *

Hughes saiu cedo na manhã seguinte. Nick fingiu estar dormindo. As cortinas estavam fechadas e o quarto, abafado. Os dois gostavam de dormir de janela aberta, mas Nick deixara-a fechada quando finalmente fora se deitar, recusando-se até mesmo o prazer do ar mais fresco. Seria horrível e foi horrível, sobretudo porque o ar estava parado.

Quando ouviu o motor do carro, ela se levantou, sem se dar o trabalho de vestir o robe. Sentou-se à mesa da cozinha e ficou contemplando o café preto. Brincou com a ideia de jogar suas coisas dentro de uma mala, chamar um táxi e fugir de volta para casa. Mas quando, em sua mente, chegou a Cambridge, estava perdida, o futuro bocejando diante dela. E ele continuaria existindo em algum lugar, em outro lugar, e ela não o teria. Então continuou contemplando o café.

Tentou pensar no casamento de seus pais, mas não adiantou: ela não sabia o que acontecia a portas fechadas, em escadas de luzes apagadas, nas festas em que a deixavam em casa, em caminhadas à meia-noite enquanto o mundo dormia. Eles pareciam felizes. Mas seu pai morrera quando ela ainda era muito pequena, e o pouco de que conseguia se lembrar dos dois juntos eram fragmentos: um broche de brilhante apresentado numa caixa de couro verde no Natal; a mãe cofiando os bigodes do pai; a mescla do perfume de L'Heure Bleue com o odor do fumo Royal Yacht.

Sua mãe havia sido contra o casamento dela; achava os dois muito jovens. Forçara Nick a sair com outros garotos, ir a bailes chatos com um vizinho que tentava pegar, com sua mão suada, a mão dela por baixo da mesa. Mas quando

ficou claro que ela e Hughes se encontravam às escondidas, sua mãe cedeu. Melhor que ela estivesse casada se algo acontecesse, dissera.

Eles se casaram na Ilha, na igreja onde ela fizera a crisma. Pequena, com lindos vitrais. A recepção foi na Tiger House. Ofereceram um ponche fortíssimo, minissanduíches e um bolo branco que era uma graça, enfeitado com violetas cristalizadas.

Nick, sentindo-se estranha e enjoada, fugira para a sala do segundo andar. Sentada no sofá Sheraton de seda cinza, começou a tirar as flores de laranjeira do cabelo. Achava que nunca conseguiria voltar lá para baixo. Talvez viesse a se consumir naquele sofá, uma Srta. Havisham, como a personagem de Charles Dickens; as flores de laranjeira ficariam murchas e petrificadas, e os chocolates dispostos sobre a mesa lateral virariam velhas pedras marrons.

Então Hughes aparecera à porta, de fraque. Sem uma palavra, ele se aproximou e sentou-se ao lado dela. Nick continuou brincando com os raminhos perfumados, sem ousar olhar para ele, envergonhada. Ele segurou o queixo dela e virou seu rosto para si. E nesse gesto havia tudo, tudo que não era morto nem gasto nem sufocante.

Ele a pegou pela mão e a conduziu até o quarto de empregada, nos fundos. A janela estava aberta, e a brisa da enseada inflava as cortinas de xadrez amarelo. Levantando as volumosas saias e anáguas de Nick, Hughes se ajoelhou e encostou o rosto ali, aspirando seu cheiro, mas permaneceu parado. Nick teve a impressão de que já se haviam passado alguns minutos quando ouviram passos no corredor. Hughes virou a cabeça na direção da porta aberta, mas continuou colado nela. A empregada passou pela porta e parou, paralisada e corada diante daquela cena. Hughes olhou para a mulher um instante, como se quisesse que ela os visse, notasse o que estava acontecendo e mudando entre eles, mantendo-se ali parado antes de fechar a porta com um chute.

* * *

Eram dez horas, o sol subia rumo ao ponto mais alto no céu, e Nick continuava de camisola. O café estava frio ao lado de sua mão imóvel sobre a

mesa da cozinha. Ela achava que ainda podia sentir o odor persistente do camarão da noite anterior, embora talvez fosse o de quarta-feira, ou talvez o de domingo.

Encontrara os vestígios do rádio cuidadosamente embrulhados em papel fino à porta de entrada, como um bebê abandonado na soleira de uma casa. Quase esperara encontrar um bilhete preso ao embrulho: “Não amado e indesejado.”

Ele que se dane, pensou Nick, que vá para o inferno.

Era para eles serem diferentes, diferentes de todas as pessoas que não queriam coisas e não faziam coisas e que não eram especiais. Era para serem o tipo de gente que diz “dane-se”, e então joga a taça de vinho na lareira, que pula de precipícios. Não era para serem pessoas cuidadosas.

Se ao menos ele não fosse tão bonito. Se ao menos ela não o desejasse tanto...

Ela ouviu um carro na rua e se levantou devagar, indo até a janela da cozinha.

Viu Charlie Wells bater a porta do carro, uma pilha de discos debaixo do braço. Ela correu para o quarto e fechou a porta. Uma sensação da noite anterior — a mão dele na parte interna de sua coxa, sob a mesa de jantar, um intruso silencioso — lhe voltou à memória. Como ela pudera esquecer isso?

Com o coração palpitando, encontrou o penhoar e se olhou no espelho. Parecia magra e infeliz. Que se dane, pensou. Sou magra e infeliz, e daí?

Charlie estava batendo à porta de tela. Nick endireitou as costas e foi recebê-lo.

— Olá — disse, olhando-o através da tela.

— Olá — respondeu ele, também sorrindo. — Sinto muito por aparecer assim do nada, mas eu estava me perguntando o que fazer da minha manhã e pensei comigo mesmo que gostaria de passá-la ouvindo Robert Johnson. E aí pensei que talvez você também gostasse da ideia. Estou matando o trabalho.

— Ah, e Hughes que me disse que você era dedicado!

A mão dele, procurando a dela enquanto Nick brincava com o guardanapo.

— É, seu tenente é um homem muito sério.

— Ele é.

Charlie ficou ali parado, ajeitando os discos embaixo do braço. Usava uma calça cáqui e camisa de cambraia, além de sapatos top-siders e um sorriso malandro.

Nick cutucou a fuligem que cobria a tela.

— Olhe — disse ele afinal. — Talvez eu tenha sido muito impetuoso. Você deve estar ocupada e eu estou sendo um estorvo.

Nick olhou para ele, pensativa.

— Não, não estou fazendo nada que não possa melhorar com um pouquinho de música. — Ela abriu a porta e chegou para o lado. — Por favor.

Charlie entrou e colocou os discos sobre a mesa.

— Espere aqui; fique à vontade. Vou pôr uma roupa um pouquinho mais adequada. Afinal, temos que ser sérios quando o assunto é música — disse ela, finalmente abrindo um sorriso.

No quarto, Nick pôs seu vestido de listras verdes e passou um batom vermelho. Voltou para a cozinha e começou a preparar um café fresco. De costas para a bancada, ela observava Charlie escolher os discos que pousara na mesa. Algumas das capas estavam gastas, se desfazendo nos cantos. Hughes nunca deixaria algo de que gostasse ficar assim tão maltratado, pensou ela. Suas ferramentas estavam sempre limpas, e ele as guardava cuidadosamente nos respectivos estojos quando terminava de usá-las. Até a escova de dentes era guardada em uma caixinha especial, no armário do banheiro. E, no entanto, isso a comovia, todo esse cuidado e essa intensidade com uma chave de fenda ou uma escova de dentes.

— Acho que vamos começar a sua formação com esse aqui — disse Charlie.

Sentada em uma das cadeiras de chita, Nick pegou seu café enquanto Charlie posicionava a agulha no vinil. A música era mais bruta do que os blues com que ela estava acostumada, mas tinha um quê de varanda dos fundos. Era como um pedaço de madeira que vem dar na praia, todo gasto e cor de lama. Mas com o sol brilhando no gramado verde e as palmeiras curvando-se na brisa, a música não podia deixá-la triste. Na verdade, deixou-a com a mente enevoada, como se ela pudesse ser levada pela melodia.

A umidade que o gramado exalava a chamava, e a varanda pareceu erguer-se e sair flutuando para longe da casa, sobrevoando o canal. A saia de seu vestido inflou e ela recostou a cabeça na cadeira. O chamado solitário de uma pomba soou lamentoso em algum lugar em meio à névoa na qual ela se sentia submergir.

* * *

Nick não sabia por quanto tempo se deixara levar dessa maneira, mas quando a música parou, obrigou-se a abrir os olhos. Charlie Wells estava sentado olhando para ela, avaliando-a, como se tentasse catalogá-la.

— Gostou?

— Gostei. Tem uma espécie de efeito tônico, não?

Foi tudo o que ela conseguiu dizer omitindo o que realmente se passava em seu coração. Algo em relação a fugir, algo a ver com aquele chalé horroroso, um rádio quebrado e a mão de Hughes em suas costas.

Charlie não respondeu, estava examinando as próprias unhas. Após um instante, ergueu os olhos, como se aquilo que o estava absorvendo tivesse passado.

— Está com fome? — perguntou ele. — Porque eu estou faminto.

— Talvez eu possa fazer uns sanduíches. Nossa despensa está bem vergonhosa no momento. Não sou muito assídua em minhas idas ao mercado.

— Não se dê o trabalho. Vou levá-la para almoçar na cidade.

— Que proposta mais magnífica — disse Nick. — Um tanto magnífica demais, na verdade.

— É sério. Conheço um restaurante espanhol na cidade antiga; tapas. Não muito caro. Já comeu tapas?

— Nem sei o que é isso — disse ela, rindo.

— É bom. Podemos provar todo tipo de petiscos diferentes — disse ele. — Comi polvo uma vez na Espanha, antes da guerra. Eu nunca nem sequer vi um polvo de verdade, mas lá estava eu, comendo o bicho. Às vezes uma coisa

assim, uma coisa que você nunca imaginou, pode descer com uma facilidade incrível.

* * *

O Clipper enferrujado, que Charlie disse ter pegado emprestado de “um dos rapazes”, seguia em direção à cidade pela estrada plana. Ao lado deles, o canal desembocava num rio largo, pontilhado de barcos de pesca e casas de palafitas.

O carro dava a sensação de proximidade, quase intimidade. Nick se viu juntando os tornozelos, colando os joelhos, como sua mãe lhe ensinara a fazer quando se sentasse com um garoto. Alisou o cabelo para trás e tentou obrigarse a não olhar para ele. Mas, enquanto ouvia o zumbido dos pneus na estrada, sua mente voltou à mesa de jantar.

Não fora um avanço com alarde, desastrado, tacanho, como o homem no Havana Special. Fora silencioso, a mão deslizando por baixo de sua saia, afastando seus joelhos ligeiramente. O polegar dele acariciando de leve a parte interna de suas coxas, desenhando pequenos círculos concêntricos sobre sua carne.

Ela sabia que, se fechasse os olhos, poderia imaginar que a mão era de Hughes, calma, mas insistente, como se lembrava.

Ela servira mais vinho, levantando-se um pouco na cadeira para alcançar os outros. Derramara um pouco na toalha de linho branca da avó. O tempo todo, Charles mantivera os olhos em Hughes, continuando sua conversa sobre a comida indecente do refeitório, rindo das piadas de Hughes. Isso a deixara triste, ver Hughes acenando com a cabeça, os olhos azuis franzidos nos cantos, sorrindo. Mas também a deixara sem fôlego, fizera-a sentir-se mais bêbada, poderosa.

Nick não resistira a olhar rapidamente para Elise, que permanecia fitando o marido. Perguntou-se se Elise desconfiava, ou talvez estivesse acostumada a isso da mesma forma que, diziam, é possível se acostumar às sirenes avisando dos ataques aéreos: espera-se, sabendo o que está para acontecer, depois tenta-se

tapar os olhos até terminar, quando então se pode amaldiçoar aquilo tudo em segurança.

No carro, Nick colou ainda mais os joelhos. Deveria ter ficado em casa. Deveria estar deitada em seu cais, ouvindo Count Basie, pensando no que vestir para o piquenique dos oficiais à noite.

Mas então se lembrou do rádio, cuidadosamente embrulhado em papel fino, e do pesado livro de culinária cheio de ingredientes que ela não tinha comprado, encostou a cabeça na janela do carro e fechou os olhos.

Tentou se lembrar da última vez que Hughes a levara para almoçar fora. Pouco antes da guerra. Sempre aquela excessiva cautela com dinheiro, como se eles fossem realmente pobres. Não que ela se importasse tanto com o dinheiro em si, mas odiava que as coisas sempre tivessem que ser discutidas e pesadas, sendo que no fim ele sempre decidia tudo mesmo, deixando-a com a impressão de que ela poderia ser uma parede que não faria diferença alguma. Era exaustivo e a tornava imprudente. Quando quisera o maiô amarelo, ela telegrafara a seu administrador e pedira o dinheiro em segredo. Então, mentira a Hughes sobre o preço, arrancando a etiqueta no caminho de casa e jogando-a na beira da estrada. Tudo por causa de uma maldita roupa de banho. Por alguma razão, isso a fazia gostar ainda mais daquele maiô.

No entanto, dinheiro era dinheiro, e pelo menos não faltava. Ela pensou em Helena e no telefonema que recebera pouco antes. Elas vinham se correspondendo regularmente nos últimos dois ou três meses, uma troca de cartas alegres, se não banais, e — ao menos por parte de Nick — um tanto mentirosas. Mas na semana anterior, quando Helena lhe telefonara de Hollywood, Nick soubera que alguma coisa estava acontecendo. Ela tivera a impressão de que aquele casamento mudara a situação de sua prima, já restrita, para pior. Helena, ou mais precisamente Avery Lewis, queria vender a pequena casa na Ilha para conseguir um pouco mais de liquidez. A notícia só confirmou a suspeita de Nick de que o homem era um charlatão, e ela disse isso à prima, fazendo-a chorar em meio aos chiados da péssima linha interurbana. Helena contou-lhe que Avery queria investir em um projeto cinematográfico, um filme B sem pé nem cabeça. Nick então lembrou-lhe que ela nem sequer teria aquela casa se não fosse pelo tio, ou seja, o pai de Nick, na esperança de que isso a

envergonhasse e a fizesse desistir da ideia. E Helena cedeu, dizendo que eles teriam que arranjar o dinheiro de outra forma; é claro que Nick tinha razão. Nick estava furiosa quando desligou, e disse a Hughes que era melhor eles irem a Hollywood ver o que estava se passando por lá. Hughes, é claro, lembrou-lhe que passagens de uma costa a outra eram caras, ao que Nick ficou de mau humor e passou dias recusando-se a fazer compras para a casa.

* * *

— Em que mundo você está?

A voz de Charlie Wells trouxe Nick de volta ao carro, ao ar quente que corria pelas janelas abertas.

— Ah, por aí — disse Nick. — Estou um pouquinho cansada por causa daquele vinho todo de ontem à noite.

— Vamos estacionar, podemos ir a pé daqui — disse Charlie, parando junto ao forte espanhol que no passado servira de posto de sentinela.

O restaurante ficava em um dos prédios coloniais caindo aos pedaços que orlavam as estreitas ruas de pedra da parte antiga de St. Augustine. Era escuro ali dentro, o pé-direito baixo, e Nick se perguntou quantas outras mulheres Charlie já levara ali.

— Deixe-me escolher para nós dois, se não se incomoda — disse ele.

Nick fez um gesto despreocupado com a mão.

— Por favor. Eu nem saberia por onde começar.

Quando o garçom trouxe o vinho, Nick tapou o copo com a mão.

— Acho que não vou beber.

— Ah, vamos — disse Charlie. — Não dá para comer tapas sem vinho.

— Bem, só um pouquinho, então — disse ela, tirando a mão.

A mesa era pequena, os joelhos dos dois quase se encostavam ali embaixo, mas Charlie não fizera qualquer movimento de investida, deixando-a vagamente inquieta.

Os pequenos pratos de peixe e carne eram salgados e condimentados, gordurosos e fortes. Tanto Nick quanto Charlie estavam com o queixo melado

de molho, e em certo ponto Nick sentiu-se compelida a lambar os dedos.

— Estou me sentindo muito nativa — disse ela, animada.

Ele tinha razão quanto ao vinho; ela inclinou o copo na direção dele como quem pede mais.

— Esse seu bronzeado já deixa você com aparência de nativa — disse Charlie, rindo e servindo o vinho.

— É a primeira vez que fico bronzeada no inverno — disse Nick. — Tenho me esforçado muito para isso.

— Bem, eu diria que está valendo o esforço. Todos os rapazes do navio têm uma forte queda por você.

— Sério? Eu raramente os vejo.

— Uma vez já basta — disse Charlie. — Eu tinha ouvido falar, mas precisava ver para crer.

Nick sabia que ele estava mentindo. Ela não era do tipo que fazia homens do mar irem à loucura, mas mesmo assim sentiu-se corar.

— Não fique encabulada — disse Charlie, sorrindo com malícia.

— Não estou encabulada, só não sei... — Ela hesitou. — Bem, acho que estou, sim, um pouco encabulada.

— Aquele sortudo filho da mãe do seu marido não a elogia?

Nick nada disse, apenas baixou os olhos para o guardanapo usado.

— Está bem, está bem. Vou parar de implicar com você. Vamos pedir um café.

O garçom trouxe um café encorpado em pequenas xícaras lascadas, e o gosto era bem diferente do que ela conhecia.

— É marroquino — disse Charlie. — Eles acrescentam cardamomo à mistura; é o que dá esse sabor.

Os dois tomaram o café em silêncio, escutando o bater de pratos na cozinha.

— Estou tão cansada — disse Nick, girando a borra no fundo da xícara. — Como se eu pudesse dormir para sempre.

— Quer voltar?

— Acho melhor. Ou vou acabar como Rip Van Winkle e passar cem anos dormindo nesta mesa.

— Duvido que eles fossem se incomodar — disse Charles rindo.

— Acho que não seria o pior lugar. Pelo menos eu teria algo bom para comer quando acordasse.

— Eu queria lhe mostrar onde passa o barco de camarão bom — disse Charlie. — Mas acho que isso pode esperar.

— Primeiro eu teria que conseguir acordar cedo o suficiente — disse Nick. — E talvez uma lição já seja o bastante por hoje.

* * *

Nick encostou a cabeça na janela do carro, deixando o vento diminuir um pouco o calor que o vinho provocara em suas faces. Se estivesse sozinha, ela teria tragado o ar, para que a salinidade limpasse suas entranhas, mas não quis fazer isso na frente de Charlie.

Ela sentia o olhar dele de vez em quando, e sabia que ele queria tocá-la.

Ao entrar no caminho de acesso à casa dela, Charlie desligou o carro. O motor estalava ao esfriar, e Nick recostou-se no batente da porta, ouvindo os grilos cantarem nos brejos em volta dos chalés. O suor molhara seu decote, e ela sentia a dobra dos joelhos grudada no vinil do assento. Charlie pôs a mão em sua coxa. Ela olhou para ele. Ele esticou-se no banco, contornando o câmbio, para alcançá-la. Ela não se mexeu, não se aproximou. Ele parecia examinar o rosto dela à procura de algo, e ela se perguntou o que ele via ali. Ele se aproximou mais, o braço esticado para puxá-la para si, mas a perna de sua calça enganchou no câmbio e ele teve que fazer uma pausa para se ajeitar.

Nick quase teve vontade de rir. Era como ver um contorcionista desesperado. Charlie a puxou, tentando trazê-la mais para o meio, mas ela continuou imóvel. Ouvia a respiração pesada dele. Ele finalmente conseguiu passar uma perna em volta do câmbio e então se colocou em cima dela, imprensando-a no canto. Nick pensou que aquela cena devia ser bem esquisita para as intrometidas que, sem dúvida, os assistiam da janela de suas cozinhas. Agora elas realmente teriam o que fofocar.

Ele estava passando a boca por todo o pescoço dela, deixando um rastro molhado em torno de sua clavícula. Nick sentia muito calor, culpa do vinho, do sol e do barulho dos grilos, cuja música de repente começava a enjoá-la. Ela tentou afastá-lo. Mas agora ele a puxava violentamente e usava todo o peso do corpo contra ela, uma das mãos subindo por baixo de seu vestido, a outra agarrando sofregamente as alças em seus ombros.

— Pare — disse ela. — Está muito quente.

Charlie não estava escutando, ou não ouvira, e Nick se perguntou se de fato havia falado em voz alta. Empurrou-o, com mais força desta vez, mas não adiantou de nada. Ele rasgou a parte de cima do vestido dela, mandando pelos ares uns dez botõezinhos forrados.

Nick achou a maçaneta da porta às suas costas e a abriu, lançando os dois ao chão.

Estatelada de costas, com o vestido ondulando a sua volta, ela teve uma vontade incontrolável de gargalhar. Segurou o rasgo da roupa com a mão e fez força para não rir, mas estava difícil se conter. Cobriu a boca com a mão livre, mas era tarde demais. As lágrimas começaram a descer pelo seu rosto enquanto ela arfava, às gargalhadas, engasgando contra o chão de terra, sentindo que ia desmontar de tanto rir. Charlie sentou-se a seu lado, com uma expressão muito zangada e alterada, o que a fez rir mais ainda. Ele se levantou. Ficou em pé fuzilando-a com os olhos, o rosto vermelho e suado.

— Sinto muito, é só que... Ah, meu Deus — foi tudo que Nick conseguiu dizer antes de cair na gargalhada de novo.

— Vadia — sibilou Charlie. — Você só sabe provocar.

Ele chutou terra em cima dela, antes de entrar no carro e bater a porta.

Nick ficou só ali, deitada, morrendo de rir, segurando a barriga enquanto o carro saía em disparada, vendo os rodamosinhos de poeira subindo nas réstias de sol.

* * *

Ela passou o restante da tarde fazendo o *aspic* de tomate que prometera levar para o piquenique dos oficiais em Green Cove Springs aquela noite. Tinha esquecido completamente até ver a receita escrita à mão na bancada ao lado da geladeira, enumerando como ingredientes o caldo de sua mãe e um pouco de gelatina Knox. De repente aquele *aspic* lhe pareceria importantíssimo, talvez a coisa mais importante do mundo, e Nick se atirou à tarefa na maior concentração.

Cozinhou os ossos das sobras e descascou os legumes. Vigiou o caldo com atenção enquanto o reduzia a um consomê encorpado. Aferventou os tomates e passou-os na peneira, para então verter a mistura em uma forma de estanho em formato de peixe que lhe fora enviada do Norte, junto com o restante das suas coisas. Então colocou o *aspic* na geladeira para endurecer e foi se aprontar.

Nick tinha jogado o vestido rasgado no cesto de roupa suja e atarraxava os brincos de pérola quando ouviu o Buick subir engasgando pelo caminho de acesso à casa. Jogou um pouco de pó no rosto e conferiu a aparência. Uma das Boas Esposas de um dos Tenentes a observava. Cabelo bem penteado no lugar, um suéter amarelo de algodão lhe cobrindo os ombros e abotoado no busto. Um pouquinho de batom e nada de blush. Entrando na cozinha, quase esbarrou em Hughes. Os dois deram um pulinho para trás, de susto.

— Olá — disse Nick, olhando para ele por um breve instante antes de fitar o chão.

— Olá — disse Hughes, baixinho. — Vou tomar um banho e me trocar. Não queremos chegar atrasados.

— Eu fiz o *aspic* — disse Nick. — E estou calçada desta vez. — Então voltou a olhar para ele e viu sua expressão se suavizar. — Acho que é o *aspic* mais incrível que já fiz.

— Obrigado — disse ele.

Os dois se fitaram por um instante, até que Hughes seguiu em direção ao quarto. Nick sentiu o coração afundar. Ouviu a água do chuveiro e, pé ante pé, seguiu o barulho. A porta do banheiro estava entreaberta, para deixar o vapor sair. Pela fresta, ela viu o marido se alongar e se ensaboar, passar xampu no cabelo louro. Ele realmente tinha o corpo todo dourado, pensou, percebendo como fazia tempo que não o via nu à luz do dia. Estava tão perto e, no

entanto, ele nem sentia sua presença. Teve vontade de chorar. Em vez disso, voltou à cozinha para ver se o *aspic* estava no ponto de gelatina.

Tirou-o cuidadosamente da geladeira, para não rachar, e ficou maravilhada com a perfeição da cor: parecia uma vívida piscina de tomate. Apertou de leve a superfície, para conferir a consistência. Ao encontrar resistência, deu um suspiro de satisfação. Então escolheu um prato e lentamente virou a forma, e, ao tirá-la, viu a reluzente e perfeita gelatina em forma de peixe piscando para ela. Escolheu seu pano de prato preferido, aquele com estampa de garotinhos holandeses, e cobriu o *aspic*. Pegou o prato com todo o cuidado e seguiu para o carro.

Nick não soube direito se tropeçou ou se o prato simplesmente lhe escorregou da mão, mas antes que pudesse fazer alguma coisa o *aspic* caiu, colidindo com o chão e se quebrando em cubinhos irregulares que se espalharam pelo piso de linóleo verde e branco. Um pedacinho ficou esmigalhado entre seus tornozelos. Nick ficou olhando para o pé, para as sandálias de verniz amarelo agora completamente lambuzadas, para os borrões vermelhos derretendo no calor. Sentiu as pernas cederem e caiu no chão. Então deixou a cabeça pender e chorou, um pranto entrecortado de suspiros acompanhados de espasmos violentos, como uma dolorosa crise de soluços.

Hughes veio correndo do quarto, a camisa branca desabotoada e o cabelo molhado do banho. Nick ergueu os olhos. Rouca e trêmula, estendeu a mão, indicando a sujeira em volta.

— Eu estraguei tudo — gritou. — Estraguei tudo, e não sei o que aconteceu. Não tomei cuidado como deveria.

— Shhh — fez Hughes, agachando-se e envolvendo-a nos braços. Ele colou o rosto em seu cabelo. — Querida, não tem importância. Vamos dar um jeito nisso. Não chore, vamos dar um jeito.

Ele pôs as mãos em sua cintura e a ergueu do chão, conduzindo-a à mesa da cozinha.

— Sente-se, querida. Eu cuido disso. — Pegando uma tigela, ele cuidadosamente catou todos os pedaços que ainda não tinham derretido. — Está perfeito. Olhe, Nicky.

— Ai, meu Deus — disse ela, olhando para os vestígios quebrados e brilhosos da gelatina dentro da tigela. — Está um horror.

— Não, é o aspic mais lindo do mundo. Todos os homens vão se roer de inveja de mim por ter uma mulher tão criativa — disse Hughes, rindo para ela. — Querida, por favor. Vai dar tudo certo.

— Não tem nada certo, Hughes. Nada está dando certo, não mesmo — disse Nick, apertando o rosto com a mão.

— Vai dar tudo certo, sim — disse ele, afastando a mão dela e virando seu queixo para fazê-la olhar para ele. — Eu sinto muito. Nossa vida é maravilhosa. Você é maravilhosa, e eu vou ser um marido melhor para você. Vou tomar conta de você, querida. Prometo.

— Hughes — disse Nick —, por favor, eu quero ir para casa.

— Eu vou levá-la para casa, Nick — disse ele. — E vai dar tudo certo.

1947: fevereiro

Sentada na cozinha, Nick fumava, ouvindo sem muita atenção um programa sobre pássaros e massageando a barriga esticada como um tambor. Olhava para o jardim, que, assim como sua barriga, estava duro e adormecido. Aqui e ali, um pardal esperançoso ciscava o chão árido. Após um comercial da Bromo Seltzer, o apresentador retomou o programa.

Voltamos com a Srta. Kay Thompson lendo o inspirador catálogo New England Bird Life [A vida das aves da Nova Inglaterra], de Winfrid Alden Stearns, que há mais de sessenta anos delicia os amantes de aves.

Uma voz grave de mulher, áspera e com a entonação anasalada da Nova Inglaterra, surgiu no rádio:

O bacurau é um pássaro que pertence a uma família peculiar em muitos aspectos importantes, e de hábitos tão singulares que passou-se a associar a seus misteriosos costumes determinadas superstições tão nefastas quanto ridículas. Mas o bacurau tem alguns traços afáveis e admiráveis, entre os quais a afeição parental e a fidelidade conjugal.

Nick deu uma olhada nos suspiros que estavam assando no forno. Hughes definitivamente ficara obcecado por suspiros depois de um almoço de trabalho a que havia comparecido pouco antes em um restaurante francês. Eram estranhíssimos os desejos que ele adquiria quando estava longe dela. Ela nunca deixava de se espantar ao descobrir que ele de repente adorava isso ou aquilo, quando naquele mesmo dia, ao sair de casa pela manhã, parecia o Hughes de sempre. Mas, apesar dessas pequenas paixões repentinas, ela de fato achava que agora o conhecia melhor. Ou talvez conhecesse melhor o casamento que levavam: estava começando a aprender que os dois não eram iguais. Uma palavra muito feia e medíocre, *ceder*, pensou Nick. Mas as coisas haviam se tornado mais suaves, como uma porta que estivesse rangendo e cujas

dobradiças alguém finalmente houvesse lubrificado. E fora cedendo que ela conseguira esse efeito.

Quando voltaram para Cambridge, ele lhe comprara essa casa. Nick pensara que, talvez, eles fossem morar na Tiger House, ao menos por um tempinho, para poder se purificar do ar quente e parado da Flórida. Mas Hughes imediatamente fincara o pé.

— Eu não posso trabalhar lá, Nicky — dissera ele durante o jantar, no apartamento provisório que ficava na avenida Huron. — E não vamos pedir dinheiro a meus pais.

Hughes arranjara um emprego como advogado associado na Warner & Stackpole, onde seu pai trabalhava. E então, em fevereiro, encontrara a casa.

— Construída pela primeira mulher a se formar em arquitetura pelo MIT — dissera-lhe ele.

Ela sabia que ele levantara esse ponto como um motivo para que ela adorasse a casa. Podia ver a si mesma através dos olhos dele: difícil, combativa, alguém que teria algo em comum com aquela ousada pioneira, que, aliás, provavelmente era lésbica.

Pelo jeito como ele a levava pelos cômodos — tocando os marcos das portas e abrindo os braços na cozinha para mostrar onde ficaria a bancada —, ela percebera que ele estava comprando um espaço para fazê-la ajustar-se. Um espaço onde ela seria perfeita, onde toda a estranheza seria sugada de dentro dela, ou, pelo menos, permaneceria escondida. A ideia lhe dera náuseas.

Enquanto abria as caixas, tirava o pó da prataria que haviam ganhado de presente de casamento e pendurava as camisas de Hughes, Nick se imaginava fugindo para a Europa, alugando um apartamento nos Champs-Élysées ou na Via Condotti, tomando cafés bem fortes em xícaras minúsculas e dançando nos clubes até o dia raiar. Mas, afora ter comprado um conjunto muito caro de lingerie francesa, ela nunca fizera qualquer movimento para fugir, a não ser dentro de sua cabeça. Se sabia que Hughes a estava aprisionando, também sabia que o amava, ou melhor, que o havia incubado no organismo, como um vírus. Não importava aonde fosse com ele, se sentiria doente, debilitada. Não sabia ao certo como isso acontecera, mas já não tentava mais resistir. E assim,

de uma hora para outra, como se sua capitulação tivesse rompido a barragem, ele começara a enxergá-la, enxergá-la de verdade.

— Você é incrível — dissera ele um dia, ao chegar em casa e encontrar a mesa posta, ornada com a boa toalha e a boa prataria, e Nick batendo uma peça de carne rosada e bem redonda que conseguira no açougue por um bom preço.

Outra noite, ele tocara no joelho dela embaixo da mesa, depois de ela ter preparado um jantar impecável de sopa fria de pepino, costeletas de cordeiro e batatas assadas, com ovos nevados de sobremesa, para um sócio do escritório, o que ele queria impressionar.

— Você tem sorte de ter uma mulher que realmente sabe cozinhar — dissera o sócio. — Homens assim vão longe.

Hughes levava-a para dançar no Baile de Primavera em Boston, e colara o corpo no dela, envolvendo-a pela cintura com firmeza.

— Eu poderia me embriagar só com seu cheiro — murmurou ao ouvido dela. — Você sempre tem cheiro de lar.

Quando faziam amor, ele segurava seu rosto e a observava.

— Diga que está feliz — disse ele uma vez. — Eu quero saber que a faço feliz.

Então as pequenas coisas eram feitas, feitas à perfeição. E, no meio-tempo, ela lia seus livros, ouvia sua música e concebia planos para os dois. E pensava que talvez, quando achasse que estava tudo ótimo e seguro, talvez ele acordasse e quisesse ser livre de novo, com ela.

Então ele veio com aquela história de filho.

— Eu não quero um filho, Hughes — disse-lhe ela uma noite no jantar, os dois reunidos em torno dos resquícios de uma costeleta de porco apimentada. — Não agora, pelo menos.

— Todo mundo quer um filho — disse ele.

— É um absurdo dizer uma coisa dessas. — Ela limpou o pozinho de pimenta que se espalhara sobre a toalha branca. — Além do mais, não somos como todo mundo — acrescentou baixinho.

— Nick — disse ele —, sei que não foi assim que você imaginou as coisas. Também não foi assim que eu pensei que seriam. Mas teve a guerra.

— A guerra, a guerra. Estou cheia disso. — Ela se levantou para começar a tirar a mesa. — A guerra não pode ser desculpa para tudo.

Hughes agarrou-lhe o braço.

— Estou falando sério, Nick. Eu quero mesmo uma família.

— Ora, e eu tenho uma novidade para você, Hughes Derringer — retrucou ela, desvencilhando-se. — Também estou falando sério.

— Quero poder viver nossa vida. Mais nada. — Ele procurou o rosto dela. — Será que você não entende isso?

— Não fale comigo como se eu fosse uma criança.

— Então não aja como uma criança.

O tom de voz dele passara de apaixonado a frio em um instante, e um silêncio — um silêncio perigoso, Nick bem o sabia — se instalara entre eles.

— Não quero deixá-la zangada — disse Hughes afinal. — Quero uma vida... talvez não exatamente como a de todo mundo, mas sem complicações.

— Um filho — argumentou ela —, *vai* ser complicado.

— Eu quero fazer alguma coisa, alguma coisa boa e concreta.

— Já temos uma coisa boa e concreta. Por que você não vê isso?

Ela observou o rosto dele: uma expressão já exausta. Tentou controlar o calor que a percorria, a sensação de desespero que deixava suas pernas instáveis.

— É só que... — Ela se sentou e pôs a mão sobre a dele. — Ah, Hughes, temos que tomar muito cuidado com um filho. Nossa vida, nossa vida vai ser... só cuidados.

— Não — retrucou ele. — Será uma vida estudada.

Nick pensou em Hughes, que sempre guardava as abotoaduras na caixa certa e não no *vide-poche* do escritório; que nunca perdia a capa do canivete suíço, ao contrário do que todo mundo fazia assim que comprava. Todas as pequeninas coisas que ela sempre achara tão tocantes. Hughes queria viver uma vida de cuidados, comprazia-se com isso. Queria a vida na temperatura certa, não muito quente, não muito fria. Mas Nick não sabia se poderia sobreviver a todo esse amaciamento.

— Não sei, Hughes — disse ela afinal. — Ainda somos jovens. Podemos fazer outras coisas antes de ter um filho.

No entanto, no mesmo instante em que falou isso, sentiu o peso da casa que ele comprara para ela e viu que talvez já fosse tarde demais.

— Que coisas? Viajar? Eu já estive no exterior, o mundo não é melhor lá do que aqui. Além disso, sempre podemos viajar como uma família.

Nick pensou na Europa, em balcões de ferro fundido, janelas largas e na sensação de uma língua estrangeira em seus lábios.

— Não sei se posso ser tão cuidadosa, estudada, ou seja lá como você queira chamar — disse ela.

* * *

Nick tirou os suspiros do forno e colocou-os para esfriar. Teve que se esticar toda para conseguir colocá-los na prateleira, tomando cuidado para não bater a enorme barriga na bancada. Então recuou e admirou sua obra: grandes montinhos nevados, erguendo-se em picos e caindo em costas íngremes; lindos, era verdade, mas ela preferia *macarons*. Mais crocantes, com pedacinhos de coco.

Depois daquela conversa sobre o filho, Hughes não tocara mais no assunto. Mas quando Nick descobrira, naquele mesmo mês, que Helena estava grávida, ele pagara uma passagem de trem para que ela viesse de Los Angeles.

— Vai ser bom vocês duas se verem de novo — explicou a Nick. — Além do mais, não coloco muita fé naquele tal de Avery.

— Eu muito menos.

Nick sabia que a intenção de Hughes era que, ao ver Helena grávida e feliz, ela mudasse de ideia a respeito do filho, mas não se incomodou. Não via a prima havia sete meses, desde que tinham feito as malas e deixado a casa da Elm Street, e sentia saudades dela. Também percebia nela certo mal-estar. Helena parecia muito abatida e cansada toda vez que falava de Avery e dos planos do marido para os dois.

* * *

Helena chegou a Cambridge em maio, exatamente quando os lírios-do-vale se alastravam pelo jardim, formando um tapete verde-escuro salpicado de branco. Nick colheu um pequeno buquê para levar consigo quando fosse recebê-la na South Station.

— Helena, é sério: você não está com a menor cara de grávida — disse Nick, rindo e lhe dando um abraço apertado, quando ela desembarcou na plataforma.

— É mesmo? Eu estou me sentindo imensa.

Helena usava um conjunto azul-celeste, feito de uma lã leve, ou de uma das misturas sintéticas que eram a moda do momento.

— Você está puro glamour. Não me diga que também está fazendo cinema.

— Ah, Nick querida — disse Helena, sorrindo. — Você não mudou nada. Não perde uma chance de mentir descaradamente.

Pegando vinte e cinco centavos de sua bolsa de couro vermelho, Nick deu a gorjeta ao comissário e então tomou a prima pela mão.

— Hughes até me deu dinheiro para o táxi, por isso vamos para casa com estilo.

— Ah, é bom estar em casa — disse Helena. — Você não sabe como estou feliz.

— Bem, sei o quanto *eu* estou. — Nick fez sinal para um táxi. — Já fui quase completamente transformada na dona de casa perfeita. Vou precisar que você examine a minha cabeça depois. Vamos, vamos para casa. Um almoço e um vinho nos esperam.

Quando chegaram em casa, Helena foi tomar um banho na suíte para hóspedes, enquanto Nick pôs a mesinha no jardim de inverno e começou a preparar a salada de atum. Helena então desceu, sem o chapeuzinho azul e com os cachos louros lhe roçando os ombros. Tinha o rosto rosado e rechonchudo, como um anúncio da época de Natal.

— Bem, devo admitir que a gravidez lhe cai bem — disse Nick. — Quantos meses já tem, três?

— Quatro — corrigiu Helena, sentando-se à bancada de fórmica verde. — Pelo menos foi o que o médico disse. Mas não sei bem se confio nele. Ele me

parece meio charlatão. — Ela suspirou. — Mas Avery disse que todas as melhores atrizes vão a esse sujeito, então...

— A única coisa boa que as atrizes fazem é aborto — disse Nick. — Você realmente deveria voltar para ter o bebê aqui. Poderia ir ao Dr. Monty.

— Pensei que o Dr. Monty tivesse morrido — disse Helena, rindo.

— Não, senhora. Vivinho da silva e ainda beliscando o traseiro da enfermeira. — Nick olhou para a prima, depois voltou a arrumar a alface nos pratos. — Hughes também está querendo.

— Uma enfermeira para beliscar?

— Quem dera que fosse só isso. Não, um filho.

Helena sorriu.

— Isso não é uma sentença de morte, sabe. Na verdade é muito bom.

— É o que dizem. Ah, Helena, você consegue me imaginar com os braços enfiados até os cotovelos em fraldas sujas? Hughes já conseguiu me acorrentar ao fogão. O que mais ele quer?

— Ah, pare de fingir que não gosta dele. — Ela abriu os braços, indicando a cozinha em volta. — Disso tudo.

— Claro que gosto dele — disse Nick. — Só achei que seria um pouco mais estimulante.

— O casamento é um refúgio — disse Helena, baixinho. — Você nunca mais vai ficar sozinha.

— O casamento, não — disse Nick. — A vida. — Ela olhou pela janela e depois voltou a virar-se para a prima. — Pense na Elm Street. Podíamos fazer o que quiséssemos e ninguém esperava nada de nós. Até sinto falta daqueles carnês de racionamento horrorosos. Bem que agora podia ser igual àquela época, para mim e para Hughes. Não uma vida toda quadrada e respeitável. Às vezes tenho vontade de arrancar as roupas e sair correndo nua por aí, me esgoelando de tanto gritar. Só para agitar um pouco as coisas, droga.

— Aquilo era a guerra, não a vida real — disse Helena. — E nem tudo era bom.

Nick suspirou, lembrando-se de Fen.

— Tem razão. Estou sendo uma idiota. — Ela deu um sorriso forçado. — Chega de falar disso. Querida, por que você não serve o vinho? Está bem ao

seu lado naquela bancada engraçada que o Hughes desenhou.

— É realmente linda esta casa que ele comprou para você — disse Helena, enchendo os dois copinhos de geleia que Nick resgatara do apartamento delas.

— Sim, uma linda casa para uma boa esposa — disse Nick, baixando a faca sobre um talo de aipo. — Eu não deveria dizer isso, é desagradável. Mas que se danem os homens.

— Nick, você é mesmo impossível. Está pedindo demais. É como voar na cara de Deus, como mamãe dizia.

— E quanto a Avery? — perguntou Nick, de repente incomodada com o estoicismo da prima. — Ele é tudo que você queria? Será que Deus está tão satisfeito assim com vocês dois?

— Estamos morando de aluguel — disse Helena, pensativa. — Eu queria ter uma casa minha. Mas nosso chalezinho é uma graça, com um quarto para quando o bebê chegar.

— Você às vezes consegue ser tão burra, querida — disse Nick, pousando a faca na tábua de cortar. — Eu quero saber sobre o seu marido, não sobre onde estão vivendo.

— Ah. — Helena pareceu se retrair ligeiramente, como se evitasse o olhar de Nick. — Ah, não sei. O mesmo de sempre, acho.

— Nossa, Helena, você é mais lenta que uma tartaruga. — Nick teve vontade de dar na cabeça dela com o aipo. — O que é “o mesmo de sempre”?

— Nick, ele não é como os outros homens, sabe? Ele é um artista, um verdadeiro artista.

— Do que você está falando, caramba? Avery não é um artista, ele vende seguros, pelo amor de Deus.

— Sim, para ganhar a vida. Mas a verdadeira paixão dele é o cinema — explicou Helena, olhando para dentro do copo como se procurasse algo ali. — Ele é até bem meticuloso com relação a isso. Sabe, ele tem uma coleção.

Nick foi se sentar ao lado da prima.

— Uma coleção.

— Pois é. Bem, na verdade, sabe, ele tinha uma amiga, uma atriz, e ela era muito boa atriz, talentosa, lindíssima. E eles tinham planos de fazer filmes

juntos, ela seria a estrela e ele levantaria o dinheiro, mas aí, bom, mataram essa mulher e ele ficou completamente arrasado. Isso mudou tudo para ele.

— Entendi. — E Nick de fato achou que estava começando a entender quem era Avery Lewis. — Parece muito dramático.

— Ah, sim — disse Helena. — E ele achou que não conseguiria seguir em frente. Mas então ele me conheceu e viu que não precisava fazer isso sozinho. Veja você, ele passou a se dedicar a mostrar ao mundo o talento que ela era. E começou essa coleção. Dela.

Nick mal conseguia acreditar no que estava ouvindo. Helena podia ser ingênua às vezes, mas não era uma idiota completa.

— E como ele está se saindo? Com essa história de mostrar ao mundo quão talentosa era a amante dele?

— Eu sabia que você não entenderia — disse Helena, empinando o queixo. — Ninguém entende. É uma obra de arte, a vida de uma pessoa. Como se eu colecionasse tudo sobre você para captar a sua essência. E ele vai fazer um filme. É isso que Avery está fazendo.

— Essência uma ova. — Nick tentava captar o olhar da prima, mas Helena insistia em fugir ao contato visual. — Sinceramente, Helena. — Ela balançou a cabeça, admirada. — Eu já imaginava que estivesse acontecendo alguma coisa esquisita, mas não sabia que ele a tinha convencido de que era arte.

— Você está sendo injusta — disse Helena. — Ele pode ser diferente, mas o que há de errado nisso? Avery me ama e, Nick, ele me entende. Devo muito a ele.

— Você deve a ele o seu sustento, isso, sim. — Nick viu o rosto da prima corar, e acalmou-se um pouco. Pôs a mão no ombro de Helena, dizendo com delicadeza: — Sinto muito, eu não tinha a intenção de ser crítica. Mas, realmente, querida... Isso é maluquice, você sabe que é.

— Nick, ele é meu marido. Meu segundo marido. Não pretendo me divorciar e passar para o terceiro.

Nick puxou Helena para si e encostou o rosto contra seu cabelo macio.

— Podíamos perguntar a algum advogado do escritório do Hughes.

— Vou ter um filho.

Nick se afastou e olhou para ela por um instante e então, lentamente, assentiu.

— Certo. Claro, você vai ter um filho.

* * *

O bacurau pode estar na moita onde se escondeu durante as horas de claridade, ou pode ter se aproximado furtivamente da casa. Pode até pousar sem ser percebido no telhado da casa, e guinchar, com uma veemência súbita no meio da noite, provocando um frio na espinha em pessoas suscetíveis a impressões ou superstições agourentas.

Nick sentiu o bebê chutar, como um raio bem pequeno atingindo sua barriga. Começou a separar a correspondência. Em uma pilha, colocava as contas para Hughes dar uma olhada quando voltasse do trabalho. Em outra, sua correspondência pessoal, à qual ela teria que responder no dia seguinte, depois de passar roupa.

— Meu Deus, que tédio de vida — disse para a cozinha vazia.

Nick sabia que Hughes queria uma menina, mas um menino não teria que lidar com todos os detalhes mais banais da vida. Daria as cartas, faria o que bem entendesse. Seria forte, determinado e independente, sem ter que se desculpar por nada ou fazer biscoitos que não tinha vontade de comer.

Ela parou.

— Minha nossa, anime-se — disse a si mesma.

Esses estados depressivos vinham se tornando cada vez mais frequentes nos últimos tempos. O Dr. Monty dissera que era normal se sentir abatida durante a gravidez.

— Muitas mulheres ficam um pouco para baixo nesse período — dissera ele, a mão se demorando um pouquinho demais em seu joelho, no pequeno consultório que dava para a Brattle Street. — É totalmente normal, Sra. Derringer. A gravidez é uma grande mudança para qualquer mulher, mas uma mudança bem-vinda.

Na semana anterior ele lhe recomendara livros mais animadores, olhando com desconfiança para *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, de Kant, que ela estava lendo.

— Muitas pacientes minhas encontraram na estamperia uma atividade muito gratificante. Trabalho: é isso que eu recomendo — disse ele, a segurança transbordando de sua voz.

Então lá foi ela comprar um livro sobre estampas para vestidos de passeio. Que agora estava no andar de cima, no quarto de vestir, ainda na embalagem.

Ela tocou nos suspiros. Já tinham esfriado. Pegou a lata preta forrada de papel-manteiga e começou a guardá-los em movimentos suaves, tomando cuidado para não quebrar as pontas. O que Helena estaria fazendo naquele momento, como estaria enfrentando a vida com um bebê? Ed já completara quatro meses de vida, e Nick ficava repetindo a si mesma que a prima devia estar ocupadíssima com o filho. Mas não podia deixar de sentir que, em suas breves conversas ao telefone, Helena parecia cada vez mais distante, como se estivesse embaixo d'água.

Toda vez que se falavam, Nick se sentia um pouquinho arrependida, embora não de todo, pela maneira como terminara a visita de Helena. Depois da primeira conversa sobre Avery, elas haviam se atido a assuntos mais alegres. Certa noite, porém, na véspera do dia em que Helena voltaria para Los Angeles, Nick não conseguiu deixar de trazer a questão à baila uma última vez:

— Você não precisa voltar para ele, sabe?

Hughes fora se deitar e elas estavam terminando o vinho, que já haviam bebido um pouquinho além da conta.

— Mas eu quero voltar para ele — replicou Helena, sem olhar para ela.

— Você não deve nada a ele. Sei que acha que deve, mas você também tem o direito de ser feliz.

— Acho que você não é a pessoa certa para dar conselhos conjugais.

Era a primeira vez na vida que Nick sentia algo parecido com desprezo na voz de Helena, e isso a desconcertou.

— Eu só quero que você seja feliz.

Ela sentiu que se exaltava.

— Você não sabe nada sobre ser feliz. — Helena a fitava diretamente. — Nada a faz feliz, só o que você não tem. Você só sabe receber, receber e depois pedir mais. Tem tudo e age como se não fosse nada. Então como pode saber o que faz a mim ou qualquer outra pessoa feliz?

Nick estava pasma.

— Acho que eu deveria ficar feliz por estarmos finalmente dizendo a verdade — disse, um gosto metálico na boca. — Já que estamos sem papas na língua, a sua carência é o que a faz tão autocentrada a ponto de não conseguir enxergar além do seu mundinho lamentável. Por acaso sou obrigada a ser feliz simplesmente porque tenho mais do que você? Pelo amor de Deus, preste atenção ao que está dizendo.

— Não, você é que deveria prestar atenção ao que diz — retrucou Helena, levantando-se. — Vou me deitar.

Elas pediram desculpas uma à outra de manhã, e trocaram beijos carinhosos na South Station, mas o episódio fez Nick se perguntar até que ponto ela sabia o que se passava no coração da prima.

* * *

Os pássaros fazem muito barulho durante a estação de acasalamento, após a qual não são ouvidos nunca ou quase nunca. Sendo esta a principal indicação da presença do bacurau, é difícil dizer precisamente em que momento eles partem, tão silenciosa e furtivamente somem de nosso meio.

Nick deslizou o abridor de cartas de prata de sua mãe sob o envelope da primeira da pilha. Não havia endereço de remetente, e sua mão tremeu quando ela tentou puxar o cartão. Sabia que seria apenas um convite para um coquetel oferecido pela esposa de um dos colegas de Hughes, ou um bilhete de uma vizinha da Ilha falando sobre suas hortênsias, mas ainda assim a boca ficou seca. Desde a Carta, como ela pensava naquilo, sentia aquele pavor se insinuar quando confrontada com um remetente desconhecido.

— Não seja uma pateta — repreendeu a si mesma com firmeza, mas sem convicção.

Teve que largar o cartão e olhar pela janela um instante antes de conseguir lê-lo.

*Nicky querida,
Chá na quarta?
16h.
Beijos, Birdie*

Riu aliviada. Era só chá, só Birdie. Tudo bem. Ficou alegre, animada. Hughes logo chegaria em casa, ela fizera os biscoitos preferidos dele, e eles teriam um filho. Estava tudo ótimo. Simplesmente ótimo.

A Carta chegara em uma terça-feira cinco meses antes, um setembro atipicamente frio. Ela ficara indecisa quanto a tirar a carne assada do freezer ou dar um pulo no açougue para comprar umas costeletas de cordeiro antes de Hughes chegar em casa, e acabara escolhendo a carne assada, porque assim teria tempo de comprar umas luvas novas na Harvard Square em vez de ir ao açougue.

Só vou abrir a correspondência primeiro e depois decido, pensou. Era a terceira carta da pilha. Um envelope volumoso, quase um pacote. Estava endereçado a Hughes, mas, como era escrito à mão, e não datilografado, ela percebeu que não era uma conta. Fora encaminhado da base em Green Cove Springs, e ela temia que pudesse ser uma carta de Charlie Wells, talvez um ato de vingança por seu comportamento depois daquele almoço.

Porém, no instante em que sua mão encostou no papel de carta caro que estava lá dentro, ela soube que não poderia ser de Charlie. A primeira coisa que notou foram as iniciais no alto. ELB. franzindo o cenho, Nick examinou a letra elegante e inclinada do cartão.

*Sei que eu disse que não escreveria.
O mundo não está mais em chamas. Mas ainda amo você.
Queria que você soubesse disso, onde quer que esteja.
Além do mais, todo mundo merece ser feliz.*

Enfiou de novo a mão no envelope e puxou uma chave presa a uma placa de metal com a inscrição: “Claridge’s, Quarto 201”.

A chave era pesada e a placa, muito lisa. Com o polegar, ela acariciou o metal polido, deixando uma mancha da umidade de seu dedo. Olhou para o próprio polegar, que de repente lhe pareceu gordo, sem graça e sujo. *Mãos comuns*, lhe dizia sua mãe ao massagear um creme grosso em seus dedos à noite, é o que toda dama deve evitar.

Nick pegou o cartão e tornou a lê-lo, decifrando cada linha, avaliando-as, tentando decidir qual palavra era significativa e qual servia apenas para ligar as que tinham peso.

Poucas não eram significativas, concluiu ela. “Isso” e “ser” eram as únicas auxiliares, e até estas eram imprescindíveis. *Além do mais, todo mundo merece ser feliz.*

— Ai, meu Deus — disse ela, quando todo o peso das palavras, a qualidade do papel, a chave pesada a alcançaram. — Ai, meu Deus.

Ela pousou a cabeça na bancada e tentou chorar, mas nada saiu. Ficou observando sua respiração se condensar na fórmica antes de evaporar.

Após algum tempo, voltou a sentar-se direito e empertigou-se. Passou a mão na Carta de novo. Deixando a chave na bancada, pegou o cartão grosso cor de creme e foi até o bar no jardim de inverno, onde preparou um martíni e virou-o de uma só vez.

Depois preparou outro. Quando terminou de beber o segundo, tornou a olhar o cartão. *O mundo não está mais em chamas. Mas ainda amo você.* Preparou um terceiro martíni, dessa vez deixando três azeitonas caírem no copo. Então, com a Carta em uma das mãos e a bebida na outra, foi até a sala, onde o fogo que ela acendera mais cedo agora crepitava, já se apagando.

Sentou-se diante da lareira, no banco baixo de estofado bordado, e olhou a Carta pela última vez.

Sei que eu disse que não escreveria.

Então jogou-a sobre a madeira queimada e a viu enroscar-se lentamente, lentamente, até virar cinzas.

Ficou ali, girando a haste do copo, sentindo-se hipnotizada pelo fogo. Então se levantou e foi devagarinho até a biblioteca. Pegou a agenda de telefones e pediu uma ligação interurbana para Helena.

Enquanto esperava a telefonista completar a chamada, puxou um cigarro da caixa que estava sobre a mesinha do telefone. Acendendo-o, olhou pela pequena janela saliente que tornava a biblioteca seu cômodo preferido da casa. Os galhos baixos do freixo em frente à aconchegante sala arranhavam a vidraça.

A telefonista avisou-lhe que a chamada estava sendo encaminhada.

Nick virou o que restava do martíni.

— Carne assada — disse a si mesma, embriagada.

Quando Helena surgiu na linha, Nick já se sentia entorpecida.

— Nick? — A voz de Helena lhe chegava arranhada.

— Ah — disse ela, de repente admirada de estar falando com a prima.

— É você?

— Sim, sim, sou eu.

As palavras eram difíceis. *Mas ainda amo você.*

— Como vai? Está tudo bem?

— Não, não está tudo bem — disse ela. — É que... é que de repente me bateu uma saudade de tudo. Sabe, de nossa casinha na Elm Street. E como foi quente aquele primeiro verão, lembra?

— Lembro. — Helena soava hesitante. — Nick, o que houve? Hughes está bem?

— Hughes está como sempre. Não, só estava me sentindo triste ao pensar na vida que tínhamos antes... Só isso. Daria qualquer coisa para estar de volta àquela casa agora mesmo, lavando nossas meias-calças naquele banheirinho horroroso. Lembra quando a última que eu tinha simplesmente se desintegrou, pendurada no cabide em cima da banheira? E quando voltamos e só encontramos um montinho de pó marrom? E fizemos um pequeno velório no jardim?

— Sim, lembro, sim. E colocamos para tocar a “Sonata ao Luar” em homenagem a sua meia-calça.

— Exatamente, exatamente — disse Nick, correndo a mão pelo cabelo. — Eu tinha esquecido qual era a música.

— Foi essa. E depois eu desenhei uma linha na sua perna com um lápis de sobancelha, mas saiu toda torta.

— É, e deu um trabalho danado para limpar.

Nick acendeu outro cigarro. O vento batia na vidraça.

— Querida, você andou bebendo?

— Sim, um martíni, ou talvez três. — Nick riu, mas a risada soou mais como um garfo batendo em uma xícara de lata. — Ah, querida, me desculpe. Eu só queria falar com você, falar sobre alguma coisa daquela época.

— Tem certeza de que está bem?

— Sim, sim. Agora tenho que desligar. Tchau, Helena.

— Tchau, Nick. Escreva logo.

Nick pousou o fone no gancho.

— Tchau — disse ela para a sala silenciosa e para o vento assoviando ao soprar o freixo.

Nick foi se deitar cedo aquela noite, queixando-se de dor de cabeça e chorando até adormecer enquanto Hughes tomava sopa sozinho na cozinha. Mas na noite seguinte, quando ele chegou em casa, ela estava preparada.

Pusera aquele vestido de xantungue vermelho, o mesmo que usara no 21 Club durante a guerra, e fizera o cabelo na Harvard Square. Havia preparado filés, purê de batatas e vagens apimentadas. Fizera uns martínis de vodca, e a jarra transpirava sobre o tampo de mármore do bar quando ele entrou em casa.

Ela o recebeu no hall de entrada e pegou a pasta da mão dele.

— Está se sentindo melhor? — perguntou ele, beijando-lhe a testa.

— Muito melhor. Vamos para a sala. Preparei uns drinques.

Hughes a observou; notou seu cabelo, seu vestido.

— Qual é a ocasião?

— Uma grande ocasião — disse Nick, cruzando a sala de jantar a caminho do bar, a pasta dele mais pesada que chumbo.

Sua mão tremia enquanto ela servia os martínis, teve que limpar as gotas de vodca que escorreram pelas taças. Colocou-as em uma bandeja de prata com azeitonas. Então recuou e observou as taças, admirada que algo pudesse parecer tão limpo e ser ao mesmo tempo tão venenoso.

Soltando o cabelo, pegou a bandeja e atravessou com cuidado o comprido jardim de inverno, os saltos altos de seus sapatos batendo ritmados no chão de ladrilho. Quando chegou à sala, viu Hughes sentando em sua *bergère* azul, olhando-a com expectativa.

Ela pousou a bandeja delicadamente na pequena mesa ao lado dele. Entregou-lhe uma das taças e pegou a outra para si.

— Hughes, eu decidi... — Uma pausa. — Acho que devemos ter um filho. Eu quero um filho.

Hughes pousou a taça e se levantou, envolvendo-a nos braços.

— Querida... — sussurrou ele em seu cabelo, liberando o odor acre do laquê. — É um grande dia.

— Sim.

— Eu sabia que você ia querer. Sabia que mudaria de ideia e que também iria querer um filho.

E, com isso, algo denso e puro que fazia tempos vivia dentro dela, um sonho que talvez houvesse começado no quarto de empregada da casa de sua mãe no dia em que ela se casara, pulverizou-se e dissolveu-se em seu sangue quente.

DAISY

1959: junho

Daisy sempre se lembraria daquele verão como o que encontraram o corpo. Foi também o verão em que ela fez doze anos e deu seu primeiro beijo, perto do antigo depósito de gelo, onde agora guardavam todas as bicicletas enferrujadas. Mas aquele primeiro roçar de pele com pele embotou-se diante da excitação da morte. Quando tropeçaram no corpo atrás da quadra de tênis, a princípio nem identificaram o que era. Apenas um volume grande coberto com uma manta de viagem suja, com algo que parecia uma medusa despontando por baixo.

Começara como quase todo mês de junho de que ela se lembrava. Dois dias antes de seu aniversário, a mãe enchera a caminhonete e elas fizeram a viagem de duas horas até a barca em Woods Hole. Brigaram para ver quem escolhia a estação de rádio. A mãe disse que a banda The Clovers não era ruim, porque eles faziam música de verdade. Mas, explicou a Daisy, ela não conseguia entender por que as músicas pareciam ter perdido a poesia. E ela odiava as gírias que usavam. Daisy riu consigo mesma.

Na barca, sua mãe lhe comprou um café, com bastante leite. A mãe sempre tomava o seu puro, amargo. *As mocinhas devem aprender a tomar café, mas nervosismo não fica bem.*

— Só uma gota — disse ela ao homem de boné branco ao balcão de aço.

Ele lançou um olhar esquisito para a mãe dela, mas fez o que ela pedira, como os homens pareciam fazer sempre.

Daisy várias vezes se perguntava que poder invisível era aquele que a mãe tinha, que despertava a obediência nos homens. Daisy também acatava suas ordens. Mas isso porque a mãe era meio maluca, e ela sabia que não deveria contrariá-la, a menos que quisesse levar uma boa bronca. No entanto, os homens não iam levar bronca, não de verdade. Além do mais, eles sempre ficavam meio apatetados na presença dela, não como se tivessem medo, mas

como se aquilo que ela estava pedindo fosse exatamente o que eles haviam esperado a vida inteira para fazer.

Daisy perguntou à mãe sobre isso uma vez. Ou melhor, perguntou à mãe se ela era bonita, porque tinha a vaga noção de que qualquer que fosse o poder dela, tal poder tinha alguma relação com sua aparência.

— Ser bonita na verdade nem é assim tão importante — respondera a mãe. — Os homens gostam quando você tem *algo mais*.

Ela sorriu para Daisy ao lhe transmitir essa informação. Um sorriso inclusivo, que fez Daisy ficar quieta. Mas, no íntimo, Daisy se perguntou que outras mulheres tinham *algo mais* e onde podiam ter conseguido aquilo. Pensou nas estrelas de cinema que admirava, mas sua mãe não era muito parecida com Audrey Hepburn ou Natalie Wood, nem sequer era exatamente bonita, então talvez aquilo não fosse realmente o *algo mais*. Se bem que Daisy tampouco era muito parecida com a mãe. Era loura e de olhos azuis, como o pai.

Para comemorar seus doze anos, a mãe a levava ao Nickelodeon, na Harvard Square, para ver ...*E o vento levou*. Quando a linda Vivien Leigh, seus olhos verdes faiscando, disse a Mammy que não iria tomar o café da manhã, sua mãe inclinou-se mais para perto dela.

— Ela enlouqueceu durante as filmagens — murmurou-lhe ao ouvido. — E dá para ver nos olhos dela. Dá para vê-la desmoronando.

Daisy achou que também via isso. Mas o que realmente pensou depois foi que sua mãe tinha aqueles mesmos olhos, e se perguntou se a mãe estaria enlouquecendo de verdade, como a doida da Vivien Leigh. Talvez fosse isso o *algo mais*. Não era lá muito bom, concluiu.

* * *

Chegaram à Tiger House no fim da tarde. O carro estava quente e grudento e o café deixara Daisy com um buraco no estômago. A casa de tábuas de cedro, prateada devido à agressão constante das tempestades marinhas, erguia-se em um terreno que abarcava a extensão de duas ruas, o que sempre espantara

Daisy. O acesso era pela North Summer Street, uma entrada para carros que serpenteava em meio a um punhado de outros chalés até desembocar no gramado dos fundos da casa.

A fachada era dominada por uma varanda de dois andares com colunas que dava vista para a North Water. Do outro lado da rua, um gramado descia para a pequena casa de barcos e o cais flutuante.

A bisavó de Daisy na verdade quisera um “bangalô”, uma daquelas casas simples de madeira que o pessoal de fora da Ilha construía para veraneio. Mas a necessidade de cozinhas interna e externa, para a estação quente e a fria, depois um jardim de inverno, para ter claridade, e ainda mais alguns quartos para hóspedes de fim de semana fez a planta original da casa crescer para trás até que o que fora concebido como um chalé quadrado tomou quase todo o terreno dos fundos. O nome foi dado pelo bisavô de Daisy, um admirador do primeiro presidente Roosevelt e ávido caçador de animais de grande porte, com uma paixão especial por tigres. Um grande tapete de pele de tigre, com cabeça e tudo, ocupava o lugar de honra na sala verde.

Ao estacionar na entrada para carros e desligar o motor, a mãe de Daisy deixou escapar um grande suspiro, olhando para as lúgubres rosas-chá no chalé de tia Helena, bem ao lado. Tia Helena e tio Avery o haviam alugado naquele verão, o que significava que todos teriam que ficar na casa principal.

— Ela podia pelo menos ter arranjado uma gente que não pendurasse a roupa no quintal — reclamou a mãe, naquela voz que significava que estava falando para si mesma.

Retórica, dizia sua mãe. Significa que ninguém está interessado em discursos.

Daisy pensara que seria divertido, todo mundo junto; a mãe, a tia e Ed. E seu pai, claro, quando viesse de suas viagens à cidade. Mas a mãe dela não tinha a mesma opinião. Tio Avery precisava de dinheiro para a coleção dele, ela sabia. Alguma coisa a ver com cinema, não sabia exatamente o quê. Quando pensava na tal coleção, Daisy imaginava uma sala enorme cheia de rolos de filme expostos atrás de vidros. Sua mãe ficara muito zangada com aquela história, e Daisy vira o pai tentando acalmá-la. Mas a mãe dissera:

— Maldita Helena e maldito marido que ela arrumou.

Só então percebera que Daisy estava parada à porta. Olhou para ela com aqueles olhos verdes, não faiscantes como os de Vivien Leigh, mas parados e frios, como duas favas. Aí bateu a porta e Daisy não conseguiu ouvir mais nada.

A mãe pegou a malinha xadrez de Daisy do porta-malas e entregou-a à filha.

— Não se esqueça de pendurar os vestidos, para não amassarem — disse, mas Daisy já saíra correndo e agora entrava pela porta dos fundos arrastando a mala, deixando a tela bater ao passar.

Estava ansiosa para subir para o quarto ver se todas as coisas que guardara no verão anterior continuavam lá. Sua coleção de gibis, a concha cor-de-rosa listrada que achara na praia e o xampu especial que implorara ao pai para comprar: PURO GLAMOUR!, SEUS CABELOS MACIOS E COM BRILHO.

Cruzou correndo o longo corredor que ligava os fundos à frente da casa, a mala prendendo toda hora na passadeira surrada. Logo antes da porta de entrada, a casa se abria com duas amplas salas, verde e azul, uma de cada lado. As grandes janelas cobertas por telas davam para a varanda da frente, e para a enseada mais além.

Ao aproximar-se da escadaria, entreviu tia Helena sentada em uma poltrona forrada de algodão xadrez na sala azul, uma expressão suave e distraída em seu rosto pálido. Daisy quase esquecera que a tia e o primo já haviam chegado. Imaginou onde Ed poderia estar escondido.

— Oi, tia Helena — gritou ela por cima do ombro ao subir os degraus pisando com força.

— Olá, querida — respondeu a tia. — Ed? Daisy e tia Nick chegaram, meu amor.

Daisy entrou bufando em seu adorado quarto, com as duas camas de metal e o papel de parede de rosetas cor-de-rosa que a haviam deixado escolher. Jogou a mala na outra cama e voou para a janela. Suspendendo a vidraça e colando o nariz na tela, aspirou o ar, impregnado de maresia, mas também doce, com o perfume da albizia que florescia bem ali em frente. Tocou as finas cortinas com babados. Depois foi para seu esconderijo secreto.

Para impedir que bisbilhoteiros — como a mãe ou o primo — mexessem em suas coisas, Daisy guardava seus tesouros embaixo de uma escrivaninha velha que, considerada grande demais para o uso diário, fora abandonada no fundo de seu closet. Empurrou os objetos para o lado a fim de despistar intrusos: uma velha toalha de praia e o enorme unicórnio de pelúcia que o pai conseguira para ela na barraca de tiro da feira de West Tisbury três verões antes. Naquele verão, ela se apaixonara pelos unicórnios, mas não conseguia derrubar as quatro garrafas necessárias para ganhar o bichinho. Gastara toda a mesada tentando, e, quando já não lhe sobrara mais nada, seu pai ficou com pena dela e deu dois dólares ao homem da barraca pelo bichinho. Ela então passou noites seguidas dormindo com o unicórnio, admirando seu chifre dourado e afagando sua crina. Mas no ano seguinte guardou-o na escrivaninha, subitamente desgostosa com aqueles olhos de plástico barato que fitavam o vazio.

Embaixo do bicho havia dez gibis da *Archie*, o esmalte e o batom, ambos de um tom claro e cintilante de cor-de-rosa, que ela comprara na loja de artigos baratos na Main Street e trouxera para casa escondidos dentro da blusa; as seis moedas de cinco centavos que ganhara varrendo a calçada no verão anterior; um par de brincos de pressão de cobre já oxidando, roubados da caixa de joias da mãe; e o retrato dos pais no dia do casamento deles. Após conferir tudo isso, colocou o unicórnio e a toalha de volta e fechou a gaveta. Quando estava saindo do closet, viu Ed parado ali, olhando.

— Olá — disse Ed.

— Ed — ofegou Daisy. — Eu só estava olhando o meu unicórnio.

— Não tem problema. Eu sei que aí é seu esconderijo.

Ed olhou para ela daquele jeito impassível que a fazia sentir-se totalmente exposta.

— O que está fazendo em meu quarto? Espionando pelos cantos, como sempre, imagino.

Ela empinou o quadril e tentou fazer um olhar inexpressivo, como o de sua mãe.

— Eu não estava espionando pelos cantos — disse Ed. — Vim falar com você.

— Se não estava espionando, como sabe do esconderijo?

— Eu sei de tudo dessa casa — disse ele, limpando uma sujeira imaginária de sob a unha do polegar.

— Ah, claro, você é mesmo incrível — disse Daisy, e bateu o pé no tapete trançado. — Você não sabe de tudo, Ed Lewis. Aposto que nem sabe onde fica a minha caixa-forte secreta.

Imediatamente arrependeu-se de ter mencionado a caixa-forte.

— Fica no alçapão em frente à adega de vinhos — disse Ed, sem tirar os olhos da unha. — Aliás, você não é a única pessoa que tem esconderijos secretos nesta casa.

— E isso quer dizer o quê?

Ed limitou-se a erguer uma sobrancelha.

Daisy estava furiosa.

— Você é mesmo um imbecil. É melhor parar de xeretar minhas coisas, Ed Lewis. Estou falando sério. Se não parar, não vou escolher você como minha dupla para o torneio.

A ameaça era verdadeira, Daisy sabia, e surtiu o efeito desejado de calar o primo. Mas ela descobriu que não conseguia ficar furiosa com ele por muito tempo. No fundo, estava feliz em vê-lo, apesar de ele ser irritante.

— Enfim — disse Daisy, trocando o peso de um pé para outro. — Vamos ao Quarterdeck ver quem está por aí. Quero dar uma conferida na minha bicicleta.

— Prefiro ir a pé — disse Ed. — De bicicleta a gente não consegue ver direito as coisas.

— Não temos mais dez anos. Não podemos simplesmente ir a pé para tudo que é lugar.

Ed ficou calado.

— Bom, então está... ótimo. — Daisy não conseguia pensar em mais nenhuma ameaça. — Mas pode sair. Vou trocar de roupa.

Quando ouviu Ed descendo as escadas, Daisy arrancou o vestido e o suéter que a mãe escolhera para ela naquela manhã e vestiu o short xadrez e uma blusa branca de algodão. Calçou o mocassim e se olhou no espelho. Sua mãe a obrigava a manter o cabelo em corte chanel — *cabelo comprido é comum* —,

mas Daisy queria mesmo era deixar o cabelo crescer para poder fazer um rabo de cavalo que balançasse na altura dos ombros.

Suas pernas ainda estavam um pouquinho brancas demais para o short, e seu cabelo louro encrespava em volta do rosto por causa do suor.

Só cavalo sua. Homem transpira, e mulher brilha.

Ela sabia que a mãe desaprovava shorts, mas Daisy achava que parecia mais velha vestida assim. De qualquer maneira, ela parecia um bebê, igualzinho ao bebê Gerber, na verdade, com aquele cabelo louro e aqueles olhões redondos, precisava apelar para qualquer coisa que ajudasse a reverter essa situação.

— Pelos sinos do inferno — murmurou para o reflexo no espelho.

No instante em que ouvira isso da boca de Scarlett O'Hara, Daisy soube que era a expressão perfeita para ela. Fazia-a sentir-se adulta. Uma marca registrada, que lhe dava o ar de uma impaciente beldade de uma fazenda do Sul.

Ao descer, Daisy ouviu o jazz de sua mãe no toca-discos. Apenas sua mãe e mais ninguém estava autorizada a encostar no aparelho. Daisy tinha um disco de Chuck Berry que comprara na loja de artigos baratos, mas estava em seu quarto, ainda fechado no embrulho.

Encontrou Ed na sala azul, olhando para fora, para o alpendre, onde Nick estava sentada com Helena. Ele se virou e levou um dedo aos lábios.

— Helena, eu não entendo por que o deixa fazer isso com você, não entendo mesmo — estava dizendo a mãe dela, afastando do rosto uma mecha de cabelo preto.

— Avery anda trabalhando muito, é só isso — retrucou tia Helena, a voz quase um suspiro. — Eu não ligo. Eu... — Ela parou, depois prosseguiu: — As coisas andam... bom, andam meio ruins ultimamente. Houve um incidente antes de irmos para cá com Bill Fox, sabe, o produtor. Foi culpa minha, na verdade.

Daisy queria ouvir mais sobre o incidente, mas sua mãe pelo visto não se interessou.

— Ele é um paspalho, o seu marido — disse ela, sem se dar o trabalho de falar baixo. — Ele é um paspalho e teve sorte de conseguir você, para início de conversa.

Daisy olhou para Ed. A expressão dele era neutra, mas seus olhos ficaram sombrios, muito ligeiramente, como ficavam quando ele se concentrava em algo.

— Ah, sei lá — disse tia Helena, e, embora só pudesse ver a parte de trás de sua cabeça, Daisy sabia que ela estava prestes a cair no choro.

— Helena, isso vem se prolongando há anos.

Daisy puxou Ed pelo braço.

— Vamos — murmurou.

Bruscamente, sua mãe virou a cabeça, olhando na direção da janela, de onde eles estavam ouvindo a conversa.

— Vão a algum lugar? — perguntou ela, como se fosse a coisa mais natural do mundo eles estarem ouvindo a conversa alheia.

— Vamos ao Quarterdeck — respondeu rapidamente Daisy, indo até a porta e saindo para a varanda.

Ed a seguiu devagar.

— Ótimo. Por que não pegam cinquenta centavos na minha bolsa para comprar uns mariscos? — Como nenhum dos dois se mexeu, ela acrescentou: — Está na cozinha. — E lançou um olhar para Daisy.

Tia Helena continuou com o rosto virado para o outro lado. Tinha um copo de uísque na mão. Desde que conseguia se lembrar sua tia vivia com um copo de uísque na mão. Quando Daisy sentia o cheiro de uísque nas garrafas de cristal do bar do pai, ou no hálito quando ele lhe dava um beijo de boa-noite, uma imagem da loura e suave tia Helena surgia em sua mente. Normalmente seu pai tomava gim-tônica. Daisy sabia disso porque ele a deixava lhe preparar a bebida às vezes. Ela adorava o bar, com sua coleção de misturadores, um arco-íris de copos e taças. As belas garrafas, todas do conjunto de cristal de sua avó, cada qual com uma plaquinha de prata com o nome do destilado gravado em uma letra rebuscada. Seu pai lhe ensinara a colocar primeiro o gim, depois o gelo. *Termine com água tônica do sifão de vidro, esprema um quarto de limão em cima e depois o jogue no copo.* Daisy adorava ver o gás da água tônica subir pela segunda vez, quando o limão caía no copo.

— Vamos — disse Daisy ao primo.

— Vá, Ed — disse a mãe dela. — Faça companhia a Daisy. Sua mãe e eu precisamos pôr a conversa em dia.

Sem uma palavra, Ed virou as costas e voltou para dentro de casa. Daisy foi atrás dele pelo corredor até a cozinha de verão, que era um ambiente grande e claro, com um enorme fogão branco no qual ela não tinha permissão de tocar. Era mais clara que a minúscula cozinha de inverno, que havia muito fora transformada em depósito para roupa de cama, mesa e banho. Saindo da cozinha e cruzando o corredor chegava-se ao jardim de inverno, que dava vista para a entrada para carros e o gramado dos fundos, ladeado pelas hortênsias azuis de sua falecida avó. (A mãe de Daisy lhe explicara que o azul era raro e que sua avó cobrira as flores com grãos de café para conseguir aquela cor.)

— Nem acredito que ela não falou nada sobre meu short — disse Daisy, pegando a carteira da bolsa da mãe.

— Quem se importa com seu short? — disse Ed.

— Hum — fez Daisy, constrangida. E começou a cantarolar “Rockin’ Robin”. — Vamos lá?

Ed limitou-se a olhar para ela. Os olhos dele lembravam-lhe a pele prateada dos peixinhos que eram vendidos na loja de artigos para pescaria.

— Puxa. — Ela esfregou os sapatos no rodapé da bancada. — Tenho certeza de que não é nada muito ruim. As pessoas falam assim o tempo todo.

— Quem fala assim o tempo todo?

— Ah, no cinema. — Ela olhou bem dentro dos olhos de Ed e se perguntou se ele também era maluco. — Enfim, a questão é que não deve ser nada de mais.

As pessoas vão sempre falar. As damas não devem dar ouvidos.

— Você não sabe de nada — disse Ed. — Pelo menos não sobre Hollywood. As coisas lá são diferentes.

— Bom, não vamos pensar nisso. Vamos ao Quarterdeck, e podemos deixar para lá as bicicletas e ir andando se você quiser, devagar, até chegarmos lá.

No Quarterdeck, enquanto entardecia, a garotada andava de um lado para o outro, rindo e comendo cachorro-quente embrulhado em papel-manteiga e mariscos fritos que vinham em caixinhas listradas. Era só uma barraca, com um

telhado sobre a cozinha e um balcão para os pedidos, mas sempre se encontrava algum conhecido ali. Havia dezenas de bicicletas encostadas na lateral da barraca, e, no muro de pedra do outro lado da rua, grupos de crianças e adolescentes conversavam sentados, de olho uns nos outros.

— Eu compro os mariscos — disse Daisy, as moedas quentes em sua mão. — Vá arranjar um lugar para a gente.

Daisy fez seu pedido ao garoto com o rosto repleto de acne e em seguida virou-se, apoiando as costas no balcão, para ter uma visão melhor de quem estava por ali. Olhando para Ed em meio aos outros garotos, ela sentiu um pequeno aperto no estômago. Não que ele fosse mesmo um chato. Na verdade, vários dos garotos o achavam misterioso, interessante até, porque ele vinha de Hollywood e usava aquele macacão jeans muito bem-passado e aqueles Ray-Ban. Ele era muito diferente, só isso. O jeito como ele olhava para as pessoas — parecia mãe dela avaliando os melões no supermercado. A maioria das pessoas nem notava. As que notavam, ficavam longe dele. Isso não assustava Daisy, apenas a entristecia e a deixava um pouco incomodada.

Quando seu pedido chegou, ela foi até Ed, que estava de pé junto à mureta, e se ajoitou ao lado dele. Pegou um marisco grande e meteu-o na boca, sentindo a massa gordurosa se quebrar na barriga macia do bicho. Daisy podia sentir o cheiro dos barcos de pesca ancorados atrás do Quarterdeck, e sentiu a brisa passar por seu cabelo, arrepiando a penugem da nuca. Teve a impressão de que o verão chegava bem naquele momento, com sua misteriosa mistura de sal, carne fria e combustível.

Ela viu um menino alto, louro e magro conversando com Peaches Montgomery.

— Quem é aquele cara? — perguntou Daisy, cutucando Ed.

O cabelo espetado do menino lhe lembrava algas marinhas, e ela imaginou que ele devia ter o cheiro da parte interna de seu quepe de montaria: ao mesmo tempo doce e salgado, e recendendo a couro.

— Tyler Pierce — disse Ed. — Ele tem quatorze anos, caso você esteja se perguntando. Imagino que esteja.

— De onde você o conhece? — perguntou Daisy, ignorando a provocação de Ed.

— Encontrei Peaches por acaso quando estava andando pela cidade hoje à tarde, antes de você chegar.

— Sim, e...?

— Ela estava falando sobre ele.

Daisy olhou para o primo, mas ele parou por aí. Em vez de continuar a história, pegou cuidadosamente um marisco da caixa e começou a examiná-lo.

— Pelos sinos do inferno, Ed. Você é mais devagar que tartaruga. O que foi que ela disse?

— Não prestei muita atenção — respondeu Ed, esmigalhando a massa do marisco na mão. — Ela e Tyler moram na mesma cidade, eu acho. E a família dele acabou de comprar uma casa em South Summer.

Enquanto observava Ed enterrar a unha no petisco empanado, Daisy considerou aquela informação. Olhou novamente para o garoto e desejou ter um rabo de cavalo. Peaches tinha um rabo de cavalo, cor de caramelo. Balançava de um ombro ao outro quando ela atravessava a quadra de tênis.

Peaches Montgomery era um verdadeiro desperdício de espaço na Terra, na opinião de Daisy. Sempre produzida e fazendo questão de se mostrar, andando toda afetada. Seu nome verdadeiro era Penelope, mas ela dizia que ganhara esse apelido — *Peaches*: Pêssegos — por causa da textura de sua pele. *Como pêssego com creme, meu pai sempre dizia*. Daisy não acreditara nisso nem por um segundo. Mas os garotos mais velhos gostavam de Peaches. Até os professores de tênis achavam graça nela. Peaches tinha *algo mais*, pelo visto.

Ela pegou Daisy observando-a e estreitou seus olhinhos puxados. *Olhos amendoados, como diz meu pai*. Peaches foi saltitando até eles.

— Oi, Daisy — saudou a menina, jogando o rabo de cavalo do ombro esquerdo para o direito. — Oi, Ed.

Ela atirou o cumprimento com desdém na direção de Ed, sem realmente olhar para ele.

— Oi, Peaches — disse Daisy.

— Você acabou de chegar?

— Aham — respondeu Daisy.

— Ouvi dizer que vocês todos vão ter que ficar na sua casa este verão — disse Peaches, ainda sem olhar para Ed. — Vai ficar lotado, aquilo lá.

— Vai — concordou Daisy, metendo um marisco na boca de má vontade.
— Você vai jogar tênis este ano?

— Claro que vou. Meu pai se dedicou o inverno inteiro a treinar comigo.
Você sabe como ele é.

— Sei — disse Daisy.

Ela pulou da mureta e fez o que pôde para jogar por cima do ombro o minguado cabelo que tinha.

Ed se limitou a olhar para Peaches. Peaches olhou-o de soslaio, quase uma careta, na verdade, antes de se encaminhar devagar para o grupo de garotos que a chamava.

— Peaches engordou — disse Daisy. — Aposto que vou ganhar dela no torneio este ano.

— Tem homem que gosta — disse Ed.

— E daí? — *Tem homem que gosta.* Era a primeira vez que ela ouvia isso. — Se ela tiver que arrastar esse traseiro gordo pela quadra de tênis, vou conseguir correr em círculos em volta dela.

— Aposto que você ganha dela — disse Ed, impassível.

— Obrigada.

A noite parada os envolvia à medida que eles subiam a Simpson Lane. Era uma via sem calçadas, só com as moitas floridas que se esticavam por cima das cercas brancas e se debruçavam ao longo do caminho de terra. Estava silencioso ali àquela hora do dia, sem os ricaços a caminho do iate clube para tomar seus drinques ou os marinheiros da noite a caminho do Cape Pogue com seus farnéis. Não que as outras ruas estivessem muito movimentadas, mas pareciam pertencer ao mundo real. A Simpson Lane poderia ser uma estrada do interior levando a lugar nenhum. Era uma estrada de verão.

Daisy pegou distraidamente uma peônia cor-de-rosa e começou a arrancar as pétalas. Seu pensamento girava em torno de Peaches e o campeonato de tênis, em torno do garoto louro.

— Ela não gosta de você, sabe? — disse Daisy, erguendo os olhos para Ed. Ele caminhava a seu lado, observando as janelas acesas das casas pelas quais passavam. — Peaches, quero dizer. Ela tem calafrios só de chegar perto de você.

Ed parecia estar em transe, sem ouvir.

— Sobre o que vocês falaram hoje à tarde, afinal? — Daisy olhava para ele de um jeito mais intenso agora. — Afinal, ela praticamente ignora qualquer garoto que não tenha pelo menos quatorze anos.

— Nada de mais — disse Ed, baixinho.

O zunido dos grilos aumentou, e uma buzina de nevoeiro soou perto da enseada.

— Você não falou nada com ela — disse Daisy após um momento.

Ed continuou olhando para as casas.

— Então como soube daquilo tudo?

Finalmente, ele parou e se virou lentamente para Daisy.

— Você a estava espionando — afirmou ela.

— Eu não chamaria de espionar — disse Ed, seus olhos prateados observando-a com atenção. — Estou me educando.

* * *

Daisy acordou no meio da noite. Achou que talvez tivesse sido a lua, criando aquele reflexo muito claro ao largo da enseada. Mas então ouviu a voz de Billie Holiday vindo lá de baixo. Desceu devagarinho, de camisola e descalça, e viu a mãe e tia Helena iluminadas por uma luz de velas no alpendre. Estavam só de combinação, as alças de seda esticadas sobre seus ombros arredondados.

Sua mãe estava inclinada na direção de tia Helena, escutando com uma expressão atenta a voz suave da prima, uma garrafa de gim a seus pés. Daisy aproximou-se da janela.

— Não sei — dizia tia Helena. — Talvez eu simplesmente não sirva como mãe. Ou tenha deixado que ele passasse muito tempo com Avery, sei lá. Eu me sinto exausta, Nick. Exausta mesmo.

— Nossos filhos — disse a mãe dela, baixinho. — Quem diria que eles seriam tão diferentes de nós? Ou vai ver era o que queríamos. Eu olho para Daisy, tão loura, igualzinha ao pai. Às vezes... bem, é estranho dizer isso, mas às vezes sou dura com ela porque me sinto uma estranha naquela casa dos bons, louros, bem-aventurados. O que faz de mim o diabo, imagino.

— Essa é a Nick que eu conheço. — Tia Helena riu. — Nossa, eu bem que gostaria de ter mais do diabo em mim. E menos dos bons e louros. Embora eu ache que uma parte de mim está desaparecendo pouco a pouco.

— E está sendo substituída pelo quê? — Ela cutucou a prima no ombro.

— Outros homens?

— Você não teria coragem.

— Ah, só você pode, não é mesmo?

Sua mãe olhou para Helena e depois deu um gole no copo de geleia, trincando o gelo com os dentes.

— Você se lembra daquela gorda horrorosa que morava ao lado de nossa casa na Elm Street? A que estava com um marinheiro diferente a cada noite?

Helena ficou calada por um instante, depois disse:

— Loretta. Qual era o sobrenome dela?

— Ela foi uma fábula de advertência moral, se é que já existiu uma — disse, rindo, sua mãe.

— E o soldado magrinho, o das marcas de varíola que uivava feito um lobo em frente à janela dela?

Nick bufou.

— Pare — disse. — Não vou me aguentar, e vamos acabar acordando nossos bons filhinhos.

— A gente não presta — disse Helena, desatando em uma risada abafada.

Daisy estava prendendo a respiração havia tanto tempo que achou que sua caixa torácica fosse explodir. Mas estava hipnotizada. Era como se sua mãe e sua tia tivessem sido raptadas por duendes e substituídas por alguma espécie de fada. As duas lhe pareciam muito lindas, e muito diferentes, o movimento de suas cabeças e suas mãos na claridade baixa lançando graciosas sombras curvas no alpendre de madeira. Elas poderiam ter dito qualquer coisa que Daisy teria adorado. Só a entonação da voz delas, o cheiro da mistura dos seus perfumes acariciando o ar, eram como uma canção de amor. Ela queria estar com elas ali na varanda, embaixo da lua reluzente, mastigando gelo e deixando uma alça escorregar do ombro. Queria fazer parte daquele mundo encantado que elas pareciam ter criado com lampiões, música e risadas. Então, por alguma razão,

elas se confundiram com a imagem do garoto Tyler e o cheiro de combustível de barco que Daisy sentira perto do Quarterdeck.

Girando lentamente na ponta dos pés para não fazer qualquer barulho no chão de madeira polida, Daisy subiu em silêncio para o quarto.

1959: julho

I

O programa de tênis começara havia apenas duas semanas, e julho ainda não imprimira todo o peso do verão à ilha, quando Ed parou de comparecer às aulas com a prima. Ele saía de casa com Daisy todas as manhãs às oito, e os dois caminhavam juntos até o Tênis Clube. Mas ela só tornava a vê-lo ao meio-dia, quando ele reaparecia para buscá-la, e então voltavam juntos para o almoço na Tiger House.

Ele não dizia aonde ia nem o que fazia durante aquelas horas em que Daisy corria pela quadra de saibro quente exercitando seu *backhand*. E não adiantava perguntar. Ele diria “nada de mais” ou simplesmente ficaria calado.

Daisy tinha sentimentos conflitantes em relação aos sumiços de Ed. Por um lado, não ligava muito. A única coisa que ocupava sua mente durante aquelas manhãs era a ideia de vencer o torneio individual no fim da temporada. Enquanto torrava sob o sol quente do verão do Leste, à medida que suas coxas ardiam e seus braços endureciam como a pulseira de corda encerada que apertava seu pulso, Daisy se concentrava exclusivamente em fazer a adversária chorar no treino, em desenvolver uma bola curta indetectável, um voleio invisível, um passo mais seguro, em mover a raquete junto ao peito como um metrônomo. *Tique-taque, tique-taque, como um eficiente relóginho*. Em tentar atingir todas as vezes o que chamavam ponto doce da raquete. E não ter o primo ali era só uma distração a menos.

Mas a ausência dele era também um problema. Eles sempre jogavam juntos no torneio de duplas do fim do verão. Ed não era muito bom, mas Daisy era boa o suficiente para compensar as fraquezas dele, e, embora o torneio de duplas fosse quase uma piada, era preciso jogá-lo para se habilitar para o

individual. Trabalho em equipe é trabalho de Deus, ou ao menos era o que aquela uva-passa enrugada da Sra. Coolridge sempre dizia em seu sermão a cada início de temporada. Normalmente, Ed temia deixar de participar do torneio de duplas, porque isso significava um rebaixamento automático no ano seguinte. Mas esse verão ele não parecia estar se importando. Para Daisy, não ter Ed por perto significava que, dessa vez, ela teria que puxar o saco de outra pessoa para encontrar um parceiro.

Dada sua habilidade, Peaches seria a escolha natural, mas Daisy não queria abrir mão da chance de vencê-la duas vezes. Além do mais, ela sabia que Trinny, a magricela loura que vivia atrás de Peaches, iria lhe arrancar os olhos caso ela ousasse tentar assediar Peaches para ser sua dupla. Mesmo assim, Daisy não podia deixar de imaginar jogar com ela. Peaches cruzando a quadra com aquele seu golpe pesado e regular, o rabo de cavalo balançando, e Daisy avançando para a área de saque para mandar a bola para o campo adversário, invisível como uma minúscula vespa em um vestido de piquê. (A imagem se desvaneceu instantaneamente no minuto em que ela viu Peaches em pessoa de novo: tudo que ela realmente quis fazer então foi arrancar-lhe os olhinhos puxados da cara com um duro *backhand*.)

A única outra jogadora que não era uma completa pateta era a garota nova, Anita. Fazia já alguns dias que Daisy vinha colocando-a mentalmente à prova quando decidiu abordá-la. Entre os pontos negativos da menina estava o fato de ela ter orelhas furadas; não que Daisy tivesse realmente alguma coisa contra isso, mas não podia deixar de se lembrar dos comentários da mãe sobre a garçonete portuguesa do Iate Clube que aparentemente saía com rapazes demais.

Boas moças não furam a orelha.

E Anita parecia meio *beat*, com aquele cabelo preto muito liso e uma franja no meio da testa. Mas conseguia rebater um *backhand* suave da direita da área do mata-burro, e, para Daisy, isso tinha muito mais peso do que orelhas furadas e o fato de ela talvez tocar bongô.

A intenção era fazer a proposta a Anita durante o intervalo da manhã, quando todo mundo ia para o alpendre aproveitar a sombra. Mas, quando estava se dirigindo para o extenso gramado, viu sua mãe jogando uma partida

com tia Helena, que estava vermelha como um pimentão devido ao esforço. Sua mãe movia-se tranquilamente pela quadra, deixando pequenas nuvens de saibro em seu rastro. Tinha a pele bronzeada, e o cabelo, normalmente preto e lúcido, ganhara mechas cor de mel por causa do sol. No entanto o que mais impressionou Daisy foi a forma desapaixonada com que jogava. Parecia não ter nem um pouco do impulso que levava Daisy para trás e para a frente, da linha de base para a rede, seu corpo não parecia zumbir com o tipo de energia que a fazia ter vontade de saltar de dentro da própria pele. Daisy não conseguia imaginar como sua mãe podia segurar a raquete tão de leve, como se não fosse uma arma; como podia olhar para o adversário como outra pessoa que não o inimigo. Ela simplesmente parecia realizar os movimentos, que eram perfeitos.

Daisy viu Tyler Pierce sentado na arquibancada. O rapaz, cujo cabelo espetado vinha perseguindo-a em seus sonhos, acompanhava o jogo aparentemente com grande interesse. Ela pensou em ir falar com ele, dizer-lhe que aquela mulher ali jogando um tênis tão despreocupado era sua mãe, mas teve medo de que depois zombassem dela por tentar dar em cima de um garoto mais velho. Com relutância, então, subiu para o alpendre e, debruçada na grade pintada de branco, ficou observando Tyler observar sua mãe.

Sua concentração foi interrompida por algo frio e molhado em seu braço. Daisy se virou e viu Anita sorrindo para ela, encostando um copo de água com limão em seu ombro.

— Oi — saudou Anita, estendendo o copo para Daisy.

— Opa — disse Daisy.

Opa é coisa de gatinha.

— Ela é *diferente*, não acha? — disse Anita, olhando para a quadra, onde a mãe e a tia de Daisy agora catavam as bolas pelo chão.

— Quem? — perguntou Daisy, confusa com a aparição súbita de Anita e o choque do copo gelado em sua pele.

— A de cabelo escuro.

— É minha mãe — esclareceu Daisy, apertando os olhos com desconfiança para Anita, mas pegando a água com limão assim mesmo.

— Sério? Vocês não se parecem em nada.

— Eu sei — disse Daisy, sentindo-se irritada e invadida. Anita estava tão perto que seus ombros se tocavam. — Eu sou parecida com meu pai.

— Ah. — Anita deu um gole no próprio copo, também já suado. — Bom, tenho certeza de que ele também é bonito.

— Não sei, não — disse Daisy, trocando de pé.

Daisy tinha que admitir que a franja de Anita, caindo na testa, tinha algo de glamouroso, fazendo um estilo antigo. Como a fotografia daquela atriz de cinema de 1920 que ela encontrara em um dos álbuns de recortes da mãe.

— Olha, já faz um tempinho que eu quero perguntar isso a você: quer ser minha parceira no torneio de duplas?

— Claro — respondeu Anita, como se não fosse nada.

— Vamos ter que treinar muito — disse Daisy com severidade. De repente ficou bem irritada com Anita por ter aceitado o convite de forma tão tranquila. — Tipo, todo dia.

— Já estamos treinando todo dia. Mas, claro, por que não? Posso ir na sua casa? — perguntou Anita.

— Acho que sim — disse Daisy, pega desprevenida; ela não sabia se queria Anita perambulando por sua casa. Ficou se perguntando o que a mãe diria. — Temos que voltar. O intervalo acabou.

— Eu alcanço você — disse Anita, ainda olhando para a mãe dela.

Na volta, ao passar pelo gramado, Daisy viu sua mãe acenando-lhe da quadra.

— Oi, Daisy.

— Oi, mãe.

Sentia a raquete em sua mão como uma arma adormecida, e mais uma vez ficou pensando sobre o jogo perfeito da mãe.

* * *

A semana ia passando, e Daisy propositalmente ficava para trás ao fim dos treinos para não ter que chamar Anita para ir a sua casa. Ela estava encostada no alambrado que separava a quadra 7 dos caminhos cobertos de mato e dos

alagados que levavam ao Lago de Gelo, quando seu primo chacoalhou a cerca atrás de sua cabeça.

— Como está indo esse seu *backhand*? — perguntou Ed, imitando a fala entrecortada da Sra. Coolridge.

— Pelos sinos do inferno, Ed, o que você está fazendo aqui? — disse Daisy, virando-se para ele e agarrando a cerca. Ed era bem mais alto, e ela teve que virar-se em direção ao sol para fitá-lo nos olhos. — Se a Sra. Coolridge pega você aí, está morto.

— Não vai me acompanhar até em casa?

Ele vestia o traje de tênis, ainda impecável, a não ser pelos sapatos, que estavam enlameados e rotos. Seu cabelo louro estava cor de trigo desbotado.

— Você parece um bebê — disse Daisy. — Por que simplesmente não diz a sua mãe que não quer jogar?

— Porque eu não quero ter que passar a manhã com ela — disse Ed, sem nem um pingo de emoção na voz. — Venha, vamos dar uma volta. Descobri um caminho para o lago, um que ninguém conhece.

— Estou com fome. Vamos voltar para casa. Minha mãe está fazendo ovos mimosos.

— Roubei dois cigarros — disse Ed. — De Tyler Pierce, aliás.

Daisy se imaginou fumando um cigarro com Tyler Pierce atrás do antigo depósito de gelo que havia no quintal, a mão dele em seu curto cabelo louro.

— Tudo bem, mas tem que ser rápido. Estou morrendo de fome.

— Só os chineses morrem de fome — disse Ed.

— Pelos sinos do inferno!

— Você devia parar de falar isso — disse Ed. — Não é nada adulto.

— Como se você soubesse alguma coisa sobre ser adulto — rebateu Daisy, abrindo a portinhola da cerca para se juntar a Ed. — Vamos, depressa.

Quando se viram protegidos pela relva alta e pelos carvalhos antigos da exuberante área da reserva Sheriff's Meadow, Daisy diminuiu o passo. Agora Ed a conduzia, e ela notou que as misteriosas atividades que ocupavam as manhãs dele haviam bronzeado sua nuca.

— Temos que pegar a esquerda depois do barracão — disse Ed, puxando-a pela mão e avançando em meio à vegetação rasteira.

— Não tem nada atrás do barracão — disse ela, irritada e só pensando no almoço. — Não quero encher meus sapatos de lama me enfiando no brejo. Além do mais, lá atrás é cheio de mosquito.

— Não, tem um caminho que eu descobri — explicou Ed. — Vai dar em uma antiga cabana. Podemos fumar lá.

— Pensei que você achasse cigarro nojento — disse Daisy. — Aliás, como você roubou esses dois do Tyler?

— Da sacola de tênis dele. E eu peguei para você.

— Você tem que prometer fumar comigo, senão vou para casa agora mesmo.

Daisy parou de andar: seu vestido de tênis agarrara em um arbusto de framboesas.

— É por aqui — disse Ed, cuidadosamente soltando do espinho o tecido do vestido dela.

Eles haviam chegado ao abrigo em ruínas que fazia parte da administração de um antigo acampamento, agora desativado, junto ao Lago de Gelo. Ao saírem do caminho já bem batido, passaram por um marco de pedra tomado por líquen. Daisy teria parado e arrancado um pedaço se Ed não continuasse segurando seu braço com força. Ele atravessou uma moita, puxando-a atrás de si. Normalmente ela o teria mandado parar de arrastá-la daquele jeito, mas Daisy queria saber o que ele andava aprontando em suas manhãs secretas. E ela gostava dele assim, quando estava determinado e tinha coisas para lhe mostrar, em vez de viver no mundo da lua olhando para as pessoas e fazendo-as se sentirem constrangidas.

Eles desembocaram em um pequeno caminho sinuoso, cercado dos dois lados por uma alta sebe silvestre. O ar estava parado e calmo, e só o barulho dos grilos cricrilando no calor interrompia o chiado de seus passos na relva encharcada.

— Pelos sinos do inferno — disse Daisy antes que pudesse se conter. — Ed, como você encontrou esse caminho?

— Andando, ora — respondeu ele, mas com uma leve inflexão de satisfação na voz. — Sabia que você ia gostar. Sabia que entenderia — acrescentou, olhando para ela intensamente.

— Vamos chegar a alguma clareira? — perguntou ela.

— Mais à frente.

— Então vamos fumar os cigarros aqui — disse ela, pondo a mão no braço dele, sentindo seu músculo frágil.

— Só mais um pouco — disse ele. — O abrigo fica logo ali na curva.

Na curva seguinte, erguia-se um carvalho velho e podre, as raízes vindo à tona como um nadador sem fôlego. Daisy encostou-se na casca ressecada da árvore e deslizou até o chão, sentando em uma das raízes para descansar.

— Cansei. Vamos fumar aqui mesmo. Espero que você tenha trazido fósforos — disse ela.

Ed entregou-lhe um cigarro e sacou uma caixa de fósforos gravada com as palavras “the Hideaway”. Ela pôs o cigarro na boca e sentiu o fumo seco grudar nos lábios. Ed acendeu o fósforo cuidadosamente e então aproximou-o devagar da ponta do cigarro dela. Não acendeu.

— Você tem que puxar o ar enquanto eu encosto o fósforo — disse ele.

Daisy obedeceu e observou a ponta chiar, e em seguida começar a brilhar.

— Dói — disse. Ela tentou tragar, como vira as garotas fazerem na Harvard Square, tragadas curtas e rápidas, seguidas de um fluxo cinza-azulado que saía uniformemente de seus lábios vermelhos. Mas não conseguia pegar o jeito da coisa. Enfim: aquilo era amargo e a deixou ligeiramente enjoada, como se tivesse tomado café demais. — Acho que não consigo terminar.

Ed olhava para o caminho.

Daisy apagou o cigarro na raiz do carvalho e ficou ali sentada sentindo-se estranha, e também meio triste por causa de Tyler. Talvez pudesse fingir que gostava de fumar se ele lhe perguntasse. Começou a chutar a relva que crescia em volta da árvore até perceber que estava manchando o sapato. Mais além, depois da relva, viu o que parecia ser uma pequena clareira.

— E o tal abrigo, onde fica?

— Ali — disse Ed. — Quer ir lá ver?

— Quero, mas depois quero ir para casa comer ovos mimosos.

Ed foi na frente, passando por alguns arbustos de madressilvas, em direção à clareira. Mais para o lado havia um barracão de madeira, deformado pelo peso do ar úmido e da própria madeira em decomposição. Parecia um abrigo

de ponto de ônibus, uma construção sem fachada e com um teto inclinado, parcialmente oculto do ponto em que estavam.

— Assustador — disse Daisy. — É aqui que você passa a manhã inteira?

— Às vezes. — O tom dele era de reserva.

Daisy deu a volta para olhar o abrigo de frente. O interior era até bem comprido, e nos buraquinhos das paredes estavam espetados ramos de framboesa e lixo velho — garrafas de cerveja e papéis de bala.

Nos fundos, Daisy viu o que parecia uma manta xadrez simples.

— Tem uma toalha de piquenique ou seja lá o que for ali — disse ela, chutando terra naquela direção.

Ed veio colocar-se a seu lado e observou o abrigo de olhos franzidos.

— Alguém anda fazendo piquenique em seu esconderijo.

Ed manteve-se calado.

Daisy foi na direção do abrigo até estar sob o teto, olhando para a manta. Parecia cobrir um grande volume, e estava manchada de algo que lembrava calda de chocolate. Então ela viu a água-viva, os tentáculos saindo de uma ponta comida por traça e esmagados contra a parede dos fundos.

— Tem alguma coisa embaixo da manta — disse ela, o coração começando a acelerar. — Talvez alguém dormindo.

Inexplicavelmente, Daisy de repente se lembrou do homem parecido com Walt Disney que esfregara as partes íntimas quando ela passara por ele em frente ao banheiro feminino da loja Bonwit Teller, a boca formando um O perfeito, como um peixe. Ela não mencionara o incidente para a mãe, não contara que ele grunhira e molhara as calças bem na frente de um banheiro, a manchinha escura brotando no tecido. Em vez disso, passara cinco minutos acariciando o sapato-boneca vermelho na seção de calçados, até que sua mãe cedera e o comprara para ela.

— Duvido que tenha alguém dormindo aqui — disse Ed, entrando no abrigo no momento em que Daisy começava a recuar.

— É, também duvido — disse ela. — Vamos embora. Não gostei desse lugar.

Ed pegou o braço dela, apertando a pulseira de corda a ponto de machucá-la. Daisy parou. Ed deu um passo em direção ao volume coberto com a manta

xadrez, abaixou-se e esticou o braço.

— Não — disse Daisy, mas teve a sensação de estar tentando falar embaixo d'água.

Lentamente, ele levantou a manta.

* * *

Hughes e Avery foram chamados. Daisy ouviu a mãe ligar para Boston.

— Que merda, Hughes. Ela viu.

Uma pausa, e Daisy pôde ouvir um chiado fraco saindo do fone, a voz de seu pai.

— Bom, ainda não sabem direito. Andam dizendo que é a empregada de alguém. Acho que é uma das moças portuguesas.

Mais uma pausa.

— Bem, eu não vi — disse a mãe, correndo os dedos cheios de anéis pelo cabelo. — Não, não perguntei a ela. Não sei o que fazer, sinceramente. Você tem que vir aqui. Ah, Hughes? Ligue para Avery e obrigue aquele palhaço a pegar o primeiro voo para cá. Nada de desculpas. A pobre da mãe desse garoto já não sabe o que fazer com ele, e essa história com certeza só vai piorar as coisas.

* * *

Daisy foi colocada em um banho quente com sais Epsom. Sentada na tampa do vaso azul-claro, sua mãe tomava uma xícara de café e a observava na banheira. Daisy não sabia exatamente o que a mãe estava procurando, e isso a deixou desconfortável. Será que ela deveria estar chorando? Afinal, uma garota tinha morrido. Mas não sentia vontade de chorar. Queria falar com Ed sobre aquilo, mas não o via desde que entrara correndo em casa, afogueada e trêmula, atravessando os cômodos em disparada para dizer à mãe que precisava chamar a polícia.

— Cadê Ed? — perguntou Daisy finalmente.

— Não sei — respondeu a mãe, levantando-se do vaso e se ajoelhando ao lado da banheira. — Temos que lavar o seu cabelo também, meu amor.

Daisy não conseguia se lembrar da última vez que a mãe a chamara assim. Será que algum dia já a chamara de meu amor? Não sabia dizer. Mas isso a agradou, e Daisy se rendeu de bom grado quando a mãe começou a passar xampu em seu cabelo, massageando o couro cabeludo e afastando a espuma que se formava no topo de sua testa.

A mãe então abriu a torneira e delicadamente posicionou a cabeça de Daisy sob o jato de água quente, cantarolando “Dona Aranha” baixinho.

— Pronto — disse ela, estendendo uma toalha para enrolar a filha, como às vezes fazia na praia quando Daisy saía gritando da água, toda contraída de frio.

Daisy ajeitou a toalha. A mãe pousou a mão em seu ombro e olhou para ela, mas não disse nada.

— Vamos vestir o pijama — sugeriu afinal, em um tom forçadamente alegre.

— São só duas da tarde, mãe — disse Daisy.

— Ah, é. — A mãe riu. — Bom, vista o que quiser, então.

* * *

Ao descer, Daisy encontrou a mãe na cozinha de verão contemplando um frango na bancada. O sol atravessava as cortinas de bolinhas amarelas, deixando o aposento parecido com o interior de um limão luminoso.

Sua mãe estava em pé, imóvel, as mãos segurando a bancada de madeira envernizada, olhando para a ave crua como se ela pudesse se sentar e lhe dizer algo importante.

— Mãe?

Daisy se perguntou se chegara o momento. Sua mãe finalmente estava pirando como Vivien Leigh.

— Ah. — A mãe virou-se e sorriu. — Eu estava pensando em fazer frango para o jantar. Quando seu pai chegar, claro. Mas acho que não estou com fome. Você está?

— Não.

Na verdade, ela estava faminta. Não almoçara, e agora, pelo visto, também não haveria jantar.

— Talvez pudéssemos comer só uns sanduíches. Salada de ovos ou pepino?

— Salada de ovos — escolheu Daisy.

— Querida, pode fazer para a mamãe um daqueles gins-tônicas que você faz tão bem para o papai?

Ela estava na sala verde, vertendo cuidadosamente a medida exata do gim da garrafa de cristal, quando ouviu a porta dos fundos bater. Pensou que pudesse ser Ed. Mas, quando andava pelo corredor, de copo em punho, viu que sua tia tinha voltado. Daisy parou onde estava e ficou imóvel, ouvindo as vozes incorpóreas que vinham da cozinha.

Crianças têm bons ouvidos.

— Onde ele estava? — Daisy ouviu a mãe dizer.

— Eu o encontrei na sala do xerife — respondeu a tia.

— E o que ele estava fazendo lá, meu Deus?

— Parece que estava lá quando a polícia chegou, com o... o corpo, quer dizer, a moça. Por que ele não saiu correndo com Daisy, não sei. Mas ele se adiantou e contou aos policiais que tem ido lá há dias. Não tem ido às aulas de tênis, afinal. — Nesse ponto Daisy ouviu a tia parar e respirar fundo. — E a polícia o levou à delegacia para que o xerife pudesse falar com ele e descobrir se ele tinha visto alguém suspeito rondando por ali.

— Bom, e onde ele está agora? — A voz de sua mãe era exasperada.

— Ainda está lá — respondeu a tia. — Foi estranhíssimo. Ele não estava perturbado, nem ficou feliz em me ver. Estava só sentado na sala do xerife, mais calmo impossível. Bem, na verdade, quase sorria. E então ele disse: “Não se preocupe, mãe, vai dar tudo certo.” Como se tivesse acabado de resolver um problema de matemática em vez de encontrado a infeliz de uma moça estrangulada. Nem sei como dizer, Nick, mas me deu calafrios. Meu próprio filho. Uma garota morta, e ele estava sorrindo.

— É... — disse a mãe, quase em um sussurro.

— E depois o xerife disse que Ed estava ajudando a polícia, e que mais tarde ele mesmo o traria para casa. Ajudando! Como meu filho de doze anos

pode ajudar a polícia? E aí o xerife piscou para mim, e nisso eu deduzi que ele queria dizer que aquilo era coisa de homem, algo assim. Será que é isso? Sabe, será que é uma coisa de homem? Ah, meu Deus do céu. Queria tanto que Avery estivesse aqui!

— Acho que nós duas precisamos de uma bebida — disse a mãe de Daisy.
— Quando Hughes chegar, ele vai saber o que fazer.

Era a deixa para Daisy entrar na cozinha.

— Aqui está sua bebida, mamãe.

— Obrigada, querida. Você se incomoda de preparar também um uísque para sua tia?

— Ah, Daisy — disse a tia, aproximando-se dela. — Ah, minha querida. Coitadinha de você.

— Estou bem, tia Helena. — Será que as palavras dela também lhes dariam calafrios? Será que ela deveria chorar, ou desmaiar, como faziam no cinema? — Já vou trazer o seu uísque.

Ela não pegou o uísque. Em vez disso, saiu correndo de casa, com um vago propósito de ir ao gabinete do xerife exigir a liberação do primo. Embora não estivessem exatamente prendendo-o ali, não é mesmo? Ela estava se perguntando isso quando abriu o portão principal da casa e virou-se para pegar a Morse Street.

— Oi, Daisy.

Quase desmaiou quando ouviu a voz do primo atrás dela.

— Pelos sinos do inferno, Ed Lewis. Que susto me deu! De onde você surgiu?

— Eu estava escondido aqui — disse Ed calmamente —, esperando você aparecer.

Daisy pôs a mão no coração, como se pudesse desacelerar a pulsação. No entanto, nunca na vida havia ficado tão feliz em ver alguém.

— Ah, Ed. Aonde você foi?

— Eu não fui a lugar algum. Quem fugiu foi você.

— É — disse ela. — Foi aquela língua horrorosa. — A língua parecia um picolé de uva meio derretido, retorcida na espantada boca congelada e branca como cera da garota. — Mas pensei que você estivesse vindo logo atrás.

— Não, eu não estava. Fiquei lá.

Algo no tom da voz dele fez Daisy parar de ouvir o próprio sangue pulsando e olhá-lo com mais atenção.

— O que houve com seus olhos?

— Não houve nada com meus olhos.

Mas havia algo, sim. Continuavam prateados da cor de peixe, mas agora eram vivos, como os pequenos alevinos que nadavam por entre os dedos do pé dela na maré baixa. Quando isso tinha acontecido? Tentou se lembrar de como eram os olhos do primo antes de eles terem encontrado o corpo, mas não conseguiu.

— Olhe, não podemos conversar aqui — disse Daisy. — Elas estão surtando lá dentro. Meu pai está vindo, e o seu também. E eles sabem que você não tem treinado tênis.

— Eu sei.

Ed não parecia se importar.

— Bem, estamos na maior encrenca, graças a você, Ed. Está com fome?

— Não muita.

Daisy ficava exasperada com qualquer pessoa que não sentisse fome.

— Tem algum dinheiro?

— O xerife me deu dois dólares. Pela ajuda.

— Ótimo. Você pode me comprar um cheeseburger. Mas temos que ir lá pelos lados da enseada, para não nos verem.

Daisy ficou calada até devorar o cheeseburger, tomando cuidado para não deixar a gordura acumulada no papel-manteiga pingar em seu short verde. Eles sentaram-se em um banco perto da barca, longe da aglomeração de gente no Quarterdeck. Ed ainda estava em seu uniforme de tênis, mas a roupa ficara cheia de manchas, e seu cabelo louro estava espetado. Ele balançava de leve as pernas compridas, deixando os tênis arranharem o cascalho sob seus pés.

— Você contou a eles sobre os cigarros?

— Não — respondeu Ed. — Não se preocupe com isso. Eles não viram. E, se descobrirem, vão achar que foi o assassino que fumou.

O assassino. Daisy não tinha parado para pensar em como a garota ficara daquele jeito. Só sabia que era um cadáver. Quando Ed levantara a manta, ela

levara um minuto para de fato ver alguma coisa. E quando viu, teve a impressão de que seus pés tinham levado séculos para começar a se mexer. Mas, agora, recordando, Daisy entendia que, claro, outra pessoa tinha feito aquilo com a garota.

Metade do rosto da garota parecia ter desmoronado ou algo assim, com a água-viva saindo de seu cabelo escuro e cacheado. Os olhos estavam abertos e esbugalhados como os de uma rã, a língua gorda escorrendo por entre os dentes. E os seios. Sem contar a língua, foi o que mais apavorou Daisy. Ela nunca vira seios nus antes, a não ser os da mãe. Mas aqueles não eram como os de sua mãe. Havia algo de errado com eles. Faltavam pedaços, como se alguém tivesse pegado um cortador de massa de biscoito e calcado a pele, deixando impressões ovais que encaravam Daisy como olhos pegajosos. Foi nesse ponto que os pés de Daisy começaram a se mexer.

— Um assassino — disse ela, devagar. — Eles sabem quem foi?

— Não — respondeu Ed. — Mas o nome dela é Elena Nunes, encontraram a carteira de identidade embaixo do corpo. É a empregada dos Wilcox.

— E a água-viva?

Daisy ainda não conseguia conceber como aquilo fora parar lá. Será que Elena Nunes andara nadando?

— Que água-viva?

— A que estava na cabeça dela — disse Daisy. — Você sabe, na parte esmagada.

— Era o cérebro e o couro cabeludo.

— Como você sabe? — murmurou Daisy.

— Eu estava com o policial quando ele disse isso ao xerife. Ele falou: “O sujeito bateu nos miolos dela com tanta força que uma parte pulou para fora da cabeça.”

— Ele disse isso? Ele disse que pulou para fora da cabeça dela? — Daisy sentiu o estômago se revirar.

— Mas ela foi estrangulada, também. Por isso o pescoço estava preto.

Ed falava em um tom abafado, do jeito que as pessoas falam na igreja.

— Não acredito nisso. Não acredito que vimos uma pessoa assassinada, Ed.

— Pois é.

— Você acha que o assassino agora vai vir atrás de nós dois? Vai ver estamos marcados para morrer.

Daisy lera uma história assim, em que cruzes vermelhas surgiam na testa das vítimas como lava derretida.

— Não — respondeu Ed. — Acho que isso nos torna especiais.

1959: julho

II

A chegada do pai de Daisy à Tiger House foi seguida por uma aparente ordem no estado das coisas. Em vinte e quatro horas ele entrou em contato com um amigo do clube e, mexendo alguns pauzinhos, conseguiu inscrever Ed em um programa de verão para escoteiros, enquanto a mãe de Daisy voltou a cozinhar para todos da casa, preparando-se para a festa de verão que eles davam todo ano, e, de modo geral, tornou-se menos avoada. Até começou a trabalhar no jardim e a arrumar cestas de piquenique para o marido levar para a praia, e ele por sua vez se encarregou de administrar os telefonemas e visitas de amigos preocupados e vizinhos bisbilhoteiros.

Notícias correm rápido. Notícias ruins, mais rápido ainda.

Só tia Helena parecia não ser contemplada pela eficiência dos planos dele. Tio Avery não viria.

— Ele não vem, Nick — explicou o pai de Daisy. — Algum problema com aquela coleção idiota. Francamente, ele nem me pareceu muito preocupado. Disse algo estranho, que isso seria bom para a formação do caráter. Esse sujeito é mesmo uma peça.

— Desgraçado — xingou a mãe.

Tia Helena, que presenciara a conversa, mantivera-se muda.

* * *

A mãe reagiu com ceticismo quando Daisy lhe disse, quase chorando, que precisava voltar às aulas de tênis. Um único dia que ela perdesse, explicou, já a faria regredir.

— Ela está quase histérica com essa ideia — Daisy ouviu a mãe dizer ao pai no quarto, a portas fechadas. — Fico preocupada. Não pode ser natural. Afinal, por que ela iria querer voltar lá depois de tudo que aconteceu?

— Ela é muito determinada — explicou o pai de Daisy. — Quer vencer o torneio, só isso.

— Não acho saudável.

Daisy ouviu um farfalhar no quarto, como se a mãe estivesse ajeitando a roupa de cama. Ela tinha o hábito de fazer isso quando estava nervosa ou perturbada.

— Acho que as aulas vão fazê-la pensar em outra coisa — refletiu o pai. — Não vamos dar mais importância do que o necessário ao acontecimento. Não queremos que o verão dela seja estragado porque um doido resolveu esganar uma empregada.

— Como você é frio, Hughes Derringer. — A voz da mãe tinha um tom cortante. — Eu diria que isso estragou o verão de todos nós. Uma empregada mutilada foi encontrada por nossa filha.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

— Não entendi, não. Mas, pensando bem, vocês só vivem grudados, e eu é que fico de fora. Eu nem deveria me surpreender por você concordar com ela.

— Não me venha com essa de novo. Você sabe que não é verdade.

Daisy ouviu outro farfalhar.

— Odeio quando você fala assim comigo. — Sua mãe diminuía o tom de voz, e Daisy teve que colar o ouvido à porta para escutar. — Como se eu fosse um tédio.

— Você não é um tédio. É só que... você me confunde às vezes, Nick.

— Ah, agora resolvemos começar a falar a verdade?

— Podíamos tentar.

— Nesse caso, eu poderia dizer o mesmo de você.

Ela ouviu o pai suspirar e as molas da cama rangerem, como se ele tivesse afundado pesadamente no colchão.

— O que quer que eu diga? — disse ele depois de um tempo. — Quer deixá-la de fora do torneio?

— Não sei. Só quero que entremos em um consenso, só isso. — Então a mãe acrescentou: — É esse assassinato. Isso me assusta.

— Venha cá.

Daisy teve a impressão de que séculos se passaram até um dos dois voltar a falar.

— Está calor aqui dentro.

Sua mãe estava ofegante. As molas rangeram de novo.

— Espere. Não se mexa.

— Eu...

— A sua pele... — A voz do pai ficou no ar. — Posso? Quer dizer, você quer...?

— Quero.

— Nick, eu...

— Não, tudo bem. Não diga nada. — Então: — Espere, Hughes, eu ainda não me decidi. Sobre Daisy, quero dizer.

— Tudo bem, mas é melhor você decidir logo.

— Acho que não tem problema — disse a mãe, quase em um sussurro. — Você tem razão, isso não precisa estragar o verão dela. E ela está levando esse torneio muito a sério.

— Ela é uma vencedora — disse o pai.

Afogueada, Daisy foi para o quarto e estendeu o vestido de tênis na cama sobressalente, alisando um leve amassado na gola.

* * *

Ela precisava admitir que a mãe tinha razão em alguns aspectos. Às vezes, quando estava rebatendo a bola por cima da rede, a imagem do que haviam visto e o cheiro de podridão do abrigo de repente lhe vinham à mente, e ela ficava atordoada e desorientada, como na vez que tivera insolação e vomitara na piscina dos Gilchrist.

No entanto, no dia em que voltou, sentiu-se uma estrela de cinema. Todo mundo queria falar com ela sobre a moça morta. Todos se apinhavam em volta

dela no alpendre do clube, oferecendo-lhe água com limão, balas e promessas de cordas novas para a raquete em troca de sua história.

— Você soube que ela estava morta logo que a viu?

— Ela estava branca como um fantasma?

— Você desmaiou? Eu teria caído desmaiada na mesma hora.

Esse último comentário foi de Peaches, o que era típico dela, dado que a garota sempre tinha que fazer tudo girar em torno de si. Claro que Peaches se imaginaria caindo desmaiada, para ser carregada por algum garoto prestativo em um uniforme branco de tênis. Como se Peaches fosse leve o suficiente para ser carregada por alguém. Mas dessa vez ninguém prestou atenção nela. Até Tyler pareceu ficar irritado.

— Deixe Daisy contar a história dela — cortou ele.

Daisy sentiu um rubor estranho e chegou mais perto de Tyler. Dava para diferenciar o cheiro característico dele, de couro e suor, mas também de limpeza. Ela lhe lançou um olhar agradecido.

— Foi estranho — contou Daisy. — O rosto dela não estava nada normal. E a cabeça estava torcida. Ed disse que esmagaram a cabeça dela com uma pedra. Pelo menos foi o que o policial disse a ele.

O grupo emitiu um grito coletivo.

— Ed foi muito corajoso — continuou Daisy, sentindo-se leal e orgulhosa do primo. — Foi ele que levantou a manta.

— Igualzinho a um filme — disse Anita, em tom de aprovação.

— Acho que você também foi corajosa — completou Tyler.

Daisy sentiu o ar ficar preso no peito e ser expulso em um pequeno soluço.

— Se eu tivesse uma irmã mais nova, ia querer que ela fosse igual a você.

Peaches deu uma risadinha, de volta a sua antiga glória.

* * *

Anita se convidou para ir à casa de Daisy depois da aula. Daisy, ainda fuzilando Tyler e Peaches mentalmente, se viu concordando, apesar de não achar uma

boa ideia. Só esperava que seus pais estivessem na praia. E que tia Helena não agisse de forma muito esquisita.

— Acho incrível que você tenha encontrado a garota. Parece uma história de Nancy Drew.

— Pensei que você tivesse dito que parecia coisa de filme — disse Daisy, sem muita vontade de tentar ser simpática.

— São as duas coisas. E até melhor, porque é verdade.

Daisy ficou quieta.

— Era a empregada dos Wilcox — disse Anita, lançando um olhar de soslaio para Daisy.

— Eu sei — disse Daisy, irritada.

— Minha avó disse que a Sra. Wilcox demitiu a última empregada por roubo.

Daisy ficou olhando para ela. Anita tinha os cantos da boca um pouquinho repuxados para cima, uma sombra de sorriso.

— Roubo de quê?

— Não sei. Mas minha avó disse que deve ter sido culpa da Sra. Wilcox. Ela diz que uma patroa que não consegue conservar os empregados é uma má patroa.

A ideia de Elena Nunes roubando deixou Daisy desconsolada. Ela mudou de assunto:

— Você mora com sua avó?

— Não, mas eu passo o verão com ela. Minha mãe é atriz e está sempre fora no verão.

— Sua mãe é atriz?

Daisy estava começando a achar Anita muito mais interessante do que tinha imaginado.

— Aham. De teatro. Está fazendo *As bruxas de Salem* agora, no circuito alternativo à Broadway.

— Que peça é essa? — perguntou Daisy.

— É sobre o julgamento das bruxas de Salem, embora minha mãe diga que na verdade é uma peça de conteúdo político.

— Ah — fez Daisy. Elas haviam chegado ao portão da casa na North Summer Street. — Vamos entrar.

Daisy levou Anita até a cozinha de verão, que ao longo do dia ficara abafada devido ao calor. Havia uns sanduíches de mortadela na geladeira e um bilhete de sua mãe na bancada, dizendo-lhe que ela e o pai dela estavam fazendo um piquenique na praia.

— Aqui. — Daisy entregou o prato a Anita e pegou um jarro de limonada, receita especial de sua mãe. Presumivelmente, um dos sanduíches era para Ed quando ele chegasse em casa, mas ela pouco se importava. — Vamos comer na varanda.

Quando estavam passando pela sala azul, Daisy viu tia Helena dormindo na cadeira.

— Leve essas coisas para lá — orientou Daisy. — Eu já vou.

Então foi até a tia e tocou em seu ombro.

— Tia Helena?

A tia não se mexeu. Daisy a ouvia rressonar de leve, a boca mole e entreaberta. Pousado sobre o colo dela, um copo virara em sua mão, e uma mancha escura se alastrava em seu vestido azul-marinho.

— Tia Helena — chamou Daisy, um pouco mais alto dessa vez.

Sacudiu-a delicadamente.

A tia abriu os olhos e pareceu estar tentando identificar Daisy.

— Tia Helena, a senhora parece muito cansada. Não quer subir e se deitar?

Sem uma palavra, a tia se levantou trôpega da cadeira e desapareceu na direção da escada. Daisy observou-a subir, apoiando-se pesadamente no corrimão em curva.

— É minha tia — disse Daisy quando chegou à varanda. — Ela está muito cansada. Acho que é o calor.

Anita não disse nada, limitou-se a olhar para Daisy ao dar uma mordida no sanduíche.

— Por parte de mãe? — perguntou Anita, mastigando.

— É. Quer dizer, não é irmã dela. Na verdade é prima. Mas eu a chamo de tia.

— Minha mãe tem umas amigas atrizes que ela chama de irmãs. Mas eu não as chamo de tias — disse Anita.

Enquanto comia o sanduíche, Daisy se perguntava se, para quem olhasse de dentro de casa, ela e Anita pareceriam sua mãe e sua tia, glamourosas e femininas, tendo conversas adultas sobre peças em Nova York e cadáveres.

* * *

Quando Ed chegou em casa, vindo da reunião dos escoteiros, Daisy já havia mostrado a Anita seu esconderijo secreto, com os gibis da *Archie* e a concha cor-de-rosa. Até lhe mostrara o unicórnio, e Anita não tinha rido. Admirara a crina do bicho. Estavam jogando *War* no chão do quarto de Daisy quando Ed entrou, com aquele uniforme cáqui engraçado e uma bandana no pescoço. De short, as pernas dele pareciam uns caniços brancos.

— Olá — cumprimentou Ed.

— Ah, Ed — disse Daisy. — Oi.

Anita levantou-se de um pulo.

— Oi, meu nome é Anita. Você deve ser o garoto que encontrou o corpo.

Ed não disse nada, limitou-se a ficar olhando para Anita.

— Daisy me falou muito de você — insistiu Anita, sorrindo para Ed.

Não era verdade. Daisy achou aquilo bem desagradável.

— Como vai a brigada de nerds? — perguntou Daisy.

— Na verdade é bem interessante — disse Ed. — Passamos o dia no Gay Head, procurando pontas de flechas.

Ele abaixou-se e, cuidadosamente, colocou uma pequena pedra pontiaguda cinzenta ao lado do montinho de cartas de Daisy.

— É para você — disse ele, baixinho. — Eu fui o único que encontrou uma.

Daisy de repente arrependeu-se de ter sido tão implicante.

— Obrigada.

— Nossa — exclamou Anita. — Legal.

— E tive oportunidade de usar o meu canivete novo — acrescentou Ed, girando na mão o canivete suíço que o pai de Daisy lhe dera. — Cortei mudas.

— Você teve que fazer juramento à bandeira e esse tipo de coisa? — perguntou Anita. — Minha mãe diz que isso tudo é lavagem cerebral.

Ed olhou para ela com mais atenção agora.

— Não, o Sr. Reading não acredita nisso. Ele diz que é um desertor e que os Escoteiros de Massachusetts não vão sequer permitir que ele seja um verdadeiro líder, pelo menos não pelas regras deles. Seguimos os métodos tradicionais de Thomas Seton, ao estilo indígena.

— Os índios são legais — disse Anita. — Sabia que eles não acreditam em Deus?

Daisy ficou irritada ouvindo os dois tagarelando como se ela nem estivesse ali.

— Do que vocês estão falando, o Sr. Reading não acredita em Deus?

— Nem todo mundo acredita em Deus — disse Ed. — Tem muita gente em Hollywood que não acredita.

— Vocês dois são malucos — disse Daisy. — E se ele não for mesmo um líder escoteiro, você não vai ganhar nenhuma medalha de honra ao mérito.

— Isso não tem importância — rebateu Ed. — Estou aprendendo a entalhar madeira por um método ancestral e a usar meu canivete em coelhos, como os índios de Gay Head fazem. Técnicas de sobrevivência. É muito mais útil.

— Você anda matando coelhos? — Daisy estava horrorizada.

— Eles não sofrem. Primeiro torcemos o pescoço deles.

— Então vocês estrangulam mesmo os bichos? — Anita parecia fascinada.

— Bem, na verdade só deslocamos o pescoço — explicou Ed, com tranquilidade. — Você pega o bichinho e puxa o pescoço para trás. Depois, pendura ele por uma das patas traseiras e corta a cabeça, para o sangue sair todo.

Daisy de repente sentiu-se nauseada.

— Você está bem? — perguntou Anita. — Ficou tão pálida...

— Não estou me sentindo muito bem — resmungou Daisy, sentindo a mortadela lhe subir à garganta.

Ed a observava.

— Acho que vou vomitar — disse Daisy, levantando-se com a mão na boca e saindo correndo dali.

No banheiro, ela vomitou no vaso sanitário azul-claro.

* * *

Durante as duas semanas seguintes, os preparativos para a festa da mãe passaram a ocupar um espaço cada vez maior na casa. Bandeirinhas americanas cobriam a mesa de jantar, esperando serem costuradas na fita; os convites, com os dizeres “Tiger House” impressos na frente sobrepostos por um tigre indiano comprido e sinuoso, cobriam a mesa da mãe; caixotes cheios do melhor cristal haviam sido trazidos do porão e se alinhavam ao longo de toda a parede da sala verde; pedaços de papel com números de telefone, endereços e nomes, alguns deles riscados, pairavam pelo quarto como grandes partículas de pó. Sacos de feltro cheios de prataria para ser polida se empilhavam nas bancadas da cozinha de verão, enquanto as toalhas de mesa de linho da avó estavam penduradas sobre cadeiras e sofás, aguardando a atenção da governanta. E o telefone tocava sem parar. Podia ser o florista, informando que não tinha como achar peônias cor de pêssego naquela época do ano (resolveu-se por hortênsias brancas, então), ou o homem da Crane’s, avisando que os marcadores de lugar com os nomes gravados para o primeiro jantar talvez atrasassem um ou dois dias. Evitara-se o desastre por um triz, anunciara a mãe de Daisy à família, quando o homem que pintava as lanternas japonesas ligou para dizer que finalmente encontrara uma caminhonete com espaço suficiente para levar a encomenda do continente à Ilha a tempo.

A expectativa conferia certa tensão à casa, e Daisy quase esperava que os castiçais, as bandeirinhas, as colheres e os garfos se pusessem de pé e comesçassem a marchar sozinhos para seus lugares, como os brinquedos que ganham vida depois que todos já foram se deitar em *O quebra-nozes*. Sentia-se tão contagiada pela magia da festa que não se incomodava com as broncas constantes — por causa da raquete de tênis largada pelos cantos, ou para ir

comer na varanda e evitar que as migalhas atraíssem formigas para dentro de casa. Notou que até Ed colaborava, a todo momento verificando as ratoeiras deixadas na cozinha e na despensa.

E apesar de, por fim, ter perdido o torneio de duplas, decidiu perguntar à mãe se Anita podia ir à festa. Afinal, a menina não tinha culpa de não estar à altura dela.

— Pode, pode — disse a mãe, distraidamente, antes de erguer os olhos de uma de suas frenéticas listas e acrescentar: — Mas ela não pode vir para o jantar.

— Nem eu posso ir ao jantar — disse Daisy, erguendo a voz.

— É isso mesmo, não pode. — A mãe mordeu o lápis e tornou a olhar para o caderno. — Quando você tiver dezesseis anos...

Essa parte da festa era só para os amigos mais próximos dos pais dela, que chegariam às seis e jantariam com eles antes de a festa realmente começar. A refeição parecia deixar a mãe tão nervosa quanto o evento principal, embora Daisy não conseguisse entender por quê, já que ela sequer fazia a comida, apenas perturbando as mulheres do Vineyard Haven contratadas para ajudar.

— Simples — dizia sempre a mãe, ao explicar o que queria. — Simples, mas elaborado e impossível de reproduzir.

Com a final individual marcada para o dia seguinte à festa, Daisy estava treinando desesperadamente. Voltara a roer as unhas, hábito que abandonara havia anos, desde que a mãe, em um ataque de raiva, lhe aplicara Tabasco nas unhas duas vezes por dia.

Beleza é saber se comportar.

Ela até se pegara chorando ao fim de cada aula. Não sabia bem por quê, só sabia que era bom sentar e extravasar, mordendo a gola úmida de suor da blusa. No fim da semana, Daisy enfrentou Peaches durante o treino em um jogo disputado em melhor de três.

Peaches acabou com ela, num jogo rápido e fácil no qual quebrou o saque da adversária. Daisy sentia-se entorpecida e, no entanto, estranhamente seu coração batia tão acelerado que ela achou que fosse sair pela boca.

— Não foi o seu melhor — disse o Sr. Collins quando ela chegou ao prédio da sede do clube. O professor de tênis pôs então a mão no ombro de

Peaches. — Ótimo jogo, Peaches. Muito eficiente. Tudo bem, meninas, apertem as mãos.

Daisy arrancou dali e saiu porta afora, arrastando a raquete atrás de si. Nem tinha vontade de chorar, só queria estar em casa embaixo de seus lençóis fresquinhos cor de lavanda.

Ouviu alguém vindo atrás de si, mas não apertou o passo. Nem que me amarrem e me façam a tortura chinesa da água, pensou Daisy, eu aperto a mão daquela balofa.

Uma mão quente e seca tocou-lhe o braço.

— Ei — chamou Tyler. — Espere.

Daisy se virou.

— Ei, calma — disse Tyler. — Não chore.

— Não estou chorando — retrucou Daisy, e pôs-se a caminhar mais rápido.

— Tudo bem, tudo bem, você não está chorando — concordou ele. — Ei, por favor. Espere um pouquinho.

Daisy parou.

— Olhe, eu só queria dizer que acho que você foi ótima.

— Não seja idiota — disse Daisy, furiosa. — Eu perdi.

— Não era nem um jogo de verdade — insistiu ele. — Vocês só jogaram dois games. E, no final de contas, você estava maravilhosa na quadra, só cometeu uns errinhos, mais nada.

— O Sr. Collins mandou você vir atrás de mim? Porque já vou logo dizendo: me recuso a apertar a mão dela.

Tyler riu.

— Você é bem nervosinha, hein?

Daisy continuou olhando com desconfiança para ele, enfiando a ponta da raquete no cascalho.

— Ok, ok. Olhe, eu não sou espião do Collins. Achei que você levou essa história muito a sério, só isso. — Ele estendeu a mão. — Pode me dar sua raquete, ela não merece esse tipo de maus-tratos.

Daisy obedeceu, a ponta da raquete agora arranhada de tanto ser arrastada. Eles se puseram a andar.

— Você não pode levar essas coisas a sério. Afinal, você joga melhor mesmo.

— Mas foi ela que ganhou — retrucou Daisy, a voz um pouco embargada.
— Não eu. Ela é melhor.

— Não, eu estava observando você. Você é feroz na quadra.

— Não o suficiente.

— Você é mais quente, ela é mais fria, só isso — disse Tyler. — Dois estilos diferentes. Mas prefiro o seu.

Daisy mordeu o lábio, considerando o comentário. *Eu sou mais quente, ela é mais fria.*

— Não consigo acreditar que ela tenha quebrado o meu saque.

Quando viraram na Morse Street, o calor da partida começou a arrefecer e Daisy se deu conta, com uma alegria súbita e intensa, de que Tyler Pierce a estava acompanhando até em casa. A calçada de terra parecia se elevar para ir ao encontro dos pés dela, e as persianas brancas junto às tábuas de cedro da casa pareciam tão limpinhas quanto roupas recém-lavadas. Ela ainda sentia os vestígios do cheiro da madressilva nas pontas de seus tênis. Estava louca para segurar a mão dele. Não conseguia imaginar nada que pudesse ser melhor que isso.

Tyler levava a raquete dela pendurada no ombro, e ela via uma mancha de suor embaixo do braço dele. O cabelo estava molhado e penteado para trás. Ele era bonito, uma beleza feminina, com aquelas maçãs salientes e pestanas compridas. Mas era um homem de verdade, suado e bronzeado, braços fortes, carregando a raquete dela com total tranquilidade.

Daisy não pegou o atalho na North Summer que dava nos fundos da casa. Decidiu, em vez disso, ir pelo caminho mais longo, pela North Water Street, tentando pensar em algo para dizer que não tivesse a ver com jogos de tênis ou com Peaches. Ainda estava pensando quando chegaram ao portão de entrada.

— Bem... — disse Daisy, abrindo lentamente a tranca.

— Bem... — ecoou Tyler, sorrindo. Ele entregou-lhe a raquete e olhou para a casa. — Então é aqui que você mora.

— Aham — fez Daisy, olhando também, e se perguntando qual era a impressão que aquela casa passava aos olhos dele.

Ele passou a mão por sobre as rosas vermelhas que escalavam a cerca, e o movimento liberou a fragrância das robustas flores.

— É grande — comentou Tyler. — É bonita.

— Era da minha bisavó. — Daisy não conseguia pensar em absolutamente nada de interessante para dizer. Tentava desesperadamente encontrar algum assunto qualquer para falar com ele. — Antes tinha duas cozinhas. — Ela se arrependeu de imediato do comentário. Por que um garoto se interessaria por cozinhas? — Meu primo me trouxe uma ponta de flecha usada por índios de verdade, lá de Gay Head. Quer ver?

— Claro — disse Tyler. — Para dizer a verdade, estou com um pouco de sede.

— Ah. Você gosta de limonada? Minha mãe tem uma receita secreta.

— Uma receita secreta, hein? Seria ótimo.

— Vamos entrar — convidou Daisy, conduzindo-o pelo caminho da frente até a varanda. — Você pode sentar na varanda que eu levo lá.

Ela não queria que Tyler visse tia Helena roncando em sua cadeira preferida.

A casa ainda estava quieta quando ela entrou. Na cozinha, Daisy serviu às pressas a limonada, em dois copos com florzinhas azuis pintadas por toda a borda. Voltando em silêncio até a sala azul, deu uma olhada ao redor. Não havia sinal da tia. Ligou então o velho rádio, deixando-o em um volume alto o suficiente para fazer a música chegar à varanda. O som de Little Anthony cantando sobre as lágrimas em seu travesseiro tomou conta da sala. Ela abriu a porta de tela com o quadril, aliviada ao ver Tyler ainda ali, onde o deixara.

— Pronto.

Daisy entregou-lhe um dos copos. Observou-o incliná-lo ligeiramente, olhando as flores pintadas na borda, antes de beber.

Ela o estava memorizando. Sua camisa social branca tinha a insígnia do Tênis Clube bordada no peito, e gotículas de suor brotavam na testa. Os cadarços de seus tênis estavam bem amarrados, mas sem nós duplos, como se ele soubesse que não havia a possibilidade de se desatarem na hora errada. Agradou-lhe o fato de ele ter observado o desenho no copo, como se cada detalhe fosse importante.

— É boa — elogiou Tyler, pousando o copo vazio na mesa de ferro fundido entre eles. — Qual é o segredo?

— Só minha mãe sabe — respondeu Daisy. Quase acrescentou que a mãe prometera lhe contar quando ela fosse mais velha, mas se conteve. — Quer ver a ponta de flecha?

— Claro — disse ele, mas estava olhando para a rua.

— Já volto.

Daisy voou pela escada encerada até o quarto, puxou o unicórnio e começou a vasculhar sua gaveta secreta. Procurou no meio das conchas e do dinheiro amontoado no fundo, mas não encontrou. Será que tinha mesmo guardado ali? Em desespero, tentou raciocinar. O que fizera com o presente depois de recebê-lo de Ed? Anita o segurara por um instante, mas depois o devolvera. Olhou embaixo da cama e na mesa de cabeceira, então, deitando-se de bruços, vasculhou também sob o radiador embaixo da janela, mas lá só havia uma mosca morta e uma teia de aranha abandonada.

Decidiu voltar lá para baixo, temendo que Tyler desistisse dela e fosse embora se ela demorasse mais tempo procurando. Saltou os degraus de dois em dois e saiu desembestada para a varanda.

Lá, encontrou a mãe debruçada sobre Tyler e cochichando alguma coisa no ouvido dele. Ela usava um short cor de papoula por cima de um maiô tomara que caia. Seu cabelo escuro, ainda molhado da natação, roçava a face de Tyler.

Daisy ficou paralisada. Lentamente, a mãe se ergueu e sorriu para ela.

— Oi, querida — disse Nick.

Daisy sabia que estava de boca aberta, mas não emitiu qualquer palavra. Ela olhou para Tyler, que sorria para sua mãe.

— Daisy — disse Nick, rindo. — Você está bem, querida? O gato comeu sua língua?

— Eu estava procurando a minha ponta de flecha — disse Daisy finalmente. O calor lhe subia da extremidade dos dedos e se espalhava por suas bochechas, como uma queimadura de sol. — O que você fez com meu presente? — exigiu saber, erguendo a voz.

— O quê?

A mãe continuava rindo, como se Daisy estivesse sendo ridícula.

— Onde está? Não era para você ter mexido. Não era seu. Ed me deu.

Ela bateu o pé no chão, fazendo os copos pintados tremerem sobre a mesa de ferro.

— Daisy — disse a mãe, em um tom um pouquinho severo agora. — Eu não fiz nada com aquilo. Só guardei na sua primeira gaveta, para você não perder.

— Eu queria mostrar para Tyler — disse ela, tentando conter as lágrimas que ameaçavam brotar. Confusa, ela decidiu desviar do assunto: — De que vocês estavam falando?

— Bom, não vá ficar zangada — disse a mãe, voltando a sorrir ao olhar para Tyler. — Mas eu estava contando a ele a receita secreta da limonada. Ele ficou me azucrinando para contar.

— É verdade, fiquei — reconheceu Tyler, rindo para a mãe de Daisy. — A Sra. Derringer disse que só poderia contar para você, mas eu falei que você não se incomodaria, já que somos amigos e tal.

— Bom, agora você vai ter que fazer alguma coisa muito boa para Daisy — disse a mãe, a mão pousada de leve no ombro de Tyler. — Como compensação por ter me feito lhe contar a receita.

— Qualquer coisa — disse Tyler.

Daisy assistia ao diálogo, agoniada. Reconhecia sua posição naquele jogo: era a espectadora sentada na arquibancada assistindo a um rally.

— Eu acho — começou a mãe dela, piscando para Daisy — que você devia ser o par de minha filha na festa aqui em casa semana que vem.

Isso nitidamente não era o tipo de tarefa que Tyler estava esperando, mas ele sorriu para Daisy com valentia, dizendo:

— Claro. Seria uma honra.

Daisy quis morrer, se enfiar no chão e desaparecer. Se antes estava com raiva da mãe, agora a odiava.

1959: agosto

I

No dia da festa, a mãe de Daisy apareceu em seu quarto às seis da manhã, mandando-a levantar-se como um general em penhoar de seda verde.

— Não acredito que você ainda esteja dormindo — disse ela, puxando o lençol pegajoso de calor. — Lembre-se: “Deus ajuda a quem cedo madruga.” E a moça tem que arrumar os quartos, caramba. Você sabe disso. Será que preciso fazer tudo sozinha?

Daisy queria ressaltar que, se havia alguém para arrumar os quartos, ela não estava fazendo tudo sozinha, mas a mãe já marchara porta afora.

Daisy desceu aos tropeções para a cozinha, onde encontrou o pai e a tia sentados à mesa com os olhos estremunhados de sono. A barba por fazer do pai sombreava seu queixo enquanto ele tomava o café. Sua tia, envolta em um grande volume amarelo, olhava morosamente para a própria xícara.

— O que tem para o café? — perguntou Daisy.

À menção do café da manhã, tia Helena grunhiu e deitou a cabeça na mesa.

Seu pai sorriu e se levantou, apertando o cinto do roupão de flanela.

— Ah, Daisy, meu amorzinho, você é um colírio para os olhos, sabia? Venha cá dar um beijo no seu velho pai.

Daisy foi obedientemente até ele, que a envolveu nos braços e lhe deu um beijo no alto da cabeça. O pai cheirava a sono e um pouquinho a azedo. Daisy se desvencilhou, franzindo os olhos para ele.

— Está todo mundo meio desanimado. Menos a sua mãe, claro. Nada, a não ser um desastre natural, poderia detê-la, a essa altura — disse ele, rindo. —

Que tal uns ovos mexidos para a minha filha preferida? Não sei se vou conseguir fazer tão bem quanto a sua mãe, mas posso tentar.

— Tudo bem. — Daisy sentou-se. — Posso tomar café, também?

— Café? — Seu pai parou e se virou para ela, brandindo a frigideira na mão. — Quando foi que você começou a tomar café?

— Mamãe me deixa tomar um pouco, desde que eu coloque muito leite.

— Sua mãe tem umas ideias interessantes. — Pelo tom de sua voz, ele não parecia convencido. — Mas tudo bem, eu acho. Eu coloco uma gota em uma caneca e você acrescenta o leite. Fechado?

— Fechado.

Daisy foi até a geladeira e pegou a garrafa de leite gelado.

— Daisy, querida — ela ouviu a voz abafada da tia às suas costas —, quer me servir um copo desse leite lindo? Ou melhor: me traga a garrafa inteira.

Daisy olhou para o pai.

— Caramba, Helena — disse o pai, rindo.

— A culpa é sua, Hughes. Sua e dos seus uísques *sours*.

— Bom, você não precisava beber dez — retrucou ele.

— E você não precisava ficar fazendo um atrás do outro. Você sabe como eu adoro uísque *sour*.

— Acho que isso não é mais segredo.

— Bom, estou pagando por isso agora. Que feio da sua parte, Hughes. — Seu tom era petulante, mas Daisy podia ver que ela estava contendo um sorriso.

Ela levou um copo e a garrafa de leite para a tia, que a colou à testa. Daisy pensou que as festas pareciam causar efeitos bem estranhos nos adultos, como no Natal, quando não havia regra alguma. Seu pai e sua tia, de pijama àquela hora, parecendo dois malucos. Isso lhe lembrava os filmes de gente grande a que sua mãe às vezes a levava para assistir, repletos de diálogos adultos dos quais a plateia inteira ria, exceto Daisy, que não entendia o que havia ali de tão engraçado.

Bom, mas a festa obviamente se apoderara da Tiger House, e Daisy sentiu-a tomar conta dela como um acesso de mau humor. Ao longe, ouvia a mãe abrindo as janelas das salas da frente, para arejar o ambiente. Isso era

acompanhado do barulho de bandejas batendo e exclamações intermitentes de “Droga”.

Ed chegou à cozinha, recém-saído do banho e vestindo uma calça jeans bem passada. Tia Helena fez um esforço visível para se sentar direito quando ele entrou, mas Daisy o viu lançar um olhar de censura para a mãe ainda assim. De repente ela ficou irritada.

— Estamos todos tomando café de pijama — disse ela ao primo imperiosamente.

— Os índios acordavam com o sol para caçar o café da manhã — disse Ed com frieza.

— Bom, então vá tomar café com os índios — disse Daisy.

— Ed — interrompeu o pai dela —, quer ovos mexidos?

Ele falou isso com voz normal, mas Daisy viu que a mão do pai ficara parada sobre a frigideira e que os ovos haviam começado a fumar.

— Não, obrigado — recusou Ed, fitando o tio por um instante antes de dar-lhe as costas. — Vou checar as ratoeiras.

E saiu da cozinha, embora sua censura tenha permanecido, envenenando o clima de camaradagem.

— Bem — disse tia Helena, levantando-se com um suspiro —, é melhor eu me vestir. Sua mãe deve estar precisando de ajuda.

— Prontinho! — exclamou o pai, colocando o prato de ovos diante de Daisy.

Ela tinha acabado de pôr na boca uma garfada dos ovos ligeiramente queimados quando a mãe entrou na cozinha.

— Daisy Derringer — repreendeu ela, incisiva. — Tire os pés dessa cadeira. E o que essa garrafa de leite está fazendo fora da geladeira? Vai estragar. — A mãe pegou a garrafa e olhou em volta. — Que bagunça é essa? Esse monte de panelas, pratos e copos...

— As pessoas têm que comer — disse o pai de Daisy, pondo a frigideira na pia e indo até a mãe. — Até os soldados tomam o café da manhã antes de irem para o campo de batalha.

— As pessoas têm que comer, sim. — Ela tentou se esquivar dele. — Mas não têm que beber tanto e depois passar a manhã seguinte à toa quando vamos

receber centenas de convidados daqui a doze horas.

— À toa, realmente. São seis e meia da manhã, meu Deus. As pessoas normais ainda estão na cama a essa hora.

Daisy observou os pais durante aquele café da manhã. O pai estava sorrindo para a mãe, que se remexia inquieta do mesmo jeito que ela fazia quando algum adulto vinha cheio de protetor solar para cima dela.

— Qual o sentido de contratar essas moças se você não deixa que façam o trabalho?

— Você quer por favor lavar a maldita louça, Hughes? — disse a mãe, deixando Daisy e o pai, a cozinha iluminada e bagunçada e os pratos de ovos esfriando.

* * *

Ao meio-dia, a casa estava em polvorosa. O calor intenso fazia as flores nos buquês murcharem, apesar de uma das moças regá-las constantemente, montando guarda com um jarro de água gelada. Também murchando no calor estavam os integrantes da banda de ragtime Top Liners, que a mãe contratara do continente. Eles haviam chegado numa algazarra e agora esperavam atrás do depósito de gelo. Pelo que Daisy entendera, eles haviam se metido em alguma confusão, e sua mãe mandara que ficassem fora de vista.

— Eles estão acabados — exclamara a mãe quando o pai, que fora buscá-los na barca, chegara com eles.

— Acabado estou eu. Precisava mesmo era me embebedar — dissera o pai.

— Pois então arranje uma garrafa de gim e realize seu desejo, se isso for deixá-lo fora de meu caminho — retrucara a mãe, com azedume. — Embora eu ache que Helena já tenha saído na frente.

No gramado, do outro lado da North Water Street, homens de macacão e camiseta erguiam o palco para a banda e penduravam as bandeirinhas de pano, as lanternas e os tigres em postes ao longo do perímetro. Pareciam estar com certa dificuldade de endireitar o ângulo do tablado, dada a inclinação do gramado na direção da enseada.

— Eles dizem isso todo ano e todo ano eles conseguem — disse a mãe na direção de Daisy, mas na verdade para ninguém em particular, depois de inspecionar o trabalho dos homens.

Ed sumira, e, apesar de toda a comoção, Daisy estava entediada. Fora instruída a varrer a calçada em frente à casa, o que não tinha feito. Em vez disso, pegara um dos canapés na cozinha e se enfiara no quarto, onde adormecera no calor do meio-dia.

Foi acordada algumas horas depois pela voz ansiosa do pai.

— Daisy — chamou ele, sacudindo-a de leve. — Querida, você viu sua mãe?

Daisy fez que não, balançando a cabeça devagar.

— São quatro horas. Não consigo encontrá-la. — Ele correu os olhos pelo quarto como se esperasse que a mãe dela pulasse de trás da porta do armário ou algo do tipo. — Hum. Bem, se a vir, diga a ela que são quatro horas. Ela pode ter perdido a noção do tempo.

E, dando tapinhas em sua perna, ele se retirou.

Daisy lentamente se pôs de pé e desceu. A casa estava transformada. A toalha de linho da avó resplandecia lisa e engomada na mesa de jantar, em cujo centro distribuíam-se baldes de prata gelados transbordando de ramos de hortênsias e ervilhas de cheiro viçosas. No jardim, o barman, com o colarinho duro empapado de suor, montava seu ponto de trabalho, polindo o balde de gelo com uma flanela macia. O calor continuava insuportável, e o abridor de ostras contratado para pilotar o bufê de mariscos remexia as caixas de gelo, a viseira verde toldando sua expressão preocupada.

Daisy deu uma espiada na sala azul, onde um copo de uísque deixado pela metade suava sobre a mesa lateral. Tampouco encontrou a mãe na sala verde, ou na cozinha, que continuava a mesma bagunça, só que agora as moças tentavam inventar um jeito de esfriar o consomê.

— Vocês viram minha mãe? — perguntou Daisy.

Como não recebeu resposta, nem qualquer indicação de que a haviam ouvido, Daisy repetiu mais alto a pergunta:

— Vocês viram minha mãe? Meu pai a está procurando.

Sua voz saiu em um tom um pouquinho mais alto do que ela pretendia, e todas as moças pararam de falar, embora nenhuma delas tenha olhado em sua direção.

— Ela deve ter perdido a noção do tempo — acrescentou Daisy, dessa vez mais baixo; estava constrangida.

Uma das moças, o cabelo escuro colado no rosto, secou as mãos no avental listrado e disse:

— Ela está lá fora. — E acenou na direção do gramado dos fundos. — Com os músicos.

As outras olharam para a que havia falado e depois tornaram a se concentrar na grande tigela de consomê.

Daisy saiu pela porta dos fundos, tomando cuidado para não deixar a porta de tela bater com violência.

Encontrou a mãe atrás do antigo depósito de gelo, com os Top Liners. Os músicos estavam tomando cerveja diretamente das garrafas e conferindo seus instrumentos. Ela estava deitada de costas na relva, descalça, olhando para o céu.

— Mãe?

Virando a cabeça sem levantá-la, sua mãe olhou para ela.

— Querida — disse, com uma voz que sugeria que acabara de acordar, embora estivesse de olhos abertos. — Olá.

— Papai está procurando você. São quatro horas.

— São quatro horas? Nossa, preciso me arrumar. — Mas não fez qualquer movimento para se levantar. — É que está tão gostoso e calmo aqui.

Daisy olhou em volta e só viu a entrada para carros e o antigo depósito de gelo.

— Ah. — Ela se remexeu, inquieta. — Bem, posso contar para papai que a encontrei?

— Não, não. Já vou levantar, querida. Quer dar uma mãozinha para a mamãe?

E esticou os braços para o alto.

Daisy segurou as mãos da mãe e puxou, mas era impossível erguê-la.

— Você é muito pesada — disse.

A mãe riu. Daisy deu uma olhadinha furtiva para os músicos, mas eles não estavam prestando atenção, ocupados em testar cordas e limpar boquilhas.

— Está bem, está bem, outra vez. Prometo que vou ajudar — disse a mãe.

Daisy obedeceu e puxou de novo. A mãe deu um impulso para se levantar e, de pé, bateu a sujeira da saia.

— Acho que agora vamos ter que dar uma acelerada — disse ela, impulsionando Daisy à sua frente na direção da casa. — Vá correndo tomar banho. Eu passo lá para conferir como você está antes de os convidados chegarem.

— Eu não sou um bebezinho — disse Daisy. — Não preciso que você confira minha roupa.

— Claro que você não é um bebezinho — disse a mãe, distraidamente. — Agora vá.

Do pé da escada, Daisy observou a mãe subir, rodando a saia e cantarolando uma melodia desconhecida.

* * *

Mais tarde, Daisy estava sentada na cama, de banho tomado, cheirando o cabelo molhado. Ela adorava o cheiro de seu xampu especial, um aroma que lembrava madressilva e jasmim, misturado ao leve odor de sal, que durante o verão nunca ia embora.

Ouviu a mãe chegar ao terceiro andar.

— Daisy — chamou ela. — Ah, ótimo, você já tomou banho — disse quando entrou no quarto.

A mãe estava de penhoar, mas já de cabelo seco, penteado para trás, em negras ondas luzidias.

— Os convidados vão chegar daqui a pouco, então você precisa arranjar o que fazer até o jantar terminar. Só o que eu peço é que, pelo amor de Deus, se for brincar por aí, não use o vestido da festa. As moças devem ter feito sanduíches para vocês, crianças, mas comam na cozinha.

— Cadê Ed?

— Não sei, querida. Mas preciso lhe pedir um favor. Quero que ajude tia Helena a se vestir. Eu tenho o seu pai para me ajudar, mas sua tia pode precisar de ajuda com as joias, ou o cabelo, ou seja lá o que for. Pode ser?

— Pode — concordou Daisy, observando a mãe. Aquele seu ar sonhador parecia ter se dissipado, e ela voltara a ser a mulher enérgica e eficiente. — Cadê o papai?

— Seu pai está se vestindo. Agora vá, vá logo ajudar sua tia.

Daisy vestiu o roupão e desceu para o segundo andar.

— Tia Helena — chamou, batendo à porta do quarto.

Não tendo resposta, ela girou a maçaneta e abriu.

* * *

Era um dos quartos mais amplos e claros da frente da casa, revestido com um papel de parede de pássaros grandes em gaiolas douradas pendendo de videiras floridas. Mas os tecidos listrados dos estofados estavam praticamente escondidos sob montanhas de roupas espalhadas a esmo por todos os móveis. No chão, vestidos jaziam como flores murchas sobre o tapete, tendo sido despídos e largados onde quer que caíssem. Mais adiante, as janelas se abriam para uma calma enseada azul.

Tia Helena estava sentada à penteadeira, as mãos imóveis sobre o tampo de vidro, cercada de potes de maquiagem e batons destampados.

— Tia Helena?

Daisy avançou quarto adentro, contornando devagar as roupas descartadas.

— Ah, Daisy, minha florzinha — disse a tia, sem se dar o trabalho de se virar. — Não consigo me acertar com esse ruço.

Na imagem do espelho, Daisy viu que a tia colocara duas listras do pó vermelho nas faces, como lanhos, e tentara, sem entusiasmo, espalhá-las. O suor brilhava na penugem dourada de seu buço.

— Quer uma ajuda? — perguntou Daisy. — Mamãe achou que talvez a senhora fosse precisar.

— Claro que ela achou — disse a tia, um tom duro se insinuando em sua voz macia.

— Eu podia passar o ruge na senhora, já vi mamãe fazer isso mil vezes.

— Ah, acho que seria bom — disse a tia, suspirando finalmente. — Obrigada, querida. Você é mesmo um amor.

Daisy localizou um lenço largado no meio da maquiagem; e, encontrando uma área limpa no tecido, mergulhou-a no pote de creme.

Limpou delicadamente o ruge do rosto da tia e depois removeu o restante do creme gelado.

— Tudo bem, agora a senhora tem que chupar as bochechas — instruiu.

A tia olhou rapidamente para Daisy no espelho e obedeceu. Então aproveitou e franziu os lábios, mexendo a boca como se fosse um peixinho dourado.

Daisy começou a rir.

— Feito peixe não, tia Helena.

— Ah, não? — perguntou a tia, fingindo surpresa.

— Pare com isso — disse Daisy, rindo.

— Ah, mas garanto que é assim que fazem no *Ladie's Home Journal*.

— Não é, não — disse Daisy, rindo ainda mais. — A senhora só está sendo boba.

— Eu, boba? Não, não, Daisy, é a última moda. Glamour de peixinho dourado. Estou lhe dizendo, é a sensação do momento.

— Tia Helena, pare com isso.

— Tudo bem, tudo bem, vou levar a sério.

Ela então endireitou a boca, e Daisy pegou o ruge. Passou os dedos médio e indicador na superfície cerosa e traçou devagarinho um círculo de rubor em cada uma das maçãs do rosto da tia.

— Sabe, querida, na verdade eu até sei passar ruge.

Daisy espalhou a cor ao longo da maçã do rosto em movimentos ascendentes.

— É só que às vezes tudo parece tão sem importância e difícil...

Ela viu pelo espelho os olhos da tia se encherem d'água.

— Tão... não sei... inútil...

Daisy sentiu uma necessidade avassaladora de sair correndo do quarto, fugir das lágrimas gordas que se avolumavam nos vítreos olhos azuis da tia. Mas sabia que a mãe ficaria danada com ela, e, entre as duas, decidiu que preferia enfrentar tia Helena.

— Pronto. — Daisy recuou, fingindo examinar atentamente seu trabalho. — Ficou bom.

— E o batom, qual escolher? — A tia abriu a mão sobre a coleção de tubos dourados. — Jardim à Meia-Noite, Rosa-Cócegas, Vermelho-Atômico, Bisque de Lagosta? Ah, está entendendo o que eu quero dizer? Cansa!

— Bisque de Lagosta, definitivamente — disse Daisy, limpando a ponta do batom com o lenço.

Ela começou a aplicar a cor nos lábios da tia, mas acabou borrando, e um pouco da Bisque de Lagosta saiu do contorno.

— Eu mesma passo — disse tia Helena. — Acho que escolher é que era a parte mais difícil.

Quando a tia acabou, tornou a tampar cuidadosamente o tubo, mas sem querer derrubou uma caixinha de prata que estava em cima da penteadeira, jogando em seu colo o que pareciam balinhas brancas bem miúdas. Tia Helena rapidamente as recolheu e colocou-as no bolso.

— Então, que vestido vai usar? — perguntou Daisy, olhando ao redor.

Lá de baixo veio a voz de Vic Damone, que Daisy adorava, saindo da vitrola.

Ohhhhh, the towering feeling, just to know somehow you are near.

— Qual você acha melhor?

— Aquele — disse Daisy, apontando para um que estava estendido na cama: azul-marinho, com uma volumosa saia estampada com desenhos de lagostas. — Para combinar com o Bisque de Lagosta.

— Concordo — disse tia Helena, subitamente soando alegre e decidida. — Eu estava mesmo pensando que esse seria perfeito.

— Precisa de ajuda para vestir?

Daisy alisou a saia do vestido, ainda pensando na mãe.

— Não, meu bem, eu me viro.

Ela esperou a tia vestir a cinta, aquele seu traseiro farto se empinando, como uma onda se erguendo, antes de finalmente sumir dentro do tecido apertado. Foi menos difícil pôr o vestido e Daisy ajudou-a a abotoar o colchete acima do zíper.

I've often walked on this street before, but the pavement always stayed beneath my feet before.

A tia virou o rosto e, rindo, rodopiou, as lagostas esvoaçando em meio aos azulões nas gaiolas.

Daisy riu também, e pensou que nunca tinha reparado realmente que tia Helena era bem bonita, como uma Olivia de Havilland loura, com aquelas faces viçosas.

People stop and stare; they don't bother me, for there's nowhere else on earth that I would rather be.

A música parou, e a voz triste e sensual de Julie London substituiu a de Vic Damone. Julie mais uma vez se descabelava de tanto chorar, algo que fazia com frequência sempre que a mãe de Daisy estava naquele clima.

Daisy ouviu os passos dela na escada, aquele tap-tap curto e preciso, quebrado apenas por uma leve hesitação antes de cada passo. A mãe bateu ligeiramente à porta antes de girar a maçaneta. Daisy viu que a tia, não tendo ouvido a prima chegar, virou-se rapidamente ao escutar a maçaneta, o rosto ainda corado.

Now, you say you're lonely...

Quando a porta se abriu, a mãe de Daisy apareceu em um vestido etéreo de musselina azul-pervinca com tigres bordados a ouro. Tinha o cabelo preto escovado para trás, revelando brincos de safira redondos nas orelhas. Daisy notou, maravilhada, que as safiras eram quase da cor exata da anágua de seda do vestido.

— Mãe — disse Daisy —, você está linda!

A mãe achou graça, sua boca muito vermelha abrindo-se em um sorriso largo de prazer.

— Lembra, Helena? — Ela abriu a roda da saia e rodopiou, como tia Helena fizera havia apenas um instante. — Eu mandei fazer com aquele tecido que vovô trouxe da Índia. Achei que seria engraçado.

A tia ficou olhando.

— Achei que você fosse fazer almofadas com isso. Para a Tiger House, você tinha dito. Porque não dava para fazer dois vestidos.

— Pois é — disse a mãe de Daisy, brincando com a musselina. — Almofada não tem graça. Enfim, agora é um vestido. — Ela deu uma piscadela para a filha. — Olhe só para você, mas que charme!

Vendo os lábios da mãe se abrirem sobre seus dentes brancos, o arco perfeito descrito por seu braço para ajustar a alça do vestido, Daisy teve a sensação de estar olhando para uma pantera ou alguma outra fera que tivesse acabado de terminar a refeição e agora lambesse os beiços, satisfeita. Vai ver, pensou Daisy, era aquilo o *algo mais* de sua mãe. Algo a um só tempo selvagem, belo e medonho.

Ela não conseguia olhar para a tia, com aquele vestido amassado e aqueles lábios de Bisque de Lagosta.

— Tia Helena não está lindíssima, querida?

— Está — disse Daisy. Ficara irritada com a mãe. — Vou me vestir — resmungou ela, saindo depressa do quarto.

Lá em cima, tirou o roupão de banho e se olhou no espelho. Imaginou como seriam seus seios quando finalmente crescessem. Agora eram apenas sugestões de seio, como os esboços inacabados que a mãe a levava para ver uma vez em um museu. Ela pensou na empregada dos Wilcox e em seus seios machucados. Olhou para o outro lado. Revistou seu armário e pegou o vestido da festa. Era um avental de linho branco com grandes babados engomados saindo das alças grossas, e uma faixa de seda vermelha. Sua mãe cedera e soltara a bainha, e agora a saia ampla lhe batia cinco centímetros abaixo do joelho, fazendo-a se sentir mais adulta. Ao levar o vestido para estendê-lo na cama, Daisy viu, ao lado do travesseiro, um cartão da mãe sobre um broche rodeado de pérolas.

Para minha querida Daisy,

Sei que você vai ser a menina mais bonita da festa.

Prenda isso em sua faixa.

*Beijos,
Mamãe.*

Daisy sentiu uma onda de amor pela mãe, e a raiva em seu coração, assim como a imagem dos lábios vermelhos escancarados sobre os dentes, desvaneceu-se.

Após colocar com dificuldade o vestido, ela tornou a se olhar no espelho e suspirou. Ainda parecia um bebê. Foi ao esconderijo pegar o batom rosa-metálico e aplicou a cor nacarada. Estava franzindo e estalando os lábios quando viu Ed surgir atrás de si.

— Sua mãe não vai gostar — afirmou Ed.

— E daí? — disse Daisy, mas limpou o batom com as costas da mão. — Quantas vezes tenho que lhe dizer, Ed Lewis, para não me assustar assim com essa sua mania de aparecer do nada?

— Eu não apareci do nada. Você podia me ver pelo espelho — disse ele. — Você está atraente.

— Pelos sinos do inferno, quem diz “atraente”?

— E quem diz “pelos sinos do inferno”?

— Não faça perguntas idiotas. Que horas são?

— Seis e meia — disse Ed, olhando para seu relógio Swiss Army, presente de tia Helena depois de ela ver o cuidado que o filho dispensava ao canivete. — Tyler chega às oito.

Daisy revirou os olhos.

— Estou sabendo. Eu perguntei, por acaso?

— Não, mas é o que estava pensando — disse Ed, como se fosse óbvio.

— Por que você sempre acha que sabe o que eu estou pensando? Que chatice.

Ele ficou calado, o que só fez Daisy ter vontade de esbofeteá-lo. Porque a questão era que ele sabia, sim, o que ela estava pensando.

— Além do quê — continuou ela —, isso é assustador. Por isso é que você não tem namorada. E daí se eu gosto do Tyler? Pelo menos tenho alguém para gostar.

— É — disse Ed, pensativo.

Daisy virou-se novamente para o espelho e ficou mexendo no broche preso à faixa do vestido.

A menina mais bonita da festa.

Viu Ed olhando para ela, daquele jeito dele, como se ela fosse um espécime de borboleta espetado em veludo.

— Por que você gosta dele?

— Como assim, “por que eu gosto dele”? — perguntou Daisy. — Todas as garotas gostam dele. Até mamãe o acha bonito.

— Porque ele é bonito — disse Ed, mais para si mesmo. — Por isso você gosta dele.

— Não só isso; ele joga tênis muito bem. — Daisy parou. Sentiu-se idiota. — Sei lá. Por que você está tão estranho?

— Então é porque ele é bonito e joga tênis bem.

— Olha, Ed, você simplesmente não entenderia. Quando gostar de uma garota, vai saber do que estou falando.

Pronto, pensou Daisy, isso vai satisfazê-lo. Sentiu-se muito adulta.

— Como vou saber se você não me contar?

Daisy podia vê-lo mexendo a boca concentrado, e de novo se lembrou do sorriso carnívoro da mãe.

— Você sente e pronto — disse Daisy, agora querendo encerrar o assunto. — Por que você prefere sanduíche de presunto ao de manteiga de amendoim? É tipo isso, só que mais forte.

— Igual a gostar de sanduíche.

— Ai, caramba, não igual, mas é mais ou menos como gostar de sanduíche. — Daisy começava a sentir pena dele, que estava sendo muito bobo e parecia muito interessado, mesmo não conseguindo se livrar da sensação de que ele estava de gozação com ela. — Quando eu o vejo, é como quando estou jogando tênis: me dá aquele arrepio e tudo o mais meio que desaparece.

— Ah — disse Ed.

Pela primeira vez, ele desviou o olhar primeiro. Pôs a mão no coração, como se o estivesse sentindo bater.

— O que há com você?

— Nada. Só estou pensando.

— Bom, e eu estou entediada — disse Daisy, deixando-se cair na cama e puxando a saia do vestido. — O que nós vamos fazer?

— Podemos olhar as ratoeiras — sugeriu Ed. — Encontrei um rato morto hoje de manhã. Com a boca aberta como se estivesse gritando.

— Que nojo! Isso me embrulha o estômago, Ed Lewis.

— Podemos ir espionar os adultos. Eles já devem estar todos sentados para o jantar.

— Eles são chatos. — Daisy balançou as pernas, batendo com os calcanhares na lateral da cama. — Ah, tudo bem — disse afinal. — Não deve ter nada melhor para fazer mesmo.

Daisy começou a descer a escada na frente dele, mas Ed pôs a mão em seu ombro e a deteve com gentileza. Levou os dedos aos lábios.

— Você tem que andar nas pontas dos pés — sussurrou. — Era assim que os índios se aproximavam dos bichos que iam caçar.

Ele então passou a frente dela e desceu pé ante pé, sem fazer barulho, para o segundo andar.

Daisy imitou-o pelo restante do caminho até chegarem às portas duplas que ligavam a sala de jantar à sala azul. Ficaram parados, escutando o tilintar dos copos e dos talheres de prata na porcelana, que se misturavam à conversa.

A proximidade dos convidados ali em pleno jantar fez Daisy prender a respiração, com medo de trair a presença deles. Olhou para Ed. Ele estava encostado displicentemente na parede atrás de uma das portas.

— ...está lindo. Onde você conseguiu essas gracinhas de bandeirinhas? — Era a voz aguda da Sra. Smith-Thompson.

— Ah, já temos isso há anos — respondeu a mãe.

— Você conhece Nick — interrompeu a voz doce de seu pai.

— Claro que conheço — disse o Sr. Pritchard, e riu.

— Foram feitas por uma das portuguesas que trabalhavam para minha mãe — prosseguiu a mãe de Daisy.

— Falando em portuguesas... — Era a voz da Sra. Pritchard. — O que você acha do incidente com a empregada dos Wilcox?

— Ah, Dolly — repreendeu a Sra. Smith-Thomson. — Realmente... isso não é assunto para um jantar...

— Não quero nem saber se é assunto de jantar — disse a Sra. Pritchard. — Eu estava impaciente para falar com Nick sobre isso e me segurei até onde foi humanamente possível.

— E todos nós sabemos que isso não é pouca coisa — comentou o pai de Daisy.

Houve um acesso de risadas por toda a mesa, e por algum tempo não houve mais conversa.

— Terrível — Daisy ouviu a tia dizer.

— ...coitadas das crianças...

— Agora, falando sério. — A voz da Sra. Pritchard se elevou acima do burburinho. — Aposto que Frank andava com as mãos embaixo da saia daquela moça.

— Dolly — censurou-a, em um sussurro, a Sra. Smith-Thompson.

— Ah, pelo amor de Deus, Caro, não seja boba. Todo mundo sabe que ele gosta de empregadas.

— É verdade — disse o Sr. Pritchard. — Dolly tem razão. Frank nunca foi muito discreto em relação a esse assunto.

— Concordo com você — disse o Sr. Smith-Thompson. — E ele tem um gênio horroroso. Pensei que fosse me dar um soco no nariz quando ganhei dele no torneio de rummy no Reading Room verão passado.

— Posso lhe dar um soco no nariz agora mesmo, se você lamenta ter perdido a oportunidade — comentou, rindo, o pai de Daisy.

— Acho que vocês todos estão sendo injustos — disse a Sra. Smith-Thompson. — Frank sempre foi um cavalheiro comigo.

A Sra. Pritchard bufou.

— O que acha, Hughes? — perguntou o Sr. Pritchard.

O pai não respondeu na hora. Depois, disse baixinho mas com firmeza:

— Acho que ele e a moça estavam definitivamente aprontando alguma.

— A-há — exclamou a Sra. Pritchard. — Eu sabia.

— Por que diz isso com tanta certeza? — A pergunta veio da mãe de Daisy.

— Lembra que eu vim aqui em junho, para preparar o barco?

— Lembro...

— Então... eu fui tomar uma bebida no Reading Room depois...

— Preparar barco dá uma sede... — comentou, rindo, o Sr. Pritchard.

— Deixe o homem, Rory — reclamou a Sra. Pritchard.

— Eu estava indo a pé para casa, lá pelas dez, e passei pelo Hideaway.

— Não me diga que você frequenta o Hideaway, Hughes — interrompeu a Sra. Smith-Thompson.

— Não seja ridícula, Caro — censurou-a o Sr. Smith-Thompson. — Nenhum conhecido nosso frequenta o Hideaway.

— Pode ficar descansada, Caro: eu nunca nem pisei naquele lugar — disse o pai de Daisy. — Estava simplesmente indo para casa, pela Simpson's Lane, e vi, mais à frente, Frank saindo de lá com aquela moça. Não quis que ele soubesse que eu o tinha visto, então diminuí o passo e fiquei para trás o máximo que pude.

Ao ouvir isso, Daisy sentiu os pelos do braço se arrepiarem. Lembrou-se dos fósforos do Hideaway de Ed. E depois, de uma só vez, viu a manta xadrez manchada, a mulher, aquela gelatina roxa saindo da cabeça dela, e teve que tapar a boca com a mão para tentar respirar sem fazer barulho. Olhou para Ed, mas ele estava pálido ali parado, o olhar fixo na porta.

— Não acredito que você nunca me contou isso. — Era a mãe de Daisy, parecendo chocada.

— Puxa vida — disse a Sra. Smith-Thompson. — Nunca mais vamos convidar aquele homem para jantar lá em casa.

— Pode apostar que não — respondeu o Sr. Smith-Thompson.

— Mas... — disse a Sra. Smith-Thompson — ...garanto que Frank não foi o único. Vocês sabem como essas moças são. Ela estava tentando pescar um peixe grande. Mas é bem provável que também tivesse uns peixinhos rondando.

— Que coisa horrível de se dizer. — A mãe de Daisy parecia irritada. — A coitada provavelmente gostava dele.

Fez-se silêncio.

— Bom, mas a questão aqui não é Frank Wilcox, é? — A voz da mãe tinha um quê de melindre.

— Nick tem razão — disse a Sra. Pritchard. — Afinal, há um assassino entre nós.

— É terrível. Isso me dá arrepios — disse a Sra. Smith-Thompson. — Mas...

— Eu cresci aqui nesta ilha — interrompeu a mãe de Daisy. — Helena também. Foi onde me casei com você, Hughes. É onde todas as coisas boas... Não é assim que deveria ser. — Ela parou. — O que está acontecendo conosco?

— Ah, Nick, minha querida — disse a Sra. Pritchard. — Tenho certeza de que vão descobrir quem foi.

— Dolly tem razão — disse a Sra. Smith-Thompson. — Até lá, acho que não devíamos falar no assunto. Não em uma noite tão agradável como esta.

— Pois é, não devíamos falar no assunto. — A mãe de Daisy elevava um pouco o tom de voz. — Porque aí teríamos que realmente pensar nisso. Pensar sobre as pessoas com quem convivemos...

— Quem quer mais vinho? — O tom do pai era jovial. — Caro, sua taça está meio carente de líquido, não? Rory?

Daisy ouviu um leve ranger e, ao se virar, viu Ed saindo de fininho da sala. Tentou ir atrás dele, mas a necessidade de fazer isso silenciosamente a retardava. Quando chegou ao hall de entrada, não o viu. Queria lhe perguntar sobre aqueles fósforos que ele tinha. Estava assustada. Procurou-o no andar de cima, depois fora da casa, mas ele sumira.

* * *

Daisy estava comendo uma ostra quando Anita chegou. Daisy matara um pouco de tempo na varanda, enquanto os pais e os convidados saíam para o jardim. Depois, se plantou no bar de mariscos e fez o homem de viseira lhe abrir uma Wellfleet atrás da outra, fingindo não notar a fila de gente que aguardava pacientemente sua vez.

— Ei — chamou Anita. — Tem uma para mim?

Ao se virar, os olhos de Daisy quase saltaram quando ela viu que Anita estava de preto. Sua mãe preferiria vê-la morta do que usando essa cor, e ela sentiu uma pontada de inveja.

— De onde é esse seu vestido?

— Ah, minha mãe comprou para mim em Nova York, durante a turnê dela. Gostei do seu também. O preto e o branco. “As trevas não precisam de luz, pois trevas e luz são uma só coisa.” — Esta última parte foi dita por Anita com um floreio da mão direita, mantendo a pose por um instante. Então, virou-se para Daisy. — Formamos um par.

— Ah — fez Daisy, sentindo um pouco de pena de Anita. — Enfim, estou procurando Ed, mas ele sumiu.

— É mesmo? Será que ele foi raptado?

Anita esticou o braço para pegar uma das ostras de Daisy.

— Não, ele não foi raptado.

Anita sugou o caldo acumulado na concha. Olhou em volta.

— Festa legal.

Os Top Liners estavam a pleno vapor, e a música parecia tornar a lua, ainda baixa no céu, mais luminosa contra o horizonte do crepúsculo. Formais paletós brancos flutuavam em um mar de vestidos em tons pastel de cor-de-rosa e lavanda, seda bege e linho azul-claro. Cabeças louras se inclinavam satisfeitas para seus pares de cabelos escuros. O barulho das risadas e do gelo batendo na borda dos copos permeava a música. Um vaga-lume piscou perto do braço de Daisy. A luz das lanternas japonesas, balançando em fios de arame invisíveis, criava uma zona clara para além da qual tudo desaparecia na noite.

— Será que a gente conseguiria pegar uma taça de champanhe escondido?

— De jeito nenhum — disse Daisy. — Minha mãe nos mataria.

— Que pena!

— Olá, meninas. — Era o pai de Daisy, que chegara por trás. — Estão se divertindo?

— Oi, pai. — Daisy achou que o pai ficava parecido com William Holden naquele paletó. — Esta é Anita.

— Muito prazer — cumprimentou ele, dobrando-se para apertar a mão da menina. — E então, o que está achando da festa?

— Espetacular, Sr. Derringer. Um festão.

— Ótimo. — Ele riu. — E o que estão bebendo? Garanto que o barman podia preparar uns Shirley Temple para vocês.

— Seria ótimo — disse Anita.

— Tudo bem — concordou Daisy, suspirando.

As duas o acompanharam até o bar.

— Pensando bem — ele virou-se para elas —, que tal só uma gotinha de vinho com água? Não seria um pouquinho mais divertido?

— Sim, por favor — disse Anita, parecendo quase sem fôlego com a sugestão.

O pai de Daisy levantou a mão.

— Duas gotas de vinho em dois copos d'água para essas mocinhas. — Daisy viu-o piscar para o barman. — Mas olhem, só esse, entenderam? Por que não vão ouvir a banda?

Segurando os copos com cuidado, Daisy e Anita foram até o palco. Ficaram de lado, observando os músicos, enquanto casais dançavam no tablado. Uma mulher tirara os sapatos e rodopiava na relva macia com o marido, que, ainda calçado, escorregava no sereno da noite. Os dois riam e se equilibravam agarrados nos ombros um do outro. A cena fez Daisy rir junto, esquecendo tudo que acontecera dentro de casa. Então notou que o rapaz que tocava banjo olhava para ela. Ela retribuiu o olhar, e então ele sorriu, e ela ficou arrepiada. Por um segundo Daisy achou que iria inchar até ficar do tamanho daquela lua amarelada e estourar. Então ouviu a voz da mãe chamando-a de volta à terra:

— Querida, veja só quem eu achei.

Ao virar-se, encontrou a mãe trazendo Tyler pela mão. De paletó branco e cabelo escovado com esmero, bem baixinho, ele estava concentrado no vestido da mãe dela.

Daisy estava ainda tão preenchida pela beleza da noite e por um sentimento de boa vontade generalizada que nem ligou para o fato de ele ter demorado vários segundos para finalmente olhar para ela.

— Olá — disse ele, sorrindo.

— Olá.

Daisy sentiu-se como se estivesse em um filme, que aquele era o momento em que o rapaz encontra a mocinha e tudo corre bem no mundo.

— E aí? — Era Anita. — Você está tão arrumado!

— Eu acho que ele está lindo — disse a mãe de Daisy.

— Obrigado, Sra. Derringer. A senhora também está linda.

— É muito gentil de sua parte, Tyler. O que achou do broche da Daisy?

— É lindo.

Ele parecia obcecado por aquela palavra.

— Bem — disse a mãe de Daisy após um instante —, divirtam-se, crianças. Tenho que encontrar meu marido e impedir que ele seja sequestrado por alguma megera.

Ela deu um tapinha no ombro de Tyler e uma piscadela para Daisy, atrás dele.

— Você chegou agora?

— Sim. Mas dava para ouvir a música desde a North Water Street. A festa está o máximo.

— Bem bacana mesmo — disse Anita.

— O que vocês estão bebendo? — perguntou Tyler, apertando os olhos para os copos delas.

— Meu pai conseguiu com o barman um pouco de vinho misturado com água — explicou Daisy, sentindo-se muito sofisticada.

Tyler olhou para o bar.

— Seu pai parece muito legal.

— Ele é.

Daisy fez uma oração silenciosa de agradecimento ao pai.

— Ele é divertidíssimo — disse Anita.

— Encontrei Peaches hoje. Ela disse que vinha com os pais.

— Por essa eu não esperava — disse Daisy secamente.

— “Duplos; trabalho e problemas duplos” — disse Anita.

— Bem, ela me pareceu bastante entusiasmada. Vocês duas vão se enfrentar amanhã. O grande jogo! — Tyler sorriu com cumplicidade para ela. Daisy mordeu o lábio inferior.

— É.

— Ah, não se preocupe. Você vai dar uma surra nela.

— É — repetiu Daisy.

Ela não queria pensar em tênis naquele momento. Sol inclemente e saibro verde.

— Vamos ver se a gente consegue pegar um champanhe escondido — disse Tyler, após uma segunda olhada para o bar.

— A mãe da Daisy... — começou Anita.

— Não, tudo bem — disse Daisy, depressa. — Mas eu não sei como vamos fazer isso. Acho que o barman não vai nos dar champanhe.

— Tudo bem — concordou Tyler. — Vai ser divertido, mesmo se a gente não conseguir.

Enquanto eles atravessavam o gramado, a banda começou a tocar “Poor Little Rich Girl”. *You’re a bewitched girl. Better take care.*

— Daisy... Olazinho!

Daisy reconheceu a voz e sentiu um frio na espinha. Caminhando em sua direção vinha Peaches, em um vestido de tule cor-de-rosa, do mesmo tom da flor que usava no cabelo.

— Oinc, oinc — murmurou Daisy para Anita.

— Ela está parecendo um Peptozil gigantesco — disse Anita.

— Oi, Peaches — cumprimentou Daisy, trocando o peso do corpo de um pé para o outro.

Peaches olhou para Anita, arregalando um pouquinho os olhos para aquele vestido preto, e depois para Daisy. Abriu um sorrisinho.

— Bem. — Ela se virou e fingiu surpresa ao ver Tyler com elas. — Ora, ora, será que estou vendo Tyler Pierce?

— Olá, Peaches — saudou Tyler. — Gostei da sua flor.

Peaches deu tapinhas no cabelo.

— Minha mãe planta rosas. *Pink Parfait*. Quer dizer “Rosa Perfeito” em francês. Ela até ganhou um concurso verão passado. — Sorriu para Tyler, mostrando uns dentes que Daisy achou terrivelmente cavalares ao luar. — Aonde vocês estavam indo?

— Bem, se lhe contarmos nosso segredo, você vai ter que fazer um voto de fidelidade à causa.

— Eu adoro segredos — disse Peaches. — Muito me admira você não saber disso, Tyler Pierce.

— Excelente. — Tyler riu. — Vamos tentar pegar champanhe escondido nas barbas do barman. Quer se juntar à nossa missão?

— É só me mostrar o caminho — disse Peaches, pegando o braço de Tyler.

Daisy poderia arrancar aquela rosa do cabelo dela e sapatear em cima. Olhou para Anita.

— Não se preocupe com essa lesma. Você vai ter sua chance amanhã — disse Anita. — Posso afrouxar as cordas da raquete dela, se quiser.

— Deixe para lá — disse Daisy, tocando no broche de pérola que a mãe lhe dera. — Vamos.

E acompanharam Tyler e Peaches até o bar.

Tyler virou-se para Daisy:

— Parece que ele realmente está tomando conta daquelas garrafas ali.

— Tudo bem — disse Peaches. — Meu pai me deixa tomar uma taça de champanhe nas festas. Vou pedir.

Eles ficaram olhando Peaches se aproximar, muito segura de si, e trocar várias palavras com o barman, que obedientemente começou a servir duas taças. Era disso que sua mãe estava falando, Daisy se deu conta. Isso é o *algo mais*, pensou ela, e sentiu vontade de chorar. Ela não tinha o *algo mais*, e nunca teria. Ninguém jamais a amaria, nem a beijaria, muito menos lhe serviria uma taça de champanhe. Ela estava condenada ao fracasso.

Peaches voltou com as duas taças.

— Aqui, Tyler — disse, entregando-lhe uma.

— Ah, espere aí, Peaches — pediu ele. — Você não podia arranjar quatro?

Ela olhou inexpressivamente para ele.

— Tudo bem — disse ele. — Vocês duas podem dividir comigo. Mas vamos levar isso para algum lugar onde seus pais não vejam.

— Podemos ir para o antigo depósito de gelo que tem atrás da casa — propôs Daisy.

— Isso aí — disse Tyler.

— Isso aí — ecoou Daisy, pegando o braço de Tyler e sorrindo com doçura para Peaches.

Sentaram-se os quatro no gramado dos fundos e ficaram mexendo nos estojos dos músicos, abandonados na grama. Anita soprou despreocupadamente por uma boquilha que encontrou no estojo do trompetista, enquanto Daisy dava seu primeiro gole de champanhe da taça de Tyler. Imaginou poder saborear seu hálito doce, deixado no ponto em que ele tinha encostado a boca. Mas o champanhe era amargo e queimava sua garganta. Ela passou a mão pela relva tépida. Quis tirar os sapatos, como sua mãe fizera ao se deitar ali mesmo aquela tarde, mas por alguma razão teve a sensação de que era impróprio, então continuou calçada.

Peaches tomava seu champanhe de golinho em golinho, segurando a taça com o mindinho esticado.

Anita guardou a reluzente boquilha e deitou-se, esticando os braços para o alto.

— “Como soa argentino e doce no meio da noite a voz dos amantes, semelhante à suavíssima música aos ouvidos absortos” — disse para o céu.

Daisy deu um sorrisinho para Tyler e lhe devolveu a taça.

— Isso é que é champanhe — disse Tyler, esvaziando a taça.

Por um segundo Daisy ficou encabulada por ele. Achou forçado seu modo de falar da bebida, depois grosseiro o jeito como bebeu. Então começou a acompanhar a música com um cantarolar baixinho para fazer o sentimento desaparecer.

— Então, Tyler — começou Peaches, inclinando a cabeça para ele timidamente —, está namorando sério alguém?

Tyler riu.

— Eu não saio contando vantagens por aí.

— Ah, conte, vai — insistiu Peaches.

— Nossa, Peaches, você realmente sabe constranger os outros — disse ele, batendo na testa se fazendo de sem jeito.

Daisy gostou ainda mais dele.

— Tudo bem, então — concordou Peaches. — Que tal dançar? Você dança, ou isso também é segredo?

— Vou lhe dizer que prefiro tomar mais uma taça de champanhe.

— Bem, acho que podemos fazer as duas coisas. — Peaches se levantou e deu a mão a Tyler. — Vamos!

Tyler olhou para Daisy e deu de ombros, aceitando a mão de Peaches.

— Acho que vamos pegar mais champanhe.

Daisy deu de ombros também, porque não sabia o que fazer, mas seu coração doeu ao notar a facilidade com que ele concordara.

— Tenho ódio dela — disse Daisy, com paixão, depois que os dois sumiram de vista. — Acho que nunca vou sentir tanto ódio de outra pessoa.

A melodia de “Sweet Georgia Brown” chegou até elas.

— Ela é ridícula — concordou Anita. — Mas imagine como vai ser maravilhoso amanhã, quando você ganhar dela. É nisso que eu fico pensando.

— Pode ser que eu não ganhe. Enfim, não diga esse tipo de coisa, dá azar.

Daisy se perguntou onde estaria Ed.

— Não vou ficar a vida inteira esperando atrás desse depósito de gelo velho — disse ela, resoluta. — Vamos acabar perdendo a festa inteira.

— Eles já vão voltar. — Anita, que estava deitada, foi sentar-se mais para perto de Daisy. — Quer que eu leia a sua mão? Uma amiga da minha mãe me ensinou a ler mãos.

— Não, obrigada.

— Ah, deixe-me ler, podemos descobrir se você vai ganhar.

— Eu já disse que dá azar. — Por que todo mundo estava tão irritante aquela noite? Ela teve vontade de pegar a bicicleta e sair pedalando no escuro, na direção do Pease’s Point Way, com o ar da enseada assobiando em seus ouvidos. — Vamos procurar aqueles dois — decidiu, levantando-se. — Estou sendo comida pelos mosquitos aqui, sentada, sem fazer nada.

Daisy contornou a lateral da casa, Anita logo atrás dela, seguindo-a devagar. Chutou uns seixos no caminho, sentindo um prazer estranho ao pensar que estava estragando as sandálias brancas. O caminho entre a casa e a cerca era estreito e escuro, e a festa brilhava com todo o esplendor do outro lado do passeio. Isso lhe provocou a mesma sensação estranha de um sonho que às vezes tinha, em que tentava gritar, mas ninguém a ouvia.

Ficou aliviada quando se viu no gramado da frente, sorvendo uma tragada do ar da noite. Alguma coisa — um leve barulho, talvez — lhe chamou a

atenção. Então ela os viu. Estavam de pé na varanda, a cabeça de Tyler junto aos lábios de Peaches, a mão dele pousada de leve no ombro dela. Uma lanterna pintada balançava acima deles, uma japonesa penteando o cabelo, e, por um momento, Daisy se perguntou como a mulher tinha conseguido deixar o cabelo chegar àquele comprimento e enrolá-lo em ondas tão perfeitas a seus pés.

Foi um beijo silencioso, com o Pink Parfait de Peaches estremeando na brisa suave, mas Daisy ouviu um jorro intenso dentro de sua cabeça, como o barulho que se ouve quando mergulhamos no oceano: um som ao mesmo tempo abafado e ensurdecedor. Seu coração disparou. Ela abriu a boca, mas, assim como em seu sonho, nada saiu.

Ela viu o braço de Peaches subir até o pescoço de Tyler. Queria se mexer, sabia que deveria, mas estava tomada por uma estranha fascinação. No entanto, também tinha consciência de uma esquisita sensação da própria ausência. De repente sentiu uma sede enorme.

Peaches afastou o rosto do de Tyler e suspirou baixinho. O suspiro transpassou Daisy como uma espada. Em silêncio, ela recuou pela lateral da casa, contornando a quina de costas, na ponta dos pés, como o índio de Ed, então encostou-se na parede e pôs a mão no peito para conter a dor. Pensou na maquiagem borrada de tia Helena, no sorriso vermelho escancarado da mãe e no casal dançando descalço na grama molhada. Começou a chorar.

Você vai ser a menina mais bonita da festa.

No escuro, Anita quase caiu em cima de Daisy. Olhou para ela, depois espiou pela lateral da casa.

— Ahhh — murmurou.

Daisy tentou conter as lágrimas esfregando furiosamente os olhos, os nós dos dedos esmagando a pele úmida e macia das pálpebras. Sentiu engasgados na garganta os resquícios amargos do champanhe.

Anita levantou a barra do vestido e pegou um lenço branco preso com um alfinete no forro.

— Minha avó me obrigou a trazer esse lenço — disse ela. — Por via das dúvidas.

Daisy não conseguia olhar para ela. Estava envergonhada. Sua vontade era fazer como Scarlett O’Harra: bater o pé, erguer a cabeça e se casar com outra pessoa. Mas estava assustada. Conhecia o cheiro do medo por senti-lo nos adversários de quadra, um cheiro real, que era parte oxidação, parte terra molhada, mas, pela primeira vez, sentia esse cheiro em si mesma. Parte dela queria que Anita fosse embora, mas Daisy também tinha medo de ser deixada totalmente sozinha ali. Ao longe, ouvia risadas e tilintar de copos.

Anita pegou uma ponta do lenço e delicadamente começou a secar os olhos de Daisy. O contato frio do linho em sua pele quente lhe deu alívio, assim como o cheiro reconfortante de lavanda e tecido engomado. Sentiu a mão da amiga na testa, o indicador dela traçando a linha de sua sobrancelha, depois o rosto de Anita surgiu mais nítido na escuridão e seus olhos escuros pareceram ficar maiores. De repente, Daisy sentiu a boca da menina na sua. Sentiu o gosto salgado das próprias lágrimas misturado ao hálito de Anita, o cabelo dela encostar em seu rosto, o toque de um lábio macio. Sentiu a cabeça leve e o coração bater uma vez, em uma arrancada longa e exaustiva em seu peito que a deixou trêmula.

Daisy empurrou Anita para longe, com força, viu-a tropeçar e perder o equilíbrio, mas não ligou. Saiu correndo na direção do clarão da festa, atravessando para o gramado íngreme do outro lado do passeio, avançando em zigue-zague por entre os grupos de convidados sorridentes, tentando enxergar o tom do vestido da mãe no meio daquela profusão de cores. A música havia parado. Os músicos, no intervalo, fumavam um cigarro junto à cerca. Ela encontrou o pai no bar e agarrou a manga de seu paletó.

— Cadê a mamãe? — Sua voz soava esquisita, estridente e desafinada, como o piano velho que apodrecia no porão.

— Daisy — chamou o pai, seu sorriso desaparecendo. — O que foi?

— Cadê a mamãe? Preciso da mamãe.

— Não sei, florzinha. — Ele ergueu os olhos para a extensão do gramado em volta. — Acho que ela disse que estava indo para a casa de barcos se refrescar um pouco.

Daisy desceu correndo para a casinha de barcos que ficava à beira da enseada. Ouvia o pai chamando seu nome, mas o ignorou. Só sabia que

precisava encontrar a mãe.

Quando chegou à casa de barcos, onde ficavam guardados os salva-vidas e os lampiões de querosene e outras tralhas, ouviu um leve barulho de água correndo. Sua mãe devia estar no chuveiro externo que eles usavam para tirar o sal do corpo depois de vir da praia. Daisy, ofegante, diminuiu o ritmo ao dar a volta pela frente da casa de barcos, quase tropeçando no vestido da mãe, largado na relva.

Nos degraus que levavam à praia, ficou espantada ao ver o trompetista secando o cabelo em uma toalha, a camiseta colada no corpo.

— Oi.

Ele sorriu para Daisy.

— Oi — disse Daisy, sem saber ao certo se seguia em frente ou ficava ali parada.

— Fui nadar um pouco. Noite quente.

Ele continuou secando o cabelo, olhando para ela.

— Ah — fez Daisy. Parecia que ele queria conversar, e ela achou que deveria ser educada, mas era estranho estar tão perto dele ali, no escuro. Como ele estava só de camiseta, Daisy via o leque de pelos escuros embaixo de seu braço levantado. Esperou um instante. — Estou procurando minha mãe — disse. — Tenho que ir.

— A-ham. — Ele lentamente abriu um sorriso. — Claro.

Daisy desviou dele e foi andando para o outro lado da casa de barcos. Virou-se para trás uma vez e o viu ainda a observá-la, o rosto parcialmente oculto na penumbra.

Ao dobrar a quina, enxergou o vago contorno do chuveiro externo e da moita de *Rosa rugosa* que o cercava. Sobrepondo-se ao barulho da água, ouviu a voz da mãe, cantarolando uma melodia que já tocara aquela noite.

Apertou o passo, na direção do som. Então, estacou. Bem a sua frente estava Ed, o rosto colado às ripas de madeira que davam privacidade à área do chuveiro. Uma de suas mãos estava aberta, espalmada numa das tábuas acima de sua cabeça. Estava imóvel, como sempre, mas algo nele lembrou a Daisy o esquilo que vira uma vez no Cambridge Common, o corpinho musculoso estremeendo incontrolavelmente. Raivoso, dissera a mãe.

Talvez ela tivesse se enganado; talvez a mãe não estivesse no chuveiro. Ou aquilo fosse uma brincadeira. Sentiu o cérebro se fundir: o braço de Peaches em volta do pescoço de Tyler, o rosto de Anita se aproximando no escuro, o trompetista secando o cabelo. “Cavalheiros não saem contando vantagens por aí.” “Higiene é quase sagrada.” “Criança é para ser vista e não ouvida.” Ela recitava as lições da mãe, tantas vezes quanto conseguia se lembrar, estranhamente reconfortada com a repetição.

Ed virou ao ouvir sua voz — primeiro a cabeça, depois o corpo todo. Olhou para ela. Ela sustentou o olhar. Os dois ficaram assim um minuto, olhos nos olhos, a expressão de Ed paralisada, como uma máscara.

— Mãe? — gritou Daisy, sem tirar os olhos dos de Ed.

Ela estava a menos de dois metros da mãe, que não a ouviu por causa do barulho da água.

Ed começou a ir na sua direção, e, por uma fração de segundo, Daisy ficou com medo. E então ele estava bem ali, mais alto do que ela se lembrava.

— A curiosidade matou o gato — disse ele baixinho, já tão perto que ela sentiu o hálito dele em seu rosto.

O coração de Daisy palpitou, uma, duas vezes. Ela ofegava. Engoliu em seco.

— Mas a satisfação o ressuscitou.

Sua voz soou rouca e grave. Ela sentia as pernas bambas. Fincou os calcanhares no chão macio para disfarçar que tremia.

Ed inclinou a cabeça, olhando para ela como se estivesse se decidindo a respeito de alguma coisa.

— O que está fazendo espiando minha mãe, Ed Lewis? — sussurrou Daisy afinal. — Você é tarado? Que nem o Sr. Wilcox?

— Não fale no Sr. Wilcox.

A voz dele era dura e monocórdia.

— Aqueles fósforos, os do Hideaway...

Mas antes que pudesse acabar a frase, Daisy viu o pai correr até ela, por trás de Ed. Ele vinha do outro lado da casa de barcos, e sua velocidade a deixou apavorada.

— Daisy, afaste-se dele.

Ele não disse mais qualquer palavra, apenas agarrou Ed e o arrastou para a praia.

Daisy ficou onde estava, vendo-os de longe, o pai torcendo o braço de Ed, o rosto junto ao do garoto. Algumas palavras chegaram aos ouvidos dela:

— Se algum dia você... minha esposa... — Seu pai sacudia o corpo de Ed enquanto falava. — ...eu conto a eles.

Seu pai parou de falar como se estivesse esperando uma resposta. Então Daisy viu Ed, cuja expressão não havia mudado, falar algo no ouvido de seu pai. Quando Ed parou de mexer a boca, o rosto do pai pareceu a Daisy um pouco mais pálido ao luar.

— Daisy?

A voz da mãe a sobressaltou.

— Mamãe!

Daisy correu para ela, apertando-se contra seu corpo molhado. Sua mãe estava fresca e limpa, e Daisy quis se enfiar em seus braços, seu colo, sua pele.

Ela envolveu Daisy com um braço, usando o outro para ajustar a alça da combinação ensopada, que vestira ainda com o corpo molhado.

— O que está havendo? — A mãe olhou para Daisy, e depois na direção da praia. — O que seu pai está fazendo? Era ele quem estava uivando feito um gato vira-lata?

Daisy viu que só o pai continuava no fim do gramado, olhando para as luzes da enseada. De repente ela não estava preocupada com o fato de Ed ser tarado, nem com a reação do pai.

— Mãe...

Começou a chorar, engasgando com o rosto colado à seda, aspirando o aroma suave do perfume de lírio-do-vale da mãe e o cheiro do mar.

— Querida, o que está havendo?

Sua mãe parecia exasperada.

— Ah, mamãe. — Daisy esfregava o rosto na combinação da mãe. — Está tudo horrível. Está tudo errado. Tyler beijou Peaches. E depois...

— Ah — disse a mãe. — Ah, entendi. — Ela suspirou, e passou a mão no alto da cabeça da filha. — Por que não entramos um minuto na casa de barcos, querida, e aí você pode me contar o que aconteceu?

A casa de barcos recendia a óleo e mofo. Uma toalha descartada jazia embolada perto da cesta de piquenique. A mãe puxou duas das almofadas de barco amarelas penduradas na parede. Sentou-se de pernas cruzadas em uma e indicou o lugar ao seu lado. No escuro, Daisy viu que o cabelo dela estava só ligeiramente molhado, os cachos escuros luzídios ainda penteados para trás. As safiras em suas orelhas brilhavam quando a luz do farol de Chappaquiddick entrava pelas janelinhas, iluminando momentaneamente o rosto das duas.

— Então — disse a mãe, enquanto Daisy se sentava na segunda almofada. — O que está havendo?

Daisy pôs a cabeça no colo da mãe, sentindo o calor da mão dela em sua nuca.

— Eu vi os dois — disse ela, baixinho. — Eles estavam se beijando na varanda. Na nossa varanda. E Peaches estava com uma rosa horrenda que a mãe dela cultivava e que ganha até concursos. E ela passou o braço em volta dele. E...

— Uma rosa?

— Esqueça a rosa — disse Daisy, com impaciência. — É que eu sei que sou melhor que ela. Eu simplesmente sei.

— Entendi. Bem, nem sempre se escolhe a pessoa melhor — disse a mãe. — Às vezes... — A mãe parou, ficando com a mão imóvel no pescoço de Daisy. — Às vezes as pessoas simplesmente se sentem sozinhas, e aí fazem coisas estranhas.

Daisy pensou sobre o que a mãe falava.

— Mas Tyler a escolheu. Eu o queria, e ele a escolheu. — Daisy escondeu o rosto. — Ah, mãe, eu quero morrer. Como ele pôde fazer isso? Por que ele não gosta de mim?

— Eu sei que dói, querida. É muito difícil ser jovem e gostar tanto de alguém.

— Mas quando você era jovem, você amava o papai e ele a amava também. Você teve o que desejou.

— Para início de conversa, nós éramos mais velhos que você. Depois, bem, tivemos muita sorte.

A mãe suspirou.

— Eu quero ter sorte — disse Daisy.

— Você vai ter mais que sorte. — Ela afastou o cabelo de Daisy da testa.
— Você vai ser forte. E todas as Peaches e os Tyler do mundo não vão conseguir magoá-la.

Daisy ficou calada. Imaginou-se grande como um gigante e esmigalhando uma Peaches muito pequenininha com o pé.

— Além do mais — disse a mãe friamente —, Peaches é uma menina muito desagradável.

— Eu sei. — Daisy suspirou. — Mas ele gosta dela.

— Querida, duvido muito que Tyler goste de Peaches. Os garotos são assim mesmo. Peaches é assanhada, e os garotos dessa idade apenas aceitam o que lhes é oferecido.

— Ah, e depois, mamãe, aconteceu uma outra coisa... — Daisy parou, pensando nos grandes olhos de Anita e no gosto de seu hálito. — É muito horrível.

— O que mais aconteceu?

— Anita. Ela estava me emprestando o lenço dela, e aí, mãe, ela me beijou.

— Ah, puxa! — A mãe riu. — Isso é interessante.

— Não tem graça. — Daisy sentou-se ereta. — Por que ela fez isso? Ela sabe que eu amo Tyler e que queria beijá-lo.

— É, você tem razão, não tem graça — disse a mãe, mas continuava sorrindo. — Anita é só uma garota que gosta de fazer um teatrinho. E, convenhamos, Daisy, a família dela é meio esquisita. Você sabe disso.

— Não me interessa. Eu odeio todos eles.

— Querida — a mãe tomou o rosto da filha nas mãos —, quero que me ouça. Vou lhe contar uma coisa, porque um dia pode ser muito importante que você se lembre disso. — A mãe estava com a expressão séria, os grandes olhos verdes parecendo pele de cobra. — Se existe alguma certeza nesta vida é que nem sempre vamos beijar a pessoa certa.

1959: agosto

II

Daisy desatarraxou a prensa de madeira da raquete e cravou os dedos nas cordas para puxar a tripa. Eram onze da manhã e o sol já queimava seus ombros nus, a poeira da quadra de saibro criando uma névoa em volta dela.

Ela deixou a prensa na arquibancada, perto da trave da rede, e olhou para o grande e fresco alpendre do clube, onde sua mãe estava sentada conversando com a Sra. Coolridge. Ela assentia levemente para algo que a diretora dizia. Diferentemente de seu pai, que apenas lhe dera um beijo de boa sorte mais cedo, sua mãe parecia muito bem-disposta, como se não houvesse tido festa alguma. Daisy viu o Sr. Montgomery cochichando no ouvido de Peaches. Virou-se de volta para a quadra.

Então arrastou os pés no piso de saibro e bateu nas solas dos tênis com a ponta da raquete, para limpá-los. Peaches desceu os degraus, seu rabo de cavalo brilhando ao sol. Daisy ajeitou a faixa de cabeça, colocando-a mais para trás, e limpou com o pulso o suor que se acumulava acima do lábio superior.

Fingiu não ver que Peaches, sentada no banco, puxava uma flanela da bolsa e começava a dar brilho no já refulgente aro de sua raquete.

Ela é fria, eu sou quente. Ela é fria, eu sou quente.

Ela olhou de novo para o alpendre. Os olhos da mãe estavam fixos nela, uma pequena ruga maculando a pele lisa entre as sobrancelhas. A Sra. Coolridge agora apertava a mão do Sr. Montgomery, sorrindo para algo que ele dizia. As vozes eram apenas um murmúrio, e lhe davam a sensação de que o retângulo de saibro quente estava a um mundo de distância. Sua cabeça doía por causa da claridade, e um leve zunido ressoava em seus ouvidos.

Tão quente que daria para assar um boi.

Houve uma discreta movimentação no alpendre. Daisy viu a Sra. Coolridge virar a cabeça e franzir os olhos para o interior escuro do prédio da sede do clube.

Lá de dentro saiu Ed, lançando uma rápida olhadela para a diretora do torneio antes de dar alguns passos tranquilos na direção da mãe de Daisy. Ela soltou o ar. Não o via desde a noite anterior, e, embora não soubesse exatamente por quê, ficou feliz com a presença dele ali. Sua mãe ergueu os olhos e sorriu para Ed, que puxou uma das cadeiras de madeira mais para perto dela e sentou-se. Daisy tocou na ponta de flecha que levava no bolso do vestido. Sentiu a textura áspera, como a de um pedacinho de coral, entre o polegar e o indicador.

A Sra. Coolridge aproximou-se da quadra.

— Tudo bem, meninas, vocês conhecem as regras. A primeira a vencer dois sets seguidos — disse.

Daisy desenhou no saibro um semicírculo com o bico de borracha do sapato.

A Sra. Coolridge pôs a mão no bolso e sacou uma moeda.

— Daisy Derringer, cara ou coroa?

Ela olhou para o céu: azul, aberto, iluminado.

A Sra. Coolridge lançou a moeda para cima. O metal reluziu ao sol.

— Cara.

Cara, eu ganho; coroa, você perde.

A Sra. Coolridge pegou a moeda no ar e chapou-a nas costas da outra mão.

— Cara.

Daisy pensou ter ouvido a mãe dizer alguma coisa, mas não conseguia ter certeza.

— Daisy?

A Sra. Coolridge olhava impassível para ela.

— Fico com o primeiro serviço.

— Peaches?

Peaches apontou com a cabeça para o outro lado da quadra, e Daisy observou-a contornar o mastro da rede. Daisy então pegou duas bolas e enfiou uma no bolso, antes de atravessar a quadra até a marca central.

Parada na linha de base, ela observou Peaches, que afastou os pés e fez um leve movimento de aquecimento, como se gingasse, trocando o peso de um pé para o outro. Parecia que o mundo inteiro havia ficado em silêncio, salvo pelos grilos que esfregavam as asas no calor. Ela olhou para os pés de Peaches e para o ângulo de seu quadril direito, um pouco projetado na direção da linha lateral.

Daisy lançou alto a bola e desceu a raquete puxando-a por trás do ombro direito. Viu que a bola estava reta, embora o sol a pino lhe doesse a vista. Levantando a raquete, deu um *can-opener*, com um *slice* em cima de Peaches no lado do *backhand*, e sentiu o pé direito bater com força ao tocar o chão com o peso do corpo para a frente.

Peaches se atrasou no *backhand*, e não conseguiu fazer a bola voltar por sobre a rede.

Alguém no alpendre bateu palmas.

Daisy posicionou-se a fim de lançar a bola para o serviço seguinte.

— Quinze-zero.

Sua voz soou insignificante no espaço aberto.

No segundo serviço, ela abriu ligeiramente o golpe, o efeito fazendo a bola atingir direto o corpo de Peaches. Daisy franziu a vista para ter certeza de que Peaches errara antes de dar as costas para a adversária e se reposicionar na quadra.

Trinta-zero.

Outro *slice*, mas dessa vez Peaches estava preparada e devolveu uma bola baixa que a forçou a avançar para a rede. Daisy deslizou e tentou um voleio para o mata-burro, mas Peaches já estava lá. Ela rebateu com um *forehand* ligeiramente fraco, e Daisy recuou, a raquete já abaixada junto à coxa direita. Mandou um *backhand* direto no corredor lateral de Peaches. Com o coração aos pulos, ela viu Peaches se espichar para pegar a bola. Se espichar e errar.

Daisy sabia que o game era dela, já podia sentir o gosto da vitória, a vibração em seus músculos como o estrilar na moita ali atrás. Puxou a gola e soprou para dentro do vestido, sentindo o ventinho do próprio hálito esfriar o suor que lhe escorria pela barriga.

Peaches se posicionou perto da linha lateral, já protegendo seu *backhand*. Era um erro, e Daisy sabia disso.

Sempre se aproveite do erro do adversário.

Daisy sentiu os pés se moverem instintivamente para o centro, a bola subir, a raquete descer às suas costas, arquear e acertar direto no T, uma bola plana e veloz. Dentro. Peaches trocou de pé, tentando o *forehand*, mas era tarde demais. Seu pulso virou ligeiramente na hora do golpe, ao que a bola pegou no alto da rede e caiu de volta em sua própria área de serviço.

Enfiando a mão no bolso, Daisy sentiu novamente a ponta de flecha. Então olhou para o alpendre e viu Ed, um sorrisinho repuxando seus lábios. A mãe dela continuava apertando com força o braço do menino, embora o game já tivesse terminado. Daisy passou a mão no rosto, sentindo-o febril e escorregadio sob a fina camada de suor.

Elas trocaram de campo. Peaches devolveu quase na mesma moeda o tratamento que tivera, vencendo o game, embora Daisy tenha conseguido fazer alguns pontinhos. As duas continuaram assim, para trás e para a frente, um para lá e um para cá, cada uma vencendo em seu serviço. Às vezes, Daisy tinha a sensação de que estavam dançando juntas, coladas e desconfortáveis, como na turma da Sra. Brown na Escola Park, quando os garotos dançavam com aquele ar todo compenetrado, concentrados para não pisar nos pés das meninas. Ela sentia dor na sola dos pés quando ficava parada, mas enquanto deslizava e corria pela quadra, contraindo os músculos do braço para imprimir força às jogadas e forçando as coxas, nada lhe doía.

Mantinha-se atenta aos movimentos de Peaches, à trajetória da bola, mas sua cabeça já quase se desligara. Imagens da moça morta, de Peaches e Tyler sob a lanterna japonesa e de Ed com os nós dos dedos brancos à porta da sala de jantar escutando a conversa dos adultos a seu lado, tudo isso rodava em sua cabeça. E Daisy jogava para fazê-las desaparecerem. Se batesse com mais força, acertasse mais longe, se corresse mais depressa, as imagens desagradáveis cairiam como patos em uma barraca de tiros, uma atrás da outra.

Então batia mais forte na bola, se movia mais depressa, acertava e corria, acertava e corria, até quebrar o serviço de Peaches. Ganhou o set. Depois ganhou o game seguinte, e o seguinte, até só faltar um último game para

vencer. E ela ia vencer, e depois que vencesse, nunca mais a machucariam; estaria blindada para a vida.

Com o placar em trinta-quarenta, Daisy observou Peaches tratando de se posicionar para o serviço de sua adversária. Quando rebateu, a bola parecia lenta, e Daisy já estava em movimento. Deu uma cortada na devolução para o *backhand* de Peaches, apressando-se no lance para armar um voleio. A expressão de Peaches mudou quando ela viu Daisy investir para cima da rede. Quando veio a devolução, Daisy deu o golpe final — um voleio quente e preciso para o *forehand* de Peaches. Parecia Timbuktu. Fim de jogo.

Daisy soltou a raquete, que caiu com um baque macio no saibro. Ficou parada ali na quadra quente olhando para Peaches. O rabo de cavalo da menina estava todo desgrenhado e seu rosto redondo, afogueado, como se ela tivesse levado uma bofetada. Por um momento Daisy sentiu pena dela e, por alguma razão, pena de si mesma. Mas então sua mãe foi até ela, abraçando-a, e Daisy se viu respirando ofegante com o rosto afundado na blusa de algodão da mãe. Percebeu que Ed estava parado ali perto.

Ela sabia que tinha que ir apertar a mão de Peaches. Mas só queria aproveitar a sombra fresca do corpo da mãe e o vazio que agora tomava conta de sua mente.

A vingança é um prato que se come frio.

HELENA

1967: agosto

I

Helena foi de mansinho até o espelho e olhou seu reflexo iluminado pelo sol matinal. Seu cabelo louro estava rebelde, como uma medonha coroa de esponja de aço já grisalha em alguns pontos. Ela se lembrou de uma frase que lera num dos livros de poesia de Nick. Dizia que alguma coisa de alguém havia sido “intensa e excessiva”. Excessiva de fato. Uma caixa inteira de livros de Nick fora despachada por engano para Los Angeles quando elas deixaram a Elm Street depois da guerra. Helena pretendia enviá-la direto para St. Augustine, mas como acabava nunca indo ao correio, passou-se a primeira semana, depois a segunda, e então ela começou a folhear os volumes.

Tornou a se olhar no espelho, suspendendo os seios pesados com as duas mãos, depois se virando para vê-los de perfil. Deixou-os cair. Observou suas faces, antes belas maçãs, agora apenas rechonchudas. Leves rugas de expressão corriam sinuosas por sua testa, que parecia bem ressecada sob aquela claridade forte.

O quarto em que ela acordara não podia ser mais radiante e alegre, com uma amplitude arejada e estofados engomados e coloridos. No entanto, de algum modo, aquele cômodo a deprimia. Parecia acusatório. Ela crescera naquele tipo de claridade translúcida e recriminadora do Leste, mas não se sentia radiante ou alegre.

Helena suspirou. De nada adiantava essa mania que ela tinha de pensar tanto em tudo. Grande parte do problema se devia ao fato de ela ter pensado demais e, depois, ter pensado de menos. Por isso é que ela acordara naquele quarto cheio de azulões no papel de parede, na casa de outra pessoa.

Sentou-se à penteadeira. Seus olhos passearam pela superfície de vidro manchada, pousando em uma fotografia que a mostrava de pé entre Hughes e Nick. Nick é que colocara o retrato ali. Eles estavam de frente para o sol, os olhos dela parcialmente escondidos na sombra projetada por seu supercílio. Nick olhava para o lado, como se algo ali houvesse lhe chamado a atenção, o que destacava suas feições.

Helena empurrou um pouquinho o porta-retratos com o cotovelo, depois mais um pouquinho, até a foto cair no chão com estardalhaço. Quando se abaixou para pegá-la, viu que o vidro se quebrara. Tirou o retrato da moldura e se levantou. Olhou mais um pouco para a imagem antes de pegar a tesourinha de costura do nécessaire e cortar uma beiradinha do rosto de Nick. Segurou o retrato e o examinou. Então cortou mais um cantinho, eliminando a boca e a ponta do nariz da prima. Mas ainda não estava muito bom, então ela foi em frente e cortou completamente o rosto de Nick. Satisfeita, recolocou o retrato na moldura e jogou os cacos de vidro na lixeira.

Só então se lembrou: era seu aniversário. Ela estava fazendo quarenta e quatro anos.

* * *

— Tia Helena. — Daisy saiu correndo da cozinha quando Helena se aproximou da porta. — Ah, não. Íamos levar o café na cama para a senhora. — Ela gritou por cima do ombro: — Somos muito lerdas, mãe!

— Diga a sua tia que não é para ela entrar na cozinha. — A voz de Nick fingia um tom sério que fez Helena se encolher.

Daisy virou-se de novo para a tia, sorrindo.

— Bom, a senhora ouviu a capitã. Fique aí que eu pego a sua bandeja e lhe faço companhia na varanda. — Ela deu um beijo no rosto da tia. — Quase esqueci de dizer: feliz aniversário!

Daisy vestia um short minúsculo e uma camiseta. Helena podia ver o desenho dos mamilos da sobrinha através do tecido. Os seios de Daisy eram pequenos e pontudos, e Helena pensou nos seus, pesados, em suas mãos

poucos minutos antes. A menina era miudinha, muito clara e loura, como o pai. Helena se lembrou de algo que Nick lhe dissera sobre morar na casa dos bons e dos louros. Ela entendera o que a prima quisera dizer. Era irritante.

Daisy pousou a bandeja na mesa bamba da varanda da frente. Ovos beneditinos. Torradas. Uma fatia de melão, com uma meia-lua de limão. Suco de laranja.

— Tchã-rã — disse Daisy, abrindo as mãos sobre a bandeja. — Mamãe está fazendo a sua surpresa de aniversário.

Não seria uma grande surpresa, se Helena estivesse certa em sua previsão. Quando as duas eram mais moças, ela adorava bolo de anjo. Mas já deixara de gostar havia alguns anos, embora ninguém tivesse se dado o trabalho de lhe perguntar. Então todo ano ela comia isso, e cada pedaço tinha sabor de desgosto.

Helena mergulhou o garfo no molho holandês e lambeu-o. Tinha que admitir, uma coisa pela qual não se podia reprovar Nick era a comida, quando ela se decidia a cozinhar. O molho estava uma delícia, cremoso e com um toque de limão.

— É muito carinhoso de sua parte, querida — disse ela. — Sério, você não deveria me mimar tanto.

— É seu aniversário. Todo mundo merece ser mimado um pouquinho no dia do aniversário.

— Bem... — Helena cortou o pãozinho. — E então, a que horas você chegou ontem à noite?

— Consegui pegar a última barca. Ty não conseguiu sair do trabalho, mas ele disse que não vai perder por nada a comemoração de seu aniversário hoje à noite.

— Humm. E no front do casamento, alguma novidade?

— Com certeza tem novidade, mas ninguém me conta nada — disse Daisy, com uma risada um pouquinho afetada. — Estou tão farta desse casamento que tenho vontade de chorar. Por mim eu fugiria com ele, mas você sabe como é. Ninguém segura mamãe e Tyler. Eles estão sempre se consultando, conspirando a respeito das flores ou da música ou de algum outro

detalhe. E quando não estamos aqui, os dois passam o dia inteiro tramando ao telefone.

— Bom, acho que eles só querem que sua festa seja linda. — Helena comeu um pedaço do ovo. — Embora — ela engoliu, e olhou para Daisy com o rabo do olho — seja incomum o noivo se interessar tanto por essas trivialidades da organização de festas.

— Não é muito masculino, concordo. Vivo dizendo isso a ele. Mas acho que eu deveria ficar lisonjeada por Ty estar tão animado. Enfim, casamento é assunto chato. O que vai fazer de aniversário?

— Ah, sei lá. Não pensei muito nisso.

— É uma pena Ed não poder estar aqui — disse Daisy, tomando um gole do suco da tia.

O gesto a chocou. Era tão igual a Nick, tão arrogante, tão típico de quem se julga ter direito a tudo, e ela se viu querendo jogar longe o copo, arrancá-lo da mão de Daisy. Fez força para impedir que suas mãos começassem a tremer.

— Podíamos ir ao salão fazer o cabelo.

— Eu não sou uma velha gagá, Daisy. Ainda consigo marcar uma hora no cabeleireiro.

Ela notou o azedume na própria voz.

— Não foi isso que eu quis dizer — tentou explicar-se Daisy. — Claro que a senhora consegue ir sozinha. Só quis fazer um convite. Pode ser um programa divertido.

— Ah, querida, desculpe-me. Não dormi muito bem. Acho que levantei com o pé esquerdo. — Helena suspirou. Era muito cansativo cumprir todos esses pequenos fingimentos, mas ela tinha que tomar cuidado. Tinha que estar alegre e, acima de tudo, bem. Empertigou-se. — Talvez você tenha razão. Ir ao salão: talvez seja exatamente o que estou precisando.

Quando Daisy saiu da varanda para ir ligar para o Shelley's, em Vineyard Haven, o único salão de beleza da Ilha, Helena se voltou para o melão. Sabia que deveria tê-lo comido primeiro, como todo mundo fazia, como ela mesma sempre comera, mas resolveu que não ligava. Era seu aniversário, afinal, e esse pequeno ato de subversão lhe deu prazer.

Ela furou um dos quadradinhos do melão que Nick sem dúvida cortara com total precisão e o mordeu. Ficou impressionada com a doçura da fruta. Lembrou-se da primeira vez que comera um melão na Califórnia, não muito depois de ter se mudado para lá; Avery a levava para tomar café da manhã no Cabana Club Café, no hotel Beverly Hills. Era 1945, e Helena nunca tinha tomado café da manhã fora de casa; nem conhecia ninguém que fizesse isso. Muito menos à beira da piscina; talvez em algum restaurante de beira de estrada sujo e escuro, no caso dos caixeiros-viajantes. Trouxeram-lhe uma fatia de melão, ou pelo menos ela achou que fosse. Talvez fosse algum outro tipo de melão. Enfim: quando ela mordeu, a fruta efervesceu — não havia outra forma de descrever aquilo. Helena nunca tinha provado uma fruta como aquela, e, após todo o racionamento do tempo de guerra que prevalecera no Leste, julgou ter morrido e ido para o paraíso. Ou quem sabe para alguma versão glamourosa de Marte.

Assim foi Los Angeles naqueles primeiros meses. Tudo era novo, assombroso e exótico. Avery lhe escrevera enquanto ela ainda estava em Cambridge avisando que encontrara uma casa, mas, quando foi buscá-la na estação de trem, comunicou-lhe que eles iriam morar na casa de hóspedes de um famoso produtor de Hollywood. (O Produtor. Mesmo depois de saber o nome dele, Helena sempre pensava em Bill Fox como O Produtor, como um personagem em um roteiro.)

Claro, a cerimônia na Prefeitura não fora maravilhosa, mas, pensando bem, ela disse a si mesma, Avery era muito ocupado, e festas de casamento não eram lá tudo isso que pintavam. Ela usou um chapéu de cor creme que a vendedora da Bullock's a convencera a comprar. Não sabia onde estava esse chapéu agora.

Depois que o juiz de paz os declarou casados, Avery a levou para a casa de hóspedes na Blue Sky Road. Helena passara alguns dias em um hotelzinho, e, embora o chalé fosse pequeno e escuro, ela ficou tão aliviada de finalmente estar instalada que não reparou em algumas de suas características menos atraentes. Ele a levou para o quarto, onde, estendido em cima da cama, estava um vestido tomara que caia bordado com fio de prata. Era forrado de cetim cor de creme, e tinha um pedaço do mesmo cetim em um detalhe no quadril

esquerdo. Helena deu uma gargalhada. Nick tinha o maior orgulho daquele seu vestido de cerejas. Se pudesse vê-la naquele momento...

Avery pegou o vestido, e Helena tirou a roupa e o vestiu, por um momento sentindo vergonha de subitamente ficar apenas de calcinha na frente do marido. Caiu-lhe perfeitamente.

— Como sabia meu tamanho?

Helena estava praticamente sufocada de prazer.

— Tirei as suas medidas — disse Avery, com uma piscadela. — Eu disse a eles que você usava o mesmo tamanho que Jane Russell, só que era mais baixa. — Ele pegou a mão dela e a rodopiou. — Perfeito. Agora quero levá-la à cidade para exibir você.

Ele a levou ao *Ciro's*. Helena nunca vira nada igual. A fachada era simples e sem graça, só um bloco de concreto com um letreiro em néon. Mas o interior era como uma caixa de joias, o pequeno palco rodeado por cortinas douradas e enormes lustres de vários andares. Ela viu Marlene Dietrich com um ator francês, e Jimmy Stewart e uma mulher com um chapelão, gorda e de expressão agressiva — Avery lhe contou tratar-se uma famosa colunista de fofocas. Ela precisou se conter para não perguntar baixinho “Quem é esse?” a cada mesa por que passavam.

— Quero apresentá-la a Bill Fox — disse Avery.

Ele não disse na ocasião, mas fora, claro, O Produtor que lhes conseguira a mesa no *Ciro's*.

— Ora, ora — disse O Produtor quando Avery os apresentou. — Então esta é sua Jane Russell.

— Eu não lhe disse, Bill?

— É, você disse. Ora, ora.

Ele assentiu com a cabeça, em aparente admiração.

Helena sentiu-se tão linda quanto qualquer mulher ali. Nem gorda nem muito branca nem boba. Não era a Helena cuja casa era sempre menor, nem cujo pai era sempre mais pobre. Era uma Jane Russell loura com um vestido forrado de seda que lhe caía como uma luva. Ela era encantadora.

— Olá, muito prazer em conhecê-lo — disse Helena, estendendo a mão. — Estou simplesmente encantada com a casa. Muitíssimo obrigada por nos

deixar morar lá.

— Casa de hóspedes — corrigiu O Produtor, correndo a ponta do dedo pelas meias-luas do bigode. — Sim, bem, Avery e eu temos um velho amigo em comum.

— Ah.

Helena olhou para Avery, que se limitou a sorrir para ela.

— Pois bem, crianças, divirtam-se.

O Produtor tornou a se virar para sua mesa.

Avery puxou o braço de Helena.

— Nossa mesa é nos fundos.

Helena ficou ali parada um instante, sem saber se a conversa tinha acabado mesmo.

— Ah, e, meu bem — disse O Produtor, sem se virar —, não se esqueça de devolver esse vestido ao figurino segunda-feira.

* * *

Daisy esperava no carro com o motor ligado quando Helena saiu da casa. Helena olhou para a casa que já havia sido sua do outro lado da cerca. A que Nick tirara dela. Roubara, na verdade. Um jovem casal sem filhos que agora era o dono do imóvel erguera uma cerca branca de ripas para impedir o cachorro de fugir, um bicho de temperamento doce, muito provavelmente um vira-lata. Vivia abanando o rabo e tinha um pelo preto e macio. Ela gostava daquele cachorro.

Daisy a chamou, ao que ela tirou os olhos do chalé e se encaminhou para o carro. O “Besouro”, como Daisy se referia ao automóvel: pequeno e apertado, da cor do girassol. Ela sempre tinha a sensação de ter sido retorcida no formato de um pretzel depois de andar naquele carro.

Abrindo a porta do carona, ela foi saudada pela inconfundível voz de pseudointelectual de Bobby Kennedy, vindo do rádio:

A essa altura deve ser óbvio que bombardear o Norte não pode pôr fim à guerra no Sul.

— Sabe, eu nunca entendi esses Kennedy — disse, encaixando-se no pequeno assento. — Com esse sotaque irritante. Ninguém tem esse sotaque.

Daisy girou o dial. Uma música inofensiva substituiu o programa de notícias. Helena suspirou; Daisy soltou o freio de mão e foi de marcha a ré, a uma velocidade apavorante, pela rua dos fundos até a North Summer Street. Helena viu que a sobrinha tinha tirado as sandálias e as chutara para baixo do banco. Cruzou as pernas na altura dos tornozelos, mas logo depois se achou uma chata. Por que se sentia tão velha?

Não era só por causa de Daisy. Afinal, aos vinte anos, ela realmente era um bebê. Helena olhou para o perfil da sobrinha, o vento agitando seu cabelo louro e curto. Era incrível, pensou, quão imune à mãe Daisy parecia nos últimos tempos. Quando menina, ela vivia observando Nick. Era quase tangível o medo que aquela criança sentia de não estar à altura da mãe. E agora era tão descontraída, tão despreocupada. De certa forma, tratava Nick como Hughes fazia, com uma espécie de indulgência. Mas, pensando bem, Helena lembrou a si mesma, ela ia se casar. Era jovem, bonita e tinha conseguido conquistar seu homem. Com que poderia se preocupar? A menina passara anos suspirando por aquele garoto; bancara a exibida, e aí, em seguida, passara a ignorá-lo, até ele acabar aceitando o jeito dela. Helena deu uma risadinha. Daisy era implacável, tinha que admitir.

Será que os dois faziam sexo? Provavelmente. Nos últimos tempos, ela tinha a impressão de que as pessoas iam correndo para a cama umas das outras com a maior facilidade. Claro, não que não fizessem isso na época dela, mas ao menos naquele tempo tinha-se a decência da vergonha. Ela esperara o casamento para ir para a cama com Avery, e nem virgem era.

Eles não transaram na noite de núpcias, porque ambos haviam bebido champanhe demais. Para ser honesta, ela ficara aliviada com isso. O sexo com Fen fora uma experiência desestabilizadora. Ele parecia tão maravilhado com seu corpo que ela se sentia uma casinha de brinquedo para uma criança. E depois, claro, a lembrança do sexo de certa forma ficara misturada com a morte dele, de forma que quando ela se casou com Avery, toda a ideia da coisa era um tanto repugnante.

Mas ir para a cama com Avery foi completamente diferente. Quando eles finalmente consumaram o casamento, ele murmurava “minha mulher, minha estrela de cinema” o tempo todo, o que, apesar de estranho, fez Helena se sentir sensual. Depois do ato, Avery ficou deitado delineando o contorno de seu seio e olhando para ela com aqueles olhos fundos. Cor de avelã, reparou então Helena, percebendo que até aquele momento não notara de que cor eram.

— Achei bom você não ser virgem, sem aquela tensão toda — disse ele. — Mas pensei que você fosse um pouquinho mais experiente.

— Ah — fez Helena, sem saber o que dizer.

— Quero que você fale enquanto fazemos amor.

— Ah.

Avery riu.

— Você não precisa ter vergonha, Helena. Não comigo.

— Eu não tenho vergonha — mentiu ela.

Ele pegou o rosto dela nas mãos e assumiu uma expressão mais séria.

— Prometa que nunca vai esconder quem você é.

Helena continuou sem olhar para ele, mas sentiu um brilho crescer dentro de si.

— As pessoas simplesmente não falam assim de onde eu venho.

— Eu sei de onde você vem — disse Avery. — Aqueles esnobes todos da Costa Leste, como a sua prima. Mas agora você está longe daquilo tudo. Podemos ser quem quisermos.

— Eles não são esnobes — defendeu Helena.

— Não, não, tem razão. — Ele afagou o cabelo dela. — É só que você me faz querer protegê-la. Não quero que ninguém a faça se sentir inferior ao que você é. Entende?

Ah, sim, ela entendia.

— Quero lhe mostrar uma coisa — continuou Avery, levantando-se da cama.

Ele guiou Helena pela sala até a porta de madeira que dava para o que ele chamara, com indiferença, de seu escritório, quando a levava para conhecer a casa.

Abriu a porta, revelando uma pequena sala quadrada com uma única janela que deixava entrar a iluminação natural. Colados em uma parede havia dois grandes cartazes. No primeiro, um homem de capa de chuva segurava uma pistola fumegante, com uma mulher ruiva num vestido verde rasgado agarrada a sua perna. *Pago com sangue*, estava escrito em letras garrafais no alto, e a legenda dizia: “A Máfia o quer... Ela precisa dele... Mas não se pode segurar um homem assim!” O outro era de um filme chamado *Através do buraco da fechadura* (“Ele vê você dormindo”). Helena nunca ouvira falar em nenhum dos dois, mas pareciam do tipo a que se podia assistir em uma sessão dupla: dois ao preço de um.

No chão, embaixo dos cartazes, havia duas pilhas de roupas de mulher. Os únicos móveis na sala eram um armário-arquivo de aço cinza, uma mesa coberta de fotografias e uma cadeira. Empilhadas no chão junto à parede, havia caixas transbordando do que parecia ser lixo. Helena viu um vidro de perfume vazio, uma escova de cabelo e um exemplar manuseado de *Mrs. Parkington*.

— O que é isso tudo?

A escova de cabelo foi o que mais a perturbou. Será que havia mais alguém morando ali?

— Quero lhe apresentar a Ruby — disse Avery, abrindo os braços como um pastor.

— Perdão, mas quem é Ruby?

— É minha alma gêmea — disse ele, entrando no quarto e tocando amorosamente o cartaz de *Pago com sangue*. — Não se preocupe. — Virando-se de novo para Helena, que estava plantada à porta, ele acrescentou: — Ela já morreu.

Helena não disse nada, limitou-se a ficar olhando para ele. De repente ela não tinha ideia de quem era aquele homem.

— Olhe, eu preciso... não, eu quero lhe contar tudo. — Ele correu as mãos pelo cabelo, depois olhou para ela. — Posso?

Helena assentiu, mas estava com medo.

— Antes de conhecer você, eu era casado com Ruby. Não casado como nós dois somos, no papel, mas nossas almas eram casadas. Ela era linda e talentosa, e me ensinou a ser livre. Olhe. — Ele pegou uma fotografia de sobre a mesa e mostrou-a a Helena. Uma mulher de olhos enevoados e cabelos ondulados caindo em volta dos ombros estava deitada, o olhar desviado da câmera. — Esta é ela. É Ruby.

Helena tinha que admitir que ela era glamourosa, linda mesmo. Sentiu-se um pouco mal.

— O que aconteceu com ela?

— Foi assassinada — disse Avery.

— Por quem?

Ela não sabia se queria ouvir a resposta.

— Por todos. O mundo e todo seu ciúme sórdido. — Avery suspirou e sentou-se de pernas cruzadas no chão. — Encontraram o corpo de Ruby no carro dela, em um beco perto do Sunset. — Ele olhou de novo para a foto. — Estrangulamento. A polícia achou que fosse uma garota de programa qualquer assassinada por algum cliente. Chamou-a de prostituta, puta. Eles é que são a escória. Ruby nunca teria se vendido. Nunca.

Helena sentiu-se embriagada. Ou no meio de um sonho em que a pessoa sabe que está em casa, mas não é de fato sua casa. Apertou mais contra o corpo o lençol fino que trouxera consigo para a noite de núpcias.

— Avery, meu querido, vamos voltar para a cama. Estou com frio.

Ela pensou que, se saíssem daquele quarto horrível e fechassem a porta, talvez pudessem fingir que nada daquilo tinha acontecido. Voltar para o quarto e apagar aqueles eventos.

A expressão de Avery mudou.

— Oh, minha Ratinha, eu a assustei. — Ele se levantou do chão e pegou Helena nos braços. — Sei que isso é demais para você assimilar, e talvez pareça loucura. Mas preciso que confie em mim.

Os braços dele a aqueciam, e ela se lembrou dele murmurando “minha mulher, minha estrela de cinema” durante o sexo.

— A questão é que ela morreu enquanto fazia um filme. E eu vou terminar esse filme. Só preciso levantar capital para comprar os direitos de filmagem do

estúdio. — Suas palavras agora saíam depressa, quase como se ele as tivesse decorado. — Vou usar uma dublê, como fizeram com Jean Harlow em *Saratoga*. Mas ela vai precisar entender Ruby de verdade, conhecê-la. É por isso que estou guardando todos esses objetos. Vou remontá-la.

— Avery...

Ela se soltou dele.

— Espere, espere — disse ele, pegando sua mão e segurando-a junto ao peito. — Não fuja de mim. Por favor, Helena. — Seus olhos estavam desesperados e extremamente tristes. — Você nunca se sentiu só? Como se não pertencesse a lugar algum, nem a ninguém? Como se fosse enlouquecer de tanta coisa que queria? — Ele balançou a cabeça em lamentação. — Não diga que não, porque eu sei. Soube no minuto em que a vi naquela loja de ferragens. Aquele sofrimento todo, aquele fingimento todo de que as coisas iam bem, quando você estava definhando por dentro. Comigo tem sido igual. Somos uma dupla, Helena. Podemos acertar. Podemos salvar um ao outro.

Helena olhou para ele. Sim, ela sabia como era isso, muito bem. Sempre a mais boazinha, a mais pobre, sem nada que fosse só seu. A menina bonitinha com que os garotos sabiam que podiam implicar sem que nada acontecesse; assustada e humilhada e pequena demais para delatá-los. Sempre agradecendo por todas as pequenas gentilezas que lhe faziam, mesmo com Fen, como se não merecesse. Mas ela merecia. Merecia ser feliz. E agora, com Avery, com seu marido, ela não precisaria mais tentar conseguir o que queria sozinha.

* * *

No caminho para Vineyard Haven, Daisy fez uma parada rápida para buscar alguma encomenda, e Helena observou a sobrinha colocar o pacote com cuidado no banco traseiro, ajeitando-o meticulosamente até ter certeza de que estava na posição correta. Helena viu traços de Hughes naquele gesto, sua determinação. Hughes era, mais que tudo, meticuloso. Enquanto Nick era descuidada com dinheiro, com pessoas, com qualquer coisa que não fosse realmente dela, Hughes cuidava de tudo que visse pela frente. Por fora, ele era

solícito e encantador, mas, achava ela, algo lhe faltava por dentro. Era como se ele tivesse reservado dentro de si uma parte intocada, onde guardava sua misteriosa visão de mundo. Helena teria pena de Nick, se não fosse tão cômico. Ela estava acorrentada àquele homem, o único homem, ao que parecia, que não respondia aos encantos que funcionavam tão bem com todos os outros.

Mas Helena se solidarizava com Hughes, mesmo não o compreendendo muito bem. Ela entendia como era ter que fazer de tudo para não deixar que vissem seu jogo. Aprendera a duras penas que, quando sabem demais, as pessoas inevitavelmente querem salvar você de si mesmo. Uma das pequenas soluções de Nick para ela, por exemplo, fora dar sumiço em todos os remédios da casa, a ponto de não ser possível encontrar sequer uma aspirina em caso de dor de cabeça. Isso deixava Helena louca. Como se eliminando os comprimidos, Nick pudesse eliminar o apetite dela, como se pudesse controlar seus desejos. Além do mais, os remédios não eram o problema. Não mais.

A princípio, Helena tentara ajudar Avery a pôr ordem na coleção temática de Ruby, catalogar os objetos, por assim dizer. Mas era muito desajeitada, até quebrou o vidro de perfume, e sua ajuda acabou por apenas frustrá-lo. Então ela deixou que ele se dedicasse a isso sozinho, ao final da tarde, quando voltava de seu trabalho na seguradora Sunshine.

Mais ou menos um mês depois, ela encontrou uma rotina para seguir. De manhã, em geral, dedicava-se a preparar o café, arrumar a casa, ir às compras, passar e engomar as camisas de Avery, fazer o cabelo. Mas isso só a ocupava até cerca de duas da tarde. Não havia necessidade de cozinhar, porque Avery gostava de comer fora, nem que fosse em um restaurante chinfrim se não tivesse dinheiro, ou simplesmente sair para beber alguma coisa em vez de comer. No entanto, ela vivia para essas noites com o marido. Era quando ela parecia ganhar vida. De vez em quando Bill Fox os convidava para sair, e ela observava Avery com orgulho. Tanto mulheres quanto homens pareciam se inclinar na direção dele quando ele falava, tal qual as plantas para uma janela ensolarada. Ele sempre sabia a coisa certa a dizer, a brincadeira ou o elogio adequado, e justo quando ela começava a achar que ele a havia esquecido, ele buscava seu olhar, dirigia-lhe um sorriso especial, lembrava-lhe que os dois estavam juntos.

Mesmo assim, as tardes de Helena eram problemáticas. Para passar o tempo, ela começou a ler os livros de Nick, embora, após um tempo isso também tenha perdido a novidade. Ela caminhava horas pelo condomínio, até conhecer cada centímetro como a palma da própria mão. Às vezes pegava um ônibus e só voltava na hora do jantar, mas não gostava do jeito que os homens olhavam para ela. Também escrevia cartas para Nick. Afora a prima, ela não tinha qualquer amiga íntima. Não mais. No início, chegara a escrever para a irmã de Fen e algumas das esposas dos amigos dele, mas não recebera resposta alguma. Era como se sua antiga vida no Leste houvesse deixado de existir. Mas, pensando bem, refletiu ela, a guerra fizera as pessoas se dispersarem.

Certa manhã, ao acordar, ela encontrou um frasco de comprimidos na mesa de cabeceira, junto com um bilhete.

Para minha Ratinha.

Quando Avery chegou do trabalho, Helena bateu à porta do escritório dele.

— O que é isso? — perguntou quando ele abriu uma fresta, os olhos cor de avelã pesados do esforço para enxergar no escuro.

— Um presentinho — disse Avery. — Falei com Bill Cox que você achava os dias um pouquinho deprimentes aqui enquanto eu trabalho tanto, e ele recomendou esses remédios. Ele dá isso para algumas das maiores estrelas dele. Para dormir. E sonhar, meu amor.

Ele deu uma piscadela.

— Ah. — Helena olhou o verso do frasco. A receita estava em seu nome, preenchida por um tal de Dr. Hofmann. — Nembutal. Não sei não, Avery. Em minha família, nunca tomamos remédios.

— Quando você tem dor de cabeça, não toma uma aspirina ou um tônico?

— Acho que sim.

— É a mesma coisa, com a diferença de que esses não são para dor de cabeça. São para ratinhas lindas que têm maridos trabalhadores e se sentem sozinhas. Eu sei que você se sente sozinha. Só estou tentando ajudar. Claro, não precisa tomar se não quiser.

— Acho que realmente me sinto, bem, meio que inútil. Estava pensando em entrar para aquele grupo feminino de leitura de que lhe falei.

Avery riu.

— Eu preciso de você aqui. Você não é inútil. Nem sabe o quanto me ajuda. Nunca trabalhei tanto quanto venho trabalhando desde que nos casamos. Pelo amor de Deus, não me abandone agora por um grupo feminino de leitura.

Helena riu também.

— Tudo bem, querido. Prometo que não vou abandoná-lo.

Mas guardou os remédios lá no fundo do armário do banheiro.

Uma semana depois, após ter terminado suas tarefas, Helena se viu sozinha sentada à mesa da cozinha escutando o tique-taque do relógio de parede ressoar pela casa vazia. Cogitou escrever para Nick, mas ainda não recebera resposta a sua última carta. Tentara minimizar seus problemas de dinheiro no que relatara a ela, e ainda sentia o silêncio de Nick como uma bofetada. Enquanto observava o ponteiro maior completar a volta, começou a ficar irritada. Pensou nas olheiras de Avery quando ele chegava em casa do trabalho e na energia toda que ele estava colocando naquele seu projeto. E em Nick, que tinha tudo. Ela sabia que eles de fato não estavam em condições de arcar com uma ligação interurbana, mas decidiu ligar para a prima assim mesmo.

Para sua surpresa, quando ouviu a voz de Nick, sentiu todo o ressentimento desaparecer. Havia esquecido o quanto amava a risada dela, e a prima lhe pareceu genuinamente feliz de ter notícias suas. Nick lhe contou uma história maluca sobre um maiô que ela gostava de vestir para debochar das vizinhas na entrada de casa, e, por algum tempo, Helena esqueceu tudo o que dizia respeito a relógio e suas revoluções. Finalmente, Helena arranhou coragem e falou sobre vender o chalé.

— Avery... bem, na verdade, nós dois... nós pensamos que talvez fosse uma boa ideia. — Não era justo pôr a responsabilidade toda em Avery. Fora apenas uma sugestão, como ele havia ressaltado. — É só que as coisas estão um pouquinho apertadas. E não faz sentido apegar-se tanto ao chalé quando estamos precisando do dinheiro.

— Você quer vender o chalé? — Helena notou a frieza que surgia na voz da prima.

— Ele é meu — disse ela, sem muita convicção.

— Mas que droga, Helena. Está pensando o quê? Meu pai construiu aquele chalé. E agora vem o seu marido e acha que você deve simplesmente vendê-lo porque está sem dinheiro?

— Nick, você não entende.

Ela sentia as lágrimas surgindo sob as pálpebras.

— Aquela casa pertenceu à sua mãe. Você teria coragem de vendê-la?

— Esqueça — disse Helena, o fone tremendo na mão. — Claro, você tem razão. Tenho certeza de que vamos encontrar uma solução.

Porém, depois que desligou, ela foi para o banheiro e pegou o frasco de remédio. Encheu um copo com água da torneira e engoliu um dos pequeninos comprimidos amarelos. Então, deitou-se na cama e esperou, sentindo um formigamento e um torpor lhe subirem pelas extremidades do corpo. Quando seu corpo parecia ser de borracha, tudo ficou preto.

Acordou aquela noite se sentindo pesada, e, após apenas um martíni no Mocambo, já estava trocando as pernas, apoiada no braço de Avery. Ele se enganara quanto aos sonhos; ela não sonhou com nada, só sentia uma espécie de profundo vazio. Mesmo assim, os remédios faziam o tempo passar na casa da Blue Sky Road. Depois ela conheceu outros, os pesados opiáceos dourados, como açúcar no sangue, e as anfetaminas, que davam aquela agitação frenética.

Quando engravidou, Helena finalmente conheceu o Dr. Hofmann, o homem que preenchia as lacunas de seu dia. Era exatamente como ela o imaginara, o que a surpreendeu. O fino cabelo prateado recuara na região da frente, revelando uma calva lustrosa salpicada de manchas senis. Suas sobrancelhas eram muito escuras e muito cerradas. Ele tinha uma expressão bondosa no rosto e um ar paternal e avoado.

— Então, Sra. Lewis — começou ele, folheando uns papéis em uma pasta, presumivelmente com informações a respeito dela. — Então a senhora está grávida, não é? Bem, vai ter que parar com o Nembutal e o, há... — ele parou enquanto lia. — Sim, o Demerol e o Dilaudid também. Definitivamente, os opiáceos. E a Benzedrina.

O médico olhou para ela. Helena estava imóvel na cadeira. Fora de luvas à consulta, achando que isso era uma coisa que Nick faria, mas suas mãos coçavam um pouco e ela se perguntou se seria estranho tirá-las agora.

— A ansiedade que a senhora anda sentindo, Sra. Lewis, seja o que for, pode desaparecer com o parto, o que torna a medicação desnecessária. Isso não é raro. Porém, se durante a gravidez a senhora sentir necessidade de tomar alguma coisa, tome meio ou mesmo um quarto de Nembutal. Deve ser suficiente.

— Está bem — disse Helena, embora se sentisse insegura.

— Agora vamos dar uma olhadinha na senhora — disse o Dr. Hofmann, dando palmadinhas na mesa de aço equipada com estribos.

Helena conseguiu cortar quase todos os remédios. Vomitou bastante nos primeiros meses, embora isso se devesse mais provavelmente ao enjoo que sentia pela manhã, e sentia dificuldade de dormir, o que, pelo que leu, era comum durante a gravidez. Mas tinha muito o que fazer a fim de se preparar para a chegada do bebê. Encomendou vários cadernos de moldes do catálogo da Sears Roebuck, e passava o dia inteiro costurando macacões de todos os tamanhos e cores, lembrando-se de evitar o azul e o cor-de-rosa.

Começou também a planejar uma viagem ao Leste para visitar Nick e Hughes.

— Não a vejo há muito tempo, querido, e não vou poder ir lá depois que o bebê nascer — disse ela a Avery, tentando arrancar dele os cento e quarenta dólares da passagem de ida e volta.

— Bem, Carinha de Rato, só não sei se esse é o melhor emprego para o nosso dinheiro. Precisamos de tudo que pudermos recolher para o projeto, você sabe disso. Ainda mais considerando que você se recusa a vender sua casa.

— Mas talvez eu consiga convencer Nick quando estiver pessoalmente com ela.

— Continuo sem saber por que é preciso convencê-la.

— É complicado. — Helena pôs a mão no braço de Avery. — Coisa de família.

— Nossa — disse ele, repelindo a mão dela. — Pensei que sua família fosse eu. — Ele balançou a cabeça em lamentação. — Se quer me deixar, me deixe.

— Querido... — tentou Helena, desesperada.

— Esqueça. Se quer tanto essa passagem de trem, mande aquela peste nervosinha da sua prima pagá-la.

* * *

Quando elas voltaram do Shelley's Salon, uma hora depois, o olho direito de Helena havia começado a tremer.

— Tia Helena, me desculpe — começou Daisy, mas Helena se negava a olhar para ela. Na verdade, ela não falara uma palavra com a sobrinha na viagem de volta.

Ela ouvia a vitrola ligada dentro da casa. Era Sinatra, "Something Stupid". Helena riu. Seu olho tremeu mais uma vez.

Seguindo a música, elas foram para a sala azul, onde encontraram Nick em uma túnica branca de um tecido sedoso, cantando junto e balançando o corpo, uma taça de champanhe na mão. Um pouquinho de espuma caía no tapete enquanto ela se movimentava.

Hughes preparava uma bebida no bar.

O olho de Helena agora latejava em maior velocidade, e ela o pressionou com o indicador.

Nick se virou, ainda acompanhando a música como se a voz saísse de sua boca, um ar de espanto ao vê-las paradas à porta.

— Ai, meu Deus — disse, tapando instintivamente a boca com a mão ao tentar disfarçar o riso. — O que aquela louca da Shelley fez com você, Helena?

— Ah, mamãe — disse Daisy, também irrompendo numa gargalhada de nervoso. — Essa mulher é um perigo... coitada da tia Helena.

— Coitada da tia Helena mesmo. — Nick agora ria às gargalhadas, e Helena reparou como uma mecha macia do cabelo escuro da prima caiu-lhe sobre o olho naquele exato momento. — Pelo amor de Deus, Daisy, está tentando matar sua tia?

— Acho que ficou lindo — disse Hughes, sorrindo com simpatia para Helena.

Helena tocou no cabelo. Estava horrível. Ela soube no minuto em que Shelley terminou. Parecia um poodle que sofrera um choque elétrico. Ela queria que o chão a engolissem. Queria pegar a tesoura de costura e cortar fora a casa inteira com todo mundo dentro.

— Bom — disse Nick —, a boa notícia é que, lavando, sai.

Helena limitou-se a ficar olhando para a prima.

— Ou não — disse Nick animadamente. — Enfim, acho que não há o que fazer, vocês definitivamente estão precisando de uma taça de champanhe.

— Acho — disse Helena, falando baixo, do jeito que aprendera no hospital, para não impedir que a raiva alcançasse sua voz — que eu não devo.

— Ah, pelo amor de Deus, Helena, é seu aniversário. Claro que você pode tomar uma taça de champanhe. Ou dez, se quiser. Pela sua expressão, deve estar precisando.

— Não, obrigada — disse Helena, ainda pressionando o olho com o dedo. — Mas uma aspirina cairia bem.

Nick olhou para ela por um instante antes de responder:

— Bom, acho que aqui em casa não tem.

Ninguém disse nada. Helena sentia os olhos de Daisy fixos nela, ouviu quando a sobrinha puxou o ar com força. Continuou encarando Nick. Finalmente, balançou a cabeça, virou as costas e voltou pelo hall.

— Helena... — ela ouviu a prima chamar.

— Deixe-a, Nicky — ela ouviu Hughes dizer.

— Eu só estava tentando dar uma animada, droga. Já faz cinco anos, caramba. Quando é que ela vai me perdoar?

Helena foi até a cozinha e abriu a geladeira. Pegou a champanhe da prateleira e retirou a colher de prata enfiada na boca da garrafa antes de dar um grande gole. Após repor a garrafa o mais silenciosamente possível, olhou em volta. O sol da tarde entrava pelas janelas, as paredes amarelas resplandecendo impecáveis. No canto ao lado do fogão, embaixo de um pano de prato velho estampado com garotinhos holandeses, estava o bolo de anjo. Helena foi até lá e levantou o pano. Olhou para a superfície dourada e fofa do bolo com o buraco no meio. Sorriu sozinha. Enfiou o dedo na crosta macia e açucarada até a ponta encostar no prato embaixo. Meteu o dedo na boca e provou a suave doçura. Apertou os dentes.

* * *

Jogando o pano de prato ao lado do fogão, Helena pegou o prato e saiu pela porta dos fundos, segurando a porta de tela até se fechar sem fazer barulho. Atravessou o gramado de mansinho, o prato junto ao peito.

— Aqui, garoto — chamou docemente quando chegou à cerca branca de ripas.

O cachorro preto veio aos pulos pelo gramado, pisoteando parte do canteiro de flores que cheirava no momento em que fora chamado. Helena coçou o ponto delicado atrás da orelha do bicho. Ele abanou o rabo.

Ela se debruçou sobre a cerca o mais que pôde, os piquetes espetando sua barriga, e pousou o prato na grama. Farejando, o cão começou a estraçalhar o bolo, engolindo pedaços inteiros.

Helena sentiu-se calma pela primeira vez naquele dia, serena até. Ficou observando-o até que terminasse.

— Bom menino — disse baixinho para aquela cara erguida que a olhava com expectativa. — Bom menino, muito bem.

1962: novembro

Ela podia ouvi-los junto à porta. Fazia tempo que não escutava aquela voz, mas definitivamente era A Peste. A Peste e O Produtor. Primeiro A Peste falou alguma coisa, depois O Produtor. A Peste, O Produtor. Como uma partida de tênis. A Peste e O Produtor estavam jogando tênis. Helena riu, e tentou abafar a risada com o travesseiro. Não podia deixar que a ouvissem.

— Como assim o senhor não tem a chave?

— Ora, ora, Sra... hã... Sra. Derringer, é isso?

— Isso.

A Peste não parecia muito contente.

— Bom, Sra. Derringer, eu não tenho por hábito guardar a chave da casa dos outros.

As batidas recomeçaram.

— Droga. Avery, abra a porta. Helena? Você está aí, querida?

— Olhe, Sra. Derringer, acho que Avery não está aí.

— Como assim? Onde é que esse maldito homem se meteu?

— Como eu lhe disse ao telefone, não fico vigiando meus amigos. Mas não posso dizer que o tenha visto ultimamente.

— Bem, Sr. Fox. É Sr. Fox, não? — Ela parecia muito tranquila agora. Mas A Peste sabia fingir tranquilidade melhor do que ninguém. Por isso ela era A Peste. Avery tivera razão quanto a isso. — Não quero pôr à prova sua paciência, mas será que poderia fazer um esforço muito grande, só dessa vez, e tentar se lembrar quando foi a última vez que realmente o viu...

— Bem, eu diria que faz algumas semanas.

— Algumas semanas?

— Talvez um mês.

— Um mês. O senhor deve estar brincando. Por onde ele anda metido há um mês?

— Bem, isso, Sra. Derringer, eu não poderia dizer exatamente.

— Não poderia dizer exatamente?

— Não, não poderia.

— Pois muito bem, Sr. Fox. O senhor não precisa dizer nada. Mas o que *eu* digo é o seguinte: vou encontrar Avery Lewis sozinha, e quando o encontrar, garanto que boa coisa ele não vai estar fazendo. E vou criar o maior escândalo que o senhor já viu, e todo mundo em sua cidade vai saber que ele estava fazendo isso na sua propriedade. Embaixo de seu teto. Agora, se não aparecer com a chave dessa porta agora mesmo, vou chamar a polícia e mandar arrombá-la. Eu não viajei três mil e seiscentos quilômetros para ser impedida pelo senhor ou quem quer que seja. Estamos entendidos?

Um a zero para A Peste. Helena mordeu o travesseiro.

— Ora, ora, Sra. Derringer.

Houve um silêncio e Helena pensou que talvez tivesse cochilado, mas então tornou a ouvir O Produtor:

— Bem, acho que ouvi dizer que ele estava realizando testes com atrizes para o projeto do filme dele. Acho que alugou um espaço em algum lugar para este fim, este fim profissional, a senhora entende. E, bem, talvez seja lá que ele esteja.

— Eu quero o endereço. E me dê a droga dessa chave.

— Como eu disse, não tenho a chave. Mas vou chamar o jardineiro. Talvez ele possa nos ajudar aqui.

— É uma ótima ideia, Sr. Fox.

Então Helena realmente adormeceu. Era o Dilaudid. Ou o Demerol. Ela não se lembrava qual dos dois estava na mesa de cabeceira. Ouviu uma batidinha, em algum lugar em seu sonho, e depois uma mão muito fria em sua testa.

— Querida? Ah, Helena.

Helena abriu os olhos. Era ela. Estava chorando? Não, porque A Peste não chorava. Que motivo já tivera A Peste algum dia para chorar?

— Querida? Está me ouvindo? É Nick. Ah, coitadinha da minha Helena. Vou tirar você daqui.

Helena estava muito sonolenta para dizer a ela que não queria ir a lugar algum. Não com ela.

— Avery.

— Não se preocupe com nada agora. Por favor. Vou cuidar de tudo.

Helena fez que sim. Não sabia por quê, só queria que aquela falação parasse para poder continuar a dormir. Estava muito cansada. Fechou os olhos, mas ainda podia ouvir a partida de tênis.

— Minha nossa. Precisamos chamar um médico.

— São só os remédios, Sra. Derringer. — O Produtor também estava lá. — Depois que passar o efeito, ela vai acordar bem. Mas se a senhora estiver preocupada, posso chamar o Dr. Hofmann. É o médico de Helena... da Sra. Lewis.

— O senhor perdeu o juízo? Olhe para ela. E é mais louco ainda se acha que vou deixar esse charlatão chegar perto dela. Onde fica o telefone?

* * *

Helena estava de volta à Tiger House. Era verão, e as cortinas de linho feitas por sua avó esvoaçavam no patamar da escada. Pela janela, ela via a mãe e o pai tomando chá no gramado do outro lado do passeio, com seus tios. Uma brisa levantara o chapéu de sua mãe e ela tentava mantê-lo no lugar enquanto segurava a xícara de chá com a outra mão.

Sua canela doía do chute de Nick. Ela não sabia por que tinha levado o chute. Nick é que tinha sido má. Ela prometera a Helena uma surpresa, e depois a levara à Main Street, na altura do trecho que estava sendo asfaltado. Nick se abaixara, puxara um pedaço de piche quente da rua e botara na boca, diante dos olhos horrorizados da prima. Então Nick tentara obrigá-la a fazer o mesmo. Helena se negara, e Nick a chamara de bebezinho. Jogara um pedaço de piche em Helena, sujando seu vestido. Helena então começara a chorar, pois

sabia que sua mãe ficaria furiosa, e dissera a Nick que ia reclamar com a mãe dela. Foi quando Nick lhe deu um chute com toda a força na canela.

Agora Nick estava a sua procura. Mas Helena se escondera atrás das cortinas. Ela podia ouvir o avô lá embaixo:

— Ah, aí está você, sua endiabrada — Helena ouviu-o dizer a Nick. — O que você andou aprontando?

— Nada, vovô.

— É piche, isso nos seus dentes? — Ela ouviu o avô rir. — Nick, Nick... Você é mesmo o capeta. Bem, mas esqueçamos isso. Eu queria mostrar a você o que eu trouxe da Índia. Não é lindo?

Helena queria desesperadamente ver, mas ainda receava entregar seu esconderijo.

— Está vendo esses tigres? Quando você e sua prima tiverem idade suficiente, vou mandar fazer um vestido para cada uma. O que me diz disso?

— Adorei — Helena ouviu Nick dizer, meio ofegante.

— Muito bem, então. Vou ao Reading Room beber alguma coisa. Não conte para sua avó.

— Não vou contar, vovô. — E depois, um pouco mais alto: — A coisa que eu mais odeio é dedo-duro.

— Eu também. Falou bem.

Helena esperou um pouquinho, até a casa estar em silêncio de novo, e depois olhou por cima do corrimão para o andar de baixo. Nick estava parada no hall, a cabeça meio de lado. Helena chupou as bochechas até acumular uma quantidade suficiente de saliva, então debruçou-se no corrimão, dobrando-se o máximo que podia, e soltou aquela cusparada, esperando até vê-la aterrissar com um satisfatório ruído na cabeça da prima.

* * *

Quando Helena abriu os olhos, ainda a ouvia ali. Mas o quarto estava diferente, era grande. Ela percebia isso pela distância entre a cama e a parede. E as paredes eram verde-piscina. Havia uma mesa de cabeceira, mas seus

remédios não estavam ali, só havia um copo d'água. Ela queria pegar o copo, sentia a boca seca, mas não queria que soubessem que havia acordado.

— Liguei para o Dr. Hofmann. Ele me deu uma lista do que ela anda tomando, e francamente, Sra. Derringer, me admira muito que ainda não tenha tido uma overdose. É um coquetel e tanto.

— Entendi. E esse médico, ou seja lá o que ele for, ele disse por que ela estava tomando esses remédios?

— O de sempre: ansiedade, depressão, insônia, desânimo.

— Tudo isso?

— Bem, em minha opinião, alguns dos remédios podem ter causado outros sintomas, que foram então atacados com mais remédios. Não posso ter certeza absoluta, não tendo acompanhado pessoalmente o caso. Parece que durante um significativo período ela usou a medicação em doses bastante razoáveis, mas, de uns três anos para cá, mais ou menos, passou a um nível que eu chamaria de abusivo.

— Filho da mãe. Se eu encontrar o marido dela, vou estrangulá-lo com minhas próprias mãos. E o desgraçado daquele charlatão junto.

— Pois é. Bom, mas a senhora entende que não se pode suspender a medicação de uma hora para outra.

— O senhor não pode estar sugerindo que ela deva continuar tomando esses remédios!

— É exatamente o que estou sugerindo. Se tirarmos as drogas completamente, a síndrome de abstinência poderia matá-la. Agora: devo reiterar minha categórica opinião de que sua prima deveria ser hospitalizada. As doses têm que ser dadas de forma precisa e regulada, e são mais bem-administradas por uma pessoa experiente. Não sei se um hotel é realmente o lugar mais adequado para se lidar com uma situação desta gravidade.

— Não vou internar Helena. Já basta o que os médicos desta cidade fizeram com ela.

— Não somos todos monstros, Sra. Derringer.

— O Dr. Monty recomendou o senhor, e eu confio nele. Mas, a essa altura, não posso dizer que minha confiança seja irrestrita, e tenho certeza de que o senhor me entende. Mas então, o que devo fazer?

— Claro. Eu fiz uma lista das prescrições novas, quando devem ser ministradas e em que dose. Vou lhe dar o telefone de uma enfermeira particular. Isso não significa que a Sra. Lewis não vá apresentar sintomas de abstinência, mas deverão ocorrer de forma controlada. Pesadelos, irritabilidade, vômitos, suores, possíveis ataques. A senhora pode esperar isso tudo. Alguma dúvida?

— Não. — A Peste não parecia tão tranquila agora. — Quando ela vai poder viajar? Quero levá-la para casa assim que possível.

— Definitivamente, não em menos do que uma semana. Talvez duas. Agora, vamos começar com o fenobarbital. No caso da sua prima, embora pareça que ela tenha consumido principalmente opiáceos, os barbitúricos são os mais preocupantes...

Helena não queria ouvir mais nada. Queria Avery. Onde estava ele? Ele não voltaria nunca, não se A Peste estivesse por perto. Helena tinha esperado, esperado, esperado por ele. Mas ele não voltara. Então dissera ter encontrado Ruby. Mas não era Ruby. Era outra pessoa. Era loura. Ruby era ruiva. Ela se lembrava de ter dito isso a ele. Não podia ser Ruby, porque Ruby era ruiva. E Avery respondeu que ia fazê-la ficar ruiva. Simples assim. Ele faria testes de cena com ela. Encontrara a Ruby certa. E disse que ela precisava dormir e que, quando estivesse se sentindo forte, deveria ligar para A Peste e conseguir o dinheiro. Sem mais delongas. E aí ele voltaria. E agora ela estava ali. Será que ela tinha ligado? Não conseguia se lembrar. Mas se ela tinha conseguido o dinheiro, onde estava Avery? Por que A Peste não tinha simplesmente dado o dinheiro a Helena? Quantas vezes ela implorara pelo dinheiro? A Peste não ligava. Ela levava Ed embora. Dissera que Ed precisava ir para a escola. Porque ele era diferente. E agora Avery a deixara porque ela fracassara. Não arranjara o dinheiro, deixara que levassem Ed, e agora Avery não a amava.

— Shhh. Querida, está tudo bem. Estou aqui com você. Ah, Helena, não chore.

Ela não a queria por perto; por que ela não ia embora?

— Está na hora de tomar o remédio. O médico disse que esse comprimido vai fazer você se sentir melhor.

Então veio a água fresca. E depois a escuridão.

* * *

Elm Street. Pela porta de tela, Helena podia ver Nick lendo, sentada nos degraus dos fundos.

— Já confundi os dias de novo. Não era dia de carne. Trouxe umas latas de milho, ou pelo menos eu acho que é isso.

Nick ergueu os olhos do livro, levantando uma sobrancelha.

— Eu não esperava outra coisa.

Helena riu.

— Ah, pare com isso. Eu sei que sou um caso perdido. Mas dessa vez tenho uma boa desculpa. — Ela abriu a porta e sentou-se ao lado da prima. — Conheci uma pessoa. Na loja de ferragens. Lá não tinha nenhuma agulha para vitrola, por sinal. Tudo que é de metal está indo para o Exército. E o Sr. Denby me olhou de cara feia, como se eu fosse uma espécie de espiã alemã.

— Talvez possamos afiar a que temos, de algum jeito. Que chatice, isso tudo. Milho enlatado e discos arranhados.

— Você não quer saber sobre o homem que eu conheci?

— Será que quero? Qual é o problema dele? Pé chato, ou simplesmente é um fresco?

— Não seja má. Ele trabalha no Gabinete de Informação de Guerra, em Hollywood. Não é emocionante?

— Impressionante, querida. Será que ele tem alguma agulha de vitrola? Pois isso sim seria emocionante.

— Não, mas ele me convidou para jantar. E me acha linda, como Jane Russell.

— Jane Russell, claro. — Nick olhou para ela e depois riu. Jogou o livro na grama e abraçou Helena. — Você é linda. Muito. Do seu jeito. Mas não como aquela vagabunda da Jane Russell.

Helena encostou a cabeça na de Nick.

— Eu tenho um encontro.

— É, um encontro.

— Eu não saio com ninguém desde Fen. — Helena levantou a cabeça e olhou para a prima. — Posso lhe pedir um grande favor? Posso pegar sua meia-

calça emprestada? Eu sei que é a sua última.

— Você pode usar minha meia, querida. Minha contribuição para o esforço de guerra. Isso pede uma comemoração. Pegue o gim e os copos de geleia que eu vou procurar essa maldita meia-calça.

Helena já estava tomando o gim quando Nick voltou à cozinha, os lábios contraídos para baixo em uma versão *vaudeville* de tristeza.

— Querida, tenho uma má notícia. Acho melhor você vir comigo.

Helena entrou atrás de Nick no pequeno e apertado banheiro. Pendurado na trave da cortina acima da banheira havia um cabide vazio. Helena olhou para Nick, que apontou solenemente para o fundo da banheira. Ela olhou para o que parecia ser um montinho de poeira marrom.

— Pelo visto minha meia-calça passou desta para uma melhor — disse Nick.

— Minha nossa! — Helena olhou para a prima. — Ela se desintegrou? Mas que... trágico.

— Pois é.

— O que devemos fazer?

— Bom, acho que deveríamos dar a esta meia um enterro decente.

— É uma atitude no mínimo cristã — disse Helena.

— Eu preparo a terra e você escolhe a música da procissão, já que a meia logo seria sua, querida.

Nick puxou a barra da saia formando um vão, no qual pôde transportar o que fora a meia.

Helena escolheu um disco, e, quando Nick lhe fez o sinal de cabeça do jardim, pousou a agulha gasta no vinil.

Ela viu Nick jogar a cabeça para trás, rindo, ao ouvir a música que vinha de dentro de casa.

— Ah, Helena, eu adoro você — gritou a prima para ela. — “Sonata ao luar”? Você é mesmo demais.

* * *

Helena abriu os olhos. Por um momento pensou estar sozinha. O quarto parecia muito vazio. As palmas de suas mãos coçavam, as solas de seus pés coçavam, tudo lhe doía. Seu travesseiro estava encharcado. Será que ela havia chorado? Então sentiu cheiro de cigarro. Isso a deixou enjoada. E ouviu um arrastar de pés às suas costas.

— Sim, eu o encontrei. Foi tudo muito sórdido, ele estava amigado com uma vagabunda em um cafofo na cidade. Você precisava ter visto a cara dele quando abriu a porta. Com o rei na barriga, o filho da mãe, como se já estivesse mesmo me esperando.

Helena prendeu a respiração. A Peste estava falando de Avery. Ela tinha que ouvir com atenção, não podia adormecer de novo.

— Hughes, temos que vender o chalé. Não, não temos dinheiro para isso. Ele deu o preço dele e eu aceitei. Não tive opção. Ela pode viver do que sobrar. Ainda temos que pagar o hospital e a escola de Ed.

Helena sentiu uma paz envolvendo-a. Avery tinha conseguido o dinheiro. Agora voltaria para ela. Ficaria tudo bem.

— E o que mais podíamos fazer? Acha que já não estou arrasada com isso? Minha vontade é de matá-lo. O pior é que ele acabou conseguindo o que queria. E não vou nem falar naquele homem horroroso, aquele tal de Fox. O dinheiro do chalé de meu pai indo direto para o bolso dele. Você se lembra daquela história toda de “coleção”? Pois você devia ter visto que coisa deprimente que tinha na casa deles. Parecia um santuário. Nojento.

Ela estava arrastando os pés de novo.

— Estou me odiando por tê-la abandonado nas mãos dele.

A Peste e toda aquela autopiedade zelosa dela. Até parece; ela teria mastigado e cuspidado fora Helena há muito tempo se não fosse por Avery.

— Você providenciou tudo? Sim, e o que o Dr. Monty disse? Hughes, eu sei que o Dr. Monty é um idiota, mas ele é o nosso idiota. Pelo menos ela vai estar em uma instituição decente e respeitável onde vai poder receber alguma ajuda, até se recuperar minimamente.

O que ela estava tramando agora? Avery não deixaria que a levassem embora. Ela não precisava se preocupar.

— Podemos falar sobre isso quando eu chegar em casa. O que a escola disse? Ah, pelo amor de Deus. É só uma travessura, coisa de garoto. O coitado do menino cansou de esperar que alguém fosse buscá-lo para o feriado e ninguém apareceu. Isso faria qualquer um querer criar um probleminha.

Ed, o bebê dela. A Peste estava falando de Ed. Que feriado? O feriado escolar? Algo a ver com uma passagem aérea. Uma passagem aérea para Ed. Para ir para casa. Será que já era o Dia de Ação de Graças? Ah, ela falhara com ele de novo. Como podia ser tão burra? Mas Ed fora cruel com ela. Sim. Mas não era culpa dele. Ele era filho dela, e ela falhara com ele. Foi por causa do que ele viu. A moça morta. Não, não podia ser. A moça morta veio depois. Ela queria os remédios. Por que A Peste não lhe dava mais um comprimido?

* * *

— Bill está dando uma festa. — Avery estava sentado no chão do escritório; espalhados à sua frente, fotogramas promocionais de jovens atrizes. — Uma festa para algumas pessoas muito importantes. E você sabe como Bill acha você linda. Então ele estava pensando que talvez você pudesse enfeitar a festa dele. E, bem, ele pagaria.

— Como assim? O que significa isso, Avery?

Helena estava com muito frio.

— Não, não, não. Não é nada disso — disse Avery ao notar a expressão dela. Ele levantou-se e passou o braço em volta do ombro da esposa. — Ele só quer que você vá lá, tome um gole de champanhe, converse com algumas pessoas. Você não faz ideia de como é incrível? Não sabe que as pessoas pagariam só para olhar para você?

— Não acredito nisso.

Avery riu.

— Você não entende Hollywood, minha doçura. Mas é isso que eu amo em você. Quase quinze anos e você continua pura e intacta. — Ele encostou a boca na dela.

— Mãe?

Helena virou-se e viu o filho parado à porta. O corpo do garoto tomava quase todo o vão da porta baixa. Quando ele crescera tanto?

Avery afastou Helena e olhou-a de um jeito acusador.

— Por que ele vive olhando a gente? Por que tem que ficar espreitando das portas?

— Avery.

— Ed, o que acontece entre um homem e uma mulher, duas pessoas que se amam, é particular. Eles são livres. Você entende isso? Não é para você ficar assistindo como um voyeur.

— Avery — disse Helena de novo, incisiva. — Não. — Ela virou-se para o filho. — Lamento, querido, eu não tive tempo para perguntar a ele. Avery, Ed queria que eu lhe perguntasse se ele podia ajudar em seu trabalho. Ele já tem quase treze anos e quer ajudar. Ele sabe o quanto você é ocupado.

— Eu não sou um voyeur — disse Ed. — Estou pesquisando, assim como você.

Avery olhou feio para Ed. Depois balançou a cabeça para cima e para baixo devagar, como se tivesse decidido alguma coisa.

— Muito bem. Você está virando homem, estou vendo. Homens têm o direito de saber as coisas, de serem livres e de criar. Acredito nisso.

Helena sentiu uma aflição na barriga.

— Avery, eu não quero que você mostre a ele as fotos de... você sabe o quê. Por favor. E, Ed, você também tem que fazer seus deveres da escola. Não o quero o dia inteiro trancado em uma sala escura.

— Não, Rata. Se Ed é um homem, vou tratá-lo como homem. Ele está *crescendo*.

Ed ficou ali parado olhando para o pai, mas Helena não conseguia decifrar a expressão dele. Talvez tivesse sido uma péssima ideia, pensou, vendo os dois e depois pensando no cômodo com os cartazes amarelados e aqueles tecidos se desfazendo.

Ela não queria que o filho visse aquelas fotos medonhas de cenas de crime. Mas queria que eles passassem mais tempo juntos, isso era verdade. Eles nunca tinham sido muito próximos. Avery sempre tratara o filho como se o menino fosse um irritante apêndice de Helena. Ela resolveu, então, que iria levar Ed de

novo para a Tiger House naquele verão, tirá-lo dali por uns tempos, afastá-lo de Avery, deixá-lo jogar tênis e se divertir com Daisy, para as coisas não fugirem do controle.

— Agora, filho, quero falar com sua mãe em particular — disse Avery. — E não pense que não vou saber se você ficar ouvindo.

Quando Ed já havia saído, e depois de esperar para ter certeza de que ele de fato fora embora, Avery virou-se para Helena.

— E então, você vai à festa de Bill?

— Vou. Desde que não seja nada... sei lá. Nada estranho.

— A menos que homens querendo olhar uma linda Ratinha seja estranho.

— Avery...

— Olhe. Eu quero falar com você sobre outra coisa, também. O Dr. Hofmann ligou. Disse que você não renovou nenhuma das receitas dele ultimamente. Ele está preocupado, e eu também.

— É só que aqueles remédios me deixam muito cansada. E Ed não é mais um bebezinho. Não posso mandá-lo ir brincar na rua nem prendê-lo no quarto. Ele pode precisar de mim para alguma coisa. E os remédios... é como se a minha cabeça não funcionasse direito.

— Ed já é um homem, meu amor. O que foi essa conversa toda que acabamos de ter? Nós dois precisamos de você descansada e bem. Eu cuido do garoto.

— Querido, eu não quero mesmo continuar tomando esses remédios. Acho que não preciso. Lembra quando eu estava grávida, e depois? Eu não estava tomando nada, e estava bem.

— Você é livre para fazer o que quiser, Helena. Você sempre soube disso. Só me prometa que vai se comportar bem na festa. Se não estiver descansada, vai ficar evidente em seu rosto, e Bill ficará decepcionado. Pense nisso.

Helena assentiu. Tomaria um, talvez, mas só para a festa. Depois, não tomaria mais. Afinal de contas, agora os remédios já não a faziam mais dormir, a menos que ela tomasse uma dose maior. E se tomasse, ela se sentia mal. Embora já soubesse havia algum tempo que isso era ruim, achara que não tinha importância. Mas agora suas mãos tremiam e seu coração disparava de um jeito que a assustava. E às vezes ela não conseguia se lembrar de certas coisas.

Definitivamente não tomaria nada quando estivesse na Tiger House. Ela sabia que Nick não aprovaria, e seria mais difícil esconder isso se estivessem na mesma casa. Caso se sentisse mal, tomaria um uísque, como todo mundo em sua família.

— Ora, ora — disse Bill Fox mais tarde, aquela mesma noite, ao abrir a pesada porta entalhada de sua mansão. — Imaginei que fosse você. Então pensei comigo: “Por que não abro eu mesmo a porta e faço nossa Jane Russell se sentir bem-vinda?” Nada como uma boa acolhida, não é mesmo, querida?

— Olá, Bill.

Helena odiava O Produtor. Ele vivia prometendo coisas para Avery e depois voltando atrás. Mas o Demerol já estava ajudando a diminuir sua má vontade em relação a ele.

— Puxa, esse vestido é lindo! Realça todos os lugares certos em você, que são muitos. — Ele piscou. — Vamos entrando.

Helena usava um vestido justo de raíom azul que fizera com base em um caderno de moldes que Nick lhe mandara no Natal. Ela acompanhou Bill pelo hall abobadado a caminho do terraço, seus saltos ecoando no piso de cerâmica.

Homens de casacas brancas serviam taças de champanhe em bandejas de prata aos convidados — algumas atrizes que Helena já vira com Bill e um grupo de homens mais velhos, que ela presumiu trabalharem em uma ou outra função do ramo.

O sol se punha vermelho atrás das montanhas, e Helena se encostou no gradil de ferro fundido e aspirou o ar da noite. Era diferente ali em cima, no casarão. Mais claro, mais arejado. Tão longe da apertada casa de hóspedes com suas cortinas fechadas, e no entanto, logo ali. Ela sentia o cheiro do pomar lá embaixo. As maçãs, os pés de limão doce e siciliano, as laranjas.

— Tome uma taça de champanhe, querida — disse Bill Fox, chamando um garçom. — É lindo aqui em cima, não? — Ele acompanhou o olhar de Helena até o pomar. — Minha primeira esposa. Ela adorava árvores frutíferas.

— É mesmo?

— É mesmo. — Bill Fox chegou junto dela, a mão adejando sobre sua coxa. — Você também gosta de árvores frutíferas?

Helena se lembrou de que, uma noite, quando ela e Avery estavam bêbados, tinham saído escondidos e roubado algumas frutas de Bill. Foram só algumas maçãs, que nem estavam maduras. Mas ela se lembrava de desejar que Nick estivesse lá. Era exatamente o tipo de aventura que Nick teria adorado.

— Sim, gosto.

Ela se afastou um pouquinho dele.

— Ora, ora. Você não está tímida, está, querida?

— Bill, por que eu estaria tímida? Nós nos conhecemos há muito tempo.

— Isso mesmo. Somos como uma família. Você, eu e Avery. E não vamos esquecer nossa querida falecida Ruby. Ela também é da família.

Helena viu uma das jovens atrizes, Vicky ou Kiki, ou algo assim, olhando para eles.

— É sua namorada? — Ela cutucou o flanco de Bill.

O Produtor se virou e olhou para a jovem.

— Minha namorada? Ah, acho que estou um pouco velho para namoradas. Não conseguiria acompanhar o ritmo. Além do mais, as garotas a cada dia ficam mais e mais magras. Eu gosto de mulheres mais, bem, mais como você, querida. Com curvas, macias.

Helena pegou outra taça de champanhe.

— Com licença — disse. — Tenho que ir retocar a maquiagem.

No banheiro, ela tomou outro comprimido, usando o copo d'água deixado ali para os convidados. Se ao menos Avery estivesse ali com ela... Helena estivera na casa de Bill Fox poucas vezes naqueles anos todos, e nunca sem o marido. Perguntou-se quanto Bill Fox estava pagando a ele. Esperava que fosse muito. Não podia acreditar que ele a quisera naquela festa. Ele sempre tivera mão boba com ela, mas também com qualquer outra. E ele agora estava velho. Já parecia velho quando ela o havia conhecido, no Ciro's, com aquele cabelo prateado. Agora tinha manchas senis nas faces e mãos de bruxa. Ela sentiu um calafrio. Só precisava estar bonita, ser agradável e depois ir para casa dormir.

Muito mais tarde, ela se viu sozinha com Bill Fox no terraço. Todo mundo já fora embora sem que ela notasse, não sabia como. Ela conversara com uma das atrizes, que estava se queixando do teste do sofá para receber papéis. Sua maior objeção, ao que parecia, não eram os favores sexuais, mas o fato de

nunca receber um jantar depois. Helena assentia e bebia, e bebia um pouco mais. Até que a moça se afastou discretamente, e de repente eram só ela e Bill Fox no terraço. Ela sabia o que O Produtor queria. Sabia desde o início da noite. Não era preciso ser um gênio para deduzir. Ele estava encostado no batente das portas francesas, sorrindo para ela.

No caminho até a casa de hóspedes, Helena tropeçou em um dos degraus e torceu o pé. Bill Fox a segurou pelo cotovelo.

— Cuidado, querida — murmurou ele.

— Por que estamos indo para a minha casa? — Ela não conseguia se lembrar.

— Você vai se sentir mais confortável lá.

— Mas... e Avery?

— Ele saiu, querida. Está trabalhando, lembra?

Ela não lembrava.

No quarto, ele quis a luz acesa.

— Quero olhar para você. Quero ver pelo que estou pagando. Desde os dezesseis anos que eu não preciso pagar.

Ele riu.

Helena riu também, embora soubesse que não deveria achar graça.

O Produtor estava avançando sobre ela, grunhindo. Faltava-lhe o ar, estava velho. Helena teve vontade de rir daquele velho, que precisava mais de uma enfermeira do que de uma trepada. Mas sabia que ele ficaria zangado, e aí ela não conseguiria o dinheiro para Avery. Então deixou-o chiar à vontade, enquanto olhava para a parede.

— Você é mesmo uma vagabunda — disse ele, tossindo, no ouvido dela.
— Eu sempre soube.

Ele estava chegando perto agora, ela sabia.

— Mãe?

O corpo de Helena ficou rígido como uma tábua. O som da voz do Produtor, a luz, a cama, tudo girava num redemoinho, como água escoando por um ralo. Não, não era possível.

— Mãe?

Ed. Como ela podia ter se esquecido do filho? Empurrou O Produtor, com tanta força que ele caiu pela lateral da cama, arfando e tossindo. Ela então se pôs sentada, cobrindo os seios com o braço.

Ed estava parado à porta, de pijama. Ela se perguntou como podia ter achado que ele parecia alto. Era só um garoto, mas tinha os olhos impassíveis, severos. Olhava para ela mais como se estivesse curioso do que com medo ou zangado.

— Ed — disse ela, mas viu que não tinha mais nada a dizer.

Ed olhou para O Produtor, que agora o olhava por cima do colchão. As roupas dele estavam muito longe para que ele as alcançasse sem se expor.

— Então, filho... — começou ele.

— Eu não sou seu filho — disse Ed, sem emoção alguma. — Você não deveria estar aqui. Minha mãe não está bem.

— Eu só estava... Ora, ora.

Pelo visto, O Produtor também não sabia o que dizer.

Mas Ed não se mexia. Ficou ali parado, imóvel, até o velho correr para pegar suas roupas e ir embora às pressas. Helena teria rido da covardia dele diante de um menino se seu coração não tivesse se despedaçado.

— Ed, querido — começou ela quando Bill foi embora. Havia coberto o corpo com o lençol. Queria estender a mão para ele, como uma espécie de oferta de paz, mas o gesto, a simples ideia do gesto, parecia de alguma forma grotesco. — Seu pai, querido... Ele anda trabalhando tanto, há tanto tempo...

Parou. Não conseguia explicar aquilo ao filho.

— Eu entendo — disse Ed. — Pesquisas.

E com isso deixou-a sozinha no quarto, a luz acesa.

* * *

Helena acordou com o som de um rádio.

Um ônibus levando um grupo de jovens ativistas pelos direitos civis com destino a Birmingham, Alabama, foi atacado na tarde de terça-feira na entrada de Anniston.

Seus nervos pareciam de vidro, sua cabeça latejava. Mas ela não se sentia mais enjoada e viu que conseguia se sentar na cama sem ficar tonta. Alcançou o jarro d'água e se serviu. A água tinha um sabor doce e com um toque de limão; ela bebeu o copo todo, depois tornou a enchê-lo.

— Helena?

Ao erguer os olhos, viu Nick parada à porta.

— Como está se sentindo, querida?

— Minha cabeça dói.

— Ah, querida, você voltou para nós. Para a terra dos vivos. — Nick atravessou o quarto e foi se sentar na beira da cama. — Você passou dias sem falar nada. Tive medo de nunca mais ouvirmos sua voz de novo.

Nick tentou pegar sua mão, mas Helena a puxou.

— O que foi?

— Eu quero ver Avery.

— Entendi. — Nick baixou os olhos, ficou brincando com uma ponta do lençol. — Acho que Avery não vem, querida.

— Você não vai deixar que ele venha, é isso o que você quer dizer. Ele ao menos sabe onde estou?

— Não, acho que não.

Helena olhou o rosto de Nick: uma máscara de piedade bondosa.

— Não me olhe assim. Não quero a sua piedade, quero falar com meu marido.

— Querida, nós vamos para casa. Você não anda bem. Precisamos fazê-la ficar boa e queremos você de volta. Hughes e eu sentimos sua falta e não queremos mais ficar sem você.

Helena riu, um estremelecimento quente e raso em seus pulmões.

— Você sentiu falta de mim?

— Sim, Helena, eu senti falta de você. Quero que...

— Você quer, você quer. — Helena voltou a sentir as coceiras; queria arrancar a pele com as unhas. — E o que será que eu quero?

— Helena, pelo amor de Deus. Seja sensata, querida. Você quer mesmo voltar para aquela casa horrorosa e ficar lá completamente sozinha?

— Eu não fico completamente sozinha. Sou casada, se você esqueceu.

Helena viu os olhos de Nick adquirirem um tom levemente mais sombrio.

— Eu não esqueci. — A voz de Nick agora era fria. — Mas parece que seu marido, sim.

— Não diga isso. — Helena sentiu suas forças se esvaírem. — Sei que ele não é perfeito, como o santo do seu marido. Mas quero falar com ele.

— Não — disse Nick, devagar. — Não; sinto muito, querida, mas não posso permitir. Não agora, ao menos.

— Você não pode me aprisionar. Não pode me impedir de ficar com Avery.

— Não estou mantendo-a prisioneira. Estou tentando protegê-la, e não dou a mínima para o que você diz.

— Ah, sei disso muito bem. Avery tem razão, sempre teve. Você nunca se importou comigo, não de verdade. Sou sua sombra, fico lá para fazer você parecer melhor, e para poder ficar com suas sobras quando você tiver terminado. Mas eu nunca posso ter uma coisa só minha. Isso acaba com você, não é?

— Como pode me dizer isso? — Helena viu os olhos de Nick se encherem d'água. — Eu a amo. Não sabe disso?

— Pois eu não a amo. Não mais.

— Você não está bem, querida — disse Nick, levantando-se da cama e se encaminhando para a porta. — Sei que o que está dizendo não é verdade.

Helena a ouviu chorando no quarto ao lado. E, embora lhe doesse um pouco, ficou feliz.

1967: agosto

II

Depois de sua travessura com o cachorro dos vizinhos, Helena tentou escovar aquela carapinha medonha que se tornara seu cabelo, mas não adiantou muito. Então ficou deitada na espreguiçadeira do quarto e adormeceu, acordando algum tempo depois com uma batida à porta. O sol estava se pondo no mar, e ela ouvia o zumbido dos besouros no gramado da frente. A relva já estava marrom fazia semanas, queimada pelo prolongado e quente verão.

— Helena... — ouviu Nick chamar baixinho. — Posso entrar, querida?

Ela suspirou.

Nick não esperou pela resposta, claro: empurrou a porta devagarinho e meteu a cabeça para dentro do quarto.

— Eu não quero brigar. Não no dia de seu aniversário.

Helena olhou para ela. Eram tantas coisas que não podia mais dizer a Nick que ficava quase impossível abrir a boca. Mesmo para as pequenas brincadeiras, ou concessões menores.

— Não estamos brigando — disse. Estava cansada.

— Trouxe algo para você. Uma oferta de paz, e um presente. Posso entrar?

— Claro que pode — disse Helena. — A casa é sua.

Nick fingiu não ter ouvido o último comentário. Carregava um pacote marrom debaixo do braço. Sobre a mesa lateral ao lado da espreguiçadeira, colocou um pequeno comprimido branco.

— Encontrei uma aspirina.

Olhou para Helena como se esperasse que ela se levantasse de um pulo e comemorasse.

— Obrigada — disse ela. Conservou as mãos no colo, segurando o livro com força.

— E eu queria lhe dar o seu presente de aniversário. Antes do jantar.

Nick então colocou o pacote ao lado da prima.

Helena esperou, torcendo para a outra ir embora, para não obrigá-la a abrir o presente e ter que fingir gratidão.

— Ande logo, querida, abra. Estou me sentindo muito esperta por ter escolhido isso. — E sorriu seu sorriso triunfante.

Sem querer, Helena se viu sorrindo também. Pegou o embrulho e rasgou o papel, revelando um tecido cuidadosamente dobrado: musselina azul-forte, bordada com tigres dourados. Puxou e desdobrou um vestido, na altura do joelho e justo na cintura, com uma saia evasê.

— Usei um de seus moldes antigos, com um detalhezinho só para deixá-lo mais moderno, e mandei refazê-lo para você. O que achou?

Helena tocou com reverência o pano. Era lindo.

— Gostou?

— Sim, claro.

— Ah, eu sabia que você ia adorar. Hughes achou que você talvez não gostasse, porque o vestido foi meu antes. Mas eu disse a ele que o vovô trouxe o tecido para nós duas e que eu tinha sido egoísta de pegar para mim. Sei que foi egoísmo, querida. Sinto muito.

Nick uniu as mãos.

— Você disse que ia fazer almofadas com ele — disse Helena, tomando cuidado para não falar em tom de censura.

— Ah, eu sei. Eu sei, e fiz um vestido. Bom, eu disse que sentia muito, e sinto. — Nick olhou para o teto por um instante, e Helena podia sentir que ela estava tentando manter a calma. Isso fez Helena sorrir consigo mesma. — Mas, enfim, querida, estou felicíssima que você tenha adorado.

Helena pôs o vestido no colo e alisou o tecido com a mão.

— Bem — disse Nick, afinal, já que Helena continuou calada. — Acho que vou deixá-la sozinha com seu presente. Tenho que preparar o seu jantar de aniversário. — Ela levantou-se, depois se virou. — Ah, esqueci de contar. Lamento muito, querida, mas parece que roubaram seu bolo, se é que dá para

acreditar em uma coisa dessas. Deve ter sido um dos garotos da vizinhança. Procuramos por toda parte, mas ele simplesmente sumiu. Estranhíssimo. Sinto muito. Sei o quanto você adora bolo de anjo.

— Que coisa! — comentou Helena.

Nick se encaminhou para a porta.

— Eu realmente adoro este quarto — disse. — Sempre adorei, principalmente os azulões.

Depois saiu, fechando a porta com delicadeza.

Helena tornou a recostar-se na espreguiçadeira. Nossa, como ela odiava Nick. O pior é que também sentia falta dela. Era uma pessoa encantadora, divertida e insuportável ao mesmo tempo. Não era que ela não quisesse perdoá-la, simplesmente não conseguia. Ela fora longe demais. A única coisa que Helena realmente quisera em toda a vida e Nick a estragara.

* * *

— *Por que acha que ela é mais forte que você?*

— *Eu não acho isso.*

— *Se ela não é mais forte que você, por que ela conseguiu levar embora seu marido?*

— *Ela é desse tipo de gente que sempre consegue o que quer. E decidiu que eu tinha cometido um erro.*

— *Quem é esse tipo de gente que consegue o que quer? Por que você sente que não é desse tipo?*

— *Por que eu não sou idiota, Dr. Kroll. Sei como é o mundo.*

— *E como é o mundo, Sra. Lewis?*

— *O mundo é cruel com os inocentes.*

— *E você é inocente?*

— *Sim, eu era. Sei que era.*

* * *

Helena os ouviu lá embaixo. Tyler, ao que parecia, havia chegado. Ela reconheceu a voz dele, depois o riso de Daisy. Era um tipo específico de risada, aquele tipo que as garotas deixam escapar quando alguém que elas amam diz algo galanteador sobre elas.

Helena vestiu a cinta e olhou para o vestido estendido na cama. Claro que Nick acharia que não havia problema em lhe dar uma coisa já usada por ela, de segunda mão. Ela pretendia jogar o vestido no lixo. Mas sabia que eles ficariam preocupados, pensariam que ela não estava bem outra vez. Então o vestido podia simplesmente ir para o fundo do armário e ficar lá até o dia do juízo final.

Mas, olhando para ele ali na cama — azul, azul do tom do anoitecer, com os tigres impecavelmente bordados a ouro —, ela começou a ter outras ideias. Pegou-o e enfiou-o pela cabeça, puxando o zíper que havia na lateral. Ficou perfeito, realmente nisso Nick acertara.

Foi até a penteadeira do outro lado do quarto e se olhou no espelho. O vestido combinava com a cor de seus olhos, e por um momento ela desejou que Avery pudesse vê-la agora.

“Eu a amo”, diria ele. “Minha estrela de cinema.”

Ela fechou os olhos e imaginou-o abrindo os braços para ela. Ela se deixaria abraçar e ele a puxaria para bem junto dele.

Helena abriu os olhos e se mirou, parada com o vestido azul no meio do quarto. Não, decidiu, iria usá-lo afinal. O vestido era feito para ela. Os tigres lhe caíam muito bem. Na verdade, os tigres eram simplesmente perfeitos.

* * *

— Você diz que são almas gêmeas. Se é esse o caso, por que acha que seu marido não veio visitá-la?

— *Porque ele não sabe onde estou.*

— *Entendi. E por que ele não sabe?*

— *Porque ela não diz a ele. Ela pagou a ele para ficar longe de mim.*

— *E por que acha que ele aceitaria isso? Por que aceitaria dinheiro para abrir mão da própria esposa?*

— *Ele precisava do dinheiro, Dr. Kroll. Para um projeto ao qual ele se dedicou a vida toda. É a coisa mais importante para ele.*

— *Então você é prescindível?*

— *Acho que não sei muito bem como responder a essa pergunta.*

— *Por quê, Sra. Lewis?*

— *Porque essa pergunta dá a entender que ele tinha escolha, quando na verdade não tinha.*

— *Não foi uma escolha?*

— *Não. Ela tinha opção. Nós, não.*

* * *

— Tia Helena?

Daisy batia à porta.

Ora essa, agora seu quarto tinha virado a casa da mãe Joana? Por que não podiam deixá-la em paz um só instante?

— Sim, minha gatinha? O que posso fazer por você?

Daisy abriu a porta e, igualzinho a Nick, meteu a cabeça para dentro do quarto.

— Tenho uma surpresa para a senhora.

— É mesmo? E o que seria, querida? Acho que já fui mimada o suficiente hoje.

Ela ouviu Daisy cochichando com alguém atrás da porta. Virou-se novamente para o espelho.

— Olá, mãe.

Erguendo os olhos, ela viu o filho parado à porta. Ficou até sem fôlego, tão lindo ele estava.

— Ed, meu querido! — Ela se pôs de pé, mas se viu titubear, parando só alguns palmos na frente dele. — Puxa, isso sim é uma surpresa.

— Eu sei — disse Daisy, entrando no quarto logo atrás do filho dela. A menina vivia fazendo isso, se encostando nele, dando-lhe ordens, como se não houvesse barreira entre eles. Helena tinha inveja disso. — Não é o máximo? Ty o trouxe de carro da cidade.

Helena viu Ed se virar para a prima. Como sempre, ele praticamente não mudava de expressão, embora Helena detectasse uma espécie de brandura em seus olhos. Será que o filho estava apaixonado por sua sobrinha? Mas ela sabia que não era bem isso. Era outra coisa, ela só não conseguia identificar o quê. Em todo caso, era muito conveniente para ela.

— Ed anda muito misterioso com as idas e vindas dele, mas eu consegui segurá-lo.

Daisy estava praticamente implorando para ser glorificada.

— Feliz aniversário, mãe.

Ed se aproximou de Helena e lhe deu um beijo no rosto. Não foi um beijo quente nem frio. Ela não o chamaria de superficial, mas era quase isso.

— Muito atarefado no trabalho, querido?

— Isso mesmo, Ed Lewis, o que anda aprontando? — Daisy bateu o pé, fingindo indignação. — Liguei para seu escritório mil vezes, e disseram que você estava fora a negócios. Ora, que tipo de trabalho um pesquisador de mercado tem que fazer fora do escritório? Pensei que vocês ficassem sentados em masmorras, analisando números.

— Donas de casa de Iowa — disse Ed, olhando para Daisy. — O que elas acham do último modelo da Hoover.

— Querido, você foi a Iowa e voltou só para meu aniversário? Eu não poderia estar mais emocionada.

Helena tocou-lhe o rosto hesitantemente. Ele estava muito pálido, como se tivesse passado o verão todo sem ver o sol.

— Bem — disse Daisy, olhando de um para o outro —, acho que tenho que ir ajudar mamãe. Vocês sabem como ela fica quando está preparando um jantar. Não aprontem nada sem mim — cantarolou por cima do ombro, com um adeusinho.

Ed esperou Daisy sair e depois se virou para a mãe.

— O que houve com seu cabelo?

Ao contrário de Nick, Ed não estava caçoando dela: parecia genuinamente curioso.

Helena riu.

— Acho que tive um probleminha com a cabeleireira. Graças a Daisy. Eu estava meio de baixo astral hoje de manhã.

— Por que ela acharia que isso a faria se sentir melhor?

— Ah, Ed. Acho que ela não imaginou que fosse dar nisso. — Helena foi até o espelho e tocou de leve o cabelo. — Já falou com sua tia Nick?

Ela tentou usar um tom leve, mas observava o rosto do filho pelo espelho.

— Ainda não.

A expressão dele era impassível.

— Foi bom Tyler ter conseguido vir para o jantar. Eu sei o quanto ele se dá bem com a família, principalmente com sua tia.

Helena olhou para a coleção de batons sobre a penteadeira, tentando se decidir por uma cor que complementasse o vestido. Escolheu Coral-Me-Pega.

— Embora, devo confessar, às vezes eu me pergunto se isso não deixa Daisy constrangida. Ele tem veneração pela tia Nick.

— É — disse Ed. — Ele vive de olho nela.

— Não sei como eu me sentiria, na qualidade de noiva, se meu noivo prestasse tanta atenção assim em outra pessoa, mesmo se fosse minha mãe. — Helena passou o batom e inclinou o corpo para trás no banco para se examinar. — Se bem que Daisy nunca diria, se isso a magoasse.

— O que está tentando dizer, mãe?

— Nada — respondeu Helena, virando-se para ele. — Só não quero que Daisy seja magoada, só isso. Nem você deve querer, imagino.

— Não — disse Ed. — Eu não permitiria que isso acontecesse.

— Claro que não. — Helena parou e fingiu brincar com alguma coisa no vestido. — É só que sua tia Nick... bem, ela consegue ser bem teimosa quando acha que tem razão. Às vezes, pessoas assim precisam ser obrigadas a ver como pode ser perigoso o próprio comportamento. Entende o que eu quero dizer?

Ed estava calado, observando-a.

Ela se virou de volta para o espelho, ajeitou o cabelo uma última vez e atarraxou os brincos de pérola.

— Pronto — disse, batendo nos joelhos e olhando para o filho pelo espelho. — Vamos descer?

Ela tentava sua melhor imitação do sorriso resplandecente de Nick, denotando prazer e olhos cintilantes. Mas, no fim, sentiu que apenas arreganhava os dentes.

* * *

— *E seu filho, Sra. Lewis? Vocês dois não têm andado muito próximos nos últimos anos, pelo que me contou. Por quê? É por causa de seu marido?*

— *Não. Ele é adolescente. Acho que os garotos adolescentes não costumam ter muito tempo para a mãe.*

— *Entendo.*

— *Por que está me olhando assim?*

— *Não sei se concordo com essa avaliação.*

— *Pelo amor de Deus, Dr. Kroll, eu não sei.*

— *Acho que sabe, sim, Sra. Lewis. Você disse que ele começou a ficar menos comunicativo depois que encontrou um cadáver, alguns anos atrás, correto?*

— *Eu disse que achava que isso poderia tê-lo assustado. Acho que ele ficou um pouco mais calado depois desse verão, mas Ed sempre foi diferente. Sei que isso aqui é palavrão, mas não vejo nada de errado em não ser igual a todo mundo.*

— *Isso a incomoda, o fato de ele ser diferente dos outros garotos da idade dele?*

— *O que foi que eu acabei de dizer?*

— *Você parecia pensar que eu não aprovo essa ideia, o que me leva a crer que não se sente totalmente confortável em pensar assim.*

— *Acho que o senhor é simplesmente muito mais esperto que eu, doutor.*

— *Sra. Lewis, estou aqui para ajudá-la. Percebo que vir nos procurar não foi totalmente uma opção sua, mas, pelo tempo que estamos juntos, posso dizer com segurança que você é, no mínimo, extremamente infeliz. Considera-se que quem é infeliz não está bem. Precisamos encontrar um jeito de fazê-la se sentir melhor. Entende?*

— *Para eu poder ser livre.*

— *Se quiser colocar dessa forma.*

— *Desconfio que me incomodava, sim, o fato de ele não ser como as outras crianças da idade dele. Ed, quero dizer. Mas acho que ele tem uma força interna estranha. Acho que ele foi feito para coisas grandes. Muitas pessoas incomuns fazem grandes coisas.*

— *Você acha que ele é especial.*

— *Sim. Especial. E forte. Forte é o mais importante.*

* * *

A mesa de jantar estava decorada com vasinhos de cosmos cor-de-rosa, e no prato de Helena havia uma pequena coroa de papel dourado. De braço dado com Ed, ela adentrou a sala azul, onde todo mundo se reunira para os aperitivos exceto Nick, a quem ela ouvia cantarolar na cozinha. Daisy, em um vestido leve de verão com estampa de hera, estava sentada no colo de Tyler, enquanto Hughes contava alguma piada.

— A-há — disse Hughes quando a viu à porta. — O que posso servir a nossa linda aniversariante?

— Acho que uma taça de champanhe não faria mal.

Hughes serviu a bebida e entregou a taça a Tyler, que a repassou a Helena.

— Feliz aniversário, tia Helena — disse ele, entregando-lhe a taça.

Tyler estava com seu uniforme de praxe: calça cáqui e camisa social listrada, com as mangas dobradas. O genro perfeito.

— Obrigada, Tyler. Você foi realmente um amor de trazer Ed para minha pequena comemoração.

— Foi um prazer. Nick sabia como a senhora ficaria contente, e Daisy não sossegou até encontrá-lo. Onde foi, cara? Iowa? Donas de casa e aspiradores de pó?

— Isso — disse Ed —, donas de casa e aspiradores.

Helena se surpreendeu com a crueldade que viu na expressão do filho. Por um momento, teve a estranha impressão de que ele ia estraçalhar o noivo de Daisy.

Até Tyler se encolheu um pouco.

Ela demorou o olhar sobre os dois, depois tomou um gole do champanhe.

— Simplesmente delicioso.

— Acho que eu odeio jantares — disse Nick, entrando na sala. Ela continuava com a túnica branca de seda que estava usando à tarde. — Estou presa naquela cozinha quente enquanto todo mundo está se divertindo aqui sem mim.

— Coitadinha — disse Hughes. — Realmente precisamos livrar você dessas correntes que amarramos a seus pés.

— É, mãe, a gente sabe muito bem como você odeia jantares — disse Daisy. — Que dissimulada!

— Ah, pode rir, mas você sabe que só comecei a cozinhar para fazer seu pai me amar. Patético, não?

— Bom, deu certo — disse Hughes, cruzando a sala em direção a ela.

Uma imagem de Nick e Hughes, antes de se casarem, surgiu na mente de Helena: eles parados na rua em frente à casa. Nick estava chamando Helena, e Hughes, o braço em volta dela, olhava-a como se não acreditasse na sorte que tinha.

— Eu, pessoalmente, estou com Nick — disse Tyler, passando a mão no cabelo e sorrindo daquele jeito de garoto sacana que enlouquecia Helena. — Não só é uma injustiça com ela, mas com a gente também, porque somos privados de sua companhia.

— Ah, como você é bacana, Tyler Pierce — disse Daisy, franzindo os olhos para ele. — Se eu não tomar cuidado, você vai virar galanteador barato para cima de mim.

— Pelo menos não vou ficar sem saber o que dizer.

— Deus me livre — disse Helena.

* * *

À mesa de jantar, Helena pôs a coroa. No instante em que a botou na cabeça, quis tirá-la, mas achou que isso pareceria hostil. Então preferiu ficar ali sentada

sentindo-se ridícula.

— Os últimos tomates do verão — disse Nick, colocando os pratos diante deles.

A polpa vermelha do tomate impressionou Helena: era tão viva, brilhando de forma quase indecente contra a porcelana fina. A sala ficou em silêncio um instante, só se ouvindo o barulho dos garfos batendo nos pratos. Finalmente, foi Nick quem retomou a conversa:

— Vocês não vão acreditar quem eu vi na fazenda Morning Glory. Aquele sapo asqueroso do Frank Wilcox. Fazendo compras, ou algo do tipo, com a nova esposa. Que, por sinal, parece ter doze anos e se espanta com praticamente tudo.

— Eu não sabia que os Wilcox tinham se divorciado — disse Helena.

— Ah, não me admira nada. Ela pegou o dinheiro de sua família e se mandou depois daquela história com a empregada.

Ed ergueu os olhos do prato.

— Eu não sabia que ele ainda vivia na Ilha.

— Nem eu — disse Nick. — Mas lá estava ele, em carne e osso. Sabe, é estranho, mas vê-lo me deixou furiosa, não sei por quê.

— Eu não pensava nisso fazia séculos — disse Daisy, pousando o garfo.

— Bem, nunca lhe contamos a história, você era muito criança. Mas Frank Wilcox estava metido com a garota, como era mesmo o nome dela? Seu pai viu os dois juntos.

— Eu sei — disse Daisy. — Eu e Ed estávamos ouvindo da porta da sala de jantar quando ele contou isso.

— Seus safados — disse Nick. — Será, será que não podemos ter uma única conversa em particular?

— Vocês estavam conversando com mais cinco pessoas, mamãe. Não era exatamente particular.

Daisy pôs um pedaço de tomate na boca.

— Frank Wilcox me levou a um baile uma vez, em um verão antes da guerra — disse Helena. — Ele ficou bem violento no carro, na volta para casa. Nada aconteceu, sabe, mas ficou aquela sensação de que poderia ter acontecido, estão me entendendo?

— Ah, estamos entendendo — disse Nick.

Helena lembrou-se das mãos dele, beliscando-a. Eram mãos perversas. Ela descobrira pequenas marcas na pele no dia seguinte.

Ela pegou Ed a olhando, impassível.

— Não consigo acreditar que nunca encontraram o culpado — disse Daisy.

Helena viu Hughes e Ed trocarem um olhar. Um olhar não muito amistoso, pensou ela.

— Não sei se faria alguma diferença — disse Hughes. — O mal já estava feito.

— Como pode dizer isso, papai? Claro que faria diferença. Coitada daquela mulher. Ela merece justiça. Alguém tem que ser punido.

— Essa é minha garota — disse Tyler.

— Daisy tem razão — disse Nick, pensativa. — Talvez tivesse ajudado. Alguém devia ter sido punido.

— Não foi isso que eu quis dizer — disse Hughes.

— Eu sei, querido — disse Nick, baixinho. — Sei o que você quis dizer.

— Bem, enfim — disse Daisy, olhando para Tyler —, foi o verão em que eu me apaixonei por você. E você teve a coragem de beijar Peaches Montgomery, seu bobão.

A adoração dela era palpável, pesada e doce como o bolo de anjo.

— Eu tinha muito mau gosto nos anos 1950 — disse Tyler, piscando para ela.

Nick riu.

— Realmente, Ty, ela é horrorosa.

— Eu sei, eu sei. — Tyler levantou as mãos. — Confesso, foi um erro. Mas eu também me apaixonei por você nesse verão, de certa forma, embora fosse muito idiota para perceber. — Ele olhou para Daisy. — Eu me apaixonei por sua família, pelo menos. Por isso tudo. — Ele ergueu a taça. — Um brinde aos Derringer-Lewis. Obrigado por me salvarem do tédio eterno.

— Sim, senhor. — Hughes ergueu o copo. — E à nossa bela Helena. Feliz aniversário. E muitos anos de vida.

— Feliz aniversário, querida — disse Nick, esticando-se para encostar sua taça na de Helena.

— Obrigada, obrigada, meus queridos — disse Helena, tocando na coroa.
— Eu não estaria aqui, para mais um maravilhoso aniversário, se não fosse por todos vocês.

* * *

— *Você parece muito feliz hoje.*

— *Sim, meu filho veio me ver. Foi ótimo estar com ele. Ele cresceu muito. Isso me assustou um pouco.*

— *Há quanto tempo não o via?*

— *Eu não... não sei bem. Os remédios, entende...*

— *Você perdeu muito tempo por causa desses remédios.*

— *É.*

— *Como se sente em relação a isso?*

— *Bem, eu não me sinto culpada por isso, se é o que quer que eu diga. Estava muito cansada na época.*

— *Não quero que diga nada. Lembra-se da última vez que viu seu filho?*

— *Ah, é difícil. Mas eu tenho, sim, lembranças dele adolescente, mais garoto. Mas aí ela o mandou para a escola e eu não o vi mais.*

— *Você se refere a sua prima, Nick.*

— *Sim.*

— *Você sente que ela o afastou de você.*

— *Eu não podia esperar outra coisa. Mas não vou continuar me queixando disso, como discutimos. Isso é passado. Como o senhor disse, ela fez o que achava certo. Mas foi muito bom estar com ele hoje. Ele está diferente, está mais... parece uma pessoa de verdade, acho que é isso.*

— *Em que sentido?*

— *Ele é muito senhor de si, o que, segundo me parece, é algo bom.*

— *O que quer dizer com “senhor de si”?*

— *Não sei. Ele não fala sobre si.*

— *E isso é algo que considera uma característica positiva?*

— *Não sei. Eu disse “senhor de si”.*

— *Também disse que ele não fala sobre si.*

— *Eu nunca fui boa com jogos de palavras, Dr. Kroll.*

— *Está bem. O que seu filho acha de você estar aqui?*

— *Não sei. Ele diz que eu não estava bem. E que isso era normal. Mas me pareceu curioso quanto ao hospital, eu acho.*

— *Ele tem uma atitude protetora em relação a você?*

— *Nunca pensei sobre isso. Não, não muito, acho que não. Ele tem uma atitude protetora... se é que se poderia chamar assim... em relação a minha sobrinha, Daisy.*

— *E o que pensa que ele sente em relação a você?*

— *Não sei. Como eu disse, ele é muito...*

— *Sim, senhor de si. Você disse que ficou assustada ao ver o quanto ele tinha crescido. Por que isso a assustou?*

— *Não sei por quê, simplesmente me assustou. Ele parecia mais forte do que eu me lembrava.*

— *Você já disse, anteriormente, que essa era uma característica que esperava que ele tivesse, ser forte.*

— *É. É bom ser forte. As pessoas fortes conseguem o que querem, o senhor me ensinou isso em uma de nossas primeiras sessões.*

— *Acho que não foi isso o que eu quis dizer.*

— *Sim, o senhor disse. Só quem é forte consegue vencer outra pessoa forte. Não quero que meu filho seja devorado.*

— *Você acha que foi devorada?*

— *Sim, acho. Mas acho, vendo meu filho agora... Quer dizer, tenho certeza de que se alguém vai devorar alguém na vida de Ed, vai ser ele.*

— *E pensar assim a faz feliz?*

— *Sim, Dr. Kroll, me faz feliz.*

* * *

Não houve sobremesa, claro, mas Hughes surgiu com uma garrafa de cristal com vinho do Porto.

— Alguém quer uma saideira?

— Não sei — disse Nick. — Aquele vinho era pesadíssimo.

— Ah, tome, Nick — disse Tyler, colocando a mão preguiçosamente no ombro dela, como se fosse a coisa mais normal. — É uma festa.

— Helena, querida?

A expressão de Nick era solícita, mas Helena percebeu que era um teste.

— Não, obrigada — respondeu ela. Nunca gostara muito de vinho do Porto mesmo.

— Tia Helena, eu já ia esquecendo — disse Daisy. — Seu presente, o de verdade. Mas temos que ir todos para a sala.

— Sabe, Daisy — disse Nick —, acho que Helena talvez esteja farta de seus presentes por hoje.

Daisy revirou os olhos.

— Papai? Preciso de seu apoio.

— Serei o portador do vinho do Porto — disse Hughes alegremente. — Partamos para a sala.

Ele com certeza estava se divertindo.

— Está bem, minha gatinha — disse Helena, colocando as mãos sobre a mesa e tomando impulso para se levantar. — O que você quiser.

— Sim, minha gatinha — disse Tyler, dando a mão a Daisy, provavelmente ainda quente do ombro de Nick —, vamos zarpar para a sala.

Daisy não aceitou a mão dele.

— Vão indo vocês, eu já volto.

E lá se foram todos de novo para a sala azul.

— Helena, quer alguma outra bebida, sem ser o vinho do Porto? — perguntou Hughes.

— Ah — disse Helena. — Não sei se devo.

Parecendo meio aflito, ele olhou para Nick, que respondeu com um discreto dar de ombros. Helena riu consigo mesma; como eles eram ridículos.

— Um uísque? É seu aniversário.

— Tem razão. É meu aniversário. Quero um uísque.

Helena deu um sorriso amável para Nick, que desviou o olhar. Fazia muito tempo que ela não se sentia tão aguda, tão desperta, e isso era bom.

Nick foi até um dos janelões e pôs a mão na tela.

— O verão acabou. Quase dá para sentir o outono no ar, não é mesmo?

— Adoro o outono — disse Helena. — Tem cheiro de mudança.

— É? — Nick olhou para ela. — Não sei. Para mim cheira a morte, todas essas folhas úmidas apodrecendo.

— Dá tudo no mesmo — disse Ed.

— Que coisa mórbida para se falar, Ed.

Tyler parecia um pouquinho repugnado.

— Por quê?

Tyler abriu a boca, mas acabou apenas dando de ombros, tomando um gole do Porto.

— Não, acho que Ed tem razão — disse Nick. — As estações e essa história toda. Mas fico triste. Jamais gostei de nada disso, nem de mudança nem de morte.

— Mas você é o diabo, vai viver eternamente — disse Helena. — Bem que o vovô dizia.

— Obrigada, querida, você é um amor.

— E não é? Por pouco você não me enganou.

Helena tentou rir, mas a risada soou áspera, mesmo para ela.

— Bem — disse Nick —, talvez eu seja. E daí? Não vou pedir desculpas por ser.

— Não, claro que não.

Helena deu outro gole no uísque.

— Bem que você queria que eu me desculpasse por ser o que sou, não é?

— Por que o que eu quero haveria de ser um problema?

— Ah, pelo amor de Deus, Helena, por que simplesmente não abre a boca e diz o que tem a dizer?

— Não sei do que está falando, querida.

— Ótimo, faça o que quiser. — Nick balançava a cabeça de um jeito que fez Helena querer lhe dar uma bofetada. — Posso ser o diabo, mas droga, sou seu diabo e é melhor você se acostumar a isso.

A sala ficara em silêncio. Tyler olhava para o chão e Ed fitava Nick. Hughes sumira. Típico, pensou Helena.

— Então, gente — disse Daisy, entrando na sala com um pacote fino e quadrado embaixo do braço; alheia, como sempre. — Tchã-rã. — Entregou-o a Helena. — Papai? Volte aqui, precisamos de você. Aonde ele foi?

Helena rasgou o papel de embrulho com uma veemência que surpreendeu até a si própria. Era um disco. A capa mostrava um hippie meio nebuloso, com a cabeça virada. *Van Morrison Blowin' Your Mind!*, lia-se em letras gordas como linguças. Helena deu uma gargalhada, ergueu o disco para os outros verem.

Nick tapou a boca com a mão, tentando abafar o riso, os olhos grudados nos de Helena.

— Daisy, querida, realmente... Acha que isso é apropriado para sua tia?

— Ah, não seja tão careta. Não é sobre drogas — disse Daisy, pegando o álbum e se encaminhando para o toca-discos. — A senhora tem que ouvir essa música, tia Helena. Chama-se “Brown-Eyed Girl”. É sobre a senhora. — Ela franziu os olhos para a tia. — Só que, claro, os seus olhos são azuis. — E então Daisy começou a rir. — Ah, bem, deixa para lá. Não estou me saindo muito bem hoje.

Ela posicionou a agulha no disco.

Uma pequena percussão e depois violão, como um calipso. Helena sorriu. Era uma música boa, alegre, do tipo que fazia a pessoa querer ser feliz, mesmo sem vontade.

Daisy pegou a mão do noivo e começou a dançar um twist. Depois de um tempo, estendeu a mão para Ed e o puxou, os três formando uma rodinha.

Helena observou-os, um pequeno grupo de ciganos, com tudo diante deles. Até seu filho, às vezes tão sério, fazendo a versão dele do twist estilo Chubby Checker de Daisy.

Ela olhou para Nick, que lhe estendeu a mão. Com um suspiro, ela a aceitou. Nick a levantou e envolveu sua cintura.

— Somos velhas caretas — disse Nick.

Helena encostou o rosto na face macia da prima e sentiu um desejo indescritível. Por sobre o ombro dela, via as crianças sorrindo para as duas.

Menos Ed. Ficou feliz que ele não fingisse. Precisava dele. Dera o pontapé inicial, e agora precisava que ele fosse forte e fiel.

Sentindo o perfume da prima, ela pensou em todas aquelas folhas molhadas que ela mencionara. Como ainda podia amar Nick depois de tudo? Helena sentia que sua cabeça estava prestes a rachar. Era muita coisa para pensar. Ela não conseguia aguentar. Então, em vez disso, simplesmente abraçou Nick, abraçou-a forte, como se aquela pudesse ser a última vez.

HUGHES

1959: julho

I

O telefone tocava dentro da casa.

Depois, ao repassar mentalmente aquele momento, Hughes juraria que primeiro o tinha ouvido tocar a não menos que um quarteirão de distância. Mas, pensando bem, podia ser sua memória lhe pregando uma peça. O que se lembrava claramente era da sensação funesta ao ouvir o toque.

Vinha caminhando sem pressa pela Traill Street, abanando as densas nuvens de mosquitos que pairavam no ar quente de julho. Era final de tarde; após uma manhã de trabalho infrutífero na propriedade de um cliente, ele saíra cedo e pegara uma sessão de *Laura* do Nickelodeon, na Harvard Square.

Esse era um dos motivos pelos quais Hughes adorava o verão na cidade. Podia ir embora do escritório quando quisesse, e ninguém perguntava, nem queria saber, onde ele estava. Com a família fora, lá na Ilha, ele sentia uma leveza que era rara em seu dia a dia. Jantava sozinho na cozinha — um sanduíche, ou mesmo um bife, se estivesse a fim de cozinhar —, depois subia para o escritório e ficava lendo até adormecer ali mesmo, na cama de solteiro. Só ia ao quarto que dividia com Nick para trocar de roupa.

E quando ia, sentia que pisava em um cômodo-fantasma. O retrato de Daisy na moldura prateada em sua mesa, as abotoaduras no prato de porcelana azul, os travesseiros perfeitamente alinhados na cama — tudo parecia pertencer à vida de outra pessoa. De vez em quando, olhando ao redor do quarto, ele se perguntava o que um arqueólogo acharia de tudo aquilo, dele. Como ele seria descrito? Um homem que mantinha os sapatos engraxados, as meias arrumadas. Um homem que amava sua família. Seria ele, esse homem? Quando estava no escritório, ele sabia melhor quem era, e isso o tranquilizava.

Ultimamente ele vinha sentindo que algo o incomodava, a sensação de que havia alguma coisa errada. Notou-a algumas vezes ao ir para o trabalho, ou quando lia, e se via tendo que parar o que estava fazendo até o sentimento passar. Não conseguia identificar exatamente o que era. Algo parecido com medo, mas não exatamente. Ele sabia que tinha a ver com Nick, com a ideia de perdê-la. Mas ele não a havia perdido, embora às vezes imaginasse que sim. A ideia lhe dava um nervoso, como o som de um osso se quebrando.

E quando ouviu o telefone tocar dentro de casa, enquanto vinha andando pela sua rua naquela tarde de verão, a mesma aflição o invadiu, um alarme soando em sua cabeça.

* * *

Começara um mês antes, no início de junho, pouco depois que Nick e Daisy chegaram à Tiger House para a temporada, e ele passara o final de semana lá para preparar o barco. Depois de lixar o *Star* e verificar se havia alguma avaria no casco e no cordame do veleiro, foi beber alguma coisa no Reading Room, onde jogou duas rodadas de rummy e tomou três gins-tônicas, demorando-se mais do que havia pretendido.

Ainda disposto, resolveu dar uma volta pela enseada, para sentir o ar marítimo e contemplar o pontilhado de luzes ao longe em Chappaquiddick. Ao passar pelo Iate Clube, resolveu entrar, e ficou ali no cais ouvindo o zumbido dos motores de popa que passavam. Ele adorava a Ilha. Às vezes se perguntava se as coisas teriam evoluído de outra forma se ele e Nick tivessem ido morar lá depois da guerra, como era o desejo dela então. Imaginou Nick em casa, talvez se preparando para ir se deitar, o pequeno suspiro que lhe escapava quando ela se sentava à penteadeira ao fim de uma noite. Tornou a olhar para a água escura e expulsou a ideia da cabeça.

Pegou a Simpson Lane, porque era o caminho mais sossegado, tendo permanecido quase uma trilha de terra quando tudo o mais na Ilha estava mudando. Pensava nisso quando alcançou a esquina e viu Frank e a moça saindo do Hideaway, ela com a cabeça morena encostada no ombro dele.

Espantado e não querendo ser visto, Hughes retardou o passo. Observou-os se afastando, e, sem saber se deveria prosseguir, resolveu matar o tempo com um cigarro. Enquanto fumava, tentou reordenar seus pensamentos. Não era a implicação óbvia que o confundia. A imprudência de Frank é que era o mais estranho. Qualquer um que calhasse de vê-los saberia que alguma coisa havia ali, e a Ilha era um lugar pequeno. Todo mundo se conhecia. Não se podia simplesmente andar pela rua escancarando os próprios segredos. E se alguém fosse idiota a ponto de fazer isso, teria ciência de que, em dois segundos, a cidade inteira estaria sabendo.

Hughes apagou o cigarro e seguiu para casa. Ao se aproximar da entrada dos fundos, pela North Summer Street, viu Ed, na verdade o vulto dele, parado ali. E, um tanto distante do garoto, Frank Wilson de novo, ainda com a moça, ambos agora engajados em uma espécie de conversa íntima. O primeiro pensamento de Hughes foi se perguntar como Ed conseguira sair de fininho tão tarde sem ninguém notar. Mas logo abandonou completamente esse questionamento quando viu o garoto andar em direção ao casal, silenciosamente como um gato, mantendo-se na beirada interna da calçada, junto às sebes de ligustro que orlavam a rua. Frank e a moça entraram na Morse Street, na direção das quadras de tênis, Ed na cola dos dois. O garoto estacou por um instante no ponto em que Frank estivera parado alguns momentos antes e se abaixou para pegar algo no chão, depois virou a esquina e sumiu de vista.

Hughes ficou ali sentindo-se idiota. A ideia de seguir Ed, que estava seguindo Frank, pareceu uma espécie de brincadeira ridícula. Mas que opção ele tinha? Não podia simplesmente deixar Ed ir atrás dos dois, ainda mais sabendo o que provavelmente eles pretendiam fazer.

Então decidiu agarrar Ed e arrastá-lo de volta para a Tiger House. Foi andando até a esquina, mas quando chegou na Morse Street, não viu mais ninguém. Correu até o final e virou no caminho tomado pelo mato que descia pela lateral das quadras de tênis na direção do Sheriff's Meadow. Esperou um pouquinho e ficou escutando. Ouvia passos à frente.

Era um caminho que quase ninguém usava mais, uma vez que a prefeitura abrira uma trilha de verdade para o prado a partir do Pease's Point Way.

Enquanto ele caminhava, o calor da noite fazia o perfume da vegetação virgem subir e envolvê-lo. Com a luz da lua baixa, dava para enxergar um pouquinho, mas não muito, e Hughes precisava pisar com cuidado para não tropeçar em galhos e raízes.

Quando chegou ao galpão em ruínas, junto ao antigo Lago de Gelo, tornou a parar. Era um bom lugar para se levar uma mulher que não fosse sua esposa para dar uma trepada. Mas depois de um instante prestando atenção sem ouvir nada, concluiu que estava vazio. Olhou em volta à procura de algum sinal. Estava agora no interior do prado: adiante era o pântano, e de um lado e de outro só havia a cerrada vegetação rasteira. Nem um nem outro pareciam locais muito prováveis. Os sapatos de Hughes estavam ficando molhados no chão encharcado, e ele praguejou baixinho. Quando encontrasse Ed, iria lhe dar um bom sermão. *Se o encontrasse.*

Ele estava considerando dar a busca por encerrada e ir para casa aguardar o garoto chegar quando ouviu o som de passos no mato, a seu lado. Tentou ver o que era. Não dava para enxergar muito, mas os passos estavam definitivamente se afastando dele. *Merda.* Hughes atravessou a moita, protegendo o rosto para não se arranhar nos espinhos.

Ao sair do outro lado, viu-se em uma trilha sinuosa, cercada dos dois lados por uma sebe silvestre. O cheiro de madressilva era intenso ali, e Hughes se viu pensando na primeira vez que beijara Nick, na frente da casa da mãe dela, depois de um baile. Ela estava recostada de leve na densa trepadeira florida que subia por uma treliça na lateral da casa, e desde então aquele cheiro ficara associado à esposa na mente de Hughes.

Ele então chegou a uma clareira, e ali estacou de súbito. A lua estava um pouquinho mais alta agora. Em um velho abrigo mais para o lado, estava Frank Wilcox, a calça arriada até os tornozelos, ritmicamente penetrando a moça, de costas para ele. Frank abaixara a cabeça da moça para um lado, e a usava como uma espécie de apoio para se alavancar.

Um pouco afastado de Frank estava Ed, de costas para Hughes. O garoto não fazia qualquer barulho, mas Hughes via seu braço direito subindo e descendo freneticamente.

Minha nossa, pensou Hughes. *Putá merda.*

Ele aproximou-se de Ed o mais mansamente possível e esticou o braço, pegando o sobrinho pelo ombro, com força. O braço do garoto parou, mas, à parte isso, ele não mexeu um músculo. Nenhum arquejo ou qualquer sobressalto de surpresa. Hughes ouviu o barulho do zíper subindo, e então Ed se virou. O rosto dele era totalmente desprovido de expressão, e Hughes sentiu-se crispar. Levou o dedo aos lábios e depois apontou na direção da trilha. Ed esperou um instante, olhando para ele, e depois voltou na direção das quadras de tênis.

Hughes permaneceu calado ao longo do caminho, furioso, limitando-se a observar os passos tranquilos do garoto, que seguia à sua frente. Mas quando chegaram à rua da Tiger House, ele virou Ed, obrigando-o a encará-lo.

— O que você acha que estava fazendo?

— Eu não sou um perverso — disse Ed, friamente.

— Não tenho tanta certeza disso — disse Hughes. — Caramba, Ed, onde você estava com a cabeça para fazer uma coisa dessas?

Ed limitou-se a ficar ali, parado, os olhos estranhamente inexpressivos. Hughes não conseguia adivinhar o que se passava na cabeça do garoto, mas também sabia que, quando tinha a idade dele, tomara algumas atitudes estranhas que, na época, o fizeram se sentir bem mal.

— Olhe — disse Hughes, decidindo usar outra tática. — É normal ter curiosidade em relação a essas coisas.

— Que coisas?

Céus.

— Homens e mulheres.

Ed permaneceu calado.

— Quando eu tinha sua idade, havia uma menina de quem eu gostava muito...

Ele não sabia direito aonde pretendia chegar com aquela conversa.

— Eu não gosto de Frank Wilcox. Nem gosto muito daquela moça.

Será que o garoto tinha algum retardamento? Hughes tentou manter a voz equilibrada.

— O que estou dizendo, Ed, é que você não pode sair por aí espionando as pessoas no meio da noite. Ainda mais assim. Porque... caramba!

— Eu não estava espionando.

— Acho que nós dois sabemos o que você estava fazendo.

— Era pesquisa.

— Isso não é pesquisa. — Hughes estava se irritando de novo. — E o que você viu não foi uma cena agradável.

— Por que tem que ser agradável?

O tom do garoto era neutro, mas Hughes tinha a impressão de que Ed caçoava dele.

— Olha, eu sei que as coisas não estão fáceis em casa, com seu pai...

— Não fale em meu pai — disse Ed, e nesse ponto Hughes notou algo estranho.

— Olhe... — começou Hughes.

— Estou tentando obter conhecimento — disse Ed. — Sobre as pessoas, sobre o que há no íntimo delas.

Hughes parou.

— Perdão, o que você quer dizer com “o que há no íntimo delas”?

— Eu faço muita pesquisa. Uma pesquisa que os outros não querem fazer.

— Ed olhava para ele com atenção. — Nem tudo que eu pesquiso é agradável.

Foi o jeito que ele disse aquilo, uma ligeira inflexão, talvez. Hughes sentiu um frio na espinha. Havia algo muito errado ali.

— Como assim? — perguntou ele, devagar.

— Por exemplo. Eu sei sobre suas cartas. Que aquela inglesa escreve para você. Eva.

Hughes sentiu o ar ser sugado de seu corpo. Depois a adrenalina. Eva. Aquilo não podia estar acontecendo. Sentiu o cérebro nublar-se, retornar ao que ele tinha de primitivo. Partiu para cima de Ed e o pegou pela gola da camisa, trazendo o rosto dele para junto do seu. Tão junto que dava para sentir o cheiro do xampu e do suor do garoto.

— O que foi que você disse, seu merdinha?

Sua própria voz lhe soou estranha, calma e fria.

— As cartas — disse Ed, depressa, como se a proximidade de Hughes o excitasse. — As que você esconde no porão.

— As cartas que eu escondo no porão. — Ele exalava raiva, como um mau cheiro. — Minhas cartas, seu filho da mãe.

Ele ia fazer picadinho do garoto. Podia sentir isso. Não ia conseguir se conter. Depois: Nick. Ele tinha que pensar. Hughes pôs o cérebro para funcionar. Afinal, e com o que pareceu um esforço incrível, soltou Ed.

— Não, Ed — disse calmamente. — Acho que você não encontrou carta alguma. — Olhou para ele. — Acho que você é um garotinho patético que foi flagrado tocando uma punheta enquanto via dois estranhos transarem. É uma história triste. É o tipo de história que faz a gente pensar: “Que garoto confuso e perturbado.” E assim a gente começa a pensar em outras coisas, como por exemplo: vai ver que ele é muito instável para andar solto por aí, esse tipo de coisa. Entende o que eu quero dizer?

— Eu não me acho confuso — disse Ed, sem tirar os olhos de Hughes. — Mas talvez eu possa perguntar à tia Nick. Talvez ela tenha uma opinião.

Hughes assentiu com a cabeça devagar e depois esbofeteou o garoto com tanta força que o derrubou longe. Ed tocou o lábio com a mão, mas continuou no chão.

— Levante-se — disse Hughes.

Quando Ed se levantou, Hughes pegou seu rosto e virou-o de um lado para o outro. Não havia sangue.

— Agora vá para casa, e não acorde sua mãe. — A voz dele soou rouca, como se ele tivesse vindo correndo no frio. — E nunca mais ouse me ameaçar.

Ed olhou para ele. Não chorou, não zombou dele, nem reclamou do bofetão. Só inclinou um pouquinho a cabeça, antes de virar as costas e seguir para casa.

Quando Hughes voltou, tudo estava em silêncio. Ele foi conferir as cartas. Guardava-as numa caixa de ferramentas embaixo de uma bancada de trabalho no porão, um lugar que ele sabia que tanto Nick quanto Daisy jamais teriam qualquer motivo para olhar. Quando levantou a bandeja dos pregos e parafusos, encontrou as cartas aparentemente intactas, os belos envelopes em cor creme de Eva empilhados direitinho em um maço. Pegou o de cima.

Southampton, 3 de março de 1945

Querido Hughes,

Neste momento você deve estar em algum ponto do Atlântico, sacolejando e balançando durante a travessia, enquanto estou aqui sentada a esta minha mesa deprimente lhe escrevendo, ainda sonhando com aquele filé mágico que comemos semana passada.

Devo dizer que foi muito libertador e ligeiramente escandaloso comemorar meu divórcio assim. Champanhe e filé! O que a Agência da Guerra diria? Ah, quem se importa! Agora sou uma mulher perdida, e estou simplesmente adorando isso.

Uma amiga minha concordou em nos emprestar a casa dela em Devon da próxima vez que você vier de licença. É só um chalezinho, mas não precisamos de nada maior que uma cama. Como nem um ovo cozido eu sei fazer (você se importa?), tanto faz não ter cozinha. Passaremos o dia inteiro andando nus e me jogarei em cima de você a cada oportunidade que tiver.

Hughes, não sei se consigo aguentar essa felicidade toda. Por favor, por favor, mantenha-se a salvo. Há tanta infelicidade por aí que até me assusta. Sei que parece meio dramático, mas não consigo evitar. O mundo está em chamas, afinal. Volte logo para mim.

Com amor,

Eva

Hughes recolocou a carta cuidadosamente no lugar e levou o maço inteiro para seu escritório no andar de cima, onde, com um peso no coração, trancou-o em sua escrivaninha e meteu a chave no bolso.

* * *

Ele não contou a ninguém sobre o incidente e, com o passar do tempo, tentou colocar o episódio em perspectiva. Ed era mesmo perturbado, não tinha uma figura paterna de verdade, e estava provavelmente atuando, disse a si mesmo.

Era um garoto. Estava passando pela confusa fase do crescimento de uma maneira ligeiramente anormal. Mas tudo ia se acertar. Hughes voltou à cidade, àquelas tardes preguiçosas e às noites dormidas no estúdio. Mesmo assim, continuava pensando em Frank e na moça, nas cartas e em Nick.

* * *

O telefone tocava dentro de casa. Hughes chegou à porta e girou a chave na fechadura. Com o coração palpitando, subiu aos pulos os dois lances de escada e entrou na biblioteca. Tirou do gancho o frio fone preto.

— Alô?

— Hughes! Graças a Deus.

Era Nick.

— O que aconteceu?

— É Daisy. Ela e Ed encontraram um cadáver.

Hughes se escorou na parede, a mão no peito.

— Que merda, Hughes! Ela viu.

— Quem era?

Ele não conseguia respirar.

— Bom, ainda não sabem direito. Andam dizendo que é a empregada de alguém. Acho que é uma das moças portuguesas.

— Empregada de quem?

Mas ele sabia quem era. Não adiantava mais fingir.

1944: dezembro

Embora o Natal já tivesse passado, na estação de trem ainda se respirava aquele clima de empolgação da época de festas. Quase dava para sentir o cheiro de pinheiros no ar. As pessoas passando por Hughes eram um retrato em movimento da expectativa. Uma bela oficial da Marinha, de capote cinza com sininhos presos na bainha, passou tilintando, melhorando seu ânimo, ainda que por um instante apenas. Ele perdera o trem para Londres e agora se defrontava com a deprimente perspectiva de passar um de seus preciosos três dias de liberdade a bordo do *Jones*.

Sair nas ruas de Southampton só fez baixar seu moral mais ainda. Como os alemães haviam bombardeado a cidade inteira, agora sua característica mais visível era uma massa de metal que serpenteava da estação até as docas, uma paisagem de trilhos, torres e guindastes. Os prédios mais pareciam uma coleção de ruínas, estruturas enegrecidas e denteadas apontando para o céu. Mas foram as escadas que não levavam a lugar algum o que mais perturbou Hughes. Pareciam estar por todo lado, inúteis nos fundos das casas bombardeadas. Ele aprendera a manter os olhos fixos no chão quando cruzava a cidade.

Mesmo assim, era melhor que o Havre, onde eles haviam acabado de deixar uma divisão motorizada inteira. O porto francês havia sido tão maltratado durante a libertação que o *Jones* fora obrigado a prosseguir para a Inglaterra para reabastecer, em vez de voltar direto para casa.

Hughes voltou para as docas e rumou para a cantina da Cruz Vermelha, onde pelo menos se podia conseguir um café que não fosse apenas água suja e morna, talvez algum donut, além de contemplar as garotas da Cruz Vermelha em seus macacões azul-claros.

Lá dentro, uma longa fila o fez maldizer a própria sorte mais uma vez. Ele estava prestes a desistir e ir procurar um pub quando ouviu Charlie Wells

chamá-lo.

— Derringer. — Charlie estava já na metade da fila, fazendo sinal para que ele se encaixasse ali. — Pensei que você estivesse num trem para Londres. O que aconteceu, resolveu que não podia perder os incomparáveis encantos de Southampton?

— Perdi o raio do trem — disse Hughes, ignorando os homens às suas costas que reclamavam dos fura-filas.

— Ah. Bom, você pode sair comigo e com os rapazes. Talvez aprenda alguma coisa.

— Vá para o inferno.

— Há. — Charlie lhe deu um tapinha nas costas. — Não seja tão sensível. Vamos, precisamos levar você para uns programas de homem. Dar uma aliviada nesse seu colarinho engomado, pelo menos.

Hughes não estava com disposição para aturar Charlie. Na verdade, não andava com disposição para muita coisa ultimamente. Não via Nick havia três meses, e o Natal fora uma tristeza, com o *Jones* se sacudindo em espasmos sem parar desde o Brooklyn Naval Yard e um peru congelado com um molho de cranberry que mais parecia urina vermelha adocicada. Ele estava farto daquelas miseráveis cidades destruídas, daqueles portos explodindo todo santo dia e do enjoo ao mar que não parecia melhorar nunca. Quando vira os garotos do Exército desembarcarem na França depois de dez dias no Atlântico, não conseguira deixar de rir. Estavam todos verdes como sopa de ervilha. Mas, pensando bem, talvez fosse por imaginarem a marcha forçada contra os alemães que seriam obrigados a cumprir em pleno inverno.

— Tenente Derringer?

Hughes virou-se e viu o comandante Lindsey atrás dele. Também ele estava de uniforme de gala.

— Capitão.

— Que bom que encontrei com o senhor. Vai para Londres, creio eu. Três dias de liberdade?

— Sim, senhor, mas perdi o trem. Agora só saio daqui amanhã à tarde, pelo visto.

— Perdeu o trem, foi?

O comandante Lindsey esfregou o dedo no lábio, hábito que ele adquirira para quando refletia sobre um problema. A primeira vez que vira isso, Hughes tinha pensado que o capitão estava tentando lhe apontar alguma sujeira em seu rosto, ao que ele imitara o gesto, até o comandante Lindsey lhe perguntar por que diabo ele estava com aquele tique nervoso.

— Que pena — disse o capitão. — Estou com um despacho aqui que tem que chegar à Sala de Controle Naval hoje à noite. Os tenentes Wilson e Jacks já seguiram, desconfio eu.

— Sim, capitão. Acho que eles conseguiram pegar o trem.

— Certo. Bem, tenente, talvez possamos matar dois coelhos com uma cajadada só, como costumam dizer. Vou falar com os ingleses e ver se eles podem dispor de um mensageiro motorizado. Talvez possamos fazê-lo chegar em Londres hoje à noite, afinal.

— Seria maravilhoso, capitão.

— Vá pegar seu café, tenente, ande logo. Encontro-o lá fora.

— Obrigado, capitão.

— Sr. Wells.

O comandante Lindsey fez um cumprimento de cabeça para Charlie, antes de virar-se e se encaminhar para a porta da cantina.

— Babaca de Annapolis — disse Charlie depois que o capitão saiu. — Sempre anda como se tivesse uma vara enfiada no rabo.

— Você conseguiu sua autorização. Além do mais, não deveria ser tão sensível — disse Hughes, sorrindo sugestivamente para ele.

— Vamos pegar o café — disse Charlie, franzindo o cenho. Mas sua expressão se iluminou quando uma moça da Cruz Vermelha de seios fartos virou-se para servi-los. — Bom — falou —, não sei o que Londres tem que eu não possa achar aqui.

Charlie piscou para a moça da Cruz Vermelha, que retribuiu o sorriso.

Hughes riu. Já estava se sentindo muitíssimo melhor.

* * *

Na Sede do Almirantado da Marinha Real Britânica, que ficava em um dos poucos prédios municipais ainda existentes na cidade, Hughes aguardava no saguão enquanto o comandante Lindsey falava com seu equivalente britânico. O movimento intenso do posto lembrou-lhe a estação de trem, mas sem toda aquela parafernália de Natal, o que era um alívio. Ele mandara uma carta para Nick duas semanas antes do dia 25, torcendo para que chegasse a tempo. Não soubera o que dizer, então escrevera apenas que a amava e que sentia sua falta. Não podia escrever sobre o que estava fazendo nem por onde andara ou mesmo para onde ia.

O ano na ativa fora como se a vida houvesse ficado em suspenso. Havia o mundo que ele deixara para trás, e aquele outro lugar onde se metera: a explosão constante de cargas de profundidade sacudindo o navio; os rostos lívidos da tripulação ante a luz vermelha do anúncio de ataque; navegar em zigue-zague pelo Atlântico em total blecaute, decodificando mensagens até seus olhos parecerem pular das órbitas. Nick ainda vivia no mundo real, um lugar com o qual a pessoa podia sonhar de vez em quando ao se deitar no beliche para dormir um pouco. Mas sobre onde ele estava, não dava para falar, muito menos explicar.

* * *

— Tenente Derringer.

Hughes ergueu os olhos e viu o comandante Lindsey. Custou um pouco a se dar conta de que a pessoa que o acompanhava era uma mulher. Ela estava de bombacha, uma jaqueta um tamanho acima do seu e o que pareciam ser botas de avião. No primeiro momento ele não conseguiu calcular sua idade. Mas, quando se aproximaram, ele viu pela testa da moça, brilhando embaixo de uma massa de cabelos bem presos à cabeça, que ela era mais ou menos da idade de Nick.

— Está com sorte, tenente. A mensageira motorizada Eva Brooke tem uma entrega para fazer em mãos em Londres.

Hughes julgou detectar o indício de um sorriso se esboçando nas commissuras dos lábios de seu capitão.

— Meu capitão — disse Hughes. Olhou para a moça. — Srta. Brooke.

— Sra. Brooke — corrigiu ela, com uma voz que parecia um sino de igreja.

— Perdão. Sra. Brooke.

— Pois bem. Tenente, esse despacho é para o tenente-comandante Napier, na Cidadela do Almirantado. Faça com que chegue às mãos dele antes de ir passear pela cidade.

— Sim, capitão.

O comandante Lindsey dirigiu-se à jovem:

— Sra. Brooke.

— Comandante.

A jovem fez um sinal incisivo de cabeça para o capitão.

Saindo dali, eles contornaram o prédio até chegarem a um estacionamento nos fundos, tomado pelos escombros dos prédios vizinhos. Um grupo de garotos entretinha-se em exhibirem uns aos outros sua coleção de metralhas. Um deles tinha o olho roxo. Isso deixou Hughes atordado, como se sentisse vertigem.

— Acho que não vou precisar disso — disse a Sra. Brooke, jogando o capacete de motociclista no assento traseiro e olhando o carro com repugnância, antes de abrir a porta do motorista e entrar.

— O que dirige normalmente?

— Uma motocicleta — disse ela, com um sorriso irônico para Hughes.

— Sim, isso eu entendi — disse Hughes. — De que tipo?

— Você entende alguma coisa de motos?

— Não.

— Foi o que pensei — disse a Sra. Brooke, e soltou o freio de mão, saindo de ré do estacionamento. Buzinou duas vezes para os garotos, que se dispersaram como pombos.

Hughes passou a mão no painel.

— Um Daimler. Alemão.

— Muito perspicaz. É sempre tão esperto assim?

Hughes olhou para ela, que mantinha os olhos à frente.

— Nem sempre. Tenho os meus momentos.

— Bem, tínhamos uma fábrica da General Motors, até a Luftwaffe de repente fazer um estardalhaço por causa dela.

— Eles têm dessas coisas.

Hughes apalpou o bolso, verificando se havia colocado ali sua escova de dentes. Tinha vários colarinhos sobressalentes no bolso do casaco, mas as provisões para os dias de licença acabavam aí.

— E então, o que vai entregar no Almirantado?

— Este maldito carro, acredita? Parece que perderam alguns semana passada, em ataques aéreos. — Ela virou-se para Hughes. Ele notou que seus olhos eram de um tom de castanho quase idêntico ao de seu cabelo. — Não quero ser antipática, mas acho que a Marinha Real não perderia seu precioso combustível indo até Londres para levar apenas uma carta. Nem mesmo para você.

Começavam a deixar para trás os vestígios de Southampton, e a estrada se abriu: de um lado e de outro, campos de inverno exibiam a vegetação morta.

— Por que o seu comandante não levou pessoalmente a carta? — perguntou a Sra. Brooke depois de um tempo.

Sua voz era mesmo igual a um sino de igreja. Hughes pensou no carrilhão da St. Andrew's, na Ilha, onde ele e Nick se casaram. Um flash do corpo nu de Nick lhe passou inadvertidamente pela cabeça, um lampejo vivo e quente.

— Ele tem uma namorada na cidade, acho eu.

— Ah, sim, a proverbial “namorada na cidade”.

— Você não aprova, pelo visto.

— Não aprovo nem reprovo. É só um clichê, mais nada — disse ela.

— Não sei se é a pior coisa do mundo, ser um clichê — disse Hughes.

— Não sabe? Acho que é simplesmente a pior coisa que pode haver no mundo.

— Todo mundo quer fingir que é diferente, mas não é. Somos todos iguais.

Ele pensou no *Jones*, duzentos marinheiros e doze oficiais, duzentos e doze homens sendo sacudidos pelas cargas de profundidade.

— Que terrível você pensar assim, tenente — disse ela, e sua voz tinha uma suavidade que irritou Hughes. — E pode me chamar de Eva. Acho que não

consigo aguentar ouvir “Sra. Brooke” pelas próximas três horas.

— E cadê o seu marido? — Hughes teve pena do homem.

— Não sei dizer ao certo — respondeu ela. — Da última vez que nos vimos ele estava no norte da África.

— Ele também é da Marinha?

— Sim.

Ela suspirou.

Hughes ficou calado. Achava que não conseguiria aguentar um solilóquio sobre o Sr. Brooke — que era o que se seguiria àquele suspiro, ele tinha certeza. Mas, pensando bem, nunca se podia ter muita certeza, ainda mais em se tratando de uma mulher que dirige moto. Ele recostou a cabeça no banco e olhou pela janela.

* * *

— Você é daqui?

— Quando vocês americanos falam “aqui”, nunca sei direito o que querem dizer.

— Aqui — disse Hughes, abrindo a mão na frente do para-brisa.

Estava ficando impaciente com a petulância daquela mulherzinha.

— Hampshire? Não — disse Eva.

Hughes observava pequenos anéis de névoa aparecerem e sumirem na janela à medida que ele respirava. Lá fora, o céu cinza-chumbo pairava monótono em volta deles. Ele sacou o Zippo do bolso e ficou abrindo-o com o polegar, ouvindo o clique rítmico do aço.

— De onde você é? — perguntou Eva finalmente, como se enfim se resignasse a ter que conversar.

— Cambridge, Massachusetts — disse Hughes, imaginando seus pais sozinhos naquele casarão deles.

Ele havia escrito também à mãe, cartas animadas e otimistas quanto à vitória na guerra. Repugnava-lhe um pouco o tom daquelas cartas, mas ela ficara tão zangada com sua partida que ele se achava no dever de apresentar as

coisas sob a melhor luz possível. Imaginava-a agora, sentada em seu canapé com os punhos cerrados, lendo, furiosa, as cartas.

Ao longe, ele viu o que pareciam gaivotas de bicos muito pretos. Observou-as rondando e pensou nos aviões alemães e no oceano. Pensou no Havre e se perguntou onde aquela divisão estaria agora, e quantas já haviam sido reduzidas pelos Panzers, e quantas seriam escoltadas pelo *Jones* um dia ao atravessar o Atlântico voltando para casa. Ouvindo a vibração do motor embaixo de seu banco, ele adormeceu.

* * *

Quando acordou, o vidro estava embaçado. Ele enfiou a mão no bolso do casaco e encontrou um maço de Lucky Strike. Abriu uma fresta da janela e pôs um cigarro na boca.

Virou-se para Eva e ofereceu-lhe um.

— Ah, sim, por favor — disse ela, e, pela primeira vez, aparentou ser o que era, uma jovem, encantada com a perspectiva de um pouco de fumo.

— Quantos anos você tem? — perguntou Hughes, acendendo um cigarro e entregando-o a Eva.

— Vinte e quatro.

A janela aberta deixou entrar o cheiro penetrante de relva molhada e folhas mortas.

— O que a levou a querer ser uma mensageira motorizada?

Ele deu uma tragada preguiçosa no cigarro, sentindo-se relaxado como havia muito não se sentia.

— Por que pergunta?

— Pela razão óbvia — respondeu ele.

— Sim, claro. Então acho que a resposta tem que ser igualmente óbvia.

— Pela aventura?

— Sim, e também... não gosto da ideia de ficar presa em um mesmo lugar.

— Eu daria tudo para estar preso em um lugar agora — disse Hughes.

— Não só um lugar. Não sei, ficar presa em qualquer coisa, na verdade.

Ela disse isso com firmeza, mas Hughes teve a estranha impressão de que ela ia começar a chorar.

O cabelo de Eva começara a se soltar, encrespando em volta do rosto e do pescoço, e Hughes viu que ela era, na verdade, atraente, não fosse pelas bombachas e pela jaqueta, que não lhe caíam bem. Suas mãos ao volante pareciam muito pequenas, e ele teve o desejo de ver seus pulsos, que imaginava frágeis como as pernas de um passarinho.

— Então você tem sua moto e pode sair com ela por aí quando quiser, é isso?

Ele soltou uma baforada dentro do carro.

— Bem, não com essa tranquilidade toda.

— Deve ser bom para seu marido saber que você está fazendo a sua parte, lutando ao lado dele, por assim dizer.

— Ah, é disso que os maridos gostam? Nunca fui muito boa nessas coisas.

— Ela falava com aparente desdém. — Sua esposa também faz a parte dela?

— Em certo sentido, sim — disse Hughes, olhando-a com severidade. Não gostara de seu tom. — Ela existe. Para mim, isso basta.

— Que bonito.

Hughes fingiu não ouvir o deboche.

— Ela deve ser uma maravilha, a sua esposa, para lhe proporcionar tanto conforto só pelo fato de existir.

— Ela é.

Eva olhou para ele. De repente pareceu indizivelmente triste.

— Ah, vai se ferrar — disse, voltando a olhar para a estrada.

Passaram alguns minutos em silêncio. Nossa, como ela era nervosa!

— Falta muito para chegarmos? — perguntou ele.

— Já não estamos longe.

A voz dela voltara ao tom cortês de antes.

Hughes ficou aliviado.

— Nunca estive na Cidadela do Almirantado — disse ele. — Como é lá?

— Ah, o de sempre, mapas e tal. Todo mundo vive muito ocupado lá.

Ele acendeu outro cigarro.

— Onde vai passar a virada do ano?

— Está me convidando para sair?

— O quê? — Hughes sentiu as bochechas esquentarem um pouco, como uma garota corando. — Não, só fiz uma pergunta.

— Calma. Eu só estava brincando — disse ela, com um sorriso malicioso.

Hughes riu. Era esquisita, aquela Eva Brooke; parecia uma atriz interpretando um milhão de papéis diferentes.

— Ainda não tenho certeza — disse ela —, talvez eu passe com minha família. Tenho uns dias de licença.

— Ah — disse Hughes.

— Mas o seu comandante disse que você tinha três dias. Com certeza vai haver bailes, se você estiver pensando no que fazer.

Hughes ficou calado.

— Que cara é essa? Não gosta de bailes?

— No momento, não muito. Bailes me lembram minha esposa.

Ele pensou em Nick com o vestido de decote de coração. Gostava daquele vestido.

— Minha nossa — disse Eva —, você está mesmo apaixonado. Vamos ver o que podemos fazer quanto a isso.

E foi então que Hughes resolveu ficar calado pelo restante da viagem.

* * *

Quando chegaram a Londres, Eva passou a dirigir com mais cautela, manobrando para desviar de carros estacionados, caminhões de bombeiro e escombros em geral. Ainda era estranho ir de uma cidade bombardeada a outra, só com campos ondulados e um ou dois vilarejos no meio. Ao passarem pelo que antes fora a loja Dunhill, ele se lembrou da última visita que fizera a Londres, antes da guerra, com o time da faculdade. Eles entraram meio embriagados na loja para se abastecerem de charutos, antecipando uma vitória sobre os rivais ingleses. Agora, tudo que restava era o letreiro, sustentado por um monte de escombros.

— Alemães desgraçados — disse ele. — Veja só este lugar.

— Pois é — disse Eva. — De vez em quando dá a sensação de que o mundo inteiro está mesmo em chamas, não?

Estacionaram, e Eva deixou seu crachá no para-brisa, jogando-o com desdém no vidro.

— Não sei para que serve isso, mas tudo bem — disse, mais para si mesma que para Hughes.

Ela encaminhou-se a passos decididos para a Cidadela do Almirantado, uma fortificação de concreto com uma torre quadrada e postos de tiro, parecendo vinda da Idade Média.

— Lindo, não? — disse Eva, sorrindo para ele.

Hughes viu que em algum momento ela havia dado um jeito de passar batom e arrumar o cabelo. Quando fizera isso? Será que ela achava mesmo que um mísero batom ia amenizar aquelas suas roupas que lhe caíam tão mal? No entanto, havia algo de sensual naquilo. Aliás, ele não sabia se já vira uma mulher de bombacha.

Ambos apresentaram seus documentos para os guardas tanto da entrada do prédio quanto da escada. Desceram vários lances para o subsolo. Eva parecia conhecer o local. Quando chegaram a um determinado piso, ela pegou um corredor e depois outro. Em certo momento tiveram que se espremer para passar por vários oficiais da Marinha que tiravam mapas das gavetas de pesadas cômodas de madeira. Um telefone branco na parede tocou com insistência, até que uma oficial o atendeu. O ambiente lembrou a Hughes o interior do *Jones*. Escuro e apinhado, em concreto pintado de verde e aço. Finalmente, chegaram à entrada da sala de operações, que estava pesadamente protegida por sacos de areia, e ali, mais uma vez, apresentaram a identificação.

Lá dentro, um grande mapa adornava toda a parede dos fundos, mostrando as posições dos submarinos alemães e o movimento dos comboios aliados. Na frente do mapa havia uma passarela de aço, com oficiais andando para lá e para cá, deslocando os marcadores conforme as posições eram cantadas lá de baixo. Hughes se sentiu mal de ver quão perto aqueles comboios estavam dos marcadores negros. No navio, a única ameaça eram as cargas de profundidade, que, embora explodissem constantemente, raramente atingiam alguma coisa. Sabia-se que os submarinos estavam ali por perto, provavelmente à espreita,

mas, como não se conseguia vê-los, podia-se imaginar que o navio estava em segurança. Às vezes, pelo menos. Eva acertara em sua descrição: a Cidadela era só “mapas e tal”, todos muito ocupados, mas, estando ali, o comentário assumia um significado diferente, mais sinistro.

Um tenente-comandante aproximou-se dele.

— Acredito que tenha uma mensagem para mim, tenente.

Os olhos do homem pareciam enxergá-lo por dentro.

— Comandante Napier — saudou Hughes, em posição de sentido. — Sim, comandante.

Então sacou o envelope e o entregou.

O tenente-comandante ficou calado; fez apenas um gesto de cabeça e se afastou. Hughes olhou em volta e viu Eva conversando casualmente com um oficial. Ela ria, a cabeça jogada para trás, o cabelo cacheado ameaçando se soltar de novo. Ele não sabia se deveria esperar. Achou que seria grosseria ir embora sem se despedir depois daquela longa e estranha viagem, mas achou também que, por alguma razão, seria melhor simplesmente partir.

Deu uma última olhada no mapa e depois saiu, passando pelos guardas à porta. Ficou parado no corredor, sem saber se tinham vindo por um lado ou por outro. Acabara de decidir ir para a esquerda quando sentiu lhe apertarem o braço.

— Você realmente achou que eu fosse abandoná-lo ao terror de dançar sozinho?

Hughes não sabia exatamente por quê, mas sentiu-se inundado por uma onda de alívio.

* * *

De alguma forma conseguiram encontrar um táxi. Fora uma insistência de Eva, e não havia problema quanto a isso porque Hughes acabara de receber seu soldo. Mas quando ela disse ao motorista para levá-los ao Claridge's, por um momento ele ficou apavorado. Vendo a expressão dele, Eva se limitou a rir.

— Fique tranquilo, não vou obrigá-lo a pagar meu jantar, tenente. Minha família tem um quarto lá.

Ela parecia ter se transformado mais uma vez desde que chegara em Londres. Estava mais relaxada, menos irritadiça ou triste ou sabe-se lá qual era o problema dela. No táxi, ela tirou os grampos do cabelo e os colocou no bolso da jaqueta.

Hughes não perguntou o que a família dela fazia para poder arcar com um quarto no Claridge's, mas também não estava muito interessado. A chance de ver o hotel onde todo mundo ficava, incluindo seu herói Churchill, já lhe bastava.

Quando estacionaram, ele sorriu. Na imponente entrada havia pilhas altas de sacos de areia, exatamente como na sala de operações da Cidadela, como se ali não houvesse diferença entre trabalho e lazer. E, assim como na Cidadela, Eva atravessou o saguão a passos decididos, aquelas botas esquisitas estalando no piso de mármore polido preto e branco. Dessa vez, porém, Hughes não sentiu necessidade de acompanhar seu ritmo. Olhava em volta para o lustre de vários andares e para as poltronas de aspecto confortável. Havia um retrato irritante de uma mulher com um ar extremamente rígido pendurado acima da lareira, que, por sua vez, luzia calorosamente. Ele juntou-se a Eva no balcão da recepção.

— Boa noite, Lady Eva — disse o senhor ao balcão.

Lady Eva? Quem era aquela mulher?

— Boa noite, Winson — respondeu Eva.

— Espero que não tenha feito muito frio durante a viagem da senhora.

Ele estendeu uma chave presa a uma plaquinha de metal que dizia: Claridge's, Quarto 201.

— Hoje vim de carro, infelizmente.

— Pois bem — disse o homem.

Eva se virou para Hughes.

— O elevador é por aqui — disse, pegando-lhe o braço e guiando-o pelo saguão.

— Ele parece um sujeito bastante eficiente — disse Hughes, sorrindo para ela. — Lady Eva.

— Sim. Winson é essencial — disse ela, ignorando a menção a seu título —, nem que seja só pela conversa espirituosa.

Ficaram parados diante do elevador.

— Só preciso tomar um banho rápido e me livrar dessas roupas — disse Eva. — Depois vamos tomar um drinque no Causerie.

Hughes retirou a mão dela de seu braço.

— Vou esperar aqui embaixo — disse, sentindo-se meio sem graça. — E depois tomamos um drinque.

— Não seja ridículo — retrucou Eva. — Ninguém espera no saguão.

E empurrou-o para dentro do elevador.

O ascensorista, olhos no teto, fechou a porta interna.

Ao se aproximarem do quarto 201, Hughes parou e fincou o pé.

— Olhe, vou ficar esperando aqui fora. E não me diga que ninguém espera no corredor.

— Vão achar que você é um intruso — disse Eva. — Ou meu amante, aguardando um sinal. Mas fique à vontade.

— Nossa — disse Hughes, e correu a entrar no quarto depois dela.

Uma vez lá dentro, ele ficou maldizendo a si mesmo, enquanto observava as cômodas *bombés* de raiz de noqueira e o tapete felpudo. Eva era encrenca, mas ele já sabia disso desde o início, se fosse honesto consigo mesmo. Pensou em Nick, dividindo com Helena o aluguel daquela casa gelada na Elm Street, e sentiu-se culpado. Não deveria estar ali. Mas também sabia que queria estar ali, e, se sentia-se culpado, era porque não estava pensando em Nick tanto assim.

— Sente-se aqui — disse Eva, apontando para uma poltrona de cor creme.

Hughes continuou em pé.

— Não seja bobo — insistiu ela. — Tome, pode ler isso para passar o tempo.

E entregou-lhe um número do *Illustrated London News*.

A reportagem de capa era sobre a encarniçada Ofensiva das Ardenas que estava acontecendo na Bélgica e as terríveis condições climáticas. Hughes tornou a pensar na divisão que deixara no Havre. Afundou na cadeira e passou as mãos no cabelo.

— Não demoro nada — gritou Eva do banheiro, ao que Hughes ergueu os olhos e viu um lampejo da pia de mármore verde sumir quando ela fechou a porta.

Ouviu quando ela abriu as torneiras, o barulho da água correndo. Ele realmente deveria ir embora. Podia descer para o bar e esperá-la lá embaixo.

Em vez disso, folheou o jornal. Começou a ler uma matéria sobre como as famílias em Londres haviam se virado para o Natal, conseguindo encontrar maneiras inteligentes de fazer biscoitos e tortas típicas com suas rações. A matéria o deixou com fome. Ele se perguntou o que Nick comeria no Natal. Ela passara o Natal com os pais, e a cozinheira deles, Susan, era bem esperta quando se tratava de conseguir comida no mercado negro, ou pelo menos era o que Nick lhe dissera por carta, em um tom de inveja considerável. Nick tinha um apetite voraz pela vida, o que não combinava bem com a ideia de racionar e se virar com o que houvesse à mão. Ele riu ao imaginá-la cuidadosamente poupando suas rações de manteiga para uma massa de torta. Ela era impaciente, e às vezes excessiva, mas isso fora o que o atraía desde o começo. A convicção de que o mundo era dela, bastava esticar o braço e pegá-lo. Isso, e sua estranha vulnerabilidade, que o deixara mesmerizado quando a conhecera, fazendo-o desejar ser uma parte de todas as promessas nela contidas. Mas ele já não se sentia mais tão seguro, e, no entanto, ela continuava a mesma, um fato que ele achava inquietante.

Hughes ouviu Eva cantando e chapinhando na banheira. Era ridículo. Levantou-se e foi até a lustrosa escrivaninha que havia em frente à janela. Escreveria um bilhete para ela dizendo-lhe para encontrá-lo no bar. Pegou a caneta e uma folha do papel de carta do hotel. Mas viu que não sabia como começar. “Cara Eva”, ou apenas “Eva”, ou “Sra. Brooke”? Talvez nada. Só “Bar lá embaixo”, mas isso parecia um pouco grosseiro. Ficou olhando para o papel, até que finalmente pegou a caneta e escreveu:

Aguardando a ilustre lady no bar.

Hughes

Sorriu, olhando para o bilhete. Isso vai deixá-la furiosa, pensou com seus botões. Mas, ao se abaixar para colocar o bilhete em cima do travesseiro, onde estava seguro de que não deixaria de ser visto, ouviu a porta se abrir. Quando se virou, lá estava ela, nua como viera ao mundo, emoldurada pelos exuberantes azulejos negros do banheiro.

— Olá — disse Eva.

O cérebro de Hughes levou um minuto para registrar que a estava vendo de fato. Ela era baixinha e clara, com belos e pesados seios, o que não se notava por baixo daquela jaqueta grande. Quadris pesados, também, como uma ampulheta em miniatura. Tinha as pontas do cabelo coladas nos ombros molhados. Mas foi em seu púbis, grande, escuro e cerrado, que os olhos dele se fixaram. Ocorreu-lhe o estranho pensamento de que era muito diferente do de sua esposa, que parecia uma trepadeira rala subindo por uma treliça.

Eva o fitava, olhos cândidos, mãos ainda nas laterais do corpo, sem o menor indício de vergonha. E, por alguma razão, isso o deixou muito irritado.

— Vista uma roupa — disse ele friamente, amassando o bilhete na mão.

— Era para mim? — perguntou ela, apontando para o papel amassado. — O que dizia?

Hughes recusava-se a virar-se de costas. Seria um sinal de fraqueza.

— Pelo amor de Deus, Sra. Brooke, cubra-se.

Ele estava furioso, mas seu tom de voz era baixo e impassível.

Eva balançou a cabeça, como se sentisse pena dele.

— Quer dizer que voltamos ao Sra. Brooke?

— Não voltamos a nada — disse Hughes, sentindo as mãos começarem a tremer. — Você é a Sra. Brooke, fato que parece estar esquecendo.

— Pode acreditar, tenente, eu não esqueci.

Eva foi, sem pressa, até o guarda-roupa. Abriu-o, correndo as mãos pelos tecidos, como se não conseguisse decidir o que vestir.

Hughes sabia que não queria ir embora, nem poderia, então ficou olhando para os próprios pés enquanto ela se vestia.

— Prontinho. Eu diria que estou decente até para o vigário — disse afinal.

A frase era espirituosa, mas a voz dela soava cansada.

Ele olhou. Ficou estranhamente desapontado ao vê-la toda coberta por lã azul, um cinto lhe cingindo a cintura.

— Não me diga que não vai me convidar para tomar aquele drinque agora — disse ela, como se ele é que estivesse sendo insensato. — Além do mais, a julgar por seu rosto, bem que você está precisando. Ficou branco. Espero que não esteja passando mal.

Hughes teve vontade de esbofeteá-la. Mas nunca se deixaria dominar e humilhar por uma mulher que mal conseguia manter as roupas no corpo.

— Acho que preciso, sim — disse ele, tentando um tom leve. — Não é todo dia que as mulheres se atiram em cima de mim.

Ele viu Eva ficar vermelha. Isso lhe deu uma pontinha de satisfação.

— Bem, posso entender por quê — disse ela, contida. — Se você se comporta como um colegial bobo.

Hughes abriu a porta, e Eva, pegando a bolsa na mesa, saiu para o corredor fartamente iluminado.

— Vamos ao Causerie — disse ela. — Lá servem *smorgasbord*, e você pode comer tudo que quiser incluído no preço da bebida.

— Parece um bom negócio — disse Hughes.

Ele decidira pagar-lhe um único drinque e depois dar o fora dali, procurar uma Cruz Vermelha onde pudesse passar a noite.

— É para evitar as restrições de preço, sabe? Tudo muito ousado.

A sala era inundada de rosa e verde, com uma mesa de bufê a um canto, repleta de pratos de carne e peixes defumados, feijões e outros pequenos pratos quentes. Um garçom os recebeu.

— Lady Eva, boa noite — disse. — Mesa para dois?

— Sim, por favor — disse ela, espichando o pescoço. — Talvez aquela ali do canto? — E apontou com a bolsa.

A mesa era junto a uma janela, mas a vista estava escondida pelas cortinas de blecaute. O garçom puxou uma cadeira para Eva, e Hughes sentou-se diante dela. Mas logo tornou a se levantar.

— Pode me dar licença? — disse ele.

— Claro — disse Eva, franzindo o cenho.

Hughes voltou ao saguão e indagou onde ficavam os toaletes. No banheiro masculino, tentou urinar em uma das cabines, mas viu que na verdade não estava com vontade. Fechou o zíper da calça e saiu, dirigindo-se à fileira de pias de mármore. Um funcionário abriu para ele as torneiras quente e fria e entregou-lhe um pequeno sabonete. Hughes posicionou as mãos sob a água morna e olhou-se no espelho. Recriou mentalmente o corpo de Eva, os pelos escuros entre suas pernas. Agira como um puritano, dava-se conta agora, e estava um tanto envergonhado. Lembrou-se dos olhos dela, daquele olhar focado nele. A expressão dela não tivera nada de sedução, nada daqueles charmes artificiais que ele já vira garotas simularem quando flertavam. Nada de intimidades. Só uma pureza nua, e ele viu que fora essa simplicidade, ou honestidade, ou fosse lá o nome que se quisesse dar a isso, que o perturbara.

Afora Nick, ele nunca vira outra mulher nua, totalmente nua, salvo em alguns cartões-postais franceses. Com sua esposa, a beleza e a volubilidade dela é que lhe davam prazer. Era como se ele nunca soubesse aonde estava indo até o último minuto. Assim era entre eles. Ela nunca o buscava, do jeito que Eva buscara. Mas de repente ele achou infantil, desonesta e cansativa toda aquela encenação, os papéis pré-determinados.

— Senhor?

O funcionário agora estendia uma toalha de mão para ele, e Hughes viu que estava ali parado feito um idiota, a água correndo inutilmente.

— Obrigado.

Ele pegou a toalha e enxugou as mãos, depois saiu do banheiro e voltou para o salão do *Causerie*.

Quando retornou à mesa no canto, encontrou um gim-tônica a sua espera.

— Eu não sabia do que você gostava, mas achei que um gim-tônica era uma opção segura: o equivalente, para as bebidas, ao clássico prato de carne com batatas.

— Está ótimo, obrigado — disse Hughes.

— Está com fome?

A voz dela era muito educada.

— Não muita, ainda não.

— É — disse ela. — Foi um dia cheio. Acredito que quando as coisas ficam assim agitadas, acabamos perdendo o apetite.

Hughes não disse nada; para ser franco, não sabia o que dizer. Como se responde a uma mulher que uma hora se despe na sua frente e em seguida fala com você como sua avó? Ele mexeu a bebida com o misturador de prata, mais para ter o que fazer.

— Ei — disse Eva finalmente. — Peço desculpas se me comportei mal há pouco. As coisas... bem, as coisas andam meio estranhas para mim no momento...

Ela deixou a frase no ar.

— Sem problemas — disse ele, ainda mexendo a bebida. — Não vamos falar nisso.

— Não, sério, me desculpe. — Ela tocou a mão de Hughes, mas a retirou quando ele ergueu os olhos. Começou a brincar com o pequeno guardanapo que acompanhava seu copo. — Estou deixando meu marido, entende?

— Entendo.

— Não entende, não — disse ela, destroçando a renda do guardanapo com avidez. — Não estou querendo lançar uma armadilha sobre você nem nada. Não é isso. É só que isso tudo me deixou meio afoita.

— Tudo bem. — Ele teve pena daquela motociclista de sobrenome fino mas com um casamento infeliz. — Você não precisa dizer nada, é sério.

— Obrigada — disse Eva. Ela tomou um gole da bebida. — Eu estou bem, na verdade — continuou ela. — Não quero que você pense que sou uma maluca que vai se atirando em cima de tudo que é soldado. Simplesmente não gosto mais dele, de meu marido, e acho que é melhor não fingir.

— Não precisa me convencer.

— Eu sei disso — retrucou ela. — Mas por alguma razão eu quero convencê-lo. Está entendendo?

Hughes sentiu algo mudar dentro de si. Percebia agora o que significara para ela se expor a ele. Ficou encabulado por ter interpretado essa atitude como algo sujo. Queria voltar atrás e repetir a cena, só que dessa vez ele seria receptivo, mostraria a ela que aquilo não tinha nada de mais.

— Estou entendendo — disse ele, baixinho.

— Quando nos casamos, sempre escolhemos a pessoa melhor de nosso círculo, e depois rezamos a Deus para que esse círculo nunca aumente — disse Eva. — Mas sempre aumenta, sabe?

— Sim. — Ele sabia exatamente o que ela queria dizer. — Então o seu círculo aumentou, imagino.

— O mundo está maior — disse Eva.

— Não sei se meu mundo está maior — disse Hughes, refletindo sobre isso. — Mas, pensando bem, hoje já não tenho mais certeza a respeito de muita coisa. O que é engraçado, porque eu tinha bastante certeza de tudo quando entrei nessa.

— A nossa guerra já tem mais tempo que a sua — disse Eva. — Tivemos mais tempo de ver coisas serem destruídas.

— Como o seu casamento.

— Como o meu casamento — repetiu ela. — Acabou. — A essa altura ela já havia conseguido arrancar parte da renda do pequeno guardanapo de linho. — Nossa, eu sou o clichê. Noiva de guerra e tudo mais.

— Não — disse Hughes, agora tocando no pulso dela. — Não, eu é que estava errado. Algumas pessoas são diferentes.

Eva sorriu para ele, e Hughes sentiu o coração ficar apertado.

— Mas talvez você queira dar um descanso para esse guardanapo. — Ele riu.

— Ah — disse Eva. — Sim. — E então: — Você ama sua esposa.

— Sim, amo — disse Hughes, sem retirar a mão de sobre a pele quente dela. — Mas não quero falar da minha esposa agora.

— Claro.

— Pensei que você fosse me tirar para dançar — disse ele. — E me mostrar a cidade, essas coisas.

Eva riu.

— Vocês americanos são muito atrevidos.

— Eu sei, é mais forte que nós. Culpa daquele monte de espaços abertos e daquela vida saudável.

— Tem música aqui, no salão de baile. Se quiser mesmo dançar.

— Se não estiver muito ocupada...

— Por um acaso — respondeu ela —, estou completamente livre no momento.

* * *

Depois de mais alguns drinques, Hughes se viu abraçando Eva no salão de baile, debaixo das sancas rococós de gesso e aqueles espelhos ornamentados, enquanto a pequena orquestra tocava “We’ll Meet Again”. O queixo dela mal chegava ao ombro dele, e ela virara o rosto de lado, de modo que ele se via olhando para a curva de seu perfil.

— O que seu marido disse quando você contou a ele? — perguntou Hughes, baixando a voz como se eles estivessem dividindo um segredo.

— Não disse nada. Só mandei a carta ontem.

A voz dela estava contra o paletó dele.

Ele se perguntou se ela algum dia tinha amado o marido, e se ainda o amava, apesar do que dizia. Isso o deixou temeroso. Talvez já houvesse outra pessoa. Com as mulheres, nunca se podia ter certeza. Mas no fundo ele sabia que isso era mentira, uma mentira que ele pregava a si mesmo para que o fato de desejá-la não precisasse significar nada.

— Você acha que vai se casar de novo?

Sentiu uma pequena descarga de adrenalina enquanto esperava a resposta.

— Não — respondeu Eva depois de um instante. — Nunca mais vou me casar.

* * *

Muito depois, ele a abraçava na escuridão do quarto, os lençóis embolados aos pés dos dois. Ele olhou para a silhueta indistinta de seu uniforme, pendurado na cadeira da escrivaninha. Traçou a curva do seio dela com a mão, e sentiu o cheiro do sabonete emanando de sua pele úmida. Tudo era silêncio. Por um momento, ele sentiu falta das cargas de profundidade no *Jones*. Queria ouvir a voz dela, mas também tinha medo do que ela poderia dizer, ou do que ele

poderia querer que ela dissesse. Então ficou calado, não perguntou nada, até o silêncio ser quebrado por um V2 que passou sobrevoando o hotel.

— Meia-noite — disse ele afinal. — É véspera de ano-novo.

— É.

— Vai ver que este é o ano em que a guerra vai acabar.

— Talvez.

Hughes sentia entre eles as palavras não ditas, como se tivessem sido faladas.

Eva virou a cabeça e olhou para ele, e o rosto dela foi a última coisa que ele viu antes de adormecer.

* * *

Hughes acordou cedo, com a nítida sensação de que estava sufocando. Levantou-se em silêncio e se vestiu. Abriu ligeiramente as cortinas e viu que a véspera de ano-novo estava cinza, com um sol ralo cor de urina tentando atravessar o manto de nuvens. Foi embora sem olhar para Eva, fechando a porta sem qualquer ruído.

O hotel estava quieto e sem movimento; o único ruído no saguão era o das solas de seus sapatos tocando o piso de mármore. Na rua, ele respirou fundo, inalando o ar úmido e frio, depois meteu as mãos nos bolsos e seguiu andando.

A cidade estava feia àquela hora, suja e destruída. Ele desejou que o céu estivesse limpo e o ar, seco, como estaria em Cambridge naquela época do ano. Tentou não pensar em Nick, mas, quanto mais tentava afastá-la da mente, mais ela o absorvia. Sua esposa, com aquele sorriso encantador, esperando por ele. Teve ódio de si mesmo. Era aquela guerra desgraçada, virando tudo de cabeça para baixo. Não se podia ser uma pessoa um dia e outra no dia seguinte, mas era isso que a guerra fazia com você. Jurou por Deus que não gostava de quem ele próprio era aquela manhã. Era um fraco. Prometera amar e proteger Nick, e, em vez disso, a traíra. Ela confiava nele. Mais que isso, precisava dele. Amava-o. Sentiu nojo de si mesmo.

Andou sem rumo por algum tempo e depois tomou a direção de Picadilly, onde sabia que encontraria uma base da Cruz Vermelha. Lá dentro, a agitação era grande. Hughes olhou o relógio: oito e meia. Esperou na fila por uma xícara de café e um donut, depois se sentou a uma mesinha de madeira à janela. Ficou bebericando o café e observando o sol ficar mais forte. Depois comeu o donut, mergulhando a pontinha nas últimas gotas de café dentro da xícara. Começou a se sentir melhor. Sabia o que precisava fazer.

Foi ao balcão e pediu a uma das moças um lápis e uma folha de papel, que levou então para a mesa. Começou a redigir uma carta para Nick.

Esta carta talvez pareça inesperada, mas não quero que você se preocupe; é que preciso lhe dizer algumas coisas. A guerra está tornando o mundo um lugar estranho, e a mim também. Então, quero que saiba que, aconteça o que acontecer, eu amo você. Amei-a quando dançamos juntos a primeira vez e você mexeu comigo dizendo que eu tinha dois pés esquerdos. Amei-a quando a pedi em casamento e você virou o rosto para o outro lado. Amei-a no dia de nosso casamento, quando encontrei você escondida lá em cima como uma menininha sofrida. E mais que tudo, amei sua essência, que trouxe comigo ao atravessar esse oceano desgraçado, esperando e rezando para voltar para casa.

Não sou a mesma pessoa que embarcou para treinamento há um ano. Aconteceram coisas das quais não me orgulho, que eu gostaria de reverter. Mas quero voltar um homem pelo menos tão bom quanto o que deixou você. Não quero mais fingir que sou o mesmo ou que você é a mesma. Quero ser honesto com você.

Mas se eu conseguir superar isso, prometo fazer tudo que puder para tornar nossa vida feliz, e tentar ser o homem que você precisa que eu seja.

Amo você, Nicky.

Hughes

Dobrou o papel em três e meteu-o no bolso da camisa. Devolveu o lápis e pegou mais um café com a moça. O sol de inverno tinha agora um leve brilho

prateado. Escrever a carta o fizera se sentir mais leve, mas ele agora via seus pensamentos voltarem para Eva. Deixara-a sem uma palavra. Pensou naquele momento na noite da véspera: quando de repente sentira que a conhecia, não por experiência, mas intuitivamente. Esfregou os olhos. Tinha que voltar e explicar a ela que aquilo fora um erro. Que os dois tinham bebido muito e se deixado levar. Que estavam se sentindo sós e fora apenas essa solidão que os conduzira um ao outro. Ele não podia ser o homem que desejava ser se não fizesse isso. Mas só de pensar ficava apavorado. Pensar em olhar nos olhos dela e dizer-lhe que aquilo tudo fora à toa o exasperava.

Levantou-se, saiu da cantina e foi andando. Passou pelas lojas, algumas fechadas e com as venezianas cerradas, outras ainda exibindo esperançosamente artigos para um público que não compraria muita coisa. Entrou em uma e escolheu um par de luvas de pelica vermelhas para Nick. Pretendia enviá-las, mas não junto com a carta. Mais tarde, talvez, como presente de aniversário.

Então se viu no Hyde Park, com aqueles galhos nus recortados contra o céu. Sentou-se em um banco e ficou observando as pessoas que passavam. Um soldado recostado em uma árvore abraçava uma moça com força. Hughes lembrou-se de que era véspera de ano-novo. Devia ter solicitado uma vaga para passar a noite na Cruz Vermelha. Podia tratar disso depois de falar com Eva. Não podia mais postergar essa conversa, então bateu a poeira da roupa e voltou ao Claridge's.

No hotel, não se deu o trabalho de anunciar sua presença. Desta vez não hesitou diante do elevador, entrou decidido e aguardou com impaciência enquanto o ascensorista puxava a grade. Só queria que aquela cena terminasse o mais depressa possível.

Bateu à porta do 201. Eva abriu e ficou parada à porta, de penhoar. Ele olhou para ela, e então ela chegou para o lado para deixá-lo entrar.

— Eu não sabia se você voltaria — disse ela.

Não era uma acusação, só a declaração de um fato, e Hughes soube então que não estava interessado na carta, nem na guerra, nem em ser um homem melhor. Só lhe interessava a maneira como se sentia quando estava com ela.

— Nem eu — disse ele. — Mas voltei.

— É. — Ela aproximou-se dele. — Voltou.

* * *

Quando o sol já havia desaparecido completamente do céu, e o barulho dos V2 sacudia a noite como fogos de artifício, Hughes se desenroscou do corpo adormecido de Eva e se levantou da cama. No escuro, foi tateando até a cadeira, na qual seu paletó estava pendurado, e enfiou a mão no bolso. Sacou a carta e passou a mão no papel, como se o fato de tocá-la pudesse lhe dizer alguma coisa. Foi para o banheiro e acendeu a luz. Deu uma última olhada, depois rasgou a carta e jogou os pedacinhos no vaso sanitário. Ficou olhando até todos terem desaparecido, puxados para a escuridão pela pressão da descarga. Então apagou a luz e voltou para a cama.

1959: julho

II

Desde o telefonema de Nick, contando sobre a moça morta e o pandemônio na Tiger House, Hughes não conseguia pensar em mais nada. Repassara mentalmente a situação várias vezes durante o percurso até Woods Hole, e também depois, na barca, sentado no convés superior com aquela iluminação fantasmagórica, o copo de café quente na mão. Chegara em cima da hora para a última barca, e a *Island Queen* zarpara no momento exato do lampejo final do sol, que então sumira de vista, deixando oceano e céu no escuro.

Nick encarregara-o de fazer com que Avery fosse à Costa Leste acalmar Ed e Helena. Mas Hughes não queria que ele viesse. Quando lhe telefonou, sua esperança era, na verdade, convencê-lo a mandar buscar a esposa e o filho. Como sempre, Avery foi enigmático e imprestável:

— Isso ajuda a formar o caráter — disse ele, depois que Hughes lhe contou sobre o cadáver.

— Não sei se isso forma o caráter — retrucou Hughes. — Acho que você não está entendendo. Helena está muito perturbada, e achamos que seria melhor se eles estivessem com você.

— E você acha que sabe o que é melhor para minha família.

— Não estou sugerindo isso. — Hughes teve vontade de bater com o fone na mesa da biblioteca. Precisou se obrigar a permanecer calmo. — Mas o fato é que você está longe e talvez não entenda a situação tão bem.

— O que quer dizer? Que não tomo conta de minha família? Estou longe, como você falou, porque estou trabalhando para eles. Tudo que faço é por Helena e por meu filho, para que eles possam conhecer uma vida que não seja

limitada pela rigidez das convenções e da servidão. Claro, não espero que você entenda isso.

— Mas que saco, Avery, pare com essa babaquice. Nick está preocupada. Se você não quer que eles voltem aí para Los Angeles, por que não vem à Ilha, só por uma semana mais ou menos, se não pode se afastar por mais tempo?

Ele rezou para que o maldito não aceitasse o convite.

— Isso não é possível no momento. Estou em um ponto crítico de meu trabalho.

Hughes nada disse.

— Mas — prosseguiu Avery, como se a ideia tivesse acabado de lhe ocorrer —, se quiser mandar o dinheiro para uma passagem de avião...

— Vá para o inferno — disse Hughes, e bateu o telefone.

* * *

Nick acertara em relação a Avery desde o princípio. O homem era um charlatão e vinha tentando arrancar dinheiro deles desde o instante em que se casara com Helena. Mas ele sabia — e essa era uma das coisas de que Hughes gostava na esposa — que não havia a menor hipótese de ela dar um mísero tostão furado àquele sujeito. Ela era uma força a ser enfrentada, e, em ocasiões como aquela, ele dava graças a Deus por isso.

Já que Avery estava pouco se importando com a situação, Ed agora era problema de Hughes. Mas quando avistou o farol de Vineyard Haven, ele já havia elaborado um plano de ação, ou pelo menos o esboço de um. Tinha que encontrar algo que mantivesse Ed fora de casa o máximo de tempo possível. Hughes fora escoteiro, e lembrava-se que na época a atividade o absorvia e exauria. Na melhor das hipóteses, seria uma boa influência para o garoto: na pior, uma distração, pelo menos até o verão terminar. E enquanto isso, decidiu Hughes, ele permaneceria na Tiger House e ficaria de olho nas coisas.

Não podia avaliar até que ponto Ed estava envolvido no assassinato daquela moça. O menino poderia ou não ter visto alguma coisa. E Hughes não

queria nem imaginar algo mais que isso. Mas agora percebia que aquela cena do início do verão não fora apenas atuação. Ed era perigoso.

Ao descer a rampa da barca, viu Nick a sua espera. Ela estava encostada na caminhonete, o vento que vinha da enseada soprando seu vestido verde para o meio das pernas. Ela era linda. Na verdade, a idade só a tornara mais bonita, pois sua ossatura ficara mais acentuada. Como ele podia não ter notado isso? E, ante esse pensamento, ficou triste, com a sensação de que algo fora desperdiçado.

Nick fumava um cigarro, um braço dobrado ao peito, a mão segurando o ombro como se estivesse com frio. Quando chegou ao carro, ele colocou a mala no chão e tomou-a nos braços.

— Você está congelando — disse ele, sentindo sua pele.

— Está frio — respondeu ela junto a seu pescoço.

— Entre. Eu dirijo.

Depois de pôr a valise no porta-malas, ele deu a volta para o lado do motorista.

— Você veio para ficar — disse ela.

— Vim.

— Ótimo.

Ela acendeu outro cigarro, e ficou calada enquanto ele manobrava para sair com o carro de Vineyard Haven.

— Como está Daisy? — perguntou Hughes afinal.

— Como acha que ela está? — devolveu Nick secamente. Apagou o cigarro. — Ah, me desculpe. Foi um dia horrível. Na verdade, ela parece menos abalada que eu, sinceramente.

— Lamento. Deve ter sido horrível para você.

— Um cadáver, Hughes. E não de uma simples velhinha que morreu dormindo. A coitada foi estrangulada e só Deus sabe o que mais.

— Caramba. — Hughes tirou um cigarro do maço deixado em cima do painel. Teve uma visão de Frank Wilcox empurrando para baixo a cabeça virada de lado da garota enquanto a penetrava por trás. — Já falou com ela? Com Daisy?

— Ela... bom, você sabe como ela é comigo. Eu sou um ogro, lembra?

— Não diga isso. Ela adora você. Você é uma referência para ela.

— Ela conversa com você.

— Ela não conversa com ninguém da nossa idade. Tem doze anos.

Hughes sorriu ao pensar na filha. Que menininha intensa. Sempre preocupada em vencer. Ele se lembrava de tê-la levado uma vez à feira de West Tisbury, onde ela se apaixonara por um dos bichinhos de pelúcia que davam como prêmio em uma das barracas. Gastara mais de uma hora e toda a mesada tentando derrubar as quatro garrafas para conseguir o brinquedo. Hughes sabia que o jogo era manipulado. No fim, pagou pelo raio do bicho, e foi uma pechincha. Sabia que Daisy teria ficado ali a noite inteira até conseguir.

— Bem — disse Nick —, ela conversa com Ed. Aqueles dois ultimamente são unha e carne. Ele anda saindo de casa às escondidas, e ela o acoberta. Eles inclusive sumiram juntos hoje, depois de tudo que aconteceu.

— Aonde eles foram?

— Não sei. Disseram que tinham ido ao Quarterdeck, na maior tranquilidade. Como se Helena e eu já não tivéssemos preocupações suficientes. — Nick pressionou a cabeça no encosto do assento. — Nossa, eu pareço uma megera falando.

— Você parece uma mãe — disse Hughes, pousando a mão na coxa de Nick.

— Às vezes me pergunto se tem alguma diferença — disse Nick, e afastou a perna da mão dele.

Eram dez horas quando chegaram à Tiger House, mas as crianças não estavam na cama.

— Pai!

Daisy desceu a escada correndo e pulou nos braços de Hughes.

— Vou preparar uma bebida — disse Nick.

Por sobre a cabeça de Daisy, Hughes viu a esposa desaparecer na sala azul. Ela andava empertigada e com a desenvoltura usual, mas sua graça estava matizada com uma espécie de tristeza.

Hughes olhou para a filha.

— Como você está, amorzinho?

— Estou morrendo de fome — disse Daisy. — A gente não almoçou. Ed comprou um cheeseburger para mim, mas já faz um tempão.

— Hum. Bom, vamos ver se conseguimos improvisar alguma coisa.

Ele foi atrás da filha para a cozinha de verão, observando sua cabeça loura subindo e descendo à sua frente. Isso lhe fez doer o coração.

Hughes vasculhou a geladeira. Não havia muita coisa ali, e ele teve um sentimento de culpa por deixá-las tantas vezes sozinhas. Sempre que Nick estava de mau humor, as compras eram ignoradas.

— Que tal um leite quente? Não faz bem comer logo antes de deitar.

— Tudo bem — disse Daisy, sentando-se à mesa.

Hughes pegou a garrafa de leite da geladeira e colocou um pouco em uma das panelas de cobre penduradas acima do fogão.

— Como tem andado sua mãe?

— Bem.

Hughes mexeu o leite com uma colher de pau e acrescentou um pouquinho de essência de baunilha, algo que sua cozinheira lhe fazia quando ele era criança.

— Ed ajudou o xerife e recebeu dois dólares por isso.

— É mesmo? Como Ed ajudou o xerife?

— Não sei. Ele estava junto quando o policial comunicou o caso ao xerife, eu acho.

— Ele não voltou para cá com você? — Hughes virou-se para a filha.

— Olá, tio Hughes.

Hughes olhou e viu o menino parado à porta.

— Olá, Ed — disse Hughes, calmamente. — Estou sabendo que você anda ajudando o xerife.

— É.

— Faz muito bem.

Hughes serviu o leite em uma caneca e entregou-a a Daisy.

— Vocês dois já deviam estar na cama. Está tarde.

Ele pôs a mão no ombro de Daisy e olhou para Ed. O garoto piscou primeiro.

Nick esperava ao pé da escada. Entregou um gim-tônica a Hughes.

— Dê boa-noite a sua mãe.

— Boa noite, mamãe.

— Boa noite, Daisy.

Daisy foi subindo, mas Ed ficou onde estava.

— Você também, Ed — ordenou Hughes.

— Boa noite, tia Nick — disse Ed. Mas seus olhos estavam em Hughes.

Embora imperceptivelmente, Hughes colocou-se na frente da esposa em uma atitude protetora, sentindo os pelos do braço comicharem um pouco.

— Boa noite — disse Nick.

Hughes acompanhou Ed com o olhar até vê-lo desaparecer no segundo andar, e só então virou-se novamente para Nick.

— Cadê Helena?

— Dormindo. — Ela apontou para a sala com um gesto de cabeça. — O que Avery falou?

— Tentei, mas ele não vem, Nick — mentiu Hughes. — Francamente, nem me pareceu muito preocupado. Disse uma coisa estranha, que isso serviria para a formação do caráter.

— Desgraçado — disse Nick, pressionando o copo na testa.

Os dois se viraram ao ouvir um suspiro à porta. Helena estava parada ali, observando-os, um copo de uísque na mão.

— Querida, me desculpe — disse Nick, indo atrás da prima até a sala.

Helena foi até a garrafa de cristal e reabasteceu o copo.

— Ele está muito ocupado — disse.

Nick olhou para Hughes. Ele deu de ombros. Avery era problema de Helena. Se ela queria se enganar, era opção dela. Ele tinha outras preocupações.

Hughes se instalou na poltrona, afastando uma almofada com um tigre feroz bordado à mão.

— Então, senhoras — disse, cruzando as pernas —, à parte um cadáver aqui e ali, como vai indo o verão? — Ele sorria para elas, mas já se sentia exausto.

Helena olhou para ele como se não tivesse entendido a pergunta.

— Você às vezes é tão cheio de lábia, querido — disse Nick.

Sua voz era alegre, mas por baixo do seu belo vestido verde e dos seus drinques, Hughes enxergou uma fragilidade nova, como algo se lascando. Quis ir até ela, abraçá-la, do jeito que fazia com a filha quando ela era pequena e tinha pesadelos, estreitando o corpinho agitado contra o seu.

Ocorreu-lhe uma lembrança do início de seu casamento, enquanto ele aguardava a convocação da Marinha. Ele fazia faculdade de direito e andava numa fase difícil com um dos professores, que achava que ele nunca seria grande coisa, muito menos um bom advogado. Estava indo para casa certa noite, o fracasso em potencial lhe pesando na cabeça, quando, ao chegar ao portão, foi surpreendido por um jato de água gelada. Aturdido e furioso, ergueu os olhos e viu Nick parada no gramado segurando a mangueira, às gargalhadas.

— Ah, Hughes, me desculpe — disse ela, visivelmente exultando com o próprio senso de humor. — É que você estava tão sério, e isso não faz nada bem.

Hughes baixou o olhar para a calça e os sapatos encharcados.

— Ah, não, querido. Agora você está mais infeliz ainda.

— Vou me lembrar disso — disse Hughes. — Um dia, quando você menos esperar.

Mas foi se sentar nos degraus, ainda ensopado, e ficou de mãos dadas com Nick até escurecer, e então, juntos, entraram e fecharam a porta, deixando o mundo do lado de fora.

* * *

— Bem — a voz de Nick o trouxe de volta à sala —, tem a festa. Mas ainda não fiz porra nenhuma.

— É, eu vi pela geladeira.

Hughes sorriu para ela, mas com doçura, caso ela levasse a mal.

— Ah, isso. — Ela fez um gesto de desdém com a mão. — Estamos meio que à deriva, não é mesmo, querida? — Olhou para Helena. — Brincando de Robinson Crusóé.

— É — disse Helena, a fala engrolada. — À deriva.

— Sei como é.

Sentindo as palmas das mãos úmidas, Hughes as secou na calça e terminou sua bebida.

* * *

Mais tarde, depois de se certificar de que Helena tinha conseguido subir a escada, Hughes foi para seu quarto, onde encontrou Nick se preparando para ir dormir. Ficou olhando, absorvido pela cena, enquanto ela tirava o brinco da orelha e o pousava com cuidado em uma almofadinha de veludo a sua frente. Ela sempre tivera muito esmero na hora de se vestir, mas, ao fim da noite, ele se lembrava, Nick jogava suas coisas para todo lado, roupas, joias, sapatos, em uma espécie de frenética alegria por se ver livre daquilo tudo. Quando é que ela ficara assim tão cuidadosa?, perguntou-se ele. Teve um anseio de ir até ela, pedir perdão e fazê-la jurar não abandoná-lo. Mas ela não entenderia. Acharia que ele tinha enlouquecido. Então, em vez disso, ele tocou de leve em seu ombro, antes de descer para o escritório, a chave da gaveta tilintando em seu bolso.

Southampton, julho de 1945

Querido Hughes,

O que posso dizer? Eu poderia dizer: Por favor, por favor, por favor, não faça isso. Poderia lhe dizer que na verdade não tenho opção nesse caso, sendo obrigada a escolher entre você e mim. Como posso fazer isso?

Não posso. Não vou me casar de novo. Eu poderia lhe explicar como é definitiva essa decisão, porque, meu amor, saiba que é. A questão não é você. Não é que eu não o queira como meu marido, ou que tenha alguma dúvida de que você é o único homem que eu poderia amar de verdade com todo o meu ser. A questão sou eu, meu jeito de ser. Sei que não se espera que uma mulher recuse algo assim. Sei que eu deveria estar vibrando com a possibilidade de você deixar

sua esposa e querer se casar comigo, jogar tudo para o alto em nome de nosso amor. Mas não quero ser esposa de ninguém. Quero que você venha a mim por querer estar comigo, não como se eu fosse um refúgio ou um porto seguro para protegê-lo deste mundo desgraçado. Quero que venha, sim, em honestidade e pureza, como sempre vivemos, nós dois.

Você me disse que, se era para fazer sua esposa sofrer (por que não consigo escrever o nome dela?), teria que ser tudo ou nada. Que você precisava saber que eu estaria sempre a sua espera. Que o casamento era sua versão da honestidade. Mas, querido, por que não consegue entender que temos tudo? Que diferença faria um pedaço de papel?

Sempre vou amá-lo, Hughes, aconteça o que acontecer com a gente. Sempre estarei a seu lado, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença. Prometo.

Por favor, volte para mim.

Com amor,

Eva

Hughes pousou o papel e correu a mão pelo cabelo. Ficou olhando para o maço de cartas. Deveria simplesmente queimá-las. Sempre soubera que não deveria guardá-las, que ficar lendo e relendo aquilo não mudaria nada. E, depois de um tempo, ele parara de lê-las. Mas sabia que estavam ali, isso era o importante. Quando os dias pareciam se estender diante dele como uma interminável marcha forçada, a existência daquelas cartas servia para lembrá-lo de que um dia o mundo inteiro se abriria e se ofereceria a ele.

Agora, algo mudara; estava com medo. Não sabia bem se era algo nele ou em tudo que o cercava, o telefone tocando na casa, Nick o esperando na barca, sozinha no frio. E o estranho sentimento que lhe surgira essa noite de que as cartas de Eva haviam sido escritas para uma outra pessoa, não ele. Era como ser acordado pelo apito de um trem que partia, e só então perceber que deveria estar dentro dele.

Ouviu uma tábua do piso estalar no hall. Sua respiração se acelerou. Levantou-se, foi até a porta do escritório e espiou a casa às escuras. Pensou ter visto uma sombra se afastando em direção à cozinha, mas, quando foi atrás,

não havia ninguém lá. Trancou a porta dos fundos, que fazia um ligeiro movimento de vaivém, e voltou para o escritório.

* * *

Na manhã seguinte, Hughes e Nick foram juntos à cidade, a pé. Nick queria verificar a caixa postal e Hughes precisava reabastecer seu estoque de uísque, seriamente desfalcado por Helena. O dia prometia ser bonito, claro e quente, mas com vento suficiente para manter os mosquitos longe.

— Por que não colocarmos a *Star* na água? — sugeriu Hughes.

— Ah, hoje não. Acho que devíamos ficar em casa, depois do que aconteceu.

Ela provavelmente tinha razão, mas aquela manhã fresca o levava a crer que talvez sua apreensão por causa dos últimos acontecimentos fosse exagerada. Naquele momento, ao descerem a rua, Nick balançando o cesto francês trançado que usava para carregar as compras, ele quase podia esquecer a cena de Ed, Frank Wilcox e a empregada.

— Além do mais — acrescentou ela —, todos os vizinhos em um raio de vinte quilômetros vão ficar ligando para saber tudo sobre essa história.

— Por mim a gente tirava o telefone do gancho.

— Maldito telefone — disse Nick, e suspirou. — Mas é capaz de eles resolverem aparecer lá em casa, se não conseguirem ligar.

— Bom argumento. Vamos simplesmente deixá-lo tocar. Não quero ouvir as teorias de Caro ou Dolly sobre o assunto.

— Não mesmo — disse Nick.

Em um impulso, Hughes pegou-lhe a mão. Ela não ofereceu resistência. Sua mão estava quente.

— Sabe, querido, andei pensando — disse ela. — Quem sabe você devia comprar alguma coisa para Ed, coisa de garoto.

— Por quê?

— Sei lá, ele parece fora de controle. Talvez esteja precisando de um pouco de atenção paterna.

— Não sei se um presente vai ajudar.

— Acho que ele precisa que você dê alguma coisa a ele. Para saber que tem alguém em quem pode se mirar.

— Nossa, Nick.

Ela soltou a mão da dele.

— Se você não quiser dar, eu compro e digo que foi você.

— Que seja.

— Acho que um canivete suíço seria um bom presente — disse Nick. — Para ele já ir se preparando para ser escoteiro.

Hughes não conseguia acreditar. Agora tinha que gastar seu dinheiro com aquela praga. Além do mais, não queria que o menino achasse que ele estava comprando seu silêncio.

A situação estava ficando ridícula. Decidiu que ia destruir as cartas. O caso fazia parte do passado, de um passado de séculos antes. Só ele ainda não conseguia enxergar isso.

Pensou em Eva, na última vez que a vira, parada na frente do Claridge's, vestida com aquela bombacha e sem acenar para ele quando o táxi se afastou. Ele só encontrara a carta quando já estava a bordo do *Jones*.

Querido Hughes,

Não há mais o que dizer, ou, como você deixou claro, não há mais o que alegar em minha defesa. Lamento que seja assim, mas desejo-lhe sorte. E felicidade.

Como você pediu, não tornarei a escrever. Seja bom para Nick. Finalmente consegui escrever o nome dela.

Eva

E ela mantivera sua palavra. Nunca mais escrevera. Vira aquilo pelo que realmente era, um romance de guerra fracassado, um clichê. Enquanto ele continuara cego, como um tolo.

Na loja de ferragens, Hughes escolheu um canivete vermelho, completo, até com o alicate e o palito de dentes. Talvez Nick tivesse razão. Talvez o menino só estivesse precisando de um pouco de orientação.

Voltou para casa com essa ideia otimista na cabeça, e assim permaneceu até entregar o presente a Ed.

Ed ficou revirando o canivete na mão sem parar, hipnotizado pelo objeto brilhante e reluzente como uma gralha extasiada.

— Obrigado — disse ele.

— Que bom que você gostou. Meu pai me deu um quando eu era garoto, antes de eu virar escoteiro.

Aquilo não era bem verdade, mas ele achou que era uma coisa boa para se dizer.

— Vai ser muito útil — disse Ed.

E virou as costas, sem dizer mais nada, dirigindo-se à porta da frente.

Através da tela, Hughes o viu descer os degraus e sair pelo portão. Amaldiçoou a si mesmo. Havia algo de seriamente errado com aquele garoto, e ele fora logo lhe dar um canivete. Saiu para a varanda. Ed já havia sumido de vista, mas Nick estava junto à cerca, cortando as rosas mortas, o rosto corado do sol.

Ela usava a tesoura enferrujada para cortar as flores secas. Nunca tinha o cuidado de guardar essa tesoura no estojo, de forma que o metal estava corroído pela maresia. Mas ela era cuidadosa com as rosas, puxando delicadamente os galhos para o lado com seus magros braços morenos até chegar às flores murchas e aos brotos desordenados, escondidos bem lá dentro das moitas.

Atrás dela, o cesto tinha virado, derramando pétalas vermelhas a seus pés. A cena tinha algo de familiar, e ele se lembrou do cheiro do mar no quartinho de empregada do primeiro andar da casa.

Nick não estava usando luvas, e devia ter espetado o dedo, porque ele a viu afastar-se de repente do galho que estava puxando. Ela examinou o dedo, a testa franzida, e Hughes julgou ter visto seus olhos ficarem marejados na claridade forte. Mas ela não gritou.

Ele foi até ela e examinou o pontinho vermelho onde o espinho furara sua carne. Pôs o dedo dela na boca. Nick olhou para ele, apertando os olhos para o sol. Ficaram assim por um instante, imóveis, se olhando, sem nada dizer. Nick ergueu a outra mão para o rosto dele. Depois puxou o dedo e continuou cortando as flores mortas.

* * *

Hughes encontrou o camundongo naquela mesma tarde, quando desceu para sua bancada de trabalho no porão a fim de consertar um porta-retratos quebrado. O bichinho fora cruelmente aberto a faca, seus dentes expostos em um grito primal, um palito espetado em um dos olhos. Hughes retirou o palito com cuidado, mas sua mão tremia quando ele foi pegar o camundongo. Custou-lhe bastante conseguir tocar no animal, e mesmo então precisou virar o rosto quando foi jogá-lo na lixeira.

1959: julho

III

Uma semana após a chegada de Hughes, a onda de calor que durante todo o verão ameaçara a Ilha finalmente se instalou. Hughes fora à loja a fim de comprar ventiladores para alguns dos quartos, mas estavam esgotados. O ar dentro da casa era parado e úmido como um pântano, sufocante. E do lado de fora era ainda pior, o sol queimando pele e grama, transformando em lava a areia sob os pés. As delicadas flores da albízia caíam aos montes, criando um tapete de forte odor que cobria o gramado e os degraus da entrada. O caminho de pedra estava coalhado de cascas de insetos quebradiças, como se as pequenas criaturas tivessem sido fritas ao sol ao tentar rastejar para a sombra da varanda.

O estranho é que as crianças não pareciam notar, passando o dia todo fora de casa, o calor implacável. Daisy, felizmente, não parecia muito afetada por todo aquele caso da empregada, sua peculiar intensidade estava focada exclusivamente naquela partida de tênis. Ed, como ele torcera para que acontecesse, parecia engajado no programa de escotismo.

Hughes achava que as temperaturas sufocantes estavam tendo um efeito estranho nele. Não produziram o tipo de langor que Helena, em seu casulo alcoólico, parecia experimentar. Era mais como uma febre, a pele muito sensível ao toque. Ele não conseguia parar de pensar em Nick. Observava-a quase obsessivamente.

Haviam feito amor no dia seguinte à chegada dele à Tiger House, e ele se perguntou quando fora a última vez. Não conseguia se lembrar, só sabia que fora pego desprevenido por aquele súbito desejo. Eles estavam discutindo se Daisy deveria retomar as aulas de tênis. E então algo aconteceu. Nick mencionou a portuguesa, estava trêmula. Depois ele já a abraçava, tentando

reconfortá-la, e a convicção dela de que ele podia ajudar, seu rosto molhado de lágrimas encostado no ombro dele, a simples proximidade dela, tudo isso o dominou. Ele se viu quase rasgando seu vestido, sentindo o gosto de sal e hidratante em sua pele.

Desde então, não conseguia tirar o episódio da cabeça. Fosse o assassinato, ou o calor, Hughes podia ver ranhuras no exterior muito polido da esposa: uma trinca em sua armadura. Algo falível, quase insuportavelmente real. Algo que ele não via fazia muito tempo.

Estava fascinado. Tocar nela era como tocar em um fio desencapado. E o choque, aliado à temperatura muito alta, lhe dava a sensação de estar sofrendo de um tipo louco de febre. No entanto, apesar de tudo isso, uma parte de Nick ainda parecia distante, fora de alcance.

Um dia, de manhã, Hughes se viu sozinho na cama ao acordar. Embora fosse cedo, o ar não estava fresco, e seu pijama colava-se à pele suada. Pela janela ele via o sol batendo na enseada, e a casa estava em silêncio quando desceu. Encontrou Nick sentada na sala de jantar, uma lista balançando esquecida em sua mão, uma pilha de convites para a festa a sua frente. Ela lia um livro de poesia, do qual ele se lembrava dos tempos do início do casamento, quando ela lia para ele na cama. Com um cotovelo apoiado na mesa de noqueira lustrosa, ela pronunciava as estrofes sem emitir som, o cabelo lhe caindo nos olhos. Os fundos da casa davam para o poente e era mais escuro àquela hora do dia, mas ele ainda podia ver o suor se acumulando no pescoço dela e nas cavas molhadas da camisola. Ficou parado à porta, querendo se aproximar, mas ela parecia tão perfeitamente completa que ele se sentiu um intruso. Observou-a por um tempo, depois subiu para tomar banho.

Estava mais sozinho do que nunca, como se fosse melhor não ter redescoberto Nick. Fossem quais fossem seus pensamentos, ela os mantinha ocultos, ocupando-se do planejamento frenético da festa. Ficava sentada à escrivaninha, elaborando cardápios que acabaria descartando, estabelecendo cronogramas e catalogando coisas que obtinha de uma espécie de lista mestra, sacudindo a mão de vez em quando. Ele se oferecia para ajudar, e ela às vezes o mandava fazer alguma coisa na rua, ir ao correio, digamos, comprar mais selos, mas mesmo assim isso despertava nele uma animosidade irracional em relação

à festa, ou ao correio, ou aos selos, como se essas coisas todas fossem seus rivais, obstáculos entre ele e o afeto de sua esposa.

Então Hughes voltou sua atenção ao *Star*, passando suas tardes na frente da casa de barcos, lixando e repintando o casco de verde-escuro e tentando não pensar em Nick.

O barco, na verdade, não precisava de conserto algum depois de tudo que ele fizera em junho, mas ele viu que a atividade repetitiva o acalmava. O trabalho de desbastar e lixar, as muitas horas que ele perdia entretido naquilo, ensopado de suor, passando a mão na madeira à procura de pontos ásperos, o cheiro acre do selador. Era um trabalho calorento, mas quando ficava excessivo, ele podia simplesmente se jogar da ponta do cais na enseada fresca, as praias de Chappy a sua frente, os olhos ardendo do sal e do sol.

Então, uma tarde, quando ele ia começar a passar a segunda demão de tinta, o céu fechou e começou a chover, grandes e pesadas gotas de chuva. Praguejando, Hughes correu para arrastar o *Star* para dentro da casa de barcos, rebocando os dois cavaletes. Foi uma tempestade rápida, do tipo que varria a Ilha e ia embora tão de repente quanto chegara. Hughes decidiu esperar que passasse. Pegou uma das toalhas de praia que ficavam penduradas dentro da casa de barcos e começou a secar o casco do *Star*. Estava ansioso para ver o resultado de seus esforços.

O tamborilar da chuva no telhado foi quebrado por uma batida na lateral da casa de barcos, e então Nick apareceu, de maiô vermelho, carregando uma cestinha.

— Olá. — Ela abriu aquele seu sorriso largo. — Achei que talvez você quisesse aproveitar e fazer um intervalo — disse, apontando para a chuva que caía sobre si própria. — Trouxe o almoço.

Hughes enxugou a testa com a barra da camisa, tentando pensar em algo para dizer. Não sabia por que estava tão surpreso por vê-la, mas ela aparecera como uma ideia saída de sua mente, materializada à perfeição.

— Está chocado por eu ter vindo até aqui só de maiô?

Em parte era, sim, por causa do maiô, mas também por causa dos parênteses de cabelo molhado ao redor das orelhas dela, das longas pernas

bronzeadas sumindo dentro do tecido vermelho e de seus pés descalços, salpicados de pedacinhos de grama grudados.

— Não — respondeu ele, estupidamente. — Parece bem sensato.

— Foi o que pensei. — Ela pousou a cesta. — Até me lembrei da Flórida, de quando moramos lá depois da guerra, e daquele maiô amarelo que eu usava para implicar com as vizinhas.

Hughes não sabia do que ela estava falando. A Flórida era como um pesadelo de que ele já não conseguia se lembrar direito, mas o comentário lhe trouxe de volta à mente vagos contornos desse pesadelo. Ele afastou os pensamentos; não queria pensar na Flórida, nem na tristeza daquela época, nem em Eva, naquele momento. Queria que Nick tirasse o maiô para ele poder vê-la nua.

Mas o que ela fez foi tirar as coisas de dentro da cesta: dois sanduíches de queijo com mostarda e uma coqueteleira cheia de martíni.

Ele a observou puxar uma almofada de barco da parede e sentar-se, enfiando as pernas sob o corpo graciosamente. Hughes sentou-se ao lado dela, mas não muito perto. Nick serviu os martínis em dois copos de plástico e entregou um a Hughes.

Ficaram em silêncio, Nick comendo seu sanduíche. Hughes olhou para ela de rabo de olho, perguntando-se em que ela estaria pensando, o que a fizera ir até ali, com aquele lanche, aquele maiô vermelho e aquele sorriso radiante. Ocorreu-lhe a estranha imagem dele quebrando-a e abrindo-a, como se faz com uma noz ou com um siri, para descobrir o que estava acontecendo dentro dela.

— Será que o calor vai diminuir com essa chuva? — perguntou ela.

— Não — disse Hughes. — Acho que não é esse tipo de tempestade.

A vodca gelada lhe trouxe um arrepio. O martíni estava perfeito, e ele ficou ali sentado pensando na chuva, em Nick e no cheiro da tinta.

O *Star* piscava em flashes à luz dos relâmpagos, captando tons da água da enseada. Nick se levantou, copo na mão, e foi até o barco. Delicadamente, pressionou o indicador no casco e, vendo que estava seco, correu a mão pela superfície, como Hughes havia feito apenas um minuto antes. Tomou um gole do martíni, esticando o lábio inferior até a borda do copo. Então tornou a se

sentar, descansando a cabeça na parede. A chuva começara a amainar, mas ainda se ouvia o tamborilar macio das gotas no telhado.

— É engraçado — disse Nick, depois de um tempo. — Você odiava estar naquele navio durante a guerra, e odiou fazer aquele trabalho todo depois. E aqui está você, gastando suas tardes trabalhando em um barco, sozinho.

Hughes a fitou, mas ela olhava para a enseada. Ele queria lhe dizer alguma coisa, mas não sabia o quê ou como. Enquanto se esforçava para encontrar as palavras, ela se levantou e bateu as migalhas das pernas bronzeadas.

— Bom, vou deixá-lo trabalhar.

E, pegando a cesta e os copos, saiu sem sequer olhar para trás, as solas brancas de seus pés alternando-se depressa nas tábuas cinzentas do piso.

E de repente Hughes se viu novamente sentado sozinho na casa de barcos, sem o que dizer.

* * *

Hughes suava dentro da camisa limpa enquanto se vestia para jantar naquela noite. Eles tinham um compromisso marcado havia muito com os Pritchard no Iate Clube, e, embora ele tivesse tentado fazer Nick cancelá-lo, ela fora inflexível.

— Ah, Hughes, não podemos. Eu sei que está um calor infernal, mas não temos como não ir. Eles estão com um hóspede chato em casa, e prometi a Dolly que iríamos aliviar um pouco esse peso para ela. Era ou o Iate Clube ou aqui.

Ela estava sentada à penteadeira, em um vestido amarelo que ele nunca vira antes.

— Bom, acho que pelo menos assim não vou ter que reabastecer o armário de bebidas de novo — disse Hughes, desviando o olhar. — No momento, a cota de Helena é o máximo com que eu posso arcar.

— Não seja desagradável — reclamou Nick, incisiva. — Não há nada com Helena que um bom divórcio não dê jeito.

— Você sabe que não é só esse o problema.

Estava irritado.

— Não quero falar nisso — disse Nick, ajeitando o brinco. — Ela só está cansada.

Tampouco Hughes queria falar sobre isso, aliás. Ele sabia que a questão não se resumia ao uísque e ao calor. Desde que chegara, vira várias vezes Helena tirar um comprimido de uma caixinha de prata que guardava na bolsa e engoli-lo quando achava que não havia ninguém olhando.

Nick pegou um vidro de perfume, só para colocá-lo de volta na penteadeira logo depois.

— Está muito calor para perfume — disse, flagrando-o a olhar para ela no espelho.

Hughes foi até a esposa e passou a mão em seu colo, vendo-a observá-lo no reflexo. A pele dela era macia ao toque e estava ligeiramente úmida.

Nick ficou completamente imóvel, mal respirando, os olhos verdes qual relva molhada, antes de afastar a mão dele.

— Não — disse.

* * *

O Iate Clube fervilhava com o burburinho de talheres e risadas, um mar de blazers azuis e gravatas de listras na diagonal.

— Lá estão eles — disse Nick.

Dolly Pritchard estava de pé acenando, a expressão de sofrimento.

— Coitada da Dolly — disse Nick ao rumarem para a mesa nos fundos da sala, que dava para a enseada.

— Como é o nome dele, esse hóspede dela?

— Henry? Hank? Não consigo me lembrar, é alguém do trabalho do Rory.

— Mais uma noite esplêndida discutindo a empresa familiar de Pritchard.

Nick riu e rapidamente tapou a boca com a mão enluvada.

— Ah, eu sei. Se eu ouvir uma palavra sobre investimentos sou capaz de jogar minha bebida na cara dele.

— Pode jogar e sair correndo. Eu seguro eles. — Hughes baixou a voz enquanto se aproximavam da mesa.

— Meu herói — murmurou Nick em seu ouvido, e o calor suave do hálito dela excitou-o.

Hughes conduzia-a a sua frente enquanto faziam as apresentações, com movimentos cuidadosos.

— Nick, você está sensacional — disse Dolly Pritchard, pegando sua mão. — E Hughes, elegante como sempre.

— Olá, Dolly — disse Hughes, beijando-a no rosto.

Dolly Pritchard sempre lhe lembrava Eleanor Roosevelt, alta e com cara de cavalo, extrovertida e sem papas na língua. Mais atraente, era preciso admitir, mas era uma daquelas mulheres sérias e argutas para quem uma boa dose de curiosidade era uma espécie de dogma. Hughes gostava imensamente dela. Não que não gostasse do marido, mas faltava vida a Rory. O pai de Rory Pritchard, também um Rory, criara uma empresa de investimentos que a princípio só cuidava do dinheiro da família. Rory Jr. a ampliara, incluindo como clientes algumas famílias que seu pai aprovaria. Era um sujeito inteligente, não havia dúvida quanto a isso, mas também podia ser cansativo, quando começava a falar de negócios.

— Este é Harry Banks — disse Dolly, com a mão no ombro de seu hóspede. — Harry, estes são Nick e Hughes Derringer.

— Harry está nos ajudando a projetar nossos novos escritórios — explicou Rory, puxando a cadeira para a esposa se sentar.

— Um dos prodígios da arquitetura — disse Dolly.

O sujeito parecia não ter muita idade para ser arquiteto, nem mesmo um prodígio.

— Você vai me fazer corar, Dolly — disse Harry, sorrindo para sua anfitriã.

— Ora, essa — disse Dolly. — Você não engana ninguém, Harry. Eu poderia contar nos dedos quantas coisas são capazes de fazê-lo corar.

Hughes conteve um sorriso, mas Nick riu.

— Nossa, e o fizeram aguentar isso o final de semana inteiro, Sr. Banks?

— Apenas Harry, por favor. — O arquiteto sorriu para Nick, e Hughes notou que os olhos do homem avaliavam sua esposa: seu vestido amarelo

tomara que caia, a curva de seus seios erguendo-se ligeiramente do tecido grosso. — E, sim, Dolly sabe me colocar em meu lugar como ninguém. É um prazer vê-la em ação.

— Que lisonjeiro, Harry — disse Dolly. — E então, o que vão beber?

Hughes pediu um gim-tônica para si e um martíni para Nick, pensando na coqueteleira gelada que ela levara para a casa de barcos. Embora não soubesse direito o que estava tentando lhe transmitir — algum tipo de pedido de desculpas ou um sinal de intimidade —, ele olhou para Nick, tentando fazê-la captar sua mensagem. Ela estava com os lábios entreabertos, sorrindo ligeiramente, o branco dos dentes mal aparecendo. Mas enquanto ele a observava, o olhar dela deslizou por sobre o ombro dele, e sua expressão tornou-se fechada.

Hughes virou-se e viu Frank Wilcox atravessar a sala de jantar principal, conduzindo a esposa pelo braço. Etta Wilcox vinha com a boca crispada em uma linha fina. O marido, em compensação, parecia estar fazendo uma personificação de si próprio, sorrindo muito, distribuindo olhares joviais para ninguém especificamente.

A mesa inteira ficara em silêncio, e Hughes viu que todos os olhares estavam no casal que se aproximava. Todos salvo o de Harry Banks, que tinha o ar de alguém que não está entendendo a piada.

Hughes sentiu tocarem seu ombro.

— Olá, Hughes; olá, Rory.

Hughes olhou para Frank e tentou dar um sorriso.

— Frank.

— Senhoras — disse Frank Wilcox, o sorriso ficando ainda maior.

Nick limitou-se a olhar para ele.

— Olá, Frank, oi, Etta — disse Dolly.

— Olá.

A voz de Etta soou rouca, como se não fosse usada havia algum tempo.

Ninguém se deu o trabalho de apresentar Harry Banks. Frank ficou ali naquele silêncio crescente, e finalmente acenou com a cabeça e seguiu para sua mesa, como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo. Hughes viu-o se

inclinou e cochichou alguma coisa no ouvido da esposa, mas a expressão dela permaneceu indecifrável.

Hughes olhou para o cardápio.

— O linguado parece bom.

— Ora, vejam só... — começou Dolly.

— Dolly, não — cortou-a Rory. E depois: — Nunca fui muito fã de linguado, não sei por quê.

Harry Banks estava percorrendo com o olhar todos ali à mesa, um semissorriso no rosto.

— Acho que perdi alguma coisa muito interessante.

— Não perdeu, não — retrucou Hughes.

— Vocês dois são tão certinhos... — disse Dolly, e depois virou-se para Harry. — A empregada deles foi encontrada assassinada ainda há pouco. Isso causou um rebuliço e tanto, como você pode imaginar.

— Dolly.

A voz de Rory tinha um tom de alerta.

— Ah, bom. Acho que isso não é um assunto muito agradável para um jantar. Que tédio.

Ela voltou a atenção para o cardápio.

Hughes olhou para Nick, que permaneceu calada. Viu que ela continuava olhando para os Wilcox, agora sentados a algumas mesas deles. Ela puxou um cigarro da bolsa e Hughes se inclinou para acendê-lo. A mão dela tremia, e ele a firmou com a sua.

Mas Nick puxou a mão e pegou seu cardápio.

— O filé a Chateaubriand é sempre bom — disse, com uma voz animada que partiu o coração dele.

* * *

Depois do jantar, a conversa, como era previsível, descambou para o tempo.

— Esse calor... — começou Dolly.

— E nada de ventiladores — comentou Rory.

— Li que está havendo uma epidemia de suicídios em Washington por causa da onda de calor — disse Harry Banks, acendendo um cigarro. — Parece que um homem correu da casa dele até a Key Bridge gritando que estava calor, e depois se atirou na água. Em plena hora do rush.

— É mesmo? — disse Dolly. — Nossa. Sabe, eu ouvi em algum lugar que há mais suicídios às segundas-feiras do que nos outros dias da semana.

— O trabalho — disse Rory. — Ninguém quer voltar.

— Talvez seja só a monotonia — sugeriu Hughes. — Toda segunda-feira é igual, todo mês, todo ano vai ser igual.

Ele sentiu que Nick o olhava.

— Bem, se a monotonia é o maior problema dessa gente, devem ser todos muito fracotes — disse Rory.

— Acho que é essa a questão — disse Hughes.

— Não sei — disse Dolly. — Não posso dizer que eu adore monotonia, mas todos temos que conviver com isso. Afinal, não vai haver só aventura e empolgação na vida, não é mesmo? — Ela virou-se para Rory. — Sinto dizer isso, querido.

Rory soprou um beijo para ela.

— Bem, a vida é nossa — disse Harry Banks. — Cabe a nós torná-la empolgante. Ou não.

— Falou como um verdadeiro solteirão — disse Rory.

— Que vergonha, Rory — disse Dolly. — Não é o casamento que torna a vida... bem, chata. Ou ao menos não só isso. É tudo. Todas as coisinhas que a gente tem que fazer todo dia.

— Acho que tudo se resume a solidão — disse Nick. — E desejo.

— Com certeza — disse Dolly. — Nem me fale.

Nick riu.

— É sério. Sei que todo mundo acha que o desejo é uma bobagem ridícula, coisa de jovens. Mas quem disse? Porque, afinal, sem desejo... Bom, é isso que leva as pessoas a se jogarem da ponte.

— Nunca me dei conta de que você era tão romântica, querida — disse Dolly. E dirigindo-se a seu hóspede: — O que tem a dizer sobre isso, Harry?

— Eu não estava falando de casamento, embora você tenha razão, Rory. Não sei muito sobre o assunto. — Harry Banks sorriu para a mesa. — Mas quanto a todas essas coisinhas chatas de que você falou, fico pensando: por que fazer isso? Sabe, por que fazer o que todo mundo espera de nós? Tem alguém vigiando?

Hughes deu uma gargalhada.

Dolly também.

— Olhe em volta — disse ela, com um gesto largo indicando o salão de jantar. — Todo mundo está vigiando.

* * *

O jantar caminhava para o fim. Harry Banks foi tomar um pouco de ar fresco enquanto Rory tentava chamar a atenção do garçom para pedir a conta. Nick tinha pedido licença para ir ao toalete, e, como ela estava demorando, Hughes foi procurá-la. Lá fora o calor era igual, só um pouco mais suave. Ele viu um casal tomando vinho ao lado da grande âncora pintada que ficava no meio do deque da frente. Seguiu rumo à ponta do cais. No escuro, distinguiu dois vultos, as cabeças juntas. Reconheceu o corpo de Nick, a postura dela. Ela estava meio encostada no prédio, Harry Banks inclinado em direção a ela, uma das mãos apoiada na parede de tábuas.

Harry dizia alguma coisa que Hughes não conseguia ouvir muito bem, e Nick ria. Harry chegou mais perto. Nick não recuou. Ele sentiu uma punhalada. Não que estivesse exatamente surpreso. Era o sentimento de ser o responsável por aquilo, responsável por forçá-la a encontrar intimidade com estranhos em cantos escuros, quando as coisas deveriam ser muito diferentes para ela. Ela era boa demais para isso.

— Nick — chamou ele, baixinho.

Ela simplesmente olhou para ele, antes de virar-se de novo para Harry.

Hughes observou-a mais um instante, depois entrou de novo no clube e aguardou a esposa voltar.

* * *

Ele não encostou em Nick na volta para casa, embora ela caminhasse tranquilamente ao lado dele, tão perto que ele sentia o cheiro de seu sabonete, de notas florais, misturado ao suor. Ela ia arrastando os calcanhares no chão. Ele enfiou as mãos nos bolsos. Ela parou na Simpson's Lane para colher uma rosa que desabrochava sobre uma das cercas de madeira.

Quando viraram para a North Summer Street, Hughes viu que a lua flutuava rubra e baixa no céu. Era o calor que a deixava daquela cor, alguma mudança na atmosfera, ele não se lembrava exatamente o quê, mas lembrou-se do velho ditado: “Céu vermelho à noite, marinheiro sorrindo. Céu vermelho de manhã, marinheiro alerta.”

Quando chegaram à entrada para carros pelos fundos, Nick tropeçou, prendendo o salto no meio-fio, e quase caiu em cima dele. Automaticamente, ele se adiantou para segurá-la, e sentiu o contato do corpo dela no seu, o seio dela esmagado em sua mão espalmada.

— Nick.

— Ah, querido, me desculpe. Acho que os martínis me deixaram meio estabanada.

— Não me importo com os martínis — disse ele.

— Hã?

Ela continuou andando, tentando soltar-se dele.

— Pare — disse ele.

— O que foi?

— Eu quero... quero falar com você.

Ele ainda a segurava.

— Hughes, me solte. Assim vou acabar caindo.

Ele a virou para si.

— Hughes.

Ela não o olhava nos olhos.

— Olhe para mim.

— Não faça isso.

Ela tentou empurrá-lo para longe, mas ele segurou sua mão, e sentiu que a rosa, que ela ainda segurava, se desmanchava.

— Nick.

— Seja o que for que você tem a dizer...

— Eu sinto muito — disse ele.

— Não sei do que você está falando.

— Você sabe, sim. Sinto muito. Por tudo.

— Não me importa.

— Acho que isso não é verdade.

— É, sim.

Eles se olharam, e Hughes teve certeza de que ela estava prestes a ceder, a parar de afastá-lo. Podia senti-la em seu limite. Esperou, mas ela continuou calada.

Até que não aguentou mais.

— Chega — disse, e colou a boca na dela. Os lábios de Nick se abriram sob os dele. — Agora chega — murmurou ele no escuro.

Mas tão repentinamente quanto cedera, ela se desvencilhou e saiu correndo, escorrendo por entre seus dedos como água.

1959: julho

IV

Na manhã seguinte, Hughes acordou com dor de cabeça, mas também cheio de determinação. Embora ainda fosse cedo, Nick já se levantara. Ele tirou a calça do pijama, vestiu o roupão de banho e saiu, descendo para o chuveiro externo.

Escorregou um pouco no orvalho. O clima estava um pouquinho mais fresco. A onda de calor não se dissipara, mas o ar estava menos pesado.

Hughes pendurou o roupão na estrutura de madeira e abriu a água, deixando-a escorrer por sua cabeça e seus ombros até formar um redemoinho a seus pés, como uma piscininha. Inclinou a cabeça para trás, afastando o cabelo dos olhos, e olhou para o céu lá no alto, de um azul-claro que o sol matinal começava a intensificar. Sentia o cheiro da relva molhada e os tijolos molhados onde pisava. Sentia-se bem. Mas também triste.

Imaginou Nick atravessando a rua correndo em seu maiô vermelho e pensou que um roupão de banho não era muito diferente. Eles todos agiam como se o passeio entre a casa e o gramado fosse particular, pertencesse a eles, quando na verdade podiam deparar com qualquer um que viesse por ali. Pelo menos Nick tinha o bom senso de saber que isso podia ser ligeiramente chocante, mesmo não ligando muito.

Chegando em casa, ele a encontrou na cozinha. Já planejava o que ia dizer, mas quando Nick o viu, foi falando antes que ele pudesse abrir a boca:

— Sinto muito. Acho que bebi demais ontem à noite.

Hughes se viu confuso por um instante. Não só um pedido de desculpas por parte de sua esposa era uma raridade, como suas palavras eram do tipo que

encerravam a conversa. Ela lamentava, tinha sido o álcool, todo mundo sabe como é isso.

— Eu é que devia estar pedindo desculpas — disse ele. — Fui grosso. Estou só... não sei o que deu em mim, ultimamente. Tudo parece tão, sei lá, diferente.

Nick não disse nada.

— Olhe — disse ele, indo até ela —, não me importo com isso. Não quero falar no assunto. Quero que você saia de barco comigo hoje. Acho que o casco já deve estar seco.

— Está bem — disse ela, devagar. — Daisy tem aula até meio-dia.

— Não, só você. Eu a estou convidando.

Nick baixou os olhos e assentiu. Ele poderia jurar que ela tinha corado ligeiramente.

— Você prepara o lanche para levarmos que eu tiro o barco. Pode me encontrar no cais daqui a uma hora.

Então, antes que ela pudesse mudar de ideia, Hughes foi logo saindo da cozinha. Encontrou Daisy descendo as escadas. Vinha com os olhos azuis redondos estremunhados de sono e o cabelo amassado.

Hughes a pegou quando ela chegou ao primeiro degrau, levantando-a nos braços, e ela deu um gritinho.

— Papai, me ponha no chão.

— Oh, me desculpe, amorzinho. — Nick tinha razão. Ela estava virando uma pessoinha muito sensível. — É que fiquei estarecido ao ver essa bela adormecida na escada.

Daisy se fez de ofendida, mas dava para ver que no fundo ela gostara do elogio.

Hughes subiu para trocar de roupa. Passou pela porta do quarto de Helena no instante que ela punha a cabeça para fora, mas, quando o viu, ela a recolheu depressa, como uma tartaruga, e bateu a porta.

Na casa de barcos, ele correu a mão pelo casco do *Star*, conferindo se estava totalmente seco. Satisfeito, puxou-o pelo gramado até a pequena faixa de praia, onde começou a prepará-lo para sair ao mar.

Montou o mastro, deixando correr o cabo da borboleta e soltando-o do cunho. Encaixou a retranca e amarrou a vela. Quando acabou de amarrar e prender, pegou os remos, cobertos por uma camada de verniz novinha em folha, e prendeu-os dentro do barco. Buscou as almofadas e duas toalhas na casa de barcos e estendeu-as ao sol no cais para tirar o leve mas insistente cheiro de mofo.

Então sentou-se nas tábuas de madeira quentes e pôs-se a aguardar, observando, lá embaixo, os cardumes de alevinos entrando e saindo do meio das algas.

Viu quando ela chegou lá longe, descendo o gramado em declive, tropeçando um pouco devido à inclinação. Daquela distância ela bem podia ter vinte anos, com aquele short vermelho cor de papoula por cima de um maiô tomara que caia branco, o cabelo curto penteado para trás. Trazia uma cesta de piquenique apoiada no quadril, o corpo pendendo para o lado devido ao peso. Quando o alcançou, estava um pouco ofegante.

Hughes se levantou e pegou a cesta.

— Obrigada — disse ela. — Uau, já está quente.

— Acho que o calor está diminuindo um pouco.

— Não sei disso, não.

Eles foram andando até a praia, onde o *Star* brilhava como uma grande concha verde. Hughes o empurrou para a água, e Nick ficou segurando o barco enquanto ele colocava a bolina e o leme, e depois lhe passou a cesta, as almofadas e as toalhas. Ele levantou a vela e prendeu a adriça, e depois, estendendo a mão, puxou Nick para bordo. Com as panturrilhas molhadas do mar, Nick escorregou um pouco na borda, mas firmou-se com a ajuda das mãos.

O dia estava claro e límpido e, enquanto eles velejavam pela enseada, o sol projetava estrelinhas nas cristas das ondulações da água. Hughes sentiu o nariz franzir e se viu apertando os olhos por trás dos óculos escuros, já melados de sal. Descansava a mão na cana do leme. Estava um bom dia para velejar: calmo, mas não parado.

Já havia vários banhistas matinais caminhando na orla da praia de Chappy, com suas cabaninhas-vestiários listradas de vermelho e azul, e, atrás de si,

Hughes ouvia o sino do cais tocando para o capitão do *On Time*, autorizando sua travessia.

— Está um dia perfeito — disse Nick. — Pelo menos aqui no barco, com essa brisa. Eu trouxe ovos mimosos. Quer um agora?

— Ainda não — disse Hughes. — Vou deixar o prazer para depois.

Nick riu.

— Por que isso não me surpreende? — Ela inclinou-se para trás um pouquinho e passou a mão na água. — Acho que está nos genes, a água salgada. Quer gostemos ou não.

— Será?

Hughes sorriu.

— Helena disse que ninguém na Califórnia toma banho de mar. As pessoas lá só tomam banho na piscina da própria casa. Já imaginou? Aquele oceano maravilhoso, e todo mundo na piscina.

Hughes nada disse. Estava gostando de ouvir Nick falar. Ela sabia fazer ideias antigas soarem novas, excêntricas, como se olhasse para as coisas por um ângulo diferente.

Nick tirou os óculos dele. Soprou nas lentes e depois limpou-as na barra do short vermelho vivo.

— Assim está melhor — disse ela, repondo os óculos no rosto dele. — Agora você pode ver aonde estamos indo. — Então inclinou a cabeça para o lado e olhou para ele. — Wayfarer. Você está igual a William Holden, muito glamouroso, querido.

Ele cruzou o canal na direção da baía de Cape Poge e rumou para o pontal.

Quando se aproximaram da praia, Nick mergulhou no mar; Hughes foi atrás dela. Juntos eles puxaram o *Star* até a areia. Sempre que iam lá, escolhiam o mesmo ponto, onde era melhor para nadar por haver uma boa profundidade desde a praia, mas ao mesmo tempo não muito perto do canal a ponto de correrem o risco de serem levados pela correnteza. Nick se livrou do short, todo ensopado, antes de se deitar em uma das toalhas.

— Quer uma almofada para apoiar a cabeça?

— Não — respondeu Hughes. — Vou usar minha camisa.

Eles ficaram deitados lado a lado, a cesta de piquenique junto a suas cabeças. Hughes apoiou o rosto na mão e olhou para Nick, que estava de olhos fechados. Tinha a pele meio dourada contra o branco do maiô. Após um instante, ela levantou a cabeça e perguntou:

— E agora, quer um ovo mimosa?

— O que mais tem na cesta?

— Vinho branco.

— Essa é a pedida — disse Hughes.

Nick pegou a garrafa, que embrulhara com um pano de prato e gelo.

— Abra, que depois eu vou jogá-la na água — disse ela, entregando-lhe um saca-rolhas.

Hughes serviu dois copos e devolveu a garrafa a Nick. Ela então levantou-se, amarrou um barbante no gargalo, preso a uma pequena âncora. Enterrou a âncora na areia e arremessou a garrafa na água, a correnteza rapidamente trazendo-a de volta. Então pegou um vidro de azeitonas recheadas com pimentões e ofereceu a Hughes.

Ele as sentiu explodir em sua boca, e regou as azeitonas com um gole do vinho branco gelado.

— Vinho branco com azeitonas sempre tem gosto de praia — disse Nick.

— É o sal — comentou Hughes, fechando os olhos.

— Sim. Mas também porque os dois são muito simples.

Hughes ouvia os besouros zumbindo no calor, e as gaivotas mais atrás, nas dunas, onde faziam seus ninhos. Eram só onze horas, e ele percebeu que não tinha tomado café da manhã. O vinho começava a lhe dar sono. Então se viu sonhando com uma corrida em que disputavam um cavalo branco e um preto, e o preto estava ganhando, o que, no sonho, lhe agradava. O cavalo tinha narinas largas e um rabo trançado que empinava ao correr. Hughes estava torcendo pelo animal. Sentiu Nick se mexer a seu lado, e despertou, sacudindo o sono do corpo.

Ela estava sentada, olhando o mar.

Hughes acompanhou seu olhar, e os dois ficaram ali algum tempo sentados, sem dizer nada. Então ele viu: aquele era o momento. Respirou fundo e começou:

— Uma vez eu lhe escrevi uma carta. Acho que o maior erro da minha vida foi nunca tê-la enviado.

Nick não olhou para ele.

— O que dizia?

— Dizia um monte de coisas. — Hughes balançou a cabeça. Do outro lado do canal, um pescador colocava isca no anzol. — Coisas que talvez eu devesse ter lhe contado há muito tempo.

Nick permanecia calada.

— Não sei como as coisas ficaram tão... confusas. Como tudo passou.

— Ah, Hughes. — Nick olhou para o céu e exalou o ar. — Porque tudo passa. Qualquer um que tenha vivido nem que seja só um pouquinho sabe disso. As coisas simplesmente... vão embora.

Sua voz soava muito triste.

— A carta. Dizia que eu a amava. Desde... Nossa, nem me lembro há quanto tempo. Desde a primeira vez que eu a vi, talvez.

— Não consigo... Não sei por que você está trazendo isso tudo à baila.

— Nick, olhe...

— Meu Deus, você é tão infantil! — Nick o fitava com um olhar duro. — Acha que pode estalar os dedos, dizer que me ama e fazer aparecer um final feliz para nós dois do nada?

— Não sei — disse Hughes. — Não conheço nenhum outro jeito. Você conhece algum? Então me diga você, como as pessoas conseguem seus finais felizes?

Ela olhou para ele por um instante.

— Esse tempo todo...

Ela balançou a cabeça e olhou para o outro lado.

— Diga...

Quando ela se virou de novo, tinha os olhos úmidos.

— Esse tempo todo você viveu como um sonâmbulo. Acha que sou idiota? Você vem me falar em cartas. Que tal “o mundo não está mais em chamas, Hughes”; “volte para mim, Hughes”? Que tal “Claridge’s, Quarto 201”? — Ela tremia. — Você deveria me amar. Em vez disso, você transformou tudo em um vazio. Tornou minha vida cinzenta.

Por alguma razão, ele não se admirou que ela soubesse. Poderia ter sido Ed, ou ela poderia ter encontrado as cartas sozinha. Embora ele não fizesse ideia de como ela poderia saber do quarto. Mas agora isso não tinha importância.

— É — disse. — É, eu fiz isso tudo. E você tem todas as razões para me odiar. E se me odeia, se realmente não conseguir mais me amar, eu vou embora. Ou fico. O que você quiser.

Ele parou.

Ela analisava o rosto dele. As lágrimas a haviam destituído daquela sua beleza dura de sempre, e agora ele detectava algo mais ali, um misto de hesitação e desejo.

— Nick. Não me deixe assim sozinho.

Ela ficou calada por um tempo, depois falou:

— Vá para o inferno, Hughes.

Mas disse com suavidade.

Então sua mão pegou a cabeça dele, desceu pela nuca. Ela estava junto dele. Ele sentiu seu hálito de vinho e sentiu o calor subir de seus ombros nus, onde a tocou. Então a areia os envolvia, e havia o brilho do sol e a faísca do contato de pele com pele.

— Diga que me ama — falou ele. — E eu conserto as coisas. Juro por Deus.

— Eu o amo — murmurou ela. — Você nem imagina quanto. Mas não sei se dá para consertar as coisas.

Então ela disse mais alguma coisa, mas ele não conseguiu ouvir. Não conseguia ouvir nada salvo o sangue lhe subindo à cabeça. Sentiu a pulsação no pescoço dela se acelerar sob sua mão, como o som rouco da própria respiração. E então ela estava se mexendo embaixo dele, o rosto virado para o outro lado. E então ele já não olhou mais. Ficou cego, e só conseguia sentir aquilo percorrendo seu corpo e o dela.

Quando acabou, Nick se levantou e foi mergulhar no mar. Hughes foi atrás, estendendo os braços para ela embaixo d'água, mas ela já estava se afastando. Nick então virou-se para a praia, arrastando a mão na água. Ele nadou em direção a ela, devagar dessa vez, e quando a alcançou, ela passou o

braço em volta do seu pescoço e lhe deu um beijo. Sua boca tinha gosto de azeitona.

— Gostei da cor do casco — disse Nick, apontando para o barco com um gesto de cabeça.

— Eu me inspirei nesses dois aqui — disse Hughes, passando o polegar de leve por sua pálpebra. — Cor de cobra de jardim.

Nick riu e se esquivou embaixo das ondas, voltando à tona com a cabeça escura, lisa e redonda.

— Acho que é a primeira vez que me chamam de cobra de jardim. É uma boa descrição. — Ela pôs-se a nadar de volta para a praia, e então gritou por cima do ombro: — Vai querer esses malditos ovos agora, Hughes Derringer? Ou vou ter que comer tudo sozinha?

* * *

Foi o tipo de dia do qual não é preciso se distanciar para saber que foi bom. A baía estava calma, e a única coisa que se via eram as dunas se elevando do outro lado e, de vez em quando, as gaivotas vindo da relva da praia para avisar que ficassem longe de seus filhotes.

Mais tarde, depois do almoço e da sesta, Nick pegou um livro para ler. Em sua mão aberta, via a aliança de brilhantes cintilando no dedo.

— O que está lendo?

— Poemas. Wallace Stevens.

— Leia um pouco para mim.

— Você não trouxe nenhum livro? — E olhou para ele com um beicinho de reprovação.

— Não deu tempo.

— Azar o seu, querido.

— Seja companheira.

Ela passou algumas páginas.

— Lembra-se desse? Chama-se “Depressão antes da primavera”. “O galo canta,/ mas nenhuma rainha se levanta./ Minha loura tem cabelos/

Deslumbrantes,/ Como o cuspe das vacas/ Costurando o vento.”

— Baba de vaca?

— Acha o quê, que cobra de jardim é melhor?

— Não sei, mas cobra é uma... uma criatura mais sexy, eu acho. Já vaca...

— Você não é nenhum poeta, hein, querido? Pense em toda aquela saliva translúcida saindo da boca cor-de-rosa do bicho. Como uma teia, sei lá.

— Tudo bem, tudo bem. Tenha piedade.

— Ho! Ho!

— Ho, ho mesmo.

Nick riu.

— Está bem, chega. Não vou ler mais nada para você.

— Vou sobreviver. Não sei como, mas vou.

— Encha os copos de vinho e cale a boca.

Hughes se levantou e pegou a garrafa, esvaziando no copo de Nick o que ainda havia. Olhou para o horizonte.

— Acho que é melhor não demorarmos muito aqui.

— Sim, as crianças já devem estar em casa. E Helena... — Ela deixou a frase no ar. — Hughes, nunca me lembro de lhe perguntar: você foi falar com o xerife? Sobre Ed?

— Não.

— Mas vai falar?

— Vou.

— Hoje? Quando voltarmos?

— Tudo bem. Se é isso que você quer.

Ele ficou olhando enquanto Nick guardava cuidadosamente tudo de volta na cesta de piquenique, e sentiu necessidade de protegê-la, de tudo e de todos. Esticou o braço e limpou a areia grudada na dobra do joelho dela. Ela riu para ele.

— Vamos — chamou ela, dando-lhe a mão.

E, de mãos dadas, eles deixaram a praia deles.

* * *

Hughes desceu a Main Street a caminho do gabinete do xerife, tentando imaginar o que diria quando chegasse lá. Parecia meio bobo, ir ao xerife por causa de Ed, e isso também o deixava nervoso, embora ele não soubesse bem por quê.

Abriu a pesada porta e foi até a escrivaninha desarrumada à entrada. Um policial que não devia ter mais que dezoito anos rabiscava no livro de registros a sua frente, um ar de extremo enfado.

— Olá — disse Hughes.

— Olá, senhor — disse o rapaz, sem se perturbar por ter sido apanhado desenhando conchas durante o expediente. — Em que posso servi-lo?

— Vim falar com o xerife Mello, ele está por aí?

— Seu nome, senhor?

— Hughes Derringer.

— Vou ver se ele está disponível.

Pelo vidro, Hughes via o xerife Mello sentando a sua mesa folheando uma papelada.

— Ótimo — disse Hughes. — Obrigado.

O policial entrou no gabinete do xerife e fechou a porta ao passar. Hughes via o rapaz movendo os lábios e o xerife Mello que agora o olhava através do vidro. O xerife levantou a mão para Hughes e se levantou da cadeira, passando pela porta atrás do policial.

— Sr. Derringer — disse.

— Xerife Mello.

— O que posso fazer pelo senhor?

Hughes olhou para o jovem recruta. Ele tinha um pedacinho de papel grudado no queixo, um corte que se autoinfligira ao se barbear pela manhã.

— Podemos conversar em sua sala?

— Claro — disse o xerife Mello. — Primeiro o senhor.

As janelas nos fundos da sala davam para um gramado crestado e malcuidado.

— Sente-se, Sr. Derringer — disse o xerife, indicando uma cadeira de madeira em frente a sua mesa.

A cadeira era um pouquinho apertada, e Hughes teve que se ajeitar para encontrar uma posição confortável.

— Olhe, sinto muito incomodá-lo com isso. Eu estava meio reticente quanto a vir aqui. Tenho certeza de que o senhor tem coisas mais importantes a fazer...

O xerife limitou-se a olhar para ele, os olhos azuis firmes, sem piscar. Tinha o uniforme azul manchado de suor embaixo dos braços, o que fez Hughes sentir-se vagamente inquieto.

— Bem, é sobre o filho de minha prima, Ed Lewis. A mãe dele está meio preocupada com todo esse incidente da empregada.

— Estou entendendo — disse o xerife. — Como as crianças estão levando a situação?

— Eles estão bem. Na verdade, é quase como se o episódio todo nem tivesse acontecido.

— Crianças — disse o xerife. — Mais duras que coco.

— É — disse Hughes, tornando a se ajeitar. — É o seguinte: acho que o que a Sra. Lewis gostaria de saber sobre o filho dela... Bem, parece que Ed disse que o ajudou, e a Sra. Lewis se pergunta o que ele pode ter visto. Na verdade ela está bem preocupada com isso.

— Está?

Hughes sentiu como se tivesse novamente quatorze anos, sentado diante do diretor da escola.

— Está. Então se, bom, se o senhor pudesse tranquilizá-la quanto a isso, acho...

— Compreendo a preocupação da Sra. Lewis com o filho — disse o xerife Mello, em tom neutro. — Mas eu estou, como foi que o senhor disse mesmo? Reticente? Sim, foi isso. Estou reticente para discutir certas coisas, ainda mais se forem fofocas sem fundamento.

— Claro — disse Hughes, sem saber se isso significava que ele ia lhe contar ou não.

— No entanto, como o senhor é da família... — O xerife reclinou-se na cadeira. — É engraçado, eu morei aqui a vida toda. Mas vejo que essa expressão tem um sentido totalmente diferente para cada pessoa.

Hughes não fazia ideia de sobre o quê o xerife estava falando, mas se viu agarrando com força os braços da cadeira.

— É mesmo?

— É mesmo. — O xerife não moveu um músculo. — Enfim — disse afinal —, a questão, Sr. Derringer, é que quando perguntei a Ed se ele tinha visto mais alguém lá, onde a moça foi encontrada, ele me disse que vocês dois iam passear no local com frequência.

— Estou entendendo.

Hughes sentiu o coração palpitando no peito.

— Então, na verdade, ainda bem que o senhor veio aqui. Já me poupa uma viagem até a sua casa.

— Ah.

— Quer me falar sobre isso?

— Os passeios? — Hughes olhou para o teto, como se tentasse se lembrar. — Eu não diria que isso é inteiramente verdade. Nós realmente demos um passeio uma vez pelo Sheriff's Meadow, no início deste verão. Uma conversa de homem para homem. O pai do garoto é... bem, meio ausente. O senhor sabe.

— É mesmo? Algum problema com o pai do garoto?

— Ele só não é, não sei, muito bom como pai, eu acho.

O xerife Mello olhou para ele por um instante e, nitidamente tomando uma decisão, concordou com um gesto de cabeça.

— Certo. — Ele recostou-se na cadeira. — Bem, Ed também nos contou que talvez, ele não tinha certeza, veja bem, que talvez pudesse ter visto Frank Wilcox lá uma vez. Mas não se lembrava direito.

Hughes prendeu a respiração, esperando que o xerife desse mais detalhes. Como ele não disse mais nada, Hughes perguntou, afoito:

— E...?

— E o quê? — O xerife sorriu.

— O que Frank disse? Quer dizer, se puder me contar. Não é da minha conta...

— Bem, Sr. Derringer, parece que o Sr. Wilcox passou a noite inteira em casa com a Sra. Wilcox. Isto é, claro, segundo a Sra. Wilcox...

Esta última frase ficou pairando no ar como uma pergunta.

— Certo.

— Então, em síntese, é isso. As informações que Ed nos passou não são muito conclusivas, se é que o senhor me entende. — O xerife inclinou a cabeça. — Isto é, a menos que o senhor saiba de alguma coisa que possa nos ajudar.

— Hum, não. Gostaria de poder ajudar. Mas não sei de nada.

— Por exemplo, o senhor poderia saber alguma coisa sobre a vida particular do Sr. Wilcox que nós não sabemos. Alguma coisa insignificante, até. Ou talvez haja algo que o senhor queira nos contar sobre seu sobrinho.

Hughes ficou calado. De forma alguma iria se envolver naquela confusão mais do que o necessário.

— Sabe, Sr. Derringer, uma comunidade é como uma família. E família, como eu disse, cada um vê de uma forma diferente. Mas minha explicação para isso é que quando alguém da sua família faz uma coisa muito errada, não adianta esconder. Só piora as coisas para todo mundo.

— Eu realmente gostaria de poder ajudá-lo.

— Pois muito bem.

Hughes fez menção de sair, mas depois parou. Sabia que não deveria falar mais nada, mas não se conteve:

— E suponho que os amigos ou a família dela... da empregada, quero dizer... Elena Nunes. Imagino que eles não tenham nada a dizer. Sobre esse assunto.

— Não. Não conseguimos nada com eles.

— Uma comunidade discreta, pelo visto.

— Uma comunidade discreta. — Dessa vez o xerife deu uma gargalhada. Um ruído seco. — Qual delas?

* * *

Hughes saiu correndo para o ar quente da tarde. Estava uma pilha de nervos. Deveria ter ido ao xerife contar sobre Frank logo que a empregada aparecera morta. Agora via isso. Mas andara distraído. Além do mais, parecia que Frank

tinha um álibi, segundo o xerife. Hughes só não sabia se acreditava nisso. O xerife Mello com toda certeza não acreditava.

Ele pensou no xerife. Conhecia-o desde garoto, quando Rick Mello ainda empacotava compras no mercado local. No entanto, o homem o fizera sentir-se culpado. Não era culpa dele que o gabinete do xerife não tivesse feito absolutamente nada em relação a Frank Wilcox. Mesmo se ele os tivesse visto ir até as quadras de tênis, isso não provava nada. E se Etta estava disposta a testemunhar em favor do marido, então... E Ed? Pelo que ele falara, parecia que tinham passeado juntos pelo país inteiro. Será que ele poderia estar sinceramente tentando ajudar e só havia exagerado? Mas não, Hughes no fundo sabia que o garoto não batia bem. Nada bem. Pensou naquele camundongo com o palito na cabeça. Precisava de uma bebida.

Entornou dois gins-tônicas no Reading Room e depois foi para casa. O sol ainda não se pusera de todo. Estava traçando listras de um cor-de-rosa bem vívido no céu, como a pintura a dedo de uma criança.

Ao se aproximar da casa, ele viu Nick na varanda da frente, ainda de maiô e short, debruçada sobre um garoto e cochichando algo em seu ouvido. O cabelo do garoto era quase cômico, espetado para cima como se tivesse sido endurecido com clara de ovo. Algum amigo de Daisy, imaginou. Hughes sorriu para a expressão de adoração no rosto dele, erguido para Nick. Sabia como o garoto se sentia.

Ainda sem se sentir pronto para a sessão de perguntas e respostas que sabia estar a sua espera, Hughes deu a volta na casa até a porta dos fundos e subiu. Após tomar um banho e se barbear, armou-se de coragem e foi procurar Nick e Helena, que estavam bebendo juntas.

— Olá, querido — disse Nick. — Como foi com o xerife Mello?

Helena olhou também, um ar de expectativa nos olhos doces. E preocupados, ele notou.

— Foi tranquilo — disse Hughes, encaminhando-se para o bar.

— Tranquilo? — ecoou Nick. — Não seja tão evasivo. O que ele disse?

— Nada — respondeu Hughes, deixando cair três cubos de gelo em um copo baixo.

— Como assim, nada? Você ficou fora quase duas horas.

— Ed não falou nada e não sabe nada — disse Hughes. — O xerife só estava sendo indulgente com ele. Deixando que brincasse de detetive, esse tipo de coisa.

Helena recostou a cabeça na *bergère*, com algo que parecia alívio em sua expressão.

— Pois então está tudo bem — disse Nick, a voz chamando-o de volta para a sala.

— Sim — disse Hughes. — Está tudo bem.

1959: agosto

Conforme a festa se aproximava, Nick parecia se perder nos detalhes das lanternas chinesas, do polimento da prataria, das hortênsias brancas. Hughes às vezes a flagrava acordada no meio da noite, a pequena lâmpada de leitura acesa, revendo o menu pela centésima vez.

O papel dele era ficar calmo e se preparar para a tempestade. Porém, na noite anterior à festa, ele precisava de um pouco de descanso de tudo aquilo.

Nick estava na sala de jantar, polindo novamente o serviço de prata. Acabara de repreender Daisy por causa da bagunça que reinava no quarto dela, e Hughes aproveitou a oportunidade para assaltar a geladeira e o bar, depois foi para a casa de barcos tomar um porre de uísque *sour*. Lá chegando, encontrou Helena, também se escondendo.

— O que você tem aí? — sussurrou ela, apontando para a garrafa de uísque e a tigela de açúcar que ele trazia.

Hughes riu.

— Não precisa sussurrar, Helena. Ela não pode nos ouvir de lá.

— Adoro Nick, mas não suporto toda essa... essa correria — disse Helena.
— Mas enfim, o que é isso?

— Uísque *sour*.

— Eu adoro! — disse Helena, quase com nostalgia.

— Eu também. — Ele tirou dois limões do bolso de trás da calça. — Droga — disse, olhando em volta. — Esqueci o gelo.

— E a coqueteleira.

Helena levantou as mãos, sobrancelhas erguidas, o próprio retrato da tragédia.

— Não — disse Hughes, piscando para ela. — Eu guardo uma aqui, atrás daquela âncora velha, para emergências. Mas gelo é um problema.

— Eu posso cumprir essa missão. — Helena sorriu para ele.

— Será que devemos arriscar?

— Espere aí.

Helena se levantou e saiu andando teatralmente na ponta dos pés, o vestido estampado ondulando atrás dela.

Hughes soprou dentro da coqueteleira para tirar a poeira, depois colocou ali dentro o açúcar, o uísque e o limão, e aguardou.

Helena finalmente voltou com o pequeno balde de gelo que Nick planejava usar no jantar. Hughes a vira polindo-o mais cedo.

— Eu sei, eu sei — disse ela. — Mas não tive opção. O outro era muito grande.

Hughes deixou cair alguns cubos de gelo na coqueteleira e depois chacoalhou-a com vigor. Serviu os drinques em dois copos plásticos de piquenique.

— Madame — disse, entregando um deles a Helena.

Ela deu um gole.

— Hughes, você é mesmo um assombro com a coqueteleira.

Ficaram sentados em silêncio por um instante, aproveitando a tranquilidade e os drinques fortes.

— Então, Helena — disse ele afinal —, como vai a vida?

— Como assim?

— Sei lá. Tudo. Nada.

— Tudo e nada — repetiu ela. — Acho que estou feliz por ter acabado tudo bem com a moça. Para Ed, quero dizer. Sei que não acabou bem para ela.

— Eu entendi.

— Às vezes eu me preocupo com ele.

Helena esvaziou o copo, e Hughes reabasteceu a coqueteleira.

— Bem, tenho certeza de que vai fazer bem a ele ser escoteiro. — Hughes queria mudar de assunto. — Colocá-lo um pouco na linha.

Helena ergueu os olhos de um jeito incisivo.

— Acho que ele não precisa ser posto na linha.

— Não, bem...

— Talvez ele não seja igual a todos os outros garotos da idade dele, mas por que isso deveria fazer diferença? Ele é livre.

— Livre de quê? — Nossa, ela às vezes não batia muito bem.

— Livre de... sei lá, do que os outros querem que ele seja. Avery diz... — mas ela não terminou a frase. — Deixa para lá.

Ela estendeu o copo vazio.

— Ah — disse Hughes, espremendo diligentemente mais suco de limão.

— Hughes — a voz de Helena tornou-se menos áspera —, estamos realmente precisando de dinheiro. Você poderia falar com Nick para mim?

— Vou falar, sim — disse Hughes, dando um tapinha na mão dela, uma ideia se formando em sua mente. — Agora me dê esse copo vazio.

* * *

A manhã seguinte foi sofrida. Logo cedo, Nick já estava de pé, mandando as crianças saírem da cama, e Hughes desceu para ajudar com o café da manhã. A intenção dele era falar com ela sobre a ideia que tivera, mas quando a viu entrar na cozinha, percebeu que não era o momento.

Então, em vez de abordar o assunto, pegou o carro e foi buscar os músicos em Vineyard Haven. Eram uma banda de ragtime recomendada por Dolly, os Top Liners ou algo parecido. Ele esperou encostado ao meio-fio, observando a *Islander* atracar, os marinheiros correndo para o cais para abaixar a rampa.

Ficou vendo vários carros desembarcarem, e depois os passageiros. Hughes pôde facilmente reconhecer os músicos no pequeno grupo: estavam de calça jeans e carregando os instrumentos em estojos velhos e surrados. Pareciam de ressaca, assim como ele. Hughes se aproximou.

— Olá, rapazes.

Os músicos franziram a testa para ele, quase ao mesmo tempo.

— Sr. Derringer?

A pergunta partiu do que carregava o estojo de banjo.

— Eu mesmo. O carro está ali.

Eles então colocaram os instrumentos na mala e entraram no carro, três atrás, dois na frente com ele. Hughes deu a partida.

— Cara... — Um dos rapazes atrás deixou escapar com um longo suspiro.

— Quente, quente, quente, disse o tocador de banjo, marcando o ritmo de suas palavras no joelho.

Eram todos bem jovens. Vinte e poucos anos, calculou Hughes. Um dos rapazes a seu lado parecia estar dormindo, a cabeça despenteada jogada para trás no banco. O outro, de cabelo escuro e olhar tristonho, passou a mão no revestimento da porta.

— De onde vocês são?

Hughes olhava para os rapazes sentados atrás pelo espelho retrovisor.

— De todo canto — respondeu o moreno, ainda passando a mão no tecido da porta.

— É — disse o tocador de banjo. — Daqui, dali, de todos os lugares.

Mais um *tap tap tap* no joelho.

A banda inteira riu. Hughes manteve os olhos na estrada. Nossa, Nick ia matá-lo se eles aparecessem na casa assim.

— Vocês querem parar para tomar uma Coca?

— Uma Coca? — O moreno riu. — Não, obrigado.

* * *

Quando estacionou na entrada para carros da Tiger House, Hughes viu Nick parada à porta de tela, como se estivesse à espera deles.

O tocador de banjo assobiou.

— Bela casa.

— Olá — disse Nick, atravessando o gramado para cumprimentá-los enquanto eles saltavam do carro aos empurrões.

Os músicos olharam para ela, olhos esbugalhados. Hughes levou a mão ao rosto.

— Sou Nick Derringer. Qual de vocês é o Tom?

— Sou eu — disse o moreno, equilibrando-se para trás nos calcanhares, o estojo do trompete balançando em sua mão.

Nick olhou para eles e tornou a olhar para Hughes.

— Vocês ficam aqui — ordenou. — Querido, posso falar com você um minuto?

Quando entraram na casa, ela virou-se para ele e botou as mãos nos quadris.

— Eles estão chapados — disse ela, inflamada, como se Hughes fosse o responsável.

— Quem me dera estar também — disse Hughes. — Não foi você que teve que aguentar esses caras dentro do carro até aqui.

— Droga, não tem graça.

— Eu não estou rindo — disse ele, contendo um sorriso.

— Você pode descolar uma garrafa de gim e ficar bem doido, se é o que quer — disse Nick asperamente.

— Esses são os músicos?

A cabecinha de Daisy apareceu no corredor.

— Daisy Derringer, vá varrer a calçada da frente, como lhe pedi — disse Nick, e entrou na cozinha, onde as moças portuguesas preparavam a comida. — Será que vocês podem providenciar um chá gelado para os rapazes lá fora tomarem? Ah, e uns sanduíches. Mas não deem a eles os canapés. Tem pasta de presunto na despensa, eles podem comer isso. E, pelo amor de Deus, não deixem que entrem na casa.

Hughes ficou no corredor, massageando as têmporas. Sua cabeça ainda latejava.

— O que posso fazer para ajudar? — perguntou, torcendo para que isso incluísse um saco de gelo e um quarto escuro.

Nick apareceu à porta da cozinha.

— Você poderia ajudar os homens a montar o palco para a banda. Não deixe que eles montem tudo torto, como no ano passado.

Hughes assentiu. Na varanda da frente, encontrou um cooler cheio de cerveja no gelo; o entregador devia tê-lo simplesmente deixado ali, sem se dar o trabalho de avisar a ninguém. Ele enfiou a mão no gelo, pegou uma garrafa e

abriu-a com o canivete suíço. Depois, sentou-se na varanda e começou a meditar sobre seu plano para Ed. Algo que Helena dissera na noite anterior, sobre ser livre, o fizera pensar.

Ed precisava ir para um colégio interno, e Hughes precisava pagar o colégio, só isso. Era o único jeito de ele ganhar um mínimo de controle sobre o garoto. Com Ed no colégio, Hughes podia receber relatórios de comportamento e ficar de olho nele. Se fosse apenas um babaca petulante, o garoto não se safaria por muito tempo ali. E se fosse pior que isso, se fosse algo mais que apenas mau comportamento, a verdade apareceria. O plano o fez sentir-se bem. A vida era sempre melhor quando se tinha um plano.

Ele viu Daisy à toa junto à cerca. O fato de ela obviamente não estar varrendo a calçada o fez sorrir.

— Ei, amorzinho! — gritou da varanda. — Cadê seu primo?

— Não sei — disse Daisy, olhando para ele. — Sumiu. Falou que ia olhar as ratoeiras.

Hughes afastou a imagem da cabeça. Já bastava: ele daria uma lição ao menino sobre liberdade. Escondeu a garrafa de cerveja vazia na roseira e foi ver como estava o palco para a banda.

* * *

No final da tarde, quando a casa passara do alvoroço ao silêncio total, Hughes subiu para tomar banho e se trocar para o jantar. Estava no quarto penteando o cabelo molhado quando Nick voltou do banho.

— Espere só até ver meu vestido — disse ela, rebolando para vestir a combinação. — É divino.

— Pode me ajudar com isso aqui?

Hughes pegou as abotoaduras e deixou-as cair na mão dela. Ela esticou a manga da camisa, unindo as pontas dos punhos.

— Andei pensando — disse Hughes. — Sobre Ed. Sobre o que você disse, que provavelmente ele precisava de um pouco mais de estrutura.

— Eu falei isso? Acho que quis dizer que ele precisava de um pai, um pai de verdade.

— Bem, quanto a isso não podemos fazer muita coisa. Mas eu estava pensando: Ed podia ir para um colégio interno. Assim ele sairia daquela casa, ficaria longe de Avery.

— Ah, Hughes, eles não podem bancar isso.

Ela colocou a segunda abotoadura.

— Não, mas nós podemos. — Ele tomou a mão dela na sua, e Nick olhou para ele. — Seria uma coisa que faríamos por Helena, para facilitar a vida dela, sem ter que dar dinheiro algum para Avery.

— Será que podemos bancar isso?

— Podemos dar um jeito.

— Não sei... — disse ela, balançando ligeiramente a cabeça. — Talvez Helena não aceite isso muito bem.

— Ela mesma disse que tem andado preocupada com ele.

Hughes soltou a mão de Nick e começou a arrumar a gravata-borboleta.

— É, isso é verdade.

— Ela é da família, Nicky. É o mínimo que podemos fazer. E o fato de Ed estar fora de casa poderia colocar a situação com Avery, sei lá, mais em evidência.

— Você acha?

— É possível.

Hughes a observava.

— É muito generoso de sua parte, querido. E mostra que você se importa.

— Sei o quanto você gosta dela.

— É — disse Nick. — Gosto sim. Ah, Hughes, e se ela tiver uma chance de ser feliz de verdade?

— Vamos com calma.

— Sim, sim. Tem razão, o plano é ótimo mesmo. Às vezes você é muito inteligente.

— Eu tento. — Ele sorriu para Nick.

— Vou falar com ela hoje à noite. Antes do jantar.

Hughes foi procurar os músicos para dizer a eles que podiam mudar de roupa na casa de barcos. Não seria surpresa se os visse correndo pelo gramado dos fundos de cueca. Iriam embora na última barca, e ele combinara com um homem na cidade para buscá-los ali na Tiger House.

— Quando tiverem terminado, vocês podem trazer as suas coisas de volta para cá e ele põe tudo no carro — informou Hughes.

— Com certeza, Sr. Derringer — falou o moreno, sem erguer os olhos do trompete.

Hughes tinha vontade de dar um bom tabefe no garoto, mas fez uma expressão neutra e aguardou até eles sumirem. Então, catou as garrafas vazias e as pontas de cigarro espalhadas e foi para a cozinha jogar tudo fora.

Uma das portuguesas o observou, balançando a cabeça como se lamentasse.

— Concordo — disse Hughes. — Gente meio duvidosa.

A moça limitou-se a sorrir para ele.

Faltavam alguns minutos para os convidados do jantar começarem a chegar, e Hughes foi à sala azul preparar uma bebida para si.

— Olá. — Foi até Nick e Helena, que estavam ali sentadas, e abaixou-se para lhes dar um beijo no rosto. — Vocês duas estão lindas.

Nick usava um vestido azul-anoitecer entremeado com fios de ouro. Estava radiante.

— Olá, querido.

— Você tinha razão — disse Hughes —, esse vestido é deslumbrante.

Helena se levantou e foi até o bar.

— Eu faço isso — disse Hughes, mas ela o dispensou com um gesto, ao que ele foi se sentar ao lado da esposa. Nick sorriu para ele.

— Você está... — sussurrou ele no ouvido dela.

— O quê? — sussurrou ela em resposta.

— Não sei... arrasadora.

Ela inclinou a cabeça ligeiramente para trás e entreabriu os lábios pintados de vermelho. Ele queria que Helena fosse embora e não houvesse festa, queria só ficar ali sentado com ela e aspirar sua doçura até os relógios pararem.

Quando os Pritchard apareceram, e depois os Smith-Thompson, Hughes mal conseguia se concentrar na conversa. Mas logo viu que sua felicidade não

era exclusiva; começava a se expandir para incluir Helena, e seus amigos, a noite quente de verão e a expectativa da festa. Nick pusera Count Basie para tocar, e o fluir e refluir do jazz enchia a sala, juntamente com o barulho alegre do gelo batendo no vidro.

Ele ficou olhando a esposa circular entre os convidados, pousar a mão no braço de Dolly aqui, na cintura de Caro ali, abaixando a cabeça para ouvir com atenção algo que Arthur dizia e depois rir para Rory quando ele derramou a bebida no tapete oriental. Tudo parecia bom e certo. Como se fosse durar para sempre.

Durou só até o jantar, quando a conversa voltou-se para Frank Wilcox e aquele maldito assassinato. Dolly trouxe o assunto à baila, e Caro disse uma bobagem sobre a vontade da moça de pescar um peixe graúdo, e Nick entrou em um campo sombrio, praticamente acusando os convidados de cumplicidade no crime.

Hughes tentou contornar o clima que se instalava, servindo mais vinho e fazendo piadas, mas viu que não havia mais como recuperar o ânimo de Nick aquela noite. Isso o deixou zangado. Caro era boazinha, mas era também uma tonta, e não havia por que Nick estragar tudo por causa de um comentário tolo e inconsequente.

Quando terminou o jantar e todos passaram ao jardim para se unir aos demais convidados, que estavam chegando, e ouvir a primeira canção da banda, Hughes puxou Nick na varanda e a pressionou:

— Nick, o que foi?

— Do que está falando? — Ela se recusava a olhar para ele.

— No jantar.

— Sinto muito — disse ela, torcendo o tecido do vestido entre os dedos.

— É mais forte que eu. Toda vez que penso na coitada daquela moça, simplesmente não consigo... respirar.

Hughes viu que ela estava quase chorando.

— Tudo bem, tudo bem. Nossa. Não tem problema. Não precisa ficar nervosa.

— Mas eu estou nervosa, droga. — Ela se voltou contra ele. — Por que você não consegue entender o que aconteceu? Não consegue sentir? Como se

tudo que é bom fosse... Como se houvesse um significado maior por trás disso. Como se tudo estivesse ficando contaminado. Por que você não consegue enxergar?

— Nick, você não pode, sei lá, ficar obcecada por isso. Ele é só um merda, e o que aconteceu com aquela moça é uma tragédia. Mas é só isso. Nem mais nem menos.

Nick olhou-o como se ele estivesse falando outra língua, mas depois assentiu lentamente com a cabeça.

— Claro, você tem razão, querido. É bobagem minha.

Ele sentiu-a ainda mais distante, mas não havia o que pudesse fazer a respeito.

— Vamos cuidar de nossos convidados — disse ela secamente, alisando uma ruga invisível no vestido. — Não é adequado a anfitriã da festa ter uma crise de choro na varanda, não é?

— A anfitriã é perfeita — disse ele. — Talvez só precise de uma taça de champanhe.

Dando-lhe o braço, ele a conduziu até o gramado da frente. Foi até o bar pegar duas taças de champanhe, mas, quando voltou, Nick havia sumido.

Enquanto a procurava em meio às pessoas, Hughes viu Arthur Smith-Thompson se dirigir até ele.

— Olá, olá.

— Achou o bar, hein? — comentou Hughes, dando-lhe um tapinha nas costas.

— Com certeza. — Ambos olharam em volta, observando a festa por um instante, depois Arthur acrescentou: — Conheci aquela moça. A empregada.

Quando Hughes virou-se para ele, Arthur desviou o olhar.

— Ela trabalhou lá em casa o verão passado.

— Ah, foi? — disse Hughes. — Eu não sabia.

Arthur fez que sim com a cabeça.

— Sim. Elena. Ela era... — Ele fez uma pausa, depois concluiu, baixinho: — Era o tipo de garota que a gente não consegue deixar de olhar.

A música chegava até eles, preenchia o ar.

— Eu não me surpreenderia se tivesse sido Frank. O culpado.

Ele engoliu o restante da bebida. Hughes o fitava.

— Ela era assim. Sedutora, digamos assim. Atraía você e depois o jogava de lado.

Havia uma amargura em seu tom que fez Hughes sentir-se meio mal.

— Sabe como é? — disse Arthur.

— Não sei se sei.

— Só espero que Frank não tenha caído nessa. Seria uma vergonha danada para ele. Porque, sabe, Caro não deixa de ter razão. Mais dia menos dia ia dar algum problema, aquela moça correndo atrás de homens casados. É isso que me mata. Essa gente por aí, bagunçando tudo. Primeiro querem isso, depois aquilo. Nunca param e olham em volta para ver que tem mais gente ali, sabe?

— Bem, acho que não podemos culpar a coitada da moça por ter sido assassinada — disse Hughes.

— Mas é *esse* tipo de garota — insistiu Arthur, com veemência. — Nunca se dão conta do que têm. Sempre querem algo a mais.

Hughes olhou para o amigo. A expressão de Arthur se fechara. Ele pensou em Eva, depois em Nick. Então, de repente, entendeu o que a esposa tentara lhe dizer. Precisava encontrá-la.

— Com licença, Arthur — disse Hughes. — Vou ver se Nick está precisando de alguma ajuda.

— Claro — disse Arthur, mas não estava ouvindo. A festa se desenrolava bem e Hughes levou uma eternidade para conseguir atravessar o gramado, parando a toda hora para cumprimentar um ou outro convidado. A banda tocava uma canção de Noël Coward, e Hughes se perguntou, um tanto tardiamente, como planejavam tocar ragtime sem piano. Riu. Eles tinham sido enganados. Mas não tinha importância; as vozes dos convidados eram um rugido grave, a fila para o bar estava longa, mas não demais, e os casais haviam começado a dançar alegremente o que quer que os Top Liners cismassem de tocar.

Ele procurou o cabelo escuro e o vestido azul de Nick entre os paletós brancos e os vestidos de seda em tons pastel, mas em vão. Quando chegou ao bar, encontrou Daisy e sua amiguinha de franja escura. Estavam ali à toa, provavelmente tentando imaginar um meio de pegar champanhe escondido.

— Olá, meninas.

A amiga de Daisy tinha um jeito engraçado, teatral e encantador, respondendo a todas as perguntas dele como se estivesse em uma peça. Isso o fez sorrir, mas Daisy pareceu constrangida.

Ele ficou com pena e pediu ao barman para pingar umas gotas de vinho em um copo d'água e mandou-as saírem dali para irem ouvir a banda.

Continuou apertando mãos e beijando rostos, mas começava a ficar cada vez mais desesperado para encontrar Nick. A certa altura viu-a ao lado do palco, falando com a filha e aquele garoto, o que tinha uma quedinha por ela. Mas quando chegou lá, eles já haviam ido para outro lugar. Era como em um sonho, em que a pessoa tenta correr, mas só consegue andar em câmera lenta.

Esquadrinhava o gramado pela centésima vez quando Dolly Pritchard o encontrou.

— Olá — disse Hughes. — Estou em uma caça ao tesouro atrás de minha esposa, mas ela só me escapa.

— Ih... — disse Dolly. — Isso não parece nada bom.

— Não — disse Hughes. — Não é nada bom.

— Sabe, acho que ela disse que ia para a casa de barcos se refrescar um pouco.

A banda fizera um intervalo, e agora só se ouviam risadas e o burburinho das conversas preenchendo a noite. Hughes apertou os olhos na direção do cais e da estreita faixa de praia, tentando ver se Nick estava molhando os pés na água. Ela fazia isso às vezes quando tinha bebido demais. Dizia que ajudava a quebrar o efeito do álcool.

— Os dedos dos pés são muito sensíveis, sabe? — dizia ela. — Quase todo mundo os ignora, mas na verdade são o nosso primeiro contato com o chão todos os dias. São como antenas.

Hughes pensou em todas essas pequenas coisas, pequenas fantasias dela, centenas, milhares, uma infinidade. Como ele pudera não ver tudo isso? Pensou de novo no que ela dissera a respeito do estrago geral causado pelo assassinato. Agora sabia o que ela queria dizer, mas ela estava errada. Nada mudara, na verdade. Era só que, quando acontece uma coisa assim, é preciso tomar partido. E quando se trata de amigos, é preciso fazer isso com um sorriso

no rosto, fingindo estar em feliz acordo. Era isso que dificultava, toda a tensão do fingimento e da falsa compreensão. Hughes começava a se dar conta de que ele próprio era melhor em não tomar partido. Usara Eva como uma armadura contra Nick, contra a possibilidade de não ser quem desejava ser. E o tempo todo ela estivera ali, esperando, como algo congelado em âmbar.

Ele sentiu um puxão urgente na manga do paletó e se virou. Daisy estava parada a seu lado, olhos arregalados.

— Cadê a mamãe? — A voz dela era estridente, desesperada.

— Daisy. — Pegou-a pelo ombro, uma sensação de pânico subindo dentro dele. — O que foi?

— Cadê a mamãe? Eu preciso da mamãe.

— Não sei, florzinha. — Hughes tornou a olhar para o gramado. — Acho que ela disse que estava indo para a casa de barcos se refrescar um pouco.

A filha se desvencilhou dele e saiu correndo em direção à enseada. Ele chamou seu nome, mas ela não se virou. Por alguma razão, a mente dele voltou ao telefone tocando na casa da Traill Street, à sensação do fone frio colado a seu ouvido. Ele hesitou por um instante e depois foi correndo atrás dela, deixando para trás os convidados que o chamavam.

Foi para o outro lado da casa de barcos. Dali, via o chuveiro externo delineado contra o céu. Ouviu a água correndo nos canos. Nick devia estar no chuveiro, o que também significava que devia estar bêbada.

Quando seus olhos se adaptaram à escuridão, ele viu outra pessoa: Ed, colado às tábuas de madeira que protegiam o chuveiro, olhando lá dentro. Hughes ficou paralisado. Sentia as substâncias químicas em sua corrente sanguínea, contraindo seus membros e estreitando seus pulmões. Então, do nada, Daisy surgiu vindo da ponta do cais, e Hughes viu-a estacar de súbito. Ela começou a resmungar algo que mais parecia uma ladainha, e Hughes viu Ed se virar ao ouvir a voz dela. Ele sabia que precisava se mexer, fazer alguma coisa, mas suas pernas tinham virado chumbo.

As duas crianças agora se encaravam, como se estivessem se comunicando em uma espécie de linguagem secreta e silenciosa. Ele ouviu Nick começar a cantar no chuveiro, uma canção doce que já tocara aquela noite.

Então Daisy chamou pela mãe.

Hughes ouviu Ed dizer:

— A curiosidade matou o gato.

Sentiu os músculos se contraírem, se contorcendo dentro dele.

— Mas a satisfação o ressuscitou — retrucou Daisy, baixinho.

Hughes viu Ed inclinar a cabeça, do mesmo jeito que fizera depois que Hughes batera nele.

— O que está fazendo espiando minha mãe, Ed Lewis? Você é tarado? Quem o Sr. Wilcox?

— Não fale no Sr. Wilcox.

A voz do garoto era dura e neutra, mas lhe faltava a zombaria que ele dirigira a Hughes. Estava mais... o quê? Defensiva? Magoada? Ele não conseguia identificar exatamente.

— Aqueles fósforos — continuou Daisy —, os do Hideaway...

O Hideaway, os fósforos, o xerife. Como um trinco sendo acionado, Hughes sentiu os músculos se soltarem, e então saiu correndo.

— Daisy, afaste-se dele. Agora mesmo.

Ele viu a filha recuar rapidamente ao ouvir sua voz. Ed virou-se e o encarou, quase como se estivesse feliz, como se já o esperasse. Hughes agarrou-lhe o braço e, no ímpeto, arrastou o garoto para a praia. Torceu o braço dele em sua mão, com força, sentindo os músculos, tendões e ossos resistindo à pressão, e pensou por um instante em quebrá-lo. Imaginou o estalo que o deixaria satisfeito, a surpresa no rosto de Ed. Teria a sensação de triunfo. Mas escutava os convidados ao longe, então afrouxou um pouco a pressão, e aproximou o rosto do de Ed o máximo possível. Sentia o cheiro do próprio bafo, de álcool, no pequeno espaço que os separava.

— Agora, me ouça. — Hughes arfava. Seu couro cabeludo suava e coçava. — Eu conheço você. Sei o que você é. — Tentava controlar a respiração. — Ah, sei. — Tornou a dar um puxão no braço do garoto, com crueldade. — Então o que vai acontecer é o seguinte. Se algum dia você chegar perto da minha esposa de novo, se algum dia olhar para a minha filha do jeito que olhou hoje, se ao menos respirar na direção delas de um jeito que eu não goste, vou esperar que você durma, vou entrar no seu quarto e quebrar seu pescoço. Quebro e depois digo que você caiu da escada num surto de sonambulismo. —

Hughes julgou ter visto um lampejo de dúvida nos olhos do garoto, um deslizar para o lado como se estivesse considerando a ameaça. — Estamos entendidos?

Ed fez um ligeiro esgar, apenas um pequeno movimento entre o canto da boca e a curva do olho. Ele devia estar machucando o garoto. Começou a se endireitar, preparando-se para soltá-lo após ter dado o recado, mas Ed chegou mais perto, encostando os lábios no ouvido de Hughes.

— Foi tudo pesquisa — sussurrou. — Frank Wilcox e a garota. Minha mãe e o Sr. Fox. Tia Nick e aquele trompetista. Eu vi os dois.

Hughes sentiu toda a sua energia se esvaír, e sua pele pinicou. Ouvia a respiração do garoto durante as pausas.

— Bem que eu falei — prosseguiu ele —, ninguém diz nada que realmente quer dizer. Nada é verdadeiro. — Ed se afastou e olhou para Hughes, como se realmente quisesse que ele entendesse alguma coisa. — Acho... ainda não sei, mas acho que estão fazendo tudo errado.

Hughes sentia o cérebro apagar. Solto o braço do garoto. Ed se endireitou, esfregando o lugar em que Hughes o segurara. Examinou o rosto dele à procura de algo, fez um ligeiro sinal afirmativo com a cabeça e se retirou devagar, voltando para a festa. Hughes ficou plantado onde estava. Ouvia gente rindo. Via as luzes dos barcos na enseada piscando para ele e ouvia o barulho dos mastros ao longe. O trompete gemia na noite. Ele fechou os olhos.

Não saberia dizer quanto tempo ficou assim, sem pensar em nada, a mente vazia. Finalmente, afastou-se da água. Uma lanterna foi acesa na casa de barcos, e ele se encaminhou naquela direção. Viu Daisy sentada no chão, a cabeça no colo de Nick. O cabelo da esposa ainda estava molhado do banho, mas ela usava o vestido de noite, o fio de ouro brilhando à luz da lanterna.

Sem deixar que o vissem, ele encostou na parede e ficou escutando.

— Não me interessa — dizia Daisy. — Eu odeio todos eles.

— Querida — a voz de Nick era mais amável, mais afável do que costumava ser quando ela falava com a filha —, quero que me ouça. Vou lhe contar uma coisa porque um dia pode ser muito importante que você se lembre disso. Se existe alguma certeza nesta vida, é que nem sempre vamos beijar a pessoa certa.

Hughes ergueu os olhos para o céu e um ruído lhe escapou, um som estranho e aflito que ele mesmo não conhecia. Passou a mão nos olhos e depois, empertigando-se, desencostou-se da parede da casa de barcos, dando impulso com as mãos na superfície áspera da tábua.

Encaminhou-se para a porta e adentrou o ambiente iluminado, sentindo o brilho da lanterna na pele pegajosa. O rostinho manchado de lágrimas de Daisy olhou para Hughes do colo da mãe, e Nick sorriu para ele, de um jeito meigo e conspiratório.

— Achei vocês — disse Hughes. — Exatamente onde pensei que estariam. Minhas duas melhores garotas. Estou tão feliz...

ED

1964: junho

Tenho essa imagem de Daisy. É começo de verão e estamos na varanda da Tiger House. Anoitece, e acabamos de chegar do hospital local, onde fomos visitar minha mãe. Já faz tempo que ela está lá; mais do que qualquer um esperava, e com certeza mais do que tia Nick e tio Hughes podem bancar. O hospital é um lugar estranho, e estou tendo uma daquelas sensações de que onde eu estive e onde estou neste momento não têm ligação. Eu me pergunto: como eu estava bem ali naquele lugar e agora estou aqui, em outro?, e nada faz sentido. E eis que olho para Daisy e sinto que exatamente neste momento, enquanto a observo, ela está desabrochando. Bem ali e bem agora, diante de meus olhos. Virando gente, como diria meu pai. Ela não menciona minha mãe nem o hospital. Olha para mim e diz: “Reading Room? Estou louca por uma bebida.” E eu digo: “Ok”, ou algo do tipo. E então ela me dá o braço e sinto a pulseira dela através da manga de minha camisa e isso me causa um arrepio. Saímos da varanda para a noite. E é assim que começa.

* * *

— Eu sempre tenho essa sensação estranha — dizia a mulher de olhos violeta — de que todo mundo aqui é a mesma pessoa.

Estávamos no bar Reading Room, e Thomas aguardava para anotar nosso pedido. Daisy se limitou a rir, mas eu achei que era uma coisa interessante de se dizer, e cheguei mais perto da mulher.

— Um gim-tônica para mim — disse Daisy. — Ed?

Eu não conseguia me concentrar direito no que eu queria fazer, porque continuava pensando sobre isso de todo mundo ser a mesma pessoa. A sala estava cheia de homens e mulheres que bem podiam ter nascido todos no

mesmo segundo do mesmo ano, embora, claro, isso não correspondesse à realidade. Blazers azul-marinhos; blazers amarelos; calças verdes; saias cor-de-rosa com desenhos de baleias amarelas; cintos amarelos com desenhos de lagostas vermelhas; calças vermelhas Nantucket; bolsas Nantucket; gravatas listradas de azul e branco; gravatas listradas de amarelo e roxo; gravatas listradas de cor-de-rosa e azul-marinho. Minha cabeça chegava a doer.

— Ed?

Ergui os olhos e vi Thomas tamborilando os dedos na madeira polida.

— Ah, pelos sinos do inferno — disse Daisy, se virando para ele. — Um gim-tônica para ele também.

Eu sorri.

— Pelos sinos do inferno — falei.

Daisy riu também e me cutucou com o cotovelo. Só Daisy fazia essas coisas.

— Olivia, você conhece meu primo, Ed? — disse Daisy, virando-se de novo para a mulher de olhos violeta.

— Acho que não.

Eu não me lembrava de já ter visto aquela tal de Olivia antes. Ela era bonita, mas um pouco velha demais para ser tão bonita assim. Eu lhe daria entre trinta e oito e quarenta anos, mas ela tinha o tipo de beleza que faria uma adolescente ser popular.

— Ed vai para Princeton no outono — disse Daisy.

Sempre achei esse tipo de conversa meio estranha, mas uma das coisas que aprendi no internato foi que as universidades constituíam uma espécie de referência para o caráter de uma pessoa. E isso era só uma coisa. O internato fora extremamente educativo nesse aspecto, ensinando-me a decodificar as pequenas complexidades que os demais pareciam entender naturalmente, e eu era grato a tio Hughes por ter me mandado para lá, embora eu desconfiasse de que ele não ficaria satisfeito com o colégio por isso.

— Ah, é? Princeton? Isso é ótimo. — Olivia parecia distraída, mas se recompôs acrescentando: — *Vai, Tigers!*

Eu tinha gostado dela. Um pouco de sua calcinha estava à mostra, e gostei disso também. Ela estava exposta, e ligeiramente desconfortável. Eu estava tão

perto dela agora que sentia seu perfume. Recendia a rosas cristalizadas. Eu queria tocar no cabelo dela, que era de um tom incomum de vermelho, sentir a textura dos fios entre os dedos.

Daisy estava assinando a conta, daquele seu jeito apressado. Fazia uns rabiscos e depois empurrava longe, como se não suportasse olhar nem mais um minuto para aquilo. Por anos eu a vira fazer isso. No Iate Clube, no Tênis Clube e ali, onde as mulheres eram admitidas no “santuário” domingo sim, domingo não.

Eu teria gostado de ficar e conversar mais um pouco com Olivia dos Olhos Violeta, mas Daisy entregou minha bebida e disse:

— Temos que encontrar meus pais. Pagar nossas contas. Eles estão pagando a conta do bar, afinal.

— Até logo — falei para Olivia. — Foi bom conversar com você.

Ela sorriu, mas já estava procurando outra pessoa a quem se agarrar, naquele mar de mesmice.

Daisy agarrou minha mão.

— Ande logo, Ed Lewis.

Abrimos caminho por entre aquele monte de gente até sairmos para o cais, onde as mulheres tentavam não prender o salto entre as tábuas. Lá fora, Daisy hesitou por um minuto, segurando minha mão com menos força, antes de ver tia Nick parada do outro lado, junto com tio Hughes.

Tia Nick não fazia parte do mar de mesmice. Ela exercia certo fascínio sobre mim, era algo em seu jeito de andar, mas eu não gostava muito dela. E, em muitos aspectos, por baixo de sua aparência incomum, ela era exatamente igual a todo mundo. O mundo me parecia formado por dois tipos de gente: os como eu e Daisy, que viviam o mais honestamente que podiam, e o resto, pessoas que por variadas razões não conseguiam deixar de mentir para si mesmas.

Ao nos aproximarmos deles, vi tio Hughes recuar, mas só com os olhos. Era um bom truque, e eu o admirava por isso, por ele conseguir fazer seu corpo dizer uma coisa enquanto sua mente dizia outra. E embora eu soubesse que ele não me suportava desde o verão com Frank Wilcox, o engraçado era que eu não desgostava dele. Até lamentava um pouco tudo aquilo. Não fora minha

intenção fazê-lo se virar contra mim, mas na época eu ainda não aprendera a me calar sobre certas coisas. Ainda não aprendera como falar com os outros. Mais um ponto em que o internato me fora útil.

— Olá, querida — disse tia Nick, inclinando-se para dar um beijo em Daisy. Eu podia sentir o cheiro do perfume que ela sempre usava, floral mas com um toque de álcool. — Olá, Ed.

— Olá.

Cumprimentei tio Hughes com um aperto de mão.

— Como vai sua mãe? — perguntou tia Nick, e parecia realmente interessada.

— Está no hospital.

— Sim — disse tia Nick. — O médico acha que ela vai poder voltar para casa este verão. Você achou que ela parecia... bem?

— Acho que sim.

Nunca entendi direito o que as pessoas queriam dizer com isso, só sabia que deveríamos responder afirmativamente. Pelos padrões de tia Nick, minha mãe não estava bem. Estava bastante revoltada e não era muito boa em esconder isso, apesar de aparentemente fazer um esforço considerável.

Em minha última visita, reparei que ela vinha tentando me dar alguma informação, sobre tia Nick, acho. Mas, sinceramente, eu não entendia direito por que ela estava tão revoltada. Não que ela estivesse fazendo muita coisa antes de ir para o hospital, salvo dormir naquele quarto escuro e brigar com meu pai.

— Tomara que sim... — E a voz de tia Nick foi sumindo.

Tio Hughes pôs a mão no braço dela.

— Mamãe — disse Daisy —, Ed acabou de chegar. Ele não quer falar sobre o hospital.

— Claro, me desculpe — disse tia Nick, e olhou em volta, provavelmente para ver se alguém tinha ouvido parte da conversa.

— Então, Ed — disse tio Hughes, sorrindo. — Quais são seus planos para o verão?

— Ele vai ser meu par — disse Daisy, apertando minha mão, que estava ficando bastante molhada em contato com a dela. — Quer dizer, isso se ele

conseguir sair do mundo da lua toda vez que vê uma mulher mais velha. Vocês precisavam ter visto. — Ela sorriu para os pais. — Ele não conseguia se separar de Olivia Winston nem para pedir uma bebida.

— Eu não estava no mundo da lua.

— Mentiroso — disse Daisy.

Tio Hughes me lançou um daqueles seus olhares incisivos, e eu simplesmente fiz cara de paisagem.

— Ah — disse tia Nick, olhando por cima de nossas cabeças para a porta. — Aquele ali não é Tyler Pierce?

Claro que era Tyler Pierce, e tia Nick sabia muito bem disso porque estava olhando diretamente para ele. Mas Daisy se virou assim mesmo, só para depois desvirar depressa.

— Quem é Tyler Pierce? — perguntou tio Hughes.

— Um dos pretendentes de Daisy — disse tia Nick, sorrindo aquele seu grande sorriso.

— Ele não é meu pretendente — disse Daisy, mas eu percebi que não estava sendo inteiramente sincera. Eu sempre sabia quando Daisy estava tentando esconder alguma coisa, porque a mentira não assentava bem nela.

— Bem, lá vem ele — disse tio Hughes, que também estava sorrindo agora, mas não como tia Nick; como se estivesse achando graça no que Daisy dissera.

— Olá, Tyler — disse tia Nick.

— Olá, Sra. Derringer. Sr. Derringer.

Tyler estava agora ao lado de Daisy, mas ela não olhava para ele, o que provavelmente era uma boa ideia, já que ele só tinha olhos para tia Nick.

Então ele finalmente disse:

— Olá, Daisy.

E ela teve que se virar para ele.

— Olá. — Sua voz soava tranquila, mas eu via por seus olhos que ela queria que ele continuasse falando com ela. — Você se lembra de meu primo, Ed?

— Claro.

Trocamos um aperto de mão, mas tive a nítida impressão de que ele não tinha ideia de quem eu era.

— Eu estava indo ao bar — disse Tyler. — Alguém quer que eu traga uma bebida?

— Vou com você — disse tia Nick. — Querido? Quer alguma coisa?

— Não. Vou tentar conseguir uma ostra antes que todas terminem. Quer uma?

— Ah, sim, por favor — disse tia Nick, e olhou para tio Hughes de um jeito doce e bonito que fez minhas mãos se crisparem.

Daisy recostou no corrimão de madeira e olhou para o céu.

— Você ainda gosta dele — falei.

— Sim, Ed, ainda gosto dele — disse ela calmamente. Eu via os músculos em seus braços se flexionando por baixo da pele. Ela tornou a olhar para mim, de repente, e, com a voz inflamada, disse: — Mas não gosto desse jeito dele. É muito perfeito e falso.

— É — falei. — É falso.

— Eu sei, e meio que o odeio por isso às vezes.

Ela raspou a sola do sapato nas tábuas. Eram sapatos amarelos, reparei, e baixos.

— Ele olha para a sua mãe — falei.

— O quê?

Ela me olhou como se não tivesse me ouvido.

— Sua mãe — repeti —, ele olha para ela.

— Quem não olha? — retrucou Daisy. — Enfim, não tem nada a ver com minha mãe. Só diz respeito ao que aconteceu com nós dois. A gente dormiu junto.

Eu não sabia o que dizer quanto a isso, então fiquei quieto. Mas era certamente um desdobramento interessante.

— No verão passado, caso você esteja se perguntando. E não fique me olhando desse jeito estranho.

— Eu não estou olhando estranho.

— Às vezes, eu odeio todo mundo.

Quando ela dizia essas coisas, eu considerava a ideia de tocá-la, no ombro, ou no pulso, só para ver se a textura de sua pele ficava diferente naquele momento. Eu quase nunca a tocava; só quando ela tocava em mim antes. E eu não tinha vontade. Só em horas como aquela, quando ela estava naquele estado de espírito. Então eu me perguntava se, caso eu tocasse nela, conseguiria sentir a diferença, como uma mudança de temperatura. Mas eu sabia que não. Eu jamais deveria tocá-la quando estivesse em dúvida sobre alguma coisa.

— Quero beber alguma coisa — declarou ela.

— Tudo bem.

— Você pega outro gim-tônica para mim?

Voltei ao bar, onde Thomas me fuzilou com os olhos, mas me deu a bebida mesmo assim. Peguei um pistache de uma das tigelas e o abri. O interessante no pistache ou no amendoim é que têm uma casca muito dura e, depois, outra pele por dentro, como se a casca não bastasse.

Olhei em volta.

A mulher dos olhos violeta se fora, mas lá fora, no alpendre, vi tia Nick conversando com Tyler. Ela dava a impressão de estar meio dentro, meio fora do Reading Room, como se tivesse ido até lá sem perceber e depois tivesse tentado corrigir a situação. Tyler era mais alto, de forma que precisava dobrar o pescoço ligeiramente para falar com ela. Peguei a bebida de Daisy e fui até uma das janelas que davam para o alpendre. Se eu encostasse o corpo contra a parede, conseguiria ouvir o que os dois diziam sem ser visto. O truque mais velho do mundo.

Contemplei o gim-tônica em minha mão e tomei um gole. Depois eu pegaria outro para Daisy. Mordi um cubo de gelo e o senti quebrar-se entre meus dentes.

— Fiquei muito contente de vê-la aqui esta noite — dizia Tyler —, porque hoje mesmo fiz sua limonada. Lembra-se da receita secreta que você me passou?

Tia Nick riu, como se não se importasse nem um pouco com o que ele estava dizendo.

— Fez, é? Nossa. Quando foi que eu revelei minha receita secreta?

— Faz séculos. Mas eu nunca esqueci.

— Ah, bem, que bom.

Fez-se um silêncio, e imaginei-o olhando para ela. Então ele perguntou:

— Está se divertindo?

— Sim, acho que sim. — Ela tornou a rir. — Que coisa engraçada de dizer. Claro que estou.

— Que bom. Eu nunca sei o que você está pensando. Você é daquele tipo de pessoa.

— Que tipo de pessoa?

— Não sei, aquele tipo que é difícil de interpretar. Você sempre parece estar se divertindo, mas tenho a sensação de que às vezes é... sei lá, uma encenação.

— Você está entrando em um assunto muito profundo, Tyler. Não sei se sou capaz de levar essa conversa adiante depois de apenas dois drinques.

Tia Nick usava aquela sua voz de “não seja bobo”.

— Foi isso o que eu quis dizer.

— Como assim?

— Acho que você está fingindo. Agora mesmo. Posso ver isso.

— Nossa, isso está ficando muito estranho.

— Eu vejo você. — Ele falava de um jeito muito seguro de si, e depois acrescentou: — Nick.

Houve mais um momento de silêncio, e tive que me segurar para não olhar. Então tia Nick disse:

— Largue meu pulso, Tyler querido. Você vai acabar fazendo uma cena.

Ela então entrou a passos largos, toda empertigada, e me viu parado ali no canto.

— Ah, Ed — disse. — Cadê Daisy?

— Está lá fora, no cais.

Olhei para ela para ver como reagiria. Ela devia saber que eu poderia ter ouvido, mas não disse mais nada. Apenas foi andando para o outro lado.

Fiquei pensando sobre isso, e sobre o que significava. Ela poderia ter dito um milhão de coisas, como “Tyler Pierce está muito bêbado”, ou “Nossa, esse Tyler Pierce é uma peça”, ou “Acabei de ter uma conversa estranhíssima com

Tyler Pierce”. Mas ela não disse nada. Então fiquei pensando. E depois também saí para o cais, ao encontro de Daisy.

— Ed Lewis, você deve ser a pessoa mais lenta desse mundo — disse Daisy quando me viu. — E o que aconteceu com minha bebida?

Olhei para o gim-tônica na minha mão e vi que tinha tomado quase tudo.

— É que pararam para falar comigo — inventei.

Tia Nick brincava com o lenço no bolso.

— Ah, que seja — disse Daisy. — Eu mesma vou buscar outra.

Ela entrou de novo rumo ao bar. De onde eu estava, pude vê-la pedir a bebida a Thomas, depois Tyler apareceu a seu lado e pôs a mão na base das suas costas. Eu já ia até lá, mas tia Nick me deteve.

— Ed, seu tio Hughes e eu estamos indo para casa jantar. Você pode cuidar para que Daisy chegue direitinho em casa? Não fique atrás das senhoras. E não deixe Daisy beber demais. Não fica bem.

— Eu não fico atrás de senhoras — retruquei.

— Ótimo — disse tia Nick, mas não estava me ouvindo de verdade. — Vou deixar alguma coisa na cozinha para vocês dois. Sanduíches? Não sei. Lembrem-se de comer quando chegarem.

Ela se inclinou e me deu um beijo no rosto, e lá estava seu perfume de novo, me queimando ligeiramente as narinas.

Foi ao encontro de tio Hughes, que conversava com um homem de calça vermelho-vivo e cinto de um verde igualmente vivo junto ao bar de ostras. Ela tocou seu braço, ao que ele se virou e olhou para ela como se tivesse passado a noite inteira esperando por aquele momento. Depois, foram embora.

Entrei novamente, e fui até Daisy e Tyler. Ele sorria para ela. Eu estava muito perto deles, mas nenhum dos dois me viu. Às vezes eu conseguia fazer isso, estar incrivelmente perto de uma pessoa sem ela sequer sentir minha presença. Ainda não sabia muito bem o segredo, mas acho que o importante era ficar muito parado, não só por fora mas também dentro de minha mente. Tudo tinha que ficar vazio e em silêncio, e aí era quase como se eu não existisse.

— Eu lhe devo um pedido de desculpas. Você tem todo o direito de me odiar. Agi de forma abominável no verão passado.

Ele estava dizendo isso, mas continuava sorrindo, como se fosse uma brincadeira.

Daisy apenas olhava para ele.

— Eu me sinto péssimo por isso. Não devia ter deixado você ir embora daquele jeito.

— É — disse ela afinal. — Você foi repulsivo.

— Sinto muito. Você pode me perdoar?

— Não sei.

— Posso mostrar que sou melhor que isso, se ao menos você deixar.

Daisy parecia prestes a responder, mas algo fez com que se virasse e me visse. Ela fez uma expressão espantada.

— Ed. Pelo amor de Deus, pare de surpreender as pessoas desse jeito.

— Eu não estava tentando surpreender ninguém — falei.

Era verdade. Eu estava ali parado bem à vista de todos.

— Ah, você sabe muito bem do que eu estou falando.

Ela meio que bateu o pé.

— Sua mãe disse que eu não devia deixar você beber demais.

— Eu não preciso de babá.

— Ele só está cuidando de seu bem-estar. Não é isso, Ed?

Tyler sorriu para mim. Tive a sensação de que ele me achava ligeiramente retardado, ou algo assim.

— Eu *estou* cuidando da Daisy — falei.

Tyler apertou os olhos como se eu tivesse dito algo desagradável. A postura dele mudou, embora muito ligeiramente, a cabeça se inclinando para trás um pouquinho para me avaliar melhor.

— Bem, não há por que se preocupar, rapaz — disse ele. — Eu tomo conta dela.

Limitei-me a continuar encarando-o.

— Ah, Ed, francamente — disse Daisy. — Pode ir parando com essas esquisitices.

Às vezes, eu tinha a impressão de que Daisy realmente me entendia, que sabia tudo sobre o que eu fazia e aprovava, ou pelo menos tolerava. Mas talvez eu estivesse me enganando.

— Tyler e eu vamos dar uma volta — disse ela. — E você?

— Não sei — falei.

— Bom. — Ela hesitou. — Acho que a gente se vê lá em casa, então.

Ela deu o braço a Tyler. Ele me olhou, o sorriso novamente firme.

— Foi bom vê-lo de novo, Ed.

Mas ele não tentou apertar minha mão dessa vez.

— Tchau — falei.

Dei um passeio também, pela enseada, até onde consegui ir, depois subi contornando a galeria de arte Old Sculpin. Algumas pessoas de bicicleta aguardavam a última barca para Chappaquiddick. Uma delas, uma jovem de lenço na cabeça, estava sozinha. Ela brincava com a presilha do sapato, que evidentemente estava quebrada e pendia frouxa para o lado, resistindo aos esforços da garota para fechá-la. Vi que minha respiração começava a ficar um pouco mais pesada. Pensei rapidamente em embarcar junto, mas Chappy era muito cheia de mato, eu provavelmente acabaria me perdendo no escuro e me intoxicando com alguma planta venenosa.

Subi a North Water Street e depois virei à esquerda na Morse Street. Eu sentia as quadras de tênis me chamando, mas ignorei o convite. Já tinha aprendido que ficar repetindo a mesma coisa várias vezes acabava fazendo-a perder a magia. Então desci a Fuller Street, com suas casinhas brancas perfeitas, cada uma delas totalmente cercada por varandas. Vi alguém, uma mulher, surgir mais adiante. Eu caminhava em silêncio, na ponta dos pés, como o Sr. Reading me ensinara tantos anos antes, quando eu era escoteiro. Quando me aproximei um pouco, pude ver, pelo tom de seu cabelo ruivo e por seu andar — com os ombros meio encurvados —, que era Olivia dos Olhos Violeta.

Ela abriu o portão de uma das casas e entrou. Esperei um pouco, até ver uma luz se acender num dos quartos, no andar de cima. Então entrei pelo portão e andei na sombra pela lateral da casa, de onde podia ver direitinho a janela do quarto aceso.

Ela atravessou na frente da janela e levantou mais um pouco o vidro, passando a mão em volta do pescoço como se estivesse com calor. Tirou o vestido, e sua combinação era cor-de-rosa, da cor das conchas do mar. Então ela desapareceu por um momento, e pensei que talvez não voltasse. Mas bem

na hora em que eu pensava em ir embora, ela voltou. Ficou parada, imóvel até, na frente da janela, depois cobriu os olhos com uma das mãos. Pude ouvir os soluços, não porque fossem altos, pois não eram, mas porque estávamos realmente muito perto um do outro, ainda que ela estivesse a uns bons três metros de altura.

Eu queria muito entrar. Queria tocá-la, descobrir o que havia embaixo de sua pele. Ela era uma pessoa interessante, mas com rachaduras. E eram as rachaduras que me atraíam, porque era como o lado de dentro olhando para fora, um vislumbre do que se escondia por baixo da superfície. A gordura das costas sobrando no vestido; a cutícula das unhas roída; o batom borrado; o fio corrido na meia.

Eu sabia que não podia entrar. Se aprendi alguma coisa com Frank Wilcox, foi que a Ilha é muito pequena. Ele teve sorte. Elena Nunes era apenas uma empregada. Mas Olivia era um de nós. Estava fora de meu alcance.

Ainda assim, quando fui embora, quando saí do jardim dela, deixando-a soluçando baixinho, sozinha no quarto, fui tomado por uma sensação de satisfação. Sentia-me leve, como se qualquer coisa fosse possível, como se o mundo fosse minha casa. Nem sempre era preciso fazer, às vezes bastava pensar em fazer, parado sozinho no escuro e sendo honesto quanto ao que queria.

Eu ouvia o silêncio sussurrado da noite à minha volta enquanto descia a North Water Street em direção à Tiger House. As calçadas estavam vazias, e eu era saudado apenas pelo ruído de meus sapatos batendo no chão. Estava pensando que a noite fora boa. E foi então que os vi.

A luz fraca da varanda espalhava sombras em volta dele e dava ao cabelo de Daisy um brilho que parecia fogo. Eles estavam de pé, bem próximos um do outro, e no entanto seus corpos não se tocavam. Mariposas cinzentas vojavam no alto, suas asas cobertas de pó, e tive a ideia fantasiosa de que eram atraídas mais pelo brilho emanado por Daisy do que pela lâmpada acima de sua cabeça. Ele estava com a mão no cabelo dela, puxando sua cabeça ligeiramente para trás. Ela estava no limite, não totalmente no controle, e era como se o que havia começado mais cedo naquela mesma varanda estivesse prestes a se completar. Como um desabrochar pleno. E então ele a beijou, e eu vi que ia dar problema.

1967: agosto

Tyler foi me buscar no aeroporto. Eu acabara de chegar da cidade de Cedar Rapids, e encontrei-o batucando com impaciência no volante de seu carro verde-oliva quando saí para o ar úmido e abafado do Leste. Minha cabeça ainda estava repleta de Iowa, suas planícies onduladas e a pequena casa de fazenda perto de Elvira, de forma que o visual limpo e urbano de Tyler e aquela sua camisa engomada, sem falar nos assentos de vinil, foram como um choque a meu organismo.

— O porta-malas está aberto — disse ele, e eu botei minha bagagem e minha pasta lá atrás. — Temos que correr, se quisermos pegar a última barca — disse ele com irritação, quando entrei no carro. — Não quero ficar preso em Woods Hole.

Limitei-me a olhar para ele, e vi que seus olhos se desviaram de mim, incomodados.

Quando chegamos à autoestrada principal de Massachusetts, ele tentou de novo:

— Então, é o aniversário de sua mãe.

— É — falei.

— Sei que Daisy está empolgada com sua chegada. Há quanto tempo vocês não se veem?

— Nove meses.

Um restaurante mexicano na cidade, antes do Natal. Ela passara as festas na Flórida, com tia Nick e tio Hughes. Eu passara na Tiger House, com minha mãe, que não parava de falar sobre um negócio de costura que ela queria abrir para poder recomprar nosso antigo chalé. Não prestei muita atenção; preferia a Tiger House mesmo.

— É muita coisa acontecendo. O casamento e tudo mais.

Daisy me ligara um mês antes para contar que ia se casar com ele. Acho que não fiquei de todo surpreso, mas minha mente deu um branco quando ela de fato disse isso. Por um tempo, eu só ouvi o chiado da linha telefônica. Então falei:

— E a faculdade?

— Ah, não sei, posso trancar um semestre e depois ver o que faço. Eu não sou que nem você. Se eu pudesse acabar logo a faculdade, era o que eu faria. Mas não posso, e não quero esperar. Eu amo Tyler, Ed, e quero me casar com ele. O quanto antes.

— Sim — falei, embora não fosse o que eu realmente quisesses dizer.

Agora, a meu lado, Tyler ligava o rádio.

Recostei a cabeça no banco e senti o cheiro do vinil. Era novo e tinha aquele odor de coisa dura e brilhante que me dava vontade de ranger os dentes.

— Seu carro é novo? — perguntei.

— É. Bonito, não? Buick Riviera. Mas provavelmente um dinheiro jogado fora. — Ele sorriu. — Nick diz que parece uma folha de ninfeia.

— E o que Daisy falou?

O sorriso dele murchou ligeiramente.

— Ela disse que é carro de mauricinho esnobe. — Ele deu uma risada curta. — Acho que ela tem razão. É meio exagerado, mas é que eu gostei muito.

— Que cor é essa?

— Dourado.

— Parece verde — falei.

O sorriso dele murchou completamente.

— Eu sei — falou, e aumentou o volume do rádio.

Eu não era de ouvir rádio. Mas a mulher da fazenda de Iowa, Anna, tinha um, e ficávamos ouvindo e dançando, embora ela tivesse que mexer toda hora no botão para sintonizar direito. O som do rádio de Tyler era bem limpo, mas, não sei por quê, tudo que tocava soava dissonante e feio.

Quando nos aproximávamos de Wood's Hole, Tyler disse:

— Adoro essa música. — E me olhou de relance, como se esperasse algum tipo de confirmação. — The Doors.

Ele começou a cantar junto: *C'mon, baby, light my fire*. Comecei a me perguntar como seria o interior de seu crânio. Felizmente para nós dois, no meio da música chegamos à barca e tivemos que correr para comprar as passagens e embarcar com o carro.

Era quase noite quando chegamos à Tiger House, os faróis desenhando um arco de luz nas telhas de cedro ao estacionarmos na entrada dos fundos. Pensei nos celeiros destruídos pelo vento que eu vira da Lincoln Highway. Tornados. Houvera um surto de tornados por lá no inverno e no início da primavera, o pior já registrado. Casas e lojas foram levadas, e uma garotinha perto de Elvira morrerá.

A porta dos fundos se abriu e Daisy apareceu.

— Você conseguiu vir! — disse ela, descendo os degraus correndo, vindo em nossa direção. Estava descalça. — Graças a Deus. Eu estava preocupada. Hoje só dei a sua mãe presentes horríveis. Mas com sua presença, vou recuperar minha reputação, Ed Lewis.

Ela me deu um beijo no rosto. Eu gostava do fato de ela nunca usar perfume; cheirava a sabonete Ivory e ao xampu infantil que sempre havia no banheiro do andar de cima.

Ela se virou para Tyler. Seu rosto estava vivo e corado.

— Oi.

— Oi — disse ele. Sorriu para ela.

Esperei enquanto ele a beijava. Observei as bocas dos dois se mexendo. Um músculo estremeceu de leve na curva da mandíbula de Daisy, e eu me perguntei como era ser ela, o que ela estaria procurando naquele contato humano todo. Mas, pensando bem, ela era uma pessoa muito física, sempre avançando sem medo, e me ocorreu que talvez ela não estivesse procurando nada. Talvez só estivesse indo em frente, incessante, exalando sua intensidade pelo caminho.

Pensei em Anna, na sala de sua pequena casa de fazenda.

— Tenho andado tão sozinha — dissera ao me convidar para dançar, a louça do jantar ainda na mesa.

Eu sentia sob minha mão os músculos em suas costas se movendo enquanto a segurava, mas não havia intensidade nela, só tristeza. Pelo menos

não até mais tarde, quando enfiei o saco plástico na cabeça dela, e aí toda aquela vida veio à tona e seu rosto se iluminou como o Quatro de Julho.

Eu me perguntava se o que eu estava sempre procurando era a verdadeira redução do espírito físico, quando então Daisy virou-se para mim e disse:

— Ei, Ed. Está no espaço? Vamos, temos que levar você para sua mãe.

Deixei-a me conduzir em direção à casa, o braço enganchado no meu.

— Gostou da viagem no carro suuuuperlucioso do Ty?

Ela ria ao esticar a palavra.

Eu não sabia qual era a graça daquilo, então comentei:

— Ele diz que é dourado, mas parece verde.

— Eu sei. — Ela se virou para mim. — Ah, espero que não tenha dito isso a ele. Ele fica possesso. Até mamãe acha que parece verde, e olha que ela acha esse carro o suprassumo do glamour.

— Ele disse que sua mãe falou que parece uma folha de ninfeia.

— Ah, é? Muito poético. — Daisy parou diante da porta dos fundos. — Por falar nisso, mamãe está meio histérica. O bolo de anjo sumiu. — Ela se inclinou para mais perto dele e baixou a voz, a mão em concha em volta da boca. — Mamãe acha que um dos garotos da vizinhança pegou, mas na verdade eu vi sua mãe dar o bolo para o cachorro da casa ao lado. — Ela riu. Uma risada cristalina, absolutamente cristalina. — Vamos.

No minuto em que entrei na casa, eu senti. Como um terremoto se formando. Olhei para Daisy para ver se ela também tinha reparado, mas ela parecia a mesma de sempre.

Já notei que todas as casas têm um sentimento, como um perfume específico que podemos distinguir quando entramos. O cheiro da fazenda de Anna era de algo apagado e cansado. Extinto. A Tiger House, por outro lado, normalmente tinha cheiro de coisas bem-cuidadas, lustra-móveis, goma de lavanderia, relógios de carrilhão. *Blam, blam*, de hora em hora. Mas naquela noite havia outra coisa no ar. Senti minhas mãos começarem a formigar, como acontecia quando algo de interessante estava para acontecer.

Ao chegar ao quarto de minha mãe, tive certeza. Claro, é verdade que o cabelo dela estava uma coisa horrível, parecia um ninho de passarinho. Mas era seu rosto que estava realmente alterado, crispado e tenso.

Quando Daisy nos deixou a sós, minha mãe fingiu estar ocupada se maquiando. Vi que ela tinha algo em mente. Desde que fora para o hospital, ela tinha esse jeito de dizer uma coisa querendo dizer outra. Acho que foi o que lhe ensinaram a fazer, embora eu não estivesse convencido de que isso fosse um sinal de saúde mental.

— Como está se sentindo, mãe?

— Estou ótima, querido.

Esperei, e como ela não falou mais nada, perguntei:

— O que houve com seu cabelo?

— Acho que tive um probleminha com a cabeleireira. Graças a Daisy. Eu estava meio de baixo astral hoje de manhã.

Vi que ela estava usando um vestido azul, mas foram os tigres que me chamaram a atenção. Eles meio que brilhavam na luz. Ela tentou abaixar o cabelo com a mão e me olhou pelo espelho.

Olhei de volta para ela e me obriguei a ficar com as mãos paradas. Começava a me sentir um pouco tonto.

— Já falou com sua tia Nick?

— Ainda não — respondi.

Pensei no bolo que minha mãe dera para o cachorro.

— Foi bom que Tyler tenha conseguido vir para o jantar. — Ela começou a brincar com alguma coisa dourada que puxou da penteadeira. — Eu sei o quanto ele se dá bem com a família, principalmente com sua tia. Embora...

Havia alguma coisa em sua voz, o olho observador, a eletricidade na casa.

— Devo confessar, às vezes me pergunto se isso não deixa Daisy constrangida. Ele tem veneração por tia Nick.

— É — falei. — Ele vive de olho nela.

— Se bem que Daisy nunca diria se ficasse magoada com isso.

— O que está tentando dizer, mãe?

Ela parou o que fazia e se virou para mim, e pensei: *Lá vem.*

— Só não quero ver Daisy magoada, só isso. Nem você deve querer, imagino.

Então era isso. Ela escolhera tia Nick como vilã. Por isso a história do bolo. De qualquer forma, era bom ver minha mãe tentando assumir algum tipo de

controle sobre a própria vida. E talvez ela tivesse razão. Talvez tia Nick fosse uma vilã. Ela não era uma pessoa honesta, isso com certeza. E tentava controlar Daisy desde que eu me entendia por gente. Daisy simplesmente não enxergava isso, e não era culpa dela. Só de pensar em tia Nick magoando Daisy me senti imobilizar por dentro.

— Não — eu disse. — Eu não permitiria que isso acontecesse.

— Claro que não — disse minha mãe, brincando com o vestido. — É só que sua tia Nick, bem, ela consegue ser bem teimosa quando acha que tem razão. Às vezes, pessoas assim precisam ser forçadas a ver como pode ser perigoso o próprio comportamento. Entende o que eu quero dizer?

Eu sabia o que minha mãe estava tramando. Ela não era muito boa nesse jogo. Meu pai fora muito melhor nisso, e eu o vira jogar com ela o tempo todo durante minha infância. Um mestre dos estratagemas. Mas quando vi que ele jogava por uma ninharia, devo dizer que perdi o respeito por ele. Descobrir a essência de uma atriz já morta não é exatamente a obra-prima de alguém.

Resolvi conhecer melhor o terreno antes de decidir o que fazer a respeito do problema de tia Nick. Percebi que andara distraído, que não vinha observando minha família com atenção suficiente. Para começar, minha mãe parecia estar surtando de novo. Isso não era realmente um problema para mim, mas poderia vir a ser se ela precisasse de alguém para cuidar dela. E se a causa desse surto fosse tia Nick, bem, talvez algo tivesse que ser feito para resolver o caso. Ela era minha mãe, afinal.

E, claro, havia Daisy. Esta era mais uma dificuldade.

Comecei minha análise enquanto todos tomavam seus drinques. A primeira coisa que notei foi que minha mãe estava bebendo e que Tyler continuava o mesmo de sempre.

— Obrigada, Tyler — disse minha mãe. — Você foi realmente um amor de trazer Ed para minha pequena comemoração.

— Foi um prazer — disse ele, o que obviamente não era verdade. — Nick sabia como a senhora ficaria contente. Onde você estava mesmo? Iowa? Donas de casa e aspiradores de pó? — Ele se virou para mim.

Tive que conter o sorriso neste ponto. Se ele soubesse...

— Isso — falei. — Exatamente. Donas de casa e aspiradores.

Como será que ele ficaria com um saco plástico enfiado na cabeça? Será que algo viria à tona, ou ele apenas deixaria escapar um suspiro idiota, para então morrer?

Quando tia Nick entrou na sala, vi os olhos dele se moverem na direção dela, como se atraídos por uma força magnética. Ele observou o movimento das pernas dela, primeiro. E depois os seios. Mas, principalmente, observou seu rosto.

Ela disse algo sobre odiar jantares, o que não era verdade, e o corpo inteiro de Tyler se movia no ritmo das palavras dela. Mão no cabelo, sorriso se insinuando no rosto, os quadris voltados para ela.

— Eu, pessoalmente, estou com Nick — disse Tyler.

Daisy franziu a testa para ele. Seria melhor se desse para fazer Daisy simplesmente odiá-lo. Mas eu sabia que era tarde demais para isso.

Quando chegou a hora de sentarmos à mesa para jantar, tia Nick foi à cozinha e Tyler foi atrás, oferecendo-se para ajudar com os pratos. Fiquei para trás, fingindo ver algo interessante na varanda. Em vez disso, avancei de fininho pelo corredor em direção à cozinha de verão, tomando cuidado para não me verem da sala de jantar.

— Encontrei uma boa banda para a recepção — dizia tia Nick.

— Ótimo, porque eu quero dançar com você.

— Tyler...

— Nick.

— Isso tem que parar. Estou falando sério.

Justiça seja feita, ela realmente parecia estar falando sério.

— Eu já tentei.

Não havia tanta convicção da parte dele.

— É cruel, Tyler, e eu não quero tomar parte nisso.

A voz dela tornara-se um sussurro áspero.

Houve um silêncio, e depois tia Nick falou, em seu tom normal:

— Pronto, querido, leve esses aqui.

Eu não me mexi, e Tyler se sobressaltou um pouco quando me viu encostado à parede diante da porta da cozinha.

— Nossa — sibilou ele, mas foi depressa para a sala de jantar sem dizer mais nada.

Entrei depois dele. A mesa estava coberta de flores cor-de-rosa, e minha mãe sentava-se à cabeceira, usando uma estranha coroa de papel que a deixava com cara de boba e, sinceramente, um pouco sinistra.

Sentei ao lado de Daisy. Olhei para seu rosto, seus olhos alegres, os pezinhos descalços embaixo da mesa. Senti uma dor estranha no estômago. Lembrei-me da ponta de flecha *wampanoag* que eu encontrei no verão em que Frank Wilcox matou Elena Nunes. Eu acabara de entrar para o escotismo, e tínhamos passado a manhã esfolando coelhos em Gay Head e depois fazendo escavações em alguns dos penhascos. Foi onde encontrei a ponta de flecha. Dei de presente a Daisy, e fiquei vendo-a virá-la na mão, o polegar acariciando a superfície áspera. Naquele dia eu senti essa mesma dor, bem acima do estômago, o que me deixou desconfortável. Então contei a ela sobre os coelhos e ela vomitou na privada.

— Vocês não vão acreditar quem eu vi na fazenda Morning Glory — disse tia Nick. — Aquele sapo asqueroso do Frank Wilcox.

Foi um daqueles momentos em que eu me sentia como se minhas ondas cerebrais estivessem falhando. Será que tia Nick lera minha mente, ou será que minha mente fizera surgir aquela conversa? Ouvir outra pessoa dizer o nome dele me provocou uma ligeira falta de ar. Eu não conseguia imaginar que ele fosse real para mais ninguém.

— Eu não sabia que ele ainda vivia na Ilha — falei, querendo fazer mil perguntas.

Senti, mais do que vi, o olhar de tio Hughes passar rapidamente por mim.

— Nem eu — disse tia Nick. — Mas lá estava ele, em carne e osso. Sabe, é estranho, mas vê-lo me deixou furiosa, não sei por quê.

— Eu não pensava nisso fazia séculos — disse Daisy.

Eu pensava nisso o tempo todo. Naquela noite, oito anos antes. A noite em que tudo começou a entrar em foco para mim. Àquela altura eu já tinha uma vaga ideia do que seria meu trabalho, mas quando ele a matou, não pude acreditar. Era como se liberassem uma espécie de alegria pura dentro de mim, e foi o sentimento mais próximo do amor que já experimentei.

Eu tinha passado o verão inteiro de olho naqueles dois e indo ao esconderijo deles durante o dia, enquanto Daisy estava no tênis, só para estar ali, ficar por perto e pensar. Eu coletara alguns objetos, uma pulseira que ela aparentemente perdera durante uma daquelas sessões deles, e um maço de cigarros que caíra do bolso de Frank. Estava mesmerizado com a visão dos dois. Eles pareciam bichos, mas bichos pelados, mudando de forma, grunhindo e gemendo. Às vezes, quase parecia que ela estava cantando. Mas o que mais me atraía era a violência com que ele a tratava. Eu já vira algo semelhante, não fazia muito tempo, com Bill Fox e minha mãe, mas minha mãe me parecera muito passiva, como se as palavras dele simplesmente passassem direto por ela. *Você é mesmo uma vagabunda.* Mas Elena, não. Era como se aquilo fosse exatamente o que ela quisesse, como se a libertasse... Eu estava encantado. Claro, fiquei um pouco menos encantado quando tio Hughes me pegou ali. Mas então ele voltou para a cidade para ficar sozinho, já que era disso que ele realmente gostava afinal, e não teve problema.

Naquela noite, eu os segui de novo até as quadras de tênis. Eles estavam discutindo no caminho, uma discussão que eu já ouvira antes. Ela queria que ele deixasse a esposa, ele disse que precisava de tempo. Até eu sabia que isso era mentira. Ela devia saber. Então ela ficou muito zangada e deu uma bofetada nele. Ele a empurrou com brutalidade durante o caminho todo até o abrigo.

Então ela começou a implorar. Um erro. Dessa vez, ele bateu nela, ela pôs-se a chorar e ele começou a arrancar as roupas dela. A essa altura, achei que aquilo acabaria como sempre acabava. Mas ela revidou. Eu me encontrava a menos de cinco metros do abrigo, mas estava escuro e, estranhamente, a briga não parecia tão diferente assim do sexo que eles faziam. Ele estava no chão, grunhindo. Ela lhe dera um chute no saco. Ele começou a praguejar, a se arrastar, e foi quando deve ter pegado a pedra, porque avançou nela, puxando-lhe o cabelo com a mão livre, puxando-a para o chão, e batendo na cabeça dela com a outra.

Ela só gritou uma vez.

Mas ele dizia sem parar:

— Piranha filha da puta, piranha filha da puta.

O tempo todo batendo nela, *bam, bam.*

Então de repente parou. Ele olhou para a pedra em sua mão como se não soubesse de onde aquilo viera. Olhou para a moça. Eu o ouvia arfando. Ele a sacudiu, uma sacudidela rápida, como a gente faz com alguém que está tendo um pesadelo. Ela deixou escapar um ruído débil, um gorjeio ou um grunhido. Sem hesitar, então, ele montou nela, botou as mãos em volta do pescoço dela e esganou-a.

Antes de tudo terminar, vi o tronco dela se empinar por um instante, e eu poderia jurar que ela estava prestes a lhe contar alguma coisa. Mas aí ela simplesmente morreu.

Eu queria ficar por ali, para ver o que ele ia fazer depois, mas estava atordoado e tive medo de gritar, ou me trair de alguma maneira, então fui andando, trôpego, o mais silenciosamente possível, na direção do antigo Lago de Gelo. Não fui muito longe antes de desmaiar.

Lembro-me de acordar, a relva alta do charco à minha volta. O chão era molhado e eu via a lua. A primeira coisa que pensei foi: *Daisy*.

* * *

Depois do jantar, tomamos mais drinques, e minha mãe estava ficando bem embriagada a essa altura. Então todos começamos a dançar ao som de um disco que Daisy comprara, minha mãe com o corpo grudado em Nick, uma expressão de extrema tristeza nos olhos.

Um a um, todos foram se deitar, inclusive eu. Mas depois de algum tempo na cama, tornei a me levantar. Eu só pensava que Frank estava de volta à Ilha. Ele tinha uma nova esposa. Como ela seria? Eu me vesti e fiquei sentado ao lado da janela no quarto e pensei no que tia Nick dissera mais cedo. Que ela podia sentir o cheiro do outono no ar, que o outono tinha cheiro de morte e mudança.

Decidi que precisava encontrar Frank. Eu não conseguia dormir mesmo. Desci em silêncio, pensando em tio Hughes patrulhando a casa tantos anos antes. Isso me fez sorrir. Minha ideia era procurar Frank no catálogo telefônico, e estava indo para o escritório de tio Hughes quando os ouvi sussurrando.

Eles estavam na sala azul, que era o único caminho para o escritório, então fui obrigado a parar em frente à porta.

— Eu já disse a você — dizia tia Nick.

— E eu ouvi o que você disse, mas não é o que você quer dizer. Não é o que você quer. Nós somos iguais. Você tem que parar de fingir que não somos.

Todas as luzes estavam apagadas ali embaixo, e fui avançando bem devagar para poder vê-los, fazendo todos os meus pensamentos ficarem em repouso. Tia Nick estava encostada na *bergère* e Tyler estava em pé perto dela, agarrando seu braço.

— Não — disse tia Nick, sem olhar para ele.

— Não me diga que já basta. Que algum dia bastou para você. Eu não sou cego, Nick.

— Você tem que parar com isso, Tyler. Sinto muito se lhe dei uma impressão errada...

— Meu Deus, eu quero beijar você.

— Não me obrigue a magoar Daisy. — A voz de tia Nick tinha um tom que era como de súplica. — Se você gosta de alguma de nós duas...

— Acha que eu quero magoá-la? Mas ela não é igual a nós dois. Não é culpa de ninguém, simplesmente é assim.

— É culpa de alguém — disse tia Nick, com violência. — É minha culpa. Meu Deus, isso é tudo minha culpa.

Tyler fez um movimento para beijá-la, mas não fiquei esperando para ver. Já tinha visto o suficiente para saber o que estava acontecendo. Era o que sempre acontecia com tia Nick.

* * *

Tive que esperar até a noite seguinte, mas, sim, fui ver Frank Wilcox. Encontrei o endereço dele no catálogo telefônico. Ele estava morando em Katama, e precisei ir de bicicleta até lá. Era por volta de meia-noite e não havia lua, então a rua estava muito escura, mas consegui encontrar a entrada da casa dele.

Era uma casa modesta, recuada em relação à rua, uma construção recente a julgar pela aparência. Ele visivelmente decaíra. Depois de um rápido reconhecimento do terreno, vi que o térreo era uma sala grande com uma pequena cozinha nos fundos. As noites estavam ficando mais frias àquela altura, mas as janelas ainda estavam abertas. Saquei meu canivete suíço, o que tio Hughes me dera anos antes, e cortei a tela da moldura. Tirei os sapatos e entrei.

O chão de madeira era frio sob meus pés, e eu me sentia calmo e bem. A mobília parecia alugada, mas havia alguns retratos emoldurados no consolo da lareira. Um casamento e férias. México, talvez. Era difícil enxergar no escuro, mas a mulher parecia jovem; da idade de Daisy.

Não havia muito para ver, mas dei uma passada na cozinha para pegar um saco de lixo, por via das dúvidas.

A escada era acarpetada, portanto não foi difícil não fazer barulho ao subir para os quartos. Ao chegar no topo, olhei em volta. Havia três portas, duas das quais fechadas. Uma devia ser a do banheiro e a outra, a do quarto deles. Eu teria que adivinhar. Encostei o ouvido em uma e não percebi barulho algum. Idem com a outra. Concluí que o mais provável era a porta do meio ser a do banheiro, então escolhi a da ponta.

Girando a maçaneta de vidro até sentir que o trinco se abrira, empurrei cuidadosamente a porta. Era uma sorte a casa ser nova; nada de dobradiças rangentes ou tábuas de madeira vergadas. Mas percebi que tinha sido burrice ir até ali de impulso, sem verificar nada primeiro.

A cama estava a apenas centímetros de mim. A mulher estava deitada mais perto da porta, seu cabelo escuro formando um leque aberto sobre o travesseiro. Suas mãos estavam embaixo da cabeça, e um ombro nu despontava da coberta. Era jovem, e não muito bonita. Estiquei a mão, bem devagar, e toquei em uma mecha de seu cabelo que estava caída para o lado. Era macio, como o pelo de um camundongo.

Dei a volta até o outro lado da cama, sentindo de leve o saco de lixo que levava comigo. Frank estava de costas para a esposa, o rosto virado para a janela.

Parado junto a ele, pude ver, mesmo na penumbra, o quanto ele havia envelhecido. Tinha um aspecto frágil, até velho. Um cabelo grisalho ralo lhe caía sobre a testa. Estava de boca aberta e ressonava. Havia uma sombra em seu travesseiro, onde sua baba se acumulara.

Tive uma sensação estranha, ali parado. Desapontamento, e um pouco de raiva. Ele era mais meu pai do que qualquer um, e eu sempre o imaginara eternamente forte e firme, as mãos no pescoço de Elena em um instante, sem nem um momento de hesitação. No entanto, lá estava aquele velho, roncando em seu quarto de mobília alugada, sem a menor ideia de que um estranho invadira sua casa e o observava enquanto dormia.

Olhei para o saco de lixo. Nem valia a pena. Eu queria falar com ele, perguntar-lhe o que acontecera, descobrir como ele se transformara naquela nulidade inócua e alquebrada. Mas eu sabia que não podia. Então, em vez disso, puxei a carteira do bolso de trás da calça e peguei a cartelinha de fósforos do Hideaway, que eu sempre levava comigo. Coloquei-a na mesa de cabeceira, com cuidado, e depois, dando uma última olhada no homem que me fizera ser quem sou, saí do quarto.

1969: outubro

Lembro-me de perguntar uma vez a Daisy sobre o amor, como era a sensação, e ela dizer que era igual ao tênis. Acho que quis dizer que sentia a mesma coisa quando jogava tênis, mas durante muito tempo imaginei dois jogadores brigando, cada um tentando marcar pontos contra o outro. Durante o último ano, em que pulei de hospital em hospital, todo esse período ouvindo a lengalenga dos médicos e das enfermeiras tentando me consertar, tive muito tempo para pensar e me lembrar. E agora, neste em que estou, com essas paredes cor de sorvete de menta, uma imagem distinta me veio à mente. Vejo um homem e uma mulher em uma escada escura. E o que acontece ali é o amor mais honesto, porque, exatamente como eu desconfiava havia muito tempo, é bruto e repentino, e o estrago é permanente.

* * *

Foi no verão passado, o verão depois de minha visita a Frank Wilcox, e voltei à Tiger House no início de junho. Daisy e Tyler ainda não haviam se casado, um “longo noivado”, dissera ela. “Ty está ocupadíssimo”, explicara quando eu lhe perguntara sobre isso no Natal anterior, ao que eu me deixara enganar pensando que o casamento poderia simplesmente nunca acontecer. Mas estava marcado para agosto, e em junho não havia sinal de um rompimento iminente. Então minha mente voltou a remoer o problema tia Nick-Tyler.

Durante o percurso de barca para a Ilha, tentei encontrar uma solução. Pedi um café e levei-o para o convés a fim de pensar. Era início de tarde, um sábado, e a *Island Queen* estava cheia de visitantes e hippies. Botei meu Ray-Ban para não ter que franzir os olhos, e me concentrei na tarefa.

Obviamente, livrar-me de Tyler era a opção mais atraente. Mas era arriscado. Primeiro, ele era um homem, e bastante forte, o que significava que eu precisaria pegá-lo de surpresa, e haveria uma grande chance de as coisas ficarem feias. Depois, Daisy o queria. Eu não entendia por quê, mas entendia qual era a sensação de querer algo, e não queria tirar isso dela.

Tia Nick seria mais fácil. Uma noite no escuro, no cais em frente à sede do Iate Clube, ela poderia simplesmente ir andando e acabar dentro d'água. Ou talvez um afogamento perto do cais. Todo mundo sabia que ela saía para nadar à noite quando bebia demais.

Mas eu não queria matar tia Nick. Não porque gostasse dela. Talvez tivesse a ver com o fato de ela ser uma força tão vigorosa. Ou talvez porque, apesar de toda a sua duplicidade, ela tornasse nossas vidas mais empolgantes. Sei lá. Só sei que minha mente estava dando um nó só de pensar no assunto.

Eu me lembrava de tê-la visto fazendo sexo com aquele músico, tantos anos antes. Deitada embaixo dele, ela enroscara uma perna no homem e acariciava seu pescoço. Mas a expressão no rosto dela... Era cheia de ódio, ou de repulsa. De qualquer forma, era tão feroz que por um momento achei que ela poderia estraçalhá-lo.

Eu estava pensando nisso quando uma moça a meu lado chegou mais perto e perguntou:

— Com licença, você tem fogo?

Pus a mão no bolso. Sempre tenho um isqueiro à mão para situações como essa. Olhei para ela enquanto acendia seu cigarro. Ela tinha cabelo claro e usava um chapelão molengo de palha que projetava sombra em seus ombros. Tinha sardas.

— Obrigada — disse ela.

Achei-a imediatamente intrigante. Ela trazia um mapa da Ilha, daquele tipo que distribuem no posto de turismo em Woods Hole.

— É a primeira vez que vem à Ilha? — perguntei.

— É — respondeu ela.

Ela olhou para mim de sob o chapéu, uma olhadela rápida, e logo desviou a vista.

— Onde vai ficar hospedada?

— Em uma pousada em Oak Bluffs.

Como ela fingiu estar ocupada com o mapa, não lhe fiz mais perguntas. Em vez disso, esperei. Depois de um tempinho, saquei meu fiel livro de poemas da sacola e comecei a folheá-lo. Senti que ela me olhava de novo.

— Ah — disse ela após algum tempo. — William Blake.

— É — falei, erguendo os olhos.

— Adoro ele. Ginsberg diz que ele é um profeta.

Limitei-me a olhar para ela.

— Bem, é o que ele diz.

— Por que um profeta? — perguntei.

Ela riu.

— Não sei, na verdade.

Sorri.

— Estou incomodando você, me desculpe.

— Você não está me incomodando.

— Meu nome é Penny — disse ela.

— Ed.

— Olhe, você se importaria de tomar conta de minha bolsa enquanto vou ao banheiro?

Ela arrumou o chapéu para poder me ver melhor.

— Eu tomo conta de suas coisas — falei.

Observei-a ir em direção à porta que dava para o convés inferior. Ela pisava para dentro. Pés de pombo. Puxei sua bolsa mais para perto, abri o zíper uns dois dedos e enfiei a mão lá dentro. Senti uma coisa sedosa e puxei. Era um lenço com rosinhas estampadas, do tipo que uma avó usaria. Botei-o no bolso do blazer para mais tarde.

Recostei-me ao banco e senti o sol no rosto. Imaginei quantas pousadas devia haver em Oak Bluffs e comecei a fazer uma lista das que eu conhecia. Então ouvi o apito da barca, sinalizando nossa aproximação do cais, e vi que ainda não tinha me ocorrido qualquer plano para o problema que me aguardava em casa.

* * *

Ouço os sapatos da enfermeira no linóleo antes de realmente vê-la. *Shush, shush.* Depois seu rosto de repente aparece em cima de mim. Ela sorri quando vê que estou de olhos abertos.

— Hoje é um grande dia — diz, alisando o lençol e o cobertor. — Dia de visita.

Ela verifica meu soro.

— Você é um rapaz de sorte, sabe?

Eu riria se pudesse.

— Nem todo mundo tem uma mãe como a sua. Tem uns aí que nunca receberam visita de ninguém, nunca. Triste.

Ela bufa e desaparece de meu campo visual por um instante.

Então ouço sua voz de algum ponto perto da porta, imaterial:

— Mas você não. Toda quinta-feira, sem exceção.

Temos essa conversa toda quinta-feira, sem exceção. A essa altura, mesmo que eu pudesse falar, provavelmente não precisaria dizer nada.

De repente o rosto dela aparece de novo acima do meu, como um balão.

— Gostaria de ouvir rádio?

Ela liga o aparelho e se retira do quarto.

Aqui é a Ten-Ten-WINS. Você nos dá vinte e dois minutos, nós lhe damos o mundo.

Os policiais que investigam o assassinato de um motorista de táxi de São Francisco ocorrido há alguns dias agora têm indícios de que o assassino pode ser o mesmo homem responsável por quatro assassinatos não solucionados na região da baía ao longo do ano passado.

O San Francisco Chronicle recebeu uma carta de uma pessoa que se identifica como o Zodíaco, juntamente com um pedaço de tecido manchado de sangue que parece ter sido cortado da camisa da última vítima encontrada. A polícia está examinando o material para saber se é o tipo sanguíneo da vítima.

Em uma mensagem assustadora, o autor da carta zomba da polícia, dizendo: “Aqui é o Zodíaco falando. Fui eu que assassinei o motorista de táxi perto da Washington Street com a Maple. A polícia de São Francisco poderia ter me pegado

ontem à noite se tivesse dado uma busca decente no parque.” A investigação continua.

Mas que exibicionista. Essa história já está se prolongando há meses, e me surpreende um pouco que ainda não o tenham pego. Ele não é muito cuidadoso. E, francamente, acho-o meio cansativo. Não vejo uma integridade real no trabalho dele.

Mesmo assim, acho que é melhor ouvir isso que ficar olhando para o teto. Queria que abrissem a janela aqui. Queria sentir o cheiro do ar.

* * *

A Tiger House estava em silêncio quando cheguei, e imaginei que todos estivessem na praia. Levei minha bolsa de viagem para o quarto e guardei minhas coisas. Dobrei o lenço de Penny e o coloquei embaixo do travesseiro. Eu estava consultando os horários dos ônibus para Oak Bluffs quando pensei ouvir um barulho vindo do quarto de Daisy, no final do corredor. Encontrei-a tirando coisas de dentro do closet e jogando-as na cama. Todos os seus tesouros. O enorme bicho de pelúcia que ela ganhara na feira de West Tisbury, algumas maquiagens e gibis velhos. No chão, havia uma caixa de papelão marrom.

O ar tinha um cheiro puro, impregnado do perfume da árvore florida em frente à janela.

Ela ergueu os olhos, me viu, teve um pequeno sobressalto e botou a mão no coração.

— Ai, Ed — disse. Depois atravessou o quarto e me deu um beijo no rosto. — Quando você chegou? Eu teria ido buscá-lo na barca, se soubesse.

— Peguei um táxi — falei. — Cadê todo mundo?

— Eu fiz mamãe sair de barco com Tyler para tirá-lo do meu pé, e papai foi ao Reading Room jogar cartas. E sua mãe... — Ela fez uma pausa. — Na verdade não faço ideia de onde sua mãe esteja. Então somos só você e eu.

— É.

Daisy entrou de novo no closet e voltou com mais quinquilharias.

— O que está fazendo?

— Ah, só me desfazendo de umas coisas. Liberando espaço para Tyler. Vamos tirar essas antigas camas de solteiro e arranjar uma boa cama de casal para quando nos casarmos. — Ela sorriu. — Além do mais, acho que já era hora de eu me livrar dessas tralhas.

Fui até a cama e olhei o que havia ali. Lembrei-me de como ela ficara zangada quando eu lhe contara que havia encontrado seu esconderijo. Peguei um vidro velho de esmalte. Depois vi a ponta de flecha que eu lhe dera, entre as coisas destinadas à caixa de papelão. Minha visão se toldou um pouco.

— Mesmo assim, eu adoro esse quarto exatamente do jeito que está. — Ela olhou em volta. — O papel de parede antigo e a albízia. Sei que é bobagem minha, mas mudar alguma coisa aqui me deixa meio triste.

— Isso não é bobagem — falei.

Daisy suspirou.

— O que vai fazer com essas coisas?

— Ah, não sei. Jogar fora, eu acho.

Ela voltou para dentro do armário, depois botou a cabeça para fora de novo.

— Já imaginou? Em dois meses, serei uma velha senhora casada. Talvez eu devesse convidar Peaches para a cerimônia.

— Então você vai mesmo fazer isso?

— Fazer o quê?

— Casar com ele.

— Que história é essa? Claro que vou casar com ele.

Peguei a ponta de flecha e esfreguei-a entre os dedos.

— Acho que você não deveria — falei.

Ela me lançou um olhar incisivo e sentou na cama.

— Ed, sei que Ty não é a pessoa de quem você mais gosta. Mas eu o amo.

— Sim — falei.

— Além de quê — continuou ela —, nada vai mudar entre nós dois. Não mesmo.

— Continuo achando que você não deveria se casar com ele.

— Além do fato de você não gostar dele, me dê uma única boa razão.

Ela agora parecia um pouco zangada. Era a hora de dizer a verdade. Mas eu não sabia se ela estava preparada para ouvir.

— E então? — insistiu ela.

— Ele ama sua mãe.

— Ed, sinceramente. Você continua batendo nessa mesma tecla?

Ela riu. Olhei para ela.

— Algum dia eu já menti para você?

Quando ela olhou para mim, sua expressão mudou. Eu já tinha visto essa mudança antes, quando a pessoa se dá conta de que o que está prestes a acontecer é muito diferente do que ela esperava.

— Por que você diria uma coisa dessas para mim?

Ela falou isso quase num sussurro.

— Porque é verdade. Eu já vi os dois juntos.

— Ed Lewis, cale a boca.

Mas ela levantou-se da cama e foi até a janela, passando a mão na tela, e eu vi que ela sabia que eu estava dizendo a verdade. A questão era: ela sempre soubera.

Após um minuto, ela se virou para mim.

— Eu realmente não entendo — disse ela lentamente. — Não sei por que você quer me magoar assim.

Como eu não disse nada, ela me empurrou e foi saindo do quarto. Olhei para a ponta de flecha em minha mão. Eu ia jogá-la na caixa de papelão, mas a ideia de fazer isso me deixou trêmulo, então a guardei no bolso.

Quando saí do quarto, encontrei minha mãe em frente à porta. Eu sabia que ela tinha ouvido. Deu para perceber.

Ela estava sorrindo.

— Olá, Ed, querido.

— Vá tomar um drinque, mãe — falei, e a deixei ali parada, boquiaberta.

* * *

— Olhe quem está aí — diz a enfermeira. — Eu não falei?

Então vejo o rosto de minha mãe. Seus olhos são doces. Ela parece mais velha, mais velha até que na semana passada.

— Olá, querido — diz ela, e afasta o cabelo de minha testa.

Não gosto quando ela me toca.

— Como vai ele? — pergunta à enfermeira.

— Ah, vai bem — diz a enfermeira. — O médico já vem conversar com a senhora, só um instantinho.

Então ficamos sozinhos. Minha mãe desliga o rádio e puxa uma cadeira para perto de mim.

— Então — diz ela. — Vamos ver. Foi uma semana agitada. Estou ajudando Carl a montar a igreja na casa de Oak Bluffs. Já lhe contei sobre isso, não foi, querido? Sei que já lhe contei sobre Carl. Bem, ele encontrou uma casa em Oak Bluffs onde pode abrir uma espécie de posto avançado para a igreja dele. Carl diz que desde que Teddy Kennedy matou a coitada daquela moça em Chappy, a Igreja se deu conta de que tem muita gente precisando de ajuda na Ilha. E o escolheram para instalar essa nova igreja. Nós nos conhecemos na loja de ferragens e utilidades para o lar, exatamente como aconteceu com seu pai. Eu ia comprar uma lâmpada e ele estava comprando material de limpeza. Mas já lhe contei isso.

Minha mãe suspira e se levanta. Vai até a janela.

— Ele é muito dedicado — continua ela —, e tem me ensinado muitas coisas interessantes sobre mim, sobre crescimento interno e sobre como uma parte muito grande de meu passado e até de minhas vidas passadas vinham me impedindo de passar para o próximo nível. Vou começar minha auditoria em breve. Ah, Ed, ele é muito inteligente.

Já tive que ouvir muito sobre esse Carl desde que minha mãe o conheceu, em agosto. Tia Nick costumava chamar meu pai de charlatão quando achava que não estávamos ouvindo. Fico pensando o que ela diria do novo namorado de minha mãe.

Parece que todo tipo de gente estranha foi atraído para a Ilha por causa do incidente Kennedy. Repórteres, desocupados em busca de emoção, religiosos fervorosos. Ouvi o discurso dele no rádio, de Teddy Kennedy. Ele disse que se perguntou, depois de deixar aquela moça se afogar dentro do carro, se havia

mesmo uma maldição horrível pairando sobre todos os Kennedy. Isso me lembrou do que Daisy disse. Que fomos amaldiçoados depois que encontramos o corpo de Elena Nunes. O engraçado é que minha mãe me contou que Teddy Kennedy chegou a ir ao Hideaway para se esconder, mas depois viu que não tinha opção a não ser ir à polícia. O que será que o xerife Mello fez?

Minha mãe ainda está falando de Carl quando o médico chega.

— Boa tarde, Sra. Lewis.

— Dr. Christiansen, olá.

Noto a rigidez na voz de minha mãe. Ela não gosta de médicos.

— Olá, Ed. — O médico vem até minha cama. — Como estamos nos sentindo hoje?

Olho para ele.

Ele se vira de novo para minha mãe.

— Sinto muito não ter tido chance de conversar com a senhora semana passada, mas eu estava fora, em uma conferência.

— O que eu quero saber, Dr. Christiansen, é por que ele continua sem falar. O senhor disse que depois que ele viesse para cá, não demoraria nada.

— Sim, isso continua sendo um mistério. Como eu lhe disse quando nos falamos pela primeira vez, o dano às vértebras T1 e T2 não deveria afetar permanentemente as cordas vocais. Claro, o trauma inicial, aliado ao fato de que ele não fez qualquer progresso no último hospital, pode significar que estejam fracas. Como os dedos dele: se ele quiser recuperar a força, vai ter que se esforçar para isso.

— O senhor quer dizer que a fisioterapia não está indo bem?

— Para ser honesto, ele não é tão receptivo quanto gostaríamos.

Minha mãe vem até mim.

— Querido, você realmente tem que fazer um esforço.

Ela tem razão, é claro. Mas não vejo sentido em me esforçar. Simplesmente não há ninguém com quem eu queira falar.

* * *

Depois que Daisy saiu correndo do quarto, só fui vê-la antes do jantar. Procurei-a, até fui às quadras de tênis, mas ela não estava lá.

Tia Nick e Tyler voltaram primeiro. Estavam despenteados e corados do sol.

— Que vento! — comentou tia Nick. — Estava ventando horrores lá no mar.

Tyler estava carregando a sacola dela, e encostou de leve em seu ombro nu ao passar a caminho do porão. Notei que ela estremeceu. Desconfiei que ela não gostasse que ele fizesse isso quando eu estava olhando.

— Olá, Ed — disse Tyler.

Tia Nick me deu um beijo e ajeitou o cabelo, mas seus olhos evitavam os meus.

— Espero que não tenha sido muito ruim na barca — disse ela.

— Não. Não foi.

— Cadê sua mãe?

— No quarto dela.

— E seu tio Hughes ainda não voltou?

— Não — falei.

— Ah. Bom, vou tomar um banho e me trocar. Depois tomamos uns drinques e você pode me contar o que anda fazendo.

Ela já ia subindo a escada quando eu falei:

— Daisy também não está em casa.

— O quê? Ah.

Ela parou e se virou. Parecia confusa.

— Ela está chateada — falei.

Tia Nick segurava o corrimão, e vi os nós de seus dedos ficarem ligeiramente brancos.

— Ela disse isso?

— Não — respondi. — Eu é que percebi.

— Bem, ela vai se casar daqui a dois meses. Está nervosa, imagino.

Sua voz era descontraída, mas seus dedos não relaxaram enquanto ela subia a escada.

Tio Hughes voltou do Reading Room pouco depois, e estávamos todos reunidos na sala azul quando Daisy entrou.

— Olá — disse ela.

— Oi, florzinha — disse tio Hughes. — Por onde você andou?

— Fui dar uma volta.

— O que vai beber?

— Nada, papai, obrigada. Estou com sede. Acho que vou pegar um copo d'água.

— Tem água com limão no bar — disse minha mãe.

Ela não estava bebendo e passara os últimos quinze minutos me olhando de soslaio nervosamente.

— Obrigada.

Daisy foi até o bar e pegou um copo.

Vi tia Nick observá-la, os dedos enroscados na haste de sua taça de martíni.

— Vimos o bom reverendo velejando hoje à tarde — disse Tyler, sorrindo.

— Pães, peixes, essas coisas.

— Viram? — Daisy parecia distraída. — Legal.

Tyler levantou-se e foi até Daisy.

— Você está bem?

Ele tentou passar o braço em volta dela, mas ela o repeliu.

— Estou ótima. Só fiquei com calor e cansada de caminhar.

— Eu passei pelas quadras de tênis — falei.

Daisy olhou para mim pela primeira vez desde que entrara na sala. Mas não falou nada.

Tio Hughes também me olhou, a expressão fechada.

— O que você estava fazendo nas quadras de tênis?

— Procurando Daisy — falei.

— Daisy não tem jogado — disse minha mãe. — Por que você não tem jogado, querida?

— Ela anda ocupada, planejando o casamento, ora essa — disse tia Nick.

— Vocês querem parar de falar de mim como se eu não estivesse aqui?

Ao dizer isso, Daisy pousou o copo com força no tampo de mármore do bar.

— Ela tem razão — disse tio Hughes. — Esse momento é para ser a hora dos nossos drinques, não a Inquisição Espanhola.

Ninguém disse nada durante um tempo. Até que tio Hughes virou-se para tia Nick e perguntou:

— E então, o que temos para jantar?

Sua risada nervosa reverberou pela sala.

Tia Nick levantou-se e pôs a mão sobre a do marido.

— Comprei um belo linguado do meu pescador.

Tio Hughes a fitou e pôs a outra mão sobre a dela, como uma tampa.

— Por mim está perfeito.

Tyler olhava para os dois, um olhar cortante. Daisy viu a expressão dele, e eu notei que os músculos de seu rosto se contorciam de leve. Então ela virou as costas.

— Vou me trocar — disse.

— Está bem, querida — disse tia Nick, mas Daisy já estava saindo da sala.

Tia Nick tinha razão: o linguado estava delicioso. Gostei porque ela deixou a pele, de forma que eu podia usar o garfo para puxá-la e descobrir a carne branca. Até comi parte da pele; estava crocante e salgadinha, e tinha absorvido todo o sabor do tempero.

Tia Nick comentou sobre o Quatro de Julho e sugeriu um agradável piquenique em família. Então tio Hughes contou sobre a vez que ele ouvira aviões alemães bombardeando Londres na véspera de ano-novo, e que ele achava que fossem fogos de artifício. Minha mãe estava mais calada que o normal, e Tyler parecia concentrado na comida.

Depois do jantar, Daisy pediu licença e retirou-se abruptamente, sua cadeira produzindo um forte ruído quando as pernas arranharam o chão de madeira.

— Vou ver se ela está bem — disse tia Nick depois de um tempo.

Tyler fez menção de levantar também, mas ela se voltou contra ele.

— Fique aí — disse, a voz grave e áspera.

Minha mãe se levantou e começou a tirar a mesa.

— Eu ajudo — disse tio Hughes, dando um tapinha nas costas de minha mãe.

Tyler e eu ficamos sentados frente a frente. Eu olhava para ele e ele olhava para mim. Eu podia ver no rosto dele, ele sabia que eu sabia. Minhas mãos coçavam. Levantei-me rapidamente da mesa, antes que fizesse algo precipitado, e fui na direção em que tia Nick e Daisy haviam saído.

Na varanda da frente, vi tia Nick atravessando a rua e o vulto menor de Daisy mais além, descendo o gramado no escuro. Mantive distância, ficando próximo à cerca do outro lado. Elas se dirigiam para a casa de barcos. Dei a volta, passando pelo chuveiro externo.

O ar daquele lado da casa de barcos era úmido por causa da água corrente, e eu ouvia o chuveiro pingando e sentia a grama ensopada sob meus pés. Meus sapatos faziam um barulho de sucção, o que não era ideal. Em frente à casa de barcos, parei e aguicei os ouvidos. Vi uma luz vindo do outro lado e deduzi que Daisy devia ter acendido um dos lampiões a querosene.

Ela estava sentada nos pequenos degraus, Nick sentada a seu lado, ambas sem falar nada.

Recuei e me encostei na lateral, sentindo a madeira se cravar em minhas escápulas.

Depois de um tempo, ouvi a voz de tia Nick:

— Querida, qual é o problema?

Daisy não respondeu.

— Seja o que for, acho que você deveria me contar. É sobre o casamento?

— Você se lembra — disse Daisy finalmente — quando me disse que, se havia alguma certeza nessa vida, era que nem sempre a gente beijaria a pessoa certa?

— Sim, eu me lembro.

— Estávamos sentadas aqui. E você estava acariciando minha cabeça.

— Sim.

— Mas você estava falando de você, não era? Nada a ver comigo.

— Daisy...

— Não, não. Não diga nada, mãe. Agora eu vejo. Tudo sempre girou em torno de você, não é? Tudo. Eu nem mesmo sou real para você. Nenhum de nós é.

— Você é real para mim, Daisy. Sei que não fui a melhor mãe do mundo. Provavelmente nem sou uma pessoa boa. Mas você é real para mim e eu a amo. Por que está falando essas coisas?

— Meu Deus. Como pode dizer isso sem nem hesitar?

— O que está querendo dizer? Fale logo, Daisy. — Havia grande severidade em sua voz.

— O que estou querendo dizer? Estou querendo dizer tudo. Você não liga para ninguém a não ser você. Nunca ligou. — As palavras de Daisy saíam em pequenos arquejos, como um bicho ferido. — Minha vida inteira, você nunca esteve do meu lado. Foi ciumenta, dura e fria... qualquer pinguinho de amor do papai... E já que não consegue isso dele, você...

— Eu o quê? Eu o quê, Daisy?

Daisy não respondeu.

Depois de um tempo, tia Nick falou, a voz mais suave desta vez:

— Não posso lhe explicar tudo, querida, não posso lhe contar uma vida inteira de erros e oportunidades perdidas e tudo que eu... É só que eu nunca quis ser uma pessoa banal. Talvez isso tenha me tornado diferente, mais dura. Mas... família, bem, é complicado. Não sei por que você está assim, mas sei que a magoei, de muitas maneiras, sei disso. E sinto muito.

Daisy estava calada, como se pensasse.

— Você não sabe mesmo o que é? — disse afinal. — Está sendo sincera?

— Estou — disse tia Nick. — Eu não sei o que eu fiz. Por favor, diga.

— Eu não sei — disse Daisy, lentamente. — Não sei o que pensei.

— Querida... — começou tia Nick.

Cheguei um pouquinho mais perto de novo e olhei para as duas.

A mão de tia Nick estava nos degraus entre elas, como se quisesse tocar em Daisy, mas tivesse receio. Daisy estava de cabeça baixa, olhando para os próprios pés.

— Não sei se estou enlouquecendo, ou se você... Talvez seja o casamento e o nervosismo, não sei — disse Daisy. — Se for isso, então me desculpe. Por ter dito essas coisas. — Ela levantou-se e foi andando, mas depois estacou. — Mas, por via das dúvidas, caso o problema não seja comigo e ele esteja certo...

— Ela deixou a frase morrer de novo e olhou para a enseada. — Quero que isso pare. Mãe. Você tem que parar.

Tia Nick olhou para ela balançando a cabeça de um lado para o outro, um gesto que ficava entre a confusão e o consentimento.

Mas eu sabia que ela não iria parar, mesmo que quisesse. Ela não sabia como.

Algo em meu peito estava pesado quando voltei para a Tiger House. Quando abri o trinco do portão, vi minha mãe parada na varanda. Quando cheguei perto dela, ela agarrou minha mão. Isso me sobressaltou. Ela raramente me tocava.

— Ed — disse ela. — Eu estava esperando você, queria lhe contar uma coisa, sobre agora há pouco, sobre Daisy e sua tia Nick.

Olhei para ela. Ela parecia assustada.

— Ouvei o que você disse a Daisy, sobre Tyler. Não sei se algum dia eu lhe dei a impressão errada. Não quero que você se coloque em uma situação...

Ela não terminou a frase.

Puxei a mão que ela segurava e dei um tapinha em seu ombro, do jeito que tio Hughes fizera mais cedo.

— Tudo bem, mãe — falei. — Não se preocupe. Vai ficar tudo bem.

Mas nada ali parecia bem. A casa estava sufocante, e decidi dar uma volta para clarear as ideias. Caminhei por um tempo pela faixa de praia que havia ao longo da propriedade, pensando. Eu sabia o que deveria ser feito, mas, pela primeira vez na vida, não me sentia preparado. Hesitante, talvez, e eu sabia que era perigoso. Como ir à casa de Frank Wilcox sem primeiro fazer uma visita de reconhecimento.

Ouvei as buzinas de nevoeiro. Eram sons plangentes. Pensei em Daisy, vi-a ali no quarto com a mão no coração, espantada em me ver. Pensei naquela mania dela de sempre me chamar de Ed Lewis, em seu jeito de bater o pé quando estava zangada. Quando éramos pequenos, ela era a única que falava comigo de verdade, a única que reparava em mim.

Não sei quanto tempo fiquei fora de casa, mas quando voltei, vi tia Nick e tio Hughes na sala, bebendo. Estavam muito perto um do outro, sentados no

sofá, e da rua escura pareciam muito iluminados. A única luz ainda acesa na casa era aquela, o que significava que todo mundo já tinha ido se deitar.

Pulei o portão e subi em silêncio os degraus. Eu ia entrar e ver como estava a temperatura, mas me detive ao ouvir a conversa deles.

— O que ela disse a você? — perguntava tio Hughes.

— Ela... Ela acha que eu fiz uma coisa.

— O quê?

— Hughes. Preciso lhe contar algo.

— Minha nossa, o que é?

— Estou enlouquecendo com isso. Não quero magoar Daisy nem você, nem ninguém. Não tenho sido honesta.

Tio Hughes olhou para ela, depois para as próprias mãos. Ficou em silêncio por um instante, e então disse:

— Nick, você não tem que me explicar nada.

— Você não sabe o que é — disse ela, os olhos procurando o rosto dele.

— Talvez eu saiba, talvez não saiba. Mas não importa. Eu a conheço. Sei do que é capaz e do que não é. E você não é capaz de fazer uma crueldade.

— Querido...

— Nick, eu amo você — disse ele simplesmente. — E não tem nada nessa droga desse mundo que você possa fazer que mude isso. — Tio Hughes olhou para ela. — Então você não precisa me explicar nada. Eu já sei o que eu preciso saber.

— Ah, Hughes. — Tia Nick pôs a mão no rosto dele. — Você não tem ideia. Eu estraguei tudo para nós todos.

— Todos nós estragamos tudo para nós todos — disse tio Hughes. — Mas você vai ter que confiar em mim alguma hora.

— Sim — disse ela, balançando a cabeça em lamentação. — Sempre achei que nossa vida fosse... — Ela não terminou a frase. — Nossa, eu estava muito errada. Não sei se isso vai fazer algum sentido, mas vem acontecendo uma coisa... Eu me vejo na pele de uma pessoa. E isso me mostrou como fui covarde e idiota esse tempo todo. — Ela riu baixinho, como se lhe tivesse ocorrido uma piada pessoal amarga. — Acho que o casamento é como saltar para o abismo. A pessoa não pode perder o sangue-frio.

Não gostei dessa conversa. Algo no jeito de tia Nick, em sua voz, estava me confundindo, como se eu estivesse perdendo algo importante, e isso me incomodou. Eu precisava parar de pensar. Precisava simplesmente acabar com tudo aquilo e encerrar o assunto. Tomei fôlego e entrei na casa, deixando a porta bater com estrondo atrás de mim.

Quando cheguei à sala, vi um jarro de martíni recém-feito no bar. Isso era bom. Se ela estivesse bêbada, só tornaria as coisas mais fáceis para mim.

— Fui dar uma volta — falei. — Vim dar boa-noite.

— Boa noite, Ed — disse tio Hughes.

Ele obviamente estava se perguntando se eu tinha ouvido a conversa deles.

— Boa noite — disse tia Nick.

Ela parecia tensa.

Fui até ela e me abaixei para lhe dar um beijo. Seu rosto era macio e frio, e dava para sentir seu perfume e o hálito de vodca.

— Boa noite, tia Nick — falei.

Então subi para meu quarto para esperar.

Fiquei deitado olhando para o teto. Passou-se uma hora, talvez menos, até eu ouvir tio Hughes subindo. Tempo suficiente para os dois terem acabado a jarra de martíni. Torci para que tia Nick saísse para nadar, pois seria o mais fácil. Eu sabia que poderia não acontecer hoje, que eu poderia ter que esperar o momento certo. Mas como não ouvi os passos dela na escada, levantei-me e comecei a me preparar.

Tirei os sapatos do saco plástico prestimosamente fornecido pelo engraxate. Estiquei-o um pouco com os dedos para ter certeza de que o tamanho era suficiente. Os detalhes eram importantes. Era preciso cuidado. Tinha que parecer um acidente.

Desci para o patamar do segundo andar e olhei pela janela. Não consegui vê-la, então fui em frente. Procurei na sala, mas estava tudo escuro e vazio ali. Então a vi na varanda, terminando o martíni. Ela pousou o copo vazio cuidadosamente na grade, depois cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar. Eu já ouvira falar de gente chorando amargamente. Agora eu sabia o que significava. Fazia o mesmo barulho de atrito de cascalho sendo expulso de um cano.

Após um momento, ela enxugou os olhos e endireitou as costas, esticando-as bem. Eu admirei-a de certa forma, só naquele momento. Mas pensei em Daisy e o sentimento passou. Ela então pegou o copo e foi indo em direção à porta. Recuei para a penumbra da sala.

Ela passou por mim a caminho da cozinha; tornei a subir a escada, sem fazer barulho, de dois em dois degraus, para o segundo andar. As portas dos quartos estavam todas fechadas, como olhos adormecidos. Fui até o canto do patamar, onde eu podia ficar parado ao lado do relógio de carrilhão sem ser visto. Peguei o saco plástico do bolso e aguardei.

Eu botaria o saco na cabeça dela por trás, quando ela virasse em direção ao quarto. Quando ela parasse de respirar, eu a lançaria escada abaixo, mas sem muita força. Faria barulho, mas não muito, e eu teria tempo suficiente para chegar pelo menos até metade do lance seguinte de degraus antes que tio Hughes ou minha mãe saíssem de seus quartos. Pareceria que eu tinha corrido para ver o que estava acontecendo. Tia Nick, tendo se entupido de martínis, teria tropeçado e caído.

Eu estava muito perto dela agora.

— O que está fazendo, Ed? — Por alguma razão ela sussurrou isso, como se estivéssemos falando um segredo.

Pensei: *Agora, agora. Ela não fez barulho algum.* Mas o que falei foi:

— Você. E Tyler.

Ela arregalou um pouco os olhos então, porque entendeu. Recuou de costas. Parti para cima dela. A situação não estava indo nada como o planejado. Na verdade, estava totalmente errada. Era muito arriscado. Mas eu não tinha opção agora senão ir em frente.

Agarrei-a, enganchando o braço no pescoço dela e torcendo-a contra meu corpo. Ela lutou, mais do que eu esperava, mas, pensando bem, eu não contara com um confronto direto.

Quando a dominei, virada de costas contra mim, tapei-lhe a boca com a mão. Ela arranhava meu braço. Com a outra mão, sacudi o saco plástico. Eu sentia o sangue latejando nos ouvidos. Escutava os calcanhares dela raspando no chão enquanto eu a arrastava em direção à escada. Fiquei apavorado. Eu tinha que fazer aquilo depressa. Com o cotovelo, forcei o pescoço dela para

baixo, para conseguir enfiar o saco em sua cabeça. Ela fazia barulhos de sucção molhados embaixo da minha mão.

De alguma forma consegui enfiar o saco em sua cabeça, e então fechei-o com as mãos, apertando na altura do pescoço. Eu a ouvia inspirando o plástico. Estava quase acabando.

Então, de repente, senti uma pressão em volta do pescoço. Uma mão. Esmagando minha traqueia. Não tive escolha senão soltá-la. E eu sabia que estava acabado. Eu havia falhado.

Senti tia Nick cair de minhas mãos e a ouvi tossindo próximo a meus pés. Ouvi o farfalhar do saco.

— Nick. — Ouvi tio Hughes atrás de mim.

Eu não conseguia vê-la porque minha cabeça estava sendo puxada para trás, mas pouco depois a ouvi dizer:

— Eu estou bem.

Foi mais um grasnado, na verdade.

Tio Hughes me virou de frente para ele. Não adiantava resistir nem pedir piedade. Eu via isso no rosto dele. Pensei em Daisy, em ter lhe mostrado onde a empregada tinha sido morta, na ponta de flecha, em como Elena Nunes tentara nos contar seus segredos antes de morrer. Era minha vez agora.

— É Tyler — falei.

Tio Hughes me olhou, no fundo de meus olhos. E então me empurrou escada abaixo.

* * *

Minha mãe tem lido para mim. Faz isso toda semana, lê para mim os acontecimentos recentes no jornal, como se eu tivesse ficado cego, além de parálítico e mudo.

Ela lê para mim por cerca de uma hora, até acabar o tempo e ela ter que ir embora. Hoje, ouço sobre as manifestações contra a guerra em Chicago. Tiveram que chamar a Guarda Nacional, e parece que isso vai custar à cidade cento e cinquenta mil dólares. Os jornais estão se referindo ao episódio como

“Dias de Fúria”. Isso me aborrece. Na verdade, acho que há um ano não ouço nada de interessante. Desde aquela noite.

Então minha mãe diz:

— Ah, eu já ia esquecendo de lhe contar, tivemos um momento dramático em casa.

E penso que minha sorte talvez esteja começando a mudar.

Ela põe de lado a pilha de recortes de jornal.

— Bem, Daisy esteve lá esse fim de semana. Já lhe contei isso? Acho que contei semana passada que ela iria. Enfim, adivinha quem apareceu? Tyler. Veio de carro da cidade, aparentemente. E, como você sabe, ele não aparecia desde o fim do noivado.

Minha mãe puxa sua cadeira um pouco mais para perto. Ela não quer que as enfermeiras ouçam nossa fofoca.

— Não tenho ideia de como ele soube que ela chegara, mas lá estava ele, em carne e osso, na frente da casa, sentado naquele carro ridículo dele. Então, claro, fui avisar a Daisy, e, meu querido, você não vai acreditar no que ela fez. Ela foi lá no porão e apareceu com um saco cheio de bolas de tênis e a raquete. Eu estava tão ansiosa para ver o que ela ia fazer que o ar até me faltou.

Ela está praticamente sem ar agora mesmo.

— Então ela foi para a varanda e gritou o nome dele. E quando ele parecia prestes a sair do carro, ela tirou uma bola de dentro do saco e, ah, com muito foco, deixou a bola cair, pegou a raquete e mandou a bola com toda a força no carro dele. E olhe, ela tem uma boa mira. Isso ela tem.

Vejo as risadas trazerem lágrimas aos olhos de minha mãe.

— Bem, então, claro, ele começou a gritar. Mas Daisy... simplesmente continuou, batendo uma bola atrás da outra até afinal ele não ter escolha senão sair com o carro ou ver o para-brisa ser destruído. Ah, Ed, eu estava quase chorando de tanto rir.

“Foi quando ela entrou em casa e me viu. E fiquei com um pouco de pena, porque não queria que ela pensasse que eu estava achando graça na tristeza dela. Já lhe contei como ela ficou infeliz por um bom tempo depois de ter sido largada por ele, coitadinha. Mas ela se limitou a me olhar e dizer: ‘Bom, tia Helena, acho que isso deu um jeito nele.’ Depois riu e completou: ‘Pelos sinos

do inferno.’ Daquele jeito dela. Devo dizer, querido, que nunca gostei tanto daquela menina.

Enquanto minha mãe me conta isso, sinto os músculos de minhas bochechas repuxarem e vejo que estou sorrindo. Minha mãe está enxugando os olhos e me vê.

— Puxa. Um sorriso. Uau, este é para ficar na história.

Então ela pega suas coisas e me dá um beijo, e penso que talvez não seja tão ruim ouvir as notícias, afinal.

* * *

Deitado ali, ao pé da escada, no escuro, eu os ouvia. Devo ter desmaiado, mas depois, a certa altura, tive consciência do que se passava ao redor.

— Ah, Hughes — dizia tia Nick, a voz rouca. Imaginei que ela tivesse ficado com o pescoço bem machucado com a gravata que eu lhe dera. — Ai, meu Deus.

Eu a ouvia chorar. Sentia muito frio.

— Temos que chamar uma ambulância — disse ela.

Então consegui vê-la. Ela estava sentada a meu lado e acho que me tocava, mas eu não sentia a mão dela.

— Ed? Ed, você consegue se mexer? Hughes, pegue um cobertor.

— Acho que...

Mas como ele não disse mais nada, deve ter ido embora.

Então, no escuro, vi-o levantar alguma coisa em cima de mim, e tive a estranha ideia de que estava sendo sepultado.

— Acho que ele não pode me ouvir — disse tia Nick. — Você chamou a ambulância?

— Chamei.

Então ouvi passos na escada.

Nick sussurrou:

— E agora, o que vamos dizer a Helena?

— Preste atenção. — Tio Hughes falou bem devagar: — Ele estava tendo um acesso de sonambulismo e rolou escada abaixo. Estávamos os dois deitados, ouvimos um barulho e viemos ver o que era. Entendeu?

— Entendi.

Não ouvi nada durante um tempo, mas vi pequenos movimentos pelo canto do olho. Pisquei.

Finalmente, ouvi tia Nick dizer:

— Hughes, me ouça, eu tentei lhe dizer.

A voz dela estava carregada de urgência.

— Eu sei...

— Não, você tem que entender. Não aconteceu nada. Com Tyler. Não foi... ele simplesmente não desistia. Acho que ele pensou que porque...

— Nick, eu sei.

Tentei me mexer, mas então vi que não conseguia. Eu sentia um pouco de dor, mas só no crânio. Meu crânio parecia que ia afundar. Tia Nick se debruçou sobre mim. Usou a mão para apoiar minha cabeça.

— Cadê a droga da ambulância? — perguntou ela.

— Está vindo.

Silêncio. Então:

— Hughes?

— Sim?

— É estranhíssimo, mas estou com uma sensação... — Eu tinha que me esforçar para ouvi-la agora. — Como se tudo...

Ela parou.

— Sim — disse tio Hughes. — Tudo.

E, com isso, vi uma explosão de estrelas e o mundo inteiro ficou preto.

* * *

— Bem, é um dia especial para você — diz a enfermeira. — Mais uma visita.

— Olá, Ed.

É Daisy. Não consigo vê-la, mas ouço sua voz. Concentro-me no pescoço, mas ele não se mexe. Quase não consigo acreditar que ela esteja aqui. Ela só viera me ver uma vez, logo no início. Eu me perguntara se ela sabia da escada e de todo o resto, e concluíra que ela não poderia me perdoar, como tia Nick previra.

Mas ela está de pé acima de mim com um sorriso no rosto, então calculo que ela não me odeie, afinal. Está pálida, mas é outubro, o bronzeado dela já era mesmo para ter sumido a essa altura. Olho para ela e tento fazer meus olhos comunicarem o que a boca não consegue.

— Nossa — diz ela. — Por que esses olhos tão torcidos?

Ela se abaixa e, pousando a mão na lateral de meu rosto, me beija na boca. O gesto é leve, como a asa de uma borboleta.

— Sinto muito não ter vindo vê-lo antes. Tenho andado muito triste. Mas agora estou me sentindo melhor. — Seu cabelo louro está mais curto, como um halo. Ela olha em volta. — Está muito abafado aqui. Por que não abrem a janela?

Ela se senta na cadeira ao lado de minha cama.

— Então, Ed Lewis, me disseram que você não está mais falando com a gente. O que houve, o gato comeu sua língua?

Sorrio.

— Vai ter que se esforçar mais — diz Daisy. — Não sou mais assim tão fácil.

Ela abre uma bolsa de lona que trouxe, e me lembro da história das bolas de tênis.

— Tenho certeza de que você já ouviu minha história sórdida inteira por sua mãe, e, como você não está pensando em conversar, trouxe uns poemas. Achei que eu poderia ler para você, se você quiser. A menos que isso o aborreça.

Limito-me a olhar para ela.

— Não? Ótimo.

Enquanto ela pega o livro, a enfermeira entra.

— Sinto muito, Srta. Derringer, mas normalmente lavamos a cabeça do Ed às quintas-feiras. Depois que a mãe dele sai.

— Ah — diz Daisy. — Bem, claro. Talvez eu possa ajudar.

— Tenho certeza de que ele iria adorar isso. Não é mesmo, Ed?

— Ah, com certeza.

Ela pisca para mim.

Há toda uma produção enquanto elas me tiram da cama e me colocam em uma cadeira de rodas. Estou um pouco aborrecido porque é um tempo que eu poderia passar com Daisy. Então a enfermeira me leva para o banheiro e Daisy vai atrás. A enfermeira prende uma bandeja em volta dos meus ombros e pescoço, para a água escorrer por ali.

— Então, eu só vou molhar a cabeça dele e depois podemos passar o xampu — diz a enfermeira.

Não sei por que eu nunca tinha notado os pulsos da enfermeira; são quase azuis de tão translúcidos. Vejo que nem sei seu nome. Lembro a mim mesmo de passar a prestar mais atenção a ela.

Sinto a água quente correndo pelo couro cabeludo. Olho para Daisy. Ela sorri. Estende a mão, e a enfermeira põe ali um pouco do xampu cor-de-rosa. Então Daisy começa a massagear meu couro cabeludo. Sinto suas mãos quentes na minha cabeça, a ponta de seus dedos fazendo minha pele formigar até os ombros. Um pouco da espuma escorre por minha testa e entra no olho. Arde, e meu indicador direito se contrai. O médico tem razão. Preciso me esforçar mais.

— Ed, me desculpe — diz Daisy. — Não sou muito boa nisso. Quem sabe eu deixo você fazer esse serviço e leio para ele.

Ela nos deixa no banheiro e volta com o livro.

— Wallace Stevens — diz, e me mostra a capa. — Está bem, vamos ver. — Ela folheia o livro, sorrindo ligeiramente para algo na página. — Ah, adoro este — diz. Ela se encosta na parede e começa a falar: — “As casas são assombradas / Por camisolas brancas.”

Ouçõ o som da voz dela e acho que é a melhor coisa que já ouvi. Tão cristalina e firme. Quero recitar os versos junto com ela. Tento, com esforço, fazer o ar subir pela garganta. Nada acontece.

— “Nenhuma é verde / Nem roxa com bainha verde/ Nem verde com bainha amarela — continua ela. — Nenhuma delas é estranha.”

Tento de novo, e dessa vez consigo fazer um pequeno gorjeio, embora ninguém consiga ouvir por causa da água correndo na pia. Mas eu ouço.

— “Ninguém vai sonhar / com caramujos e orangotangos” — diz Daisy.

Olho para ela. Consigo ouvi-la.

— “Só um ou outro marinheiro velho, / Bêbado dorme de botas, / E pega tigres / em dia vermelho”.

Ela olha para mim. Vejo um leve brilho em seus olhos, embora possa ser o vapor da água. Penso no amor e em todas as camisolas que não são brancas. Penso em tia Nick, em Frank Wilcox, até em tio Hughes. Penso em Daisy e em seu livro de poemas. Penso em tigres em dia vermelho. Gosto disso.

Agradecimentos

Várias pessoas, algumas involuntariamente, conspiraram para que eu pudesse escrever este romance. Sou muito grata a Wallace Stevens, cuja poesia me impulsionou à escrita deste livro especificamente, e a meu avô, cujas encantadoras memórias me serviram de ponto de partida.

Minhas editoras: Kate Harvey, da Picador, que tem minha gratidão eterna e minha amizade por seu trabalho de edição imensamente sensível e engenhoso; e à brilhante Judy Clain, da Little, Brown, cujas visão e dedicação continuam me impressionando. Devo-lhes infinitos martínis gelados à perfeição.

Meus editores: Michael Pietsch, da Little, Brown, e Paul Baggaley, da Picador, e toda a equipe talentosa das duas editoras, devem receber efusivos agradecimentos.

Caroline Wood, minha agente na Felicity Bryan, é — em uma palavra — incrível. Ela me ensinou que, às vezes, pode haver jantares demais.

Tenho uma enorme dívida de gratidão para com Andrew Motion, que me deu aulas sobre os formatos de abacate, entre incontáveis outras coisas.

Em termos de longevidade e lealdade, meus maiores agradecimentos para os seguintes editores:

Emma Chapman; Tom Felthan; Liz Gifford; Carolina Gonzalez-Carvajal; Kat Gordon; e Rebecca Lloyd James.

Finalmente, tenho uma dívida impagável com minha incrível e louca família, que, francamente, aguentou muito de minha parte; meus pais, Betsy Chapin e Eric Klausmann; meu irmão, Eric Klausmann; e meu outro pai, John Grummon.

Sobre a autora

©Justin Westover



Liza Klausmann trabalhou como jornalista para o *The New York Times* por mais de uma década. Morou em Paris e atualmente vive em Londres. *Tigres em dia vermelho* é seu primeiro livro.